
A REPÚBLICA

“COMUNISTA” CRISTÃ

DOS GUARANIS

1610/1768

EDITORA PAZ E TERRA

Conselho Editorial

Antônio Cândido

Celso Furtado

Fernando Henrique Cardoso

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte do
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ)

Lugon, Clovis.	
1876r A República "comunista" ericã dos guaranis: 1610-1768 [por] C. Lugon; tradução de Alvaro Cabral; prefácio de Henri Charles Desroches. 1.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977	
333p. (Ilustr., mapa desd. 21cm. (Eucaristismo e humanismo, v. 12).	
Do original em francês: La république communiste chrétienne des guaranis-1610/1768.	
Apêndice: Mapa da República Guaraní.	
Bibliografia.	
1. Guerra das Sete Reduções, 1754-1756. 2. Índios Guaraní -- História -- 16c. 17-18. 3. Jesuítas no Paraguai. I. Título. II. Série.	
CDD -- 960.3Guaraní	CDU -- 989.2*1610-1768*
989.203	271.5/892.1*1610-1768*
266.2002	305.94(=892.1)*1610-1768*
335.8892	
76-0102	



Coletânea de livros clássicos missioneiros

Esta obra é parte da coleção de obras clássicas reeditadas sobre a temática missioneira numa iniciativa do governo do Estado do Rio Grande do Sul e integra as comemorações dos 400 anos das Missões Jesuíticas Guaranis, celebrados em 2026.

A coordenação é da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac), por meio do Instituto Estadual do Livro (IEL) e do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas (SEBP).



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA



editorariodasletras@gmail.com

Rua André Marques, 255 - Centro - Santa Maria - RS - CEP: 97010-041

Impresso no Brasil, 2026

Gráfica Pallotti - Santa Maria - RS

C. LUGON

A República "Comunista" Cristã dos Guaranis

1610-1768

Tradução de
ÁLVARO CABRAL

3.^a edição



Paz e Terra

Título do original francês:
La République Communiste Chrétienne
des Guaranis — 1610/1768

© *Copyright* Les éditions Ouvrières, Paris, 1949

Capa:
Maria Clara R. de Moraes

Diagramação: Roberto Pontual

Direitos universais para a língua portuguesa adquiridos pela
EDITORA PAZ E TERRA LTDA.
Rua Abade Ramos, 78 — J. Botânico
RIO DE JANEIRO
que se reserva a propriedade desta tradução.

1ª edição: 1968
1ª reimpressão: 1976
2ª reimpressão: 1977

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Índice

PRIMEIRA PARTE

I. Os Guaranis antes da chegada dos Jesuítas	25
II. Fundações	33
III. Devastações dos Paulistas — Grandes Migrações	49

SEGUNDA PARTE

IV. Situação e Aspecto das Reduções — População	71
V. A Organização Política	89
VI. O Exército	99
VII. Relações com a Coroa de Espanha	105

TERCEIRA PARTE

VIII. A Agricultura	119
IX. O Artesanato e a Indústria	129
X. As Artes	139
XI. O Comércio e a Moeda	149
XII. O Regime de Propriedade	161
XIII. O Trabalho e a Repartição da Renda	181
XIV. A Vida Social	191
XV. A Vida Religiosa	211

QUARTA PARTE

XVI . Assaltos do Mundo Colonial (1640-1750)	
— Méritos dos Jesuítas	245
XVII. Tratado dos Limites e Guerra Guarani —	
Expulsão dos Jesuítas	269
XVIII. Trágico Epílogo	291
Conclusão	315
Bibliografia	329

Prefácio

O livro de Covis Lugon ostenta um título que alguns julgarão paradoxal: a República Guarani poderá ter sido uma experiência simultaneamente *comunista e cristã*. E se tal se pretende, o que é que se abriga sob essas palavras?

Na medida em que, de uma parte, o comunismo implicaria não só um modo de existência coletivista, mas também uma forma de consciência ateia; na medida em que, de outra parte, o cristianismo implicaria não só a fé em Deus, no Cristo, na Igreja, mas também uma posição econômica individualista e liberal, nesta mesma medida é evidentíssimo que a conjugação dos dois qualificativos não poderia realizar-se sem incorrer-se em contradição. Isto significa que, na presente obra, eles são tomados numa acepção diferente dessa acepção monolítica.

Tal fato não faz supor que a experiência da República Guarani tenha sido, pura e simplesmente, uma experiência espiritualmente cristã e temporalmente comunista. Essa recíproca impermeabilidade, cômoda para a teoria, acomoda-se mal à prática. E ajusta-se tanto menos quanto é certo que, neste caso, os fatores em presença conservam-se historicamente no estado nascente: a inspiração cristã, dirigindo-se aos grupos de neófitos, não encontra mais condições subjetivas de maturidade do que a estrutura comunista que, repousando em bases técnicas ainda rudimentares, não encontra suas condições objetivas de maturidade. Daí resultaram aqueles aspectos de paternalismo reli-

gioso, de uma parte, e de coletivismo elementar, de outra parte; e, por vezes, a promiscuidade de ambos. Preço de uma experiência que foi uma antecipação.

Pois que permanece como uma antecipação e a duplo título: antecipação de uma fé que se toma suficientemente a sério para não “permanecer inerte no meio de ruínas” (Pio XII) e para animar historicamente a realização de um mundo em que o homem seja o irmão do homem; antecipação de uma estrutura político-econômica que, malgrado sua ignorância ou severidade, historiadores socialistas como Karl Kautski não hesitaram em colocar na pré-história do comunismo.

Como é de boa regra nessa ordem de fenômenos, é uma pré-história que se *adianta* à história; no sentido em que Marx declarava que a guerra é sempre um avanço em relação à paz; também no sentido em que, por exemplo, o igualitarismo e a economia distributiva do período insurrecional constituem, *ao mesmo tempo, um atraso e um avanço* sobre a diferenciação social e a economia de setores, próprias do período de construção socialista. É nessa perspectiva — e unicamente nessa perspectiva — que podem ser estabelecidos confrontos entre o conteúdo da experiência guarani e a definição da sociedade comunista. A confrontação não será menos instrutiva e curiosa para o leitor que queira, por outro lado, reportar-se à definição de uma sociedade comunista tal como foi classicamente estabelecida; uma sociedade em que:

1º. As ferramentas e os meios de produção, em vez de pertencerem a particulares, serão propriedade coletiva social;

2º. As classes e o Estado serão abolidos, os trabalhadores da indústria e da agricultura formarão uma associação livre de trabalhadores que se administrará economicamente a si mesma;

3º. A economia nacional, organizada segundo um plano, basear-se-á numa técnica aperfeiçoada, tanto na indústria como na agricultura;

4º. Não haverá oposição entre a cidade e o campo, entre a indústria e a agricultura;

5º. Os produtos serão repartidos segundo a regra dos velhos comunistas franceses: “De cada um, segundo as suas capacidades, para cada um, segundo as suas necessidades”;

6º. A ciência e as artes serão colocadas em condições suficientemente favoráveis para chegarem a seu pleno florescimento;

7º. A personalidade humana, isenta de preocupações da existência cotidiana e da necessidade de comprazer aos poderosos deste mundo, acabará realmente livre¹.

Ao leitor que faça as comparações, competirá estabelecer por si mesmo — e nisso será frequentemente auxiliado pelo autor — o balanço desses avanços paradoxais e desses atrasos inevitáveis.

A vida em comum é uma experiência incomensurável de que a humanidade vai lentamente fazendo a aprendizagem no risco, nas tentativas mais ou menos vacilantes, nas aberrações, nos impasses e, não poucas vezes, no sangue. Nesse doloroso inventário, algumas tentativas destacam-se, audaciosas e benéficas. Feitas para a história em que se inscreveram, exigem ser entendidas no contexto dessa história. Mas a maneira como foram captadas, a fim de se inscreverem no interior dessa história passada, constituem uma lição preciosa para a maneira como outras experiências devam ou não ser tomadas para se inscreverem no interior de uma história presente ou futura, ela própria subjetiva ou objetivamente diferente.

A experiência da República Comunista Cristã dos Guaranis, tal como C. Lugon renova a descrição em seu trabalho, pareceu-nos ser uma dessas. É nesse sentido e por essa razão que lhe damos as boas-vindas nesta coleção.

HENRI-CHARLES DESROCHES

1. Definição dada por Stalin numa entrevista aos trabalhadores americanos, citada em *Cours de Marxisme*, 1.º ano, 1935-36, Bureau d'Éditions, Paris, p. 119.

Introdução

A república Guarani era, sem dúvida, comunista demais para os cristãos burgueses e cristã demais para os comunistas da época burguesa.

Por isso a votaram ao esquecimento, tentando ocultar a sua realidade.

Desde que se queira revelá-la, retirando-a do esquecimento sem procurar encobrir sua dupla luz, ela nos aparece na História como a mais fervorosa das sociedades cristãs e a mais original das sociedades comunistas realizadas até a criação da União Soviética.

Para falar a verdade, após trinta anos de existência, a URSS não foi ainda capaz de estabelecer uma sociedade verdadeiramente comunista. “Nós ainda lá não chegamos”, declarou recentemente Joseph Stalin².

O comunismo que estava em vigor no vasto império dos incas sofria de uma tara decisiva. Repousava na dominação e exploração da classe dos trabalhadores pelas classes dirigentes. A propriedade estava dividida em quatro seções. Um quarto pertencia à Inti, ou casta de sacerdotes do Sol; um segundo quarto à Inca e sua tribo; um terceiro quarto, ao resto da nobreza; e somente o último quarto era repartido anualmente pelas famílias dos trabalhadores, a quem competia regar com o seu suor, por seu turno, os quatro quartos. — A Constituição do

2. “A sociedade soviética ainda não logrou realizar o comunismo em sua fase superior, onde o princípio dominante será a fórmula: de cada um, segundo as suas capacidades, para cada um, segundo suas necessidades.” (Relatório apresentado por J. Stalin ao VIII Congresso Extraordinário dos Sovietes da URSS, reunido para votar a nova Constituição.)

Peru, promulgada em 1920, reconheceu expressamente a civilização comunista incaica e compromete-se a protegê-la. Na maior parte das quinhentas comunidades indígenas, aproximadamente, a terra cultivável é distribuída periodicamente segundo as necessidades de cada família. Os índios escapam à expropriação, por parte dos brancos, graças ao regime da propriedade comum.

No *mir*³ russo do tempo dos czares, sabe-se que os camponeses possuíam a terra de um modo mais estável que entre os incas, segundo um regime de propriedade comum com atribuição de lotes análogos aos dos *kolkhozes* atuais. Mas, tal como os trabalhadores incas, os camponeses russos eram mais ou menos explorados pelas classes dirigentes. O *mir* não constituía, de resto, senão uma organização de tipo rudimentar. Merece ser mencionado mais por causa da extensão do território ocupado do que pela qualidade do seu comunismo, quase primitivo.

No extremo norte, no arquipélago Tonga, na Oceania, e noutras regiões, os missionários depararam-se com sociedades comunistas, sem classes dirigentes. Essas sociedades são ainda menos evoluídas que o *mir* czarista, e seu significado prático é muito diminuto para nós.

Só as comunidades da América do Norte se aproximam da nossa concepção de uma sociedade fraterna, ao serviço de todos os seus membros.

Elas foram criadas por socialistas utópicos como Owen, Cabet, sobretudo Fourier que, por si só, deu origem a trinta fundações, das quais a mais sólida durou, ao que parece, doze anos! Devemos observar que o êxito econômico foi em todas elas muito satisfatório. A dissolução operou-se regularmente por motivos mais psicológicos do que econômicos. Determinada “falange”, por exemplo, decidiu a sua própria supressão após o incêndio de seu moinho, quando os fundos necessários para o reconstruir estavam à disposição.

Tudo isso era excessivamente artificial e fora da vida real. Entediavam-se, mesmo quando a moral do prazer constituía a regra.

As comunidades de base religiosa mostram-se um pouco menos efêmeras. A comunidade sueca *Bishop Hill* manteve-se durante trinta anos. O mesmo aconteceu com os *Shakers*, em Oneida, que os presbiterianos fizeram expulsar por causa de sua liberdade de costu-

3. *Mir*: designação russa de uma comunidade aldeã. (N. do T.) do 1049. (N. do T.)

mes. “Amana”, no Estado de Iowa, existe desde 1843. W. Liefman, que a visitou em 1921, sublinha que o sucesso econômico surgiu de imediato e foi constante no decurso de um século, se bem que os seus membros não busquem a riqueza. O estatuto oficial declara que Amana é uma comunidade religiosa que não persegue qualquer finalidade terrestre, mas somente o amor de Deus e seus mandamentos. A vida é austera em Amana. O grupo compreendia sete aldeias, com um total de mil e quinhentas pessoas em 1926. As comunidades “huterianas”, em Dakota do Sul, são igualmente modestas. Subsistem há quatrocentos anos, com algumas interrupções devidas à perseguição, no tempo em que se encontravam ainda na Europa. Praticam o comunismo mais absoluto. É um pequeno mundo, estreito e fechado, que não procura absolutamente expandir-se.

Todas essas minúsculas ilhotas comunistas, de inspiração religiosa ou simplesmente idealista, são interessantes, por vezes admiráveis, do ponto de vista do esforço moral dos homens. Constituem a sequência dos movimentos análogos que surgiram e desapareceram em série desde a Idade Medieval até à Reforma e aos anabatistas. Sua multiplicação não indica, necessariamente, um progresso da história da humanidade, visto que essas criações saem em grande parte da história: elas evadem-se. Não se vislumbra um povo inteiro cuja vida se tenha empenhado toda na aventura. São, antes, indivíduos mais ou menos privilegiados que perseguem uma experiência, ou então grupos místicos voluntariamente separados do mundo, análogos a uma vida monástica.

É possível que as comunidades judaicas estabelecidas em nossos dias na Palestina participem do caráter artificial das comunidades norte-americanas. Beneficiaram-se, como estas últimas, de apreciáveis facilidades financeiras. Em muitos aspectos estão mais avançadas do que o mundo soviético. Um celeiro tem melhor aspecto que um vasto campo ao ar livre.

Às experiências simpáticas do gênero das comunidades Barbu, em Valença e noutras partes da França, não se pode senão desejar que tenham vitalidade bastante para durarem até ao momento em que transformações de conjunto lhes permitam integrar-se e viver num meio natural.

A República Guarani não se classifica entre as tentativas artificiais e frágeis dos idealistas religiosos ou leigos.

Se o seu desenvolvimento foi bruscamente sustado em pleno impulso, após mais de século e meio de vida harmoniosa e próspera, não foi por causa de obstáculos internos. A República Guarani sucumbiu sob a pressão das forças espanholas e portuguesas, sob a hostilidade encarnçada do mundo colonial coligado desde o princípio contra ela, tal como a URSS vacilou duas vezes e teria podido sucumbir, por volta de 1920 e de 1940, sob o impacto dos assaltos exteriores, sem que a envergadura social do sistema tenha sido enfraquecida.

Seria injusto censurarmos os comunistas do nosso tempo pelo fato de terem ignorado o lugar único ocupado pela República Guarani na história recém-nascida das sociedades comunistas. Eles não tinham as mesmas razões que nós para querer descobrir o que havia por detrás da espessa cortina que nos demos o trabalho de erguer.

O genro de Karl Marx, Paul Lafargue, consagrou à República Guarani alguns capítulos da vasta história do socialismo publicada em colaboração com Bernstein, Kautski, Plechanov, etc.

“A república cristã dos jesuítas”, escreveu P. Lafargue, “interessa aos socialistas de um duplo ponto de vista. Primeiro ela nos dá um quadro bastante exato da sociedade que a Igreja católica esforça-se por realizar. Depois, constitui uma experiência social e, na verdade, uma das mais interessantes e mais extraordinárias que jamais tiveram lugar.” (*Geschichte des Sozialismus in Einzeldarstellungen*, 1.º tomo, 2ª parte, p. 721.)

Lafargue seguiu, essencialmente, o burguês colonialista e anticlerical que era Azara e, ocasionalmente, sem o citar, o panfletário Pombal. Apesar de certo número de observações favoráveis, Lafargue oferece-nos um quadro pouco atraente e, com frequência, grosseiramente injusto da organização social da República Guarani.

Outro socialista, o escocês Cunningham Graham, beneficiou-se de uma informação aprofundada, obtida nas fontes, no Paraguai, nos arquivos de Madri e nas melhores obras antigas. Cunningham Graham desinteressa-se do elemento religioso que animava tudo na República Guarani. Limita-se a considerar os efeitos econômicos e sociais do sistema. No seu estudo, intitulado *A Vanished Arcadia*, publicado em 1901, as acusações de Azara recolhidas por Lafargue são abandonadas. Cunningham Graham pronuncia-se de modo inteiramente positivo e favorável à República Guarani e aos jesuítas, seus fundadores e legisladores.

“Nós ainda lá não chegamos”, poderemos confessar também. Após vinte séculos, o cristianismo está socialmente realizado?

Em busca de uma sociedade fraternal, o espírito remonta, de um golpe, através da Idade Medieval, às primeiras comunidades cristãs. “Todos os que acreditaram estavam juntos, e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade... Pois nenhum necessitado havia entre eles...” (*Atos dos Apóstolos*, 2:44-45 e 4:34).

O exemplo dos irmãos de Jerusalém brilhou como a centelha inicial, a expressão espontânea da mensagem de fraternidade deixada por Jesus: “E assim se reconhecerá que vós sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”. Tudo era comum entre eles.

As primeiras comunidades cristãs, contudo, jamais formaram uma sociedade no pleno sentido da palavra. Não estavam organizadas para assegurar, de um modo estável, a produção e repartição dos bens por elas próprias, mediante o simples funcionamento de suas instituições. Além disso, os bens de produção conservaram-se por tanto tempo propriedade privada que não foram transformados pela venda em bens de consumo. As comunidades cristãs, por conseguinte, manifestaram-se mais como grupos de amizade e ajuda mútua, na base do desinteresse e abnegação pessoais, no seio de uma sociedade profundamente egoísta.

A República Guarani foi, por seu lado, uma sociedade fraternal organizada segundo os princípios cristãos, no sentido em que a fraternidade estava praticamente inscrita na sua estrutura, seu regime de propriedade, seus modos de produção, e distribuição, em todas as suas instituições.

No dia em que o sábio Muratori teve conhecimento da organização estabelecida entre os guaranis e do fervor religioso que reinava entre eles, abandonou seus trabalhos arqueológicos para consagrar sua pena e prestígio à divulgação desse verdadeiro “Novo Mundo”. Ele escreveu, apoiado nas informações dos jesuítas, *II Cristianismo Felice nel Paraguay* (Nápoles, 1749). Na introdução à sua obra, Muratori declara: “Acreditei nada poder fazer de mais glorioso para a Igreja romana que dar uma ideia sobre essas missões... É importante para a edificação do mundo cristão e para a glória da Igreja romana que um estabelecimento tão belo e que tantas virtudes dignas de nossa

admiração, seja nos missionários, seja nos neófitos, não continuem desconhecidos.”

Um jesuíta francês, Charlevoix, que publicou em 1747 uma história em seis volumes das reduções guaranis, pensa igualmente que elas constituem um modelo sem precedentes de sociedade cristã.

Disse ele: “Falo dessas repúblicas cristãs, de que o mundo ainda não vira o modelo, e que foram fundadas no meio da mais feroz barbárie, num plano mais perfeito que o de Platão, do chanceler Bacon e do ilustre autor de *Télémaque*, por homens que cimentaram seus alicerces apenas no próprio suor e sangue, que, animados apenas pelo gládio da palavra e de Evangelho em punho, afrontaram o furor dos selvagens mais intratáveis, civilizaram-nos e deles fizeram cristãos que, século e meio depois, causam a admiração de todos os que os viram mais de perto.”

Por volta dessa mesma época, uma revista missionária internacional, dirigida pelos jesuítas, *Les Lettres Édifiantes et Curieuses*, comparava os guaranis aos primeiros cristãos e descrevia suas comunidades como a realização ideal do cristianismo...

Contudo, cedo a República Guarani deixou de existir. Logicamente, ela jamais existira.

Nos colégios mais religiosos, outrora e até aos nossos dias, o estudo das sociedades pagãs da antiguidade ia impor-se como o mais nobre. Os regimes escravocratas, as tiranias babilônicas e outras criações da antiga sabedoria rechearam os nossos espíritos. Mas a nossa cultura de jovens cristãos ignorou tranquilamente a existência dessa república cristã, “triunfo da humanidade”, a muitos respeito, segundo a palavra do próprio Voltaire.

Um dia, por mero acaso, descubro um parágrafo curioso a respeito de uma estranha comunidade estabelecida no Paraguai nos séculos XVII e XVIII. Foi em 1934, num número especial da revista *Esprit*, consagrado ao problema da propriedade. Consultei um dicionário histórico. O interesse foi despertado. Dez anos mais tarde, cansado de discussões abstratas, de tomadas de posições vacilantes sobre os confins da propriedade “comunitária”, disse para mim próprio: Ve-

jamos mais de perto essa República Guarani. Sua história real pesaria tanto, eventualmente, quanto as especulações atrevidas tendentes a revelarem-nos a aplicação que S. Tomás de Aquino daria hoje a tal ou tal artigo da Suma Teológica.

A recordação e o exemplo me vieram de um livro corajoso publicado em 1929, em Barcelona, por um confrade, o Abade A. Carbonell, homem de obras práticas, não mais escritor que eu próprio, que fora impelido a escrever pelo espetáculo de indescritível miséria do subúrbio vermelho de Barcelona, e pela generosidade, a força e a convergência de aspirações da elite operária. O livro de Carbonell intitulava-se *El Colectivismo y la Ortodoxia Católica*. Em suas páginas ardentes, dedicadas a S. Francisco de Assis, o Abade Carboneli, para evitar toda e qualquer confusão, não previa senão aquilo a que chamou o “coletivismo espontâneo”, isto é, um comunismo realizado pacificamente, ou legitimado ulteriormente por uma prescrição suficiente. A esse coletivismo humanista, dizia o Abade Carboneli, não se oporiam a moral natural, nem a tradição doutrinal, nem os ensinamentos dos papas. A tese, se bem que apoiada em textos autorizados, foi combatida como se poderá imaginar. Teólogos respeitados, o Padre Guitart, S. J., o Cônego Llovera, tomaram sua defesa, do ponto de vista doutrinal, sem se declararem pessoalmente partidários do regime preconizado. A tese não triunfou. Não foi demolida nem abalada.

Essa tese, que o Abade Carboneli associava a uma hipótese projetada no futuro, plausível mas teórica, de momento, não seria de algum modo esclarecida pelo fato concreto da República Guarani?

Meti ombros à investigação.

Deve-se dizer que eu não previra a possibilidade de estar o terreno a tal ponto congestionado de contradições por vezes inextricáveis, de polêmicas veementes, de verdadeiras linhas fortificadas, mantidas há mais de três séculos por adversários irredutíveis. Pensei um instante em ater-me ao meu primeiro projeto: efetuar uma simples narrativa, uma descrição direta, sem me embaraçar em citações e referências.

Isso teria sido talvez mais agradável para o leitor e certamente mais fácil para um homem absorvido por outras tarefas que conservavam, por uma questão de princípio, a prioridade.

Mas os graves autores que tomaram posição, firmemente, num sentido oposto, ao longo de copiosas obras, não teriam admitido ser tratados por preterição. Um documento, alguns extratos de velhos textos, e a breve narrativa foi a pique. Nesse controvertido assunto, não bastava, pois, querer ser simples como um pombo; era preciso ser... sábio entre os sábios.

A literatura suscitada pela República Guarani é relativamente muito abundante. O leitor dar-se-á conta disso ao percorrer a bibliografia indicada no final do volume. A República Guarani despertara em todos os países da Europa, quase desde o seu nascimento, um interesse apaixonado, que jamais se extinguiu por completo.

Coloquemos em primeiro lugar os relatos de viajantes que visitaram os guaranis na época dos jesuítas, como o Bispo Faxardo, Florentin de Bourges, ou, depois da ruína, como Martin de Moussy, d'Orbigny, Bonpland, todos eles observadores serenos notavelmente objetivos, dando resumos extremamente fragmentados da verdade, mas diretos. As coisas vistas, os fatos concretos, conservam, de resto, um valor positivo, mesmo através de preconceitos gritantes, como, por exemplo, no caso do nosso compatriota suíço, o Dr. Rengger (*Reise nach Paraguay*).

Classifiquemos, em seguida, na literatura sobre o assunto, a lista de obras de segunda mão, cujos autores apenas retomaram, com maior ou menor felicidade, os materiais já existentes, as posições já acessíveis, sem estudarem diretamente as fontes.

Hoje, depois da publicação da obra monumental de Pablo Hernandez, *Organización Social de las Doctrinas Guaraníes*, o interesse de tais obras parece ultrapassado. Trata-se agora de repensar e confrontar as próprias fontes que Hernandez coloca à nossa disposição, quer as que reproduz *in extenso* — 300 páginas compactas de documentos frequentemente inéditos ou impossíveis de encontrar noutra parte — quer as que nos ajuda a descobrir graças às suas indicações.

De começo, fica-se surpreso e desconcertado pela leitura dos escritos dos antigos missionários jesuítas, a respeito da República Guarani. Em quase todos, mesmo em obras de caráter metódico, como

a *Relación Historial de las Misiones* (1726), do Padre Juan Fernandez, o maravilhoso surge a cada passo. Vemo-nos introduzidos num mundo de aparência legendária, um mundo irreal, inconsistente, situado fora do tempo e do espaço. A vida concreta da população escapa. Os guaranis continuam sendo, de geração em geração, os primitivos mais puros. Um século e meio de vida social rica e complexa transcorre. Nada muda. Tudo é cândido, santo, sublime ou, no plano temporal, modesto, mesquinho, digno de comiseração. Os jesuítas dos séculos passados eram, então, criaturas ingênuas? Não se compreende. Mais de um investigador terá sido decepcionado por esse contato desanimador.

Esperar-se-á encontrar a luz esclarecedora entre os adversários dos jesuítas, certos prelados coloniais, o governador Barua, Ibanez, Pombal? Estes descrevem-nos um país fabuloso de minas de ouro e jesuítas-marajás. Segundo o resumo convencido de Lafargue, os guaranis tornaram-se escravos submissos “da dominação despótica de dois eclesiásticos”, das reduções, de vastos campos “onde os animais eram mantidos prisioneiros tal como os homens”. O comunismo, diz-se também, só era mantido pelos jesuítas como um meio de explorarem mais facilmente, cm proveito próprio, todos os recursos da região.

Pablo Hernandez, que teria tido em mãos, melhor do que ninguém, os elementos de uma apresentação objetiva, não renova o debate. A sua posição pessoal é puramente defensiva e apologética. Vale a pena fazer uma paragem para analisá-la e criticá-la, visto que se impôs à obra de outros autores, e os dois tomos das *Doctrinas Guaranies* são apresentados, de bom grado, como o tratado definitivo.

Em face das antigas acusações e calúnias dos coloniais escravocratas, todas as argumentações e refutações dos jesuítas da época são reeditadas *ipsis verbis*. Os guaranis, propriamente ditos, inexistem como homens nesse vasto trabalho consagrado à própria história deles. Comparsas mudos, só não aparecem despojados de qualquer interesse por causa da necessidade de que deponham em favor da Companhia atacada. A Companhia de Jesus é o verdadeiro e único objeto da obra de Hernandez, e não a República Guarani, nem a sua organização social, apesar da promessa do título.

Hernandez também se preocupa muito pouco com as relações reais, vivas, espontâneas, ai de nós!, tão raras, do gênero das do Padre Sepp, missionário alemão que residiu durante uma trintena de

anos no seio dos guaranis. Acreditar-se-ia que, a seus olhos, a linguagem calculada dos textos oficiais exprime as coisas com maior soma de verdade, quando o mais frequente era destinarem-se esses textos a mascarar a realidade. Hernandez parece esquecer que a República Guarani, no século XX, já não está em perigo e que para nós já não existem os motivos que forçaram os jesuítas a calarem muitas coisas, a criarem uma cortina de proteção diante da curiosidade dos inimigos mortais da liberdade dos guaranis. Por causa das reticências assim mantidas em vão, o aspecto irreal e mesquinho subsiste nele, em mais de um ponto acentuado.

Não se obteria uma apologia mais verdadeira e mais eficaz da conduta dos padres não a pesquisando senão a título complementar, esforçando-nos primeiro por reconstituir e revelar sua obra magnífica, com toda a franqueza e independência, fora das preocupações de uma defesa que se justificava tão-só em face dos coloniais escravistas?

A ambição da presente obra desenvolve-se nesse sentido.

Esforcei-me por reunir os elementos de uma informação honesta. Muitas obras importantes, a começar pela de Hernandez, não tinham sido aproveitadas até agora nas obras publicadas em francês. Do mesmo modo, o leitor francês encontrará pela primeira vez extratos das fontes preciosas que foram descobertas ou publicadas por Hernandez. A *Breve Relación* de Cardiel tem um valor todo especial, apesar de sua intenção eminentemente defensiva. Ela fornece pormenores concretos sobre a vida cotidiana dos guaranis, preenchendo assim, em parte, a grande lacuna das outras obras missionárias. O Padre Sepp estava igualmente inédito em francês e era ignorado. Uma única carta sua apareceu nas *Lettres Édifiantes et Curieuses*. Menos rico que Cardiel e nada metódico, Sepp é, no entanto, o mais interessante dos missionários alemães do Paraguai.

Os homens esclarecidos apreciarão a segurança que me pode ser fornecida pelos documentos de arquivos e bibliotecas, publicados ou resumidos pelo Padre Pastells, jesuíta espanhol, em sua *Historia de la Compañia de Jesus en Paraguay*, da qual só fora publicado o primeiro tomo quando foi editado Hernandez.

Os milhares de documentos classificados por Pastells convenceram-me ainda mais fortemente de que os atos oficiais, principalmente os editos reais, as cartas dos governadores e dos superiores jesuítas são, com efeito, de um interesse capital para a história da República

Guarani, mas também que os documentos mais oficiais são, ordinariamente, os mais suspeitos. A verdade só pode ser determinada pelo confronto e reexame de textos mais ou menos contraditórios, uma vez que, do primeiro ao último dia e ainda depois, os escritos publicados constituíram uma das armas principais da luta acirrada e ininterrupta deflagrada em torno da “República dos Jesuítas”.

É significativo que um dos mais sérios historiadores antigos da República Guarani, o Padre Nicolas du Toict, de Lille, conhecido sob o nome de Padre *del Techo*, não faça, por assim dizer, menção alguma das cédulas reais, em sua *Historia Provinciae Paraquariae*, publicada em Liège em 1673. Pastells reconhece-o abertamente. Segundo uma declaração do Padre Herran, em cabeçalho da edição de 1726 da *Relación Historial de las Misiones*, a história do Padre du Toict continuava sendo, na época, a melhor informada e a mais segura. O Padre du Toict era Superior-Geral da República Guarani. Também foi reitor do Colégio de Assunção. Francês, e não espanhol, o Padre du Toict conservava o espírito mais livre em face do poder espanhol e dos editos reais, em “virtude dos quais”, escreveu Pastells, se executavam os emprehendimentos dos missionários.

Não, os italianos, os franceses, os alemães, os belgas, os escoceses, os jesuítas de todas as nações da Europa que criaram a República Guarani e a desenvolveram, em concordância com os padres espanhóis, jamais tiveram a ideia de agir em virtude das ordenações reais. Agiam em virtude da missão de Jesus, amparando-se ou acomodando-se o melhor possível com a proteção real.

Foi uma ideia inconscientemente cruel a de querer subordinar à preocupação da defesa do regime colonial espanhol a elucidação da história de uma república criada precisamente para subtrair os índios à colonização espanhola. Os pontos de vista são opostos. Nada seria mais próprio para falsear a imagem da República Guarani.

Não obstante, o comportamento prático dos missionários espanhóis dá testemunho, felizmente, melhor do que certos escritos, de um espírito cristão idêntico ao dos padres estrangeiros. A obra deles revela muita coragem e independência bastante para que não precisem, tanto quanto a própria obra, de defensores complacentes. Os adversários a quem o fanatismo não cegou inclinaram-se diante da “República dos Jesuítas”.

O “filósofo” Raynal, cioso de objetividade através de sua paixão anticatólica, não pode calar, em sua História política e filosófica das Índias, seu sentimento de admiração. Escreveu ele: “Quando em 1768 as Missões do Paraguai saíram das mãos dos jesuítas, tinham atingido um ponto de civilização, o mais elevado, talvez, a que se poderiam conduzir as nações novas e certamente muito superior a tudo o que existia no novo hemisfério. Aí se observavam as leis, reinava uma civilidade exata, os costumes eram puros, uma fraternidade feliz unia os corações, todas as artes de necessidade estavam aperfeiçoadas e conheciam-se algumas agradáveis. A abundância era aí universal.”

O exemplo talvez não tenha valor algum para a nossa sociedade capitalista, onde a abundância é um caudal equivalente à escassez.

Mas, no caso bastante verossímil em que os homens do século XX desejassem livrar-se da sociedade capitalista, a pureza da fórmula social aplicada pela República Guarani brilharia com uma luz quase exemplar.

O caminho ainda é longo e difícil para a realização de um mundo fraternal. A experiência da URSS prova-o. Não é necessário ser profeta para saber que a humanidade passará por outras tentativas parcialmente bem-sucedidas, antes de acercar-se de sua meta final.

A República Guarani teve o privilégio de construir sobre um terreno virgem. A vida econômica e social aí se enriquecera e diferenciara progressivamente, num ritmo surpreendente, sem que o princípio de comunidade se alterasse. A fé cristã alimentara o espírito de amizade, de unidade e de igualdade no corpo social, reduzindo ao mínimo o sentimento de coerção.

A República Guarani teve a graça das crianças, uma pureza repleta de candura.

A sociedade de amanhã terá um caráter adulto. Será mais complexa, mais evoluída. Poderá representar uma realização mais perfeita e mais digna do homem, na condição de que não comece por menosprezar a lição elementar fornecida pela República Guarani.

PRIMEIRA PARTE

I.

Os Guaranis Antes da Chegada dos Jesuítas

Os exploradores espanhóis penetraram no Paraguai, a pátria dos guaranis, pela primeira vez em 1516, sob a chefia de Juan Diaz de Solis. A conquista foi trabalhosa e sangrenta. No final do século ainda não estava concluída. Em 1590, porém, cinquenta “cidades” e praças fortes tinham sido fundadas.

Entre os homens de armas, heróis ou criminosos, que se distinguiram, mencionam-se, além de Diaz de Solis, Sébastien Cabot, um veneziano ao serviço da Espanha; Juan de Ayolas, que avançou até ao ponto onde Gonzalez de Mendoza fundou em 15 de agosto de 1536 a cidade de Assunção, que se tornou a capital do Paraguai; Alvarez Cabeça-de-Vaca, cujos excelentes projetos de reforma foram enterrados por Martinez de Irala.

Irala levou sozinho a obra a bom termo, através de todas as revoltas, graças à sua coragem, inteligência e ferocidade.

Nos arredores de Buenos Aires, os mais bravos guerreiros de uma tribo, retirados numa pequena fortaleza, mataram por suas próprias mãos as esposas e filhos, precipitando-se depois do alto dos rochedos para não caírem em poder dos espanhóis. Em 1557, um só dos tenentes de Irala subjuguou no Paraguai 40.000

guaranis; no ano seguinte, Chavez submeteu um número ainda maior.

A escravidão, para os índios, era a morte a curto prazo pelos maus-tratos. Hernandez relata que em duzentos e cinquenta anos, ou seja, até 1797, a população indígena do Paraguai desceu de um milhão a oito mil e duzentos, pondo de parte os guaranis da República dos Jesuítas.

Os invasores também tinham sofrido. Uma boa parte deles fora massacrada, quando de um levantamento contra Irala. Segundo um censo do próprio Irala, 30.000 conquistadores haviam desembarcado em Buenos Aires desde 1526. Ora, “de tantos milhares de espanhóis que acorreram ao Plata, numa dúzia de anos, em 1538 não restavam mais de 600 homens”⁴.

Os mestiços, por outra parte, tinham-se multiplicado. Após as batalhas que precederam a fundação de Assunção, cada combatente espanhol recebera duas donzelas, ao passo que o chefe, Juan de Ayolas, apropriou-se de seis. A rápida mistura de raças facilitou a conquista, ao mesmo tempo que acelerava a decadência moral tanto dos índios como dos europeus.

A raça guarani não ocupava somente o Paraguai mas toda a área compreendida entre os confins do Equador e o Rio da Prata, quase todo o Brasil, onde foi dizimada pelos portugueses, e ainda o Uruguai e as províncias de Corrientes e Entre-Rios, na Argentina.

É costume dizer-se, simplesmente, que ela ocupava o Paraguai porque a palavra *Paraguai* designava no século XVI toda a bacia dos três grandes rios que convergem para o Prata, até aos Andes, do Chile ao Peru, bastante para o interior da Bolívia, do Brasil e do Uruguai, e mesmo dos Pampas ao sul de Buenos Aires, até aos confins da “Terra de Magalhães”.

Mais tarde, a administração colonial estabeleceu uma província mais restrita, sob o nome de Paraguai. Essa província, contudo, era ainda muito mais vasta do que o Paraguai atual.

4. Martin de Moussy, *Description géographique et statistique de la Confédération argentine*, tomo II, pág. 221. Para a história detalhada da conquista, ver Charlevoix, *Histoire du Paraguay*, tomos I, II e III.

Quando se fala da “República dos Jesuítas no Paraguai”, a expressão engana, visto que a maior parte da República Guarani situava-se fora do território que constitui o moderno Paraguai.

Grupos compactos de guaranis estavam escalonados até a cordilheira dos Andes. Escreveu o Dr. Rengger: “Não é duvidoso que essa nação não tenha sido a mais numerosa da América do Sul.”⁵ Os guaranis formavam uma raça de muitos milhões de almas, distribuídos de maneira mais ou menos densa sobre metade do continente.

Era notável, aliás, do ponto de vista etnológico e filológico, a existência de povoados guaranis “num espaço de 45 graus de latitude e mais de metade desse número em longitude... um espaço superior ao da Europa inteira. Esses povoados, que não têm história, que em parte alguma formaram um corpo de nação, em que a civilização apenas esboçada jamais fez, em parte alguma, um progresso digno de registro — todos, entretanto, sem qualquer vínculo aparente entre si, sem ligações de amizade, sem crenças comuns, sem tradições de espécie nenhuma, manifestam em seus traços fisionômicos, em sua cor, em seus instintos, os vestígios de uma origem comum que se mantém ignorada e, coisa inexplicável, falam todos a mesma língua. Esse fenômeno é tanto mais extraordinário quando se observa que no meio deles encontra-se uma grande quantidade de outras nações, muitas vezes reduzidas a um punhado de indivíduos, que falam uma língua inteiramente diferente”⁶.

Apesar de todas as hecatombes, os guaranis subsistiram até aos nossos dias com seu caráter e língua próprios. Em 1934, os nossos compatriotas suíços, Sr. e Sra. Ad. Ferrière, de passagem no Paraguai, observam que “se os cidadãos são de estirpe espanhola, a população rural é guarani. Esta raça é muito distinta e original. Conservou sua língua, costumes e caráter. No aspecto físico, é robusta, sólida, ágil, de pouca estatura — 1m62, diz d’Orbigny — a pele acobreada, de tonalidade olivácea, o ros-

5. Rengger, *Reise nach Paraguay*, p. 101.

6. Moussy, *ibid.*, tomo II, pp. 153-154.

to largo, de malares salientes, olhos negros, por vezes repuxados; rude, primitiva e de uma resistência que assombra a nossa pusilanimidade de civilizados amolecidos”⁷. Num porto, os nossos viajantes observaram “os guaranis troncudos, fortes como turcos e ágeis como símios”.

A descrição corresponde à que, mais desenvolvida e mais técnica, foi feita pelo erudito viajante francês, o etnólogo Alcide d’Orbigny, em *L’Homme Américain*. Para o Dr. Rengger, “os traços fisionômicos são os da raça mongol... As mulheres têm os cabelos longos e lisos. Nos dois sexos, os cabelos só se tornam grisalhos numa idade muito avançada”⁸.

Os raros elementos descritivos que é possível encontrar entre os autores antigos são pouco lisonjeiros para os guaranis. Era uma atitude comum apresentar todos os índios sob as cores mais repulsivas, a fim de justificar melhor os crimes dos conquistadores. Pretende-se, por exemplo, que a maior parte das tribos guaranis era “naturalmente estúpida, feroz, inconstante, pérfida, dada à antropofagia, extremamente voraz, propensa à embriaguez, incauta e desprevenida, de uma preguiça e de uma indolência inenarráveis”⁹. O amor à vida de pilhagem e a paixão da vingança tomavam-nos “mais furiosos do que valentes”. O nome *guarani*, que significa *guerreiro*, era célebre até em paragens remotas, como o Maranhão, e era bem-merecido!

Tudo isso não passa de caricatura.

Pelo fato de que duas ou três tribos imolavam ritualmente, após um combate, um único prisioneiro, não se tem o direito de descrever a raça guarani, em geral, como antropófaga. Os padres Montoya e Du Toict registraram casos de antropofagia entre os tupis, um ramo belicoso dos guaranis, que atacaram mais de uma vez os guaranis convertidos pelos jesuítas.

Charlevoix destaca, por outro lado, como todos os autores seus contemporâneos, o pendor especialmente dócil e sociável dos guaranis, que convivem com os europeus mais espontaneamente do que os outros povos da América.

7. In. Forrière, De l’Equateur aux Pampas, p. 198.

8. Rengger, *ibid.*, p. 106.

9. Charlevoix, tomo I, p. 8.

Pode-se retomar a explicação de d'Orbigny: Se nos descrevem os guaranis “frequentemente sombrios, tristes, abatidos, essa maneira de ser deve-se menos, entre eles, a hábitos de caráter do que à maneira como são tratados, pois muitos são joviais, bastante alegres, levando o seu bom humor até ao burlesco”.¹⁰

O duplo aspecto do caráter dos guaranis é ilustrado pelo fato de que os seus caciques ou chefes eram escolhidos quer entre os mais bravos em combate, quer, com a mesma frequência, entre os que se destacavam pela excelência de sua arte da palavra.

Cada tribo estava submetida a um cacique cuja autoridade era quase absoluta, se bem que frágil e à mercê de uma reação coletiva da tribo. Os caciques eram independentes uns dos outros. Charlevoix cita o exemplo de quinhentas famílias nas margens do rio Uruguai: eram dirigidas por vários caciques, todos vassalos de Niezu, o cacique mais poderoso. Esse caso era excepcional. Diz Pedro Gay: “Seria mais fácil descobrir mil caciques do que descobrir um cacique com mil súditos.”

As relações entre as tribos eram quase nulas. Reduziam-se aos contatos de vizinhança, pacíficos ou bélicos. Por isso os europeus se admiravam de que esses milhares de povoados, vivendo assim num isolamento social completo, tenham podido conservar a mesma língua num território mais vasto que a Europa.

Ainda em meados do século XIX, Martin de Moussy observava que, “na província brasileira de São Paulo, no Paraguai e na província de Corrientes, o povo, e as mulheres, sobretudo, não falavam senão o guarani, muito misturado, sem dúvida, com palavras espanholas e portuguesas, mas que não é menos que a língua geral que se fala desde a Guiana aos Andes e nas vizinhanças do Prata”.¹¹

Um catecismo, uma gramática e um dicionário guaranis tinham sido compostos, antes da chegada dos jesuítas, pelo Pa-

10. D'Orbigny, *Voyage dans les deux Amériques*, p. 210.

11. Moussy, tomo II, p. 155.

dre Luis Bolaños, franciscano, com a assistência de seu confrade, S. Francisco Solano. A tarefa dos jesuítas, no princípio, foi grandemente facilitada por essas publicações. Eles próprios editaram, subsequentemente, obras de valor em guarani ou sobre a língua guarani. Escreveu o sacerdote francês, Padre Chomé: “Asseguro-vos que após ter penetrado um pouco no caráter dessa língua, fiquei surpreso por nela descobrir tal majestade e tal força... Jamais teria pensado que se falava, no meio da floresta virgem, uma língua que, em meu entender, não é suplantada por nenhuma língua europeia em finura e em harmonia”¹².

Os guaranis levavam uma vida mais ou menos nômade. A caça, a pesca e uma agricultura primitiva eram seus únicos recursos. Cultivavam o milho, a mandioca, a batata-doce. Na estação de sementeira e de colheita, a tribo fixava-se perto das culturas e concentrava-se numa espécie de galpões onde reinava a mais completa promiscuidade.

Certas tribos admitiam a poligamia. Na região do Guaíra, onde os jesuítas iriam fundar as primeiras reduções, somente os caciques possuíam várias mulheres.

Os guaranis acreditavam num só Deus, a quem não rendiam qualquer culto exterior, nem ofereciam sacrifícios. Não existiam sacerdotes.

Os médicos-feiticeiros aplicavam, ao que parece, um tratamento invariável: sugavam a parte doente “da qual fingiam extrair qualquer coisa que tinham antecipadamente metido na boca e que eles garantiam ser a causa da enfermidade. Se não curavam os doentes, também não os matavam”¹³. Interpretavam também o canto dos pássaros e encarregavam-se de predizer o futuro. Feiticeiros temidos, pretendiam ser capazes de lançar pragas maléficas. Um deles anunciou publicamente, para sua própria confusão, que faria morrer o Padre Montoya por meio de seus sortilégios.

12. Katholische Missionen, 1892, p. 78.

13. Charlevoix, tomo I, p. 183.

Assim eram os “bons primitivos” com quem os padres jesuítas estabeleceram a sua “República Modelo”.

Sem cair nas apreciações injustas assinaladas mais acima, deve-se reconhecer que todos os outros grandes povos da América do Sul possuíam, à chegada dos europeus, um nível moral mais elevado, uma inteligência mais aberta e qualidades naturais mais favoráveis ao desenvolvimento da vida social. À primeira vista, os guaranis, nômades, inconstantes, violentos e fracos, ofereciam a matéria-prima mais refratária e menos rica para a realização de um ensaio de *sociedade harmoniosa*.

II

Fundações

Não é fácil divorciar as origens das reduções guaranis da atmosfera de legenda dourada em que as mergulharam as narrativas e relatos do século XVII. As próprias indicações de lugares e datas do sábio Muratori são mais que sumárias.

Os adversários dos jesuítas aproveitaram-se dessa imprecisão, da obscuridade e das lacunas da maioria das fontes, para tentarem despojar os padres de seus títulos de fundadores. Pouco lhes faltou para o conseguirem. Ainda no século XIX, autores sérios como, por exemplo, Martin de Moussy e Alcide d'Orbigny, adotaram de boa-fé tal versão. Se acreditássemos neles, os jesuítas não teriam sequer desbravado o território, nem criado as primeiras reduções. Nada mais teriam feito senão apropriarem-se da obra de pioneiros leigos espanhóis.

Recolhendo-se com certa paciência as informações dispersas nas abundantes obras antigas e modernas, não se consegue obter uma visão perfeitamente real e contínua dos fatos. Mas, ao menos, o nascimento da República Guarani sai de sua noite lendária, e os méritos dos fundadores jesuítas destacam-se sem contestação.

Os jesuítas tinham chegado a Salta em 1586, a convite de Francisco de Vitória, dominicano e primeiro bispo de Tucumã. Entraram no ano seguinte no Paraguai, praticamente dito, a pedido do bispo de Assunção, também dominicano. Em 1588, três padres apareceram

na Capital. Aí foram recebidos “como anjos”, no dizer de Charlevoix. Eram o espanhol Salonino, o português Ortega e o escocês Tom Filds.

Os jesuítas organizaram primeiro, em poucos anos, colégios para os filhos dos conquistadores, seminários e casas de retiro. Empreenderam também missões ambulantes no interior do país, a exemplo dos apóstolos franciscanos, S. Francisco de Solano e Luís de Bolanos. Este último, idoso e doente, acabava de regressar ao Peru. Restava um pequeno grupo de fiéis guaranis sem pastor.

Durante alguns meses, os padres Ortega e Filds percorreram sozinhos as montanhas, florestas e povoados da província de Guaíra. Quando voltaram a Assunção, anunciaram ao seu Superior que tinham visto duzentos mil guaranis ainda livres e “que pareciam muito apropriados ao reino de Deus”.¹⁴

Outros pequenos grupos de missionários puseram-se em campo nos anos seguintes. Os relatos coevos descrevem-nos com um breviário entalado sob o braço esquerdo, uma grande cruz na mão direita e sem outra provisão senão a sua confiança em Deus. Alguns foram assassinados. O padre italiano Lizardi foi encontrado sobre um rochedo, traspassado de flechas, com seu breviário aberto junto dele no Ofício dos Mortos.

Em Assunção, a nobreza tratava carinhosamente os padres e cedo lhes edificava uma casa, um colégio e uma bela igreja, que foi concluída em 1595.

A influência apaziguadora exercida pelos missionários sobre os índios das vizinhanças era altamente apreciada.

A missão do Paraguai parecia, assim, estar destinada a desenvolver-se normalmente segundo o modelo das missões do Peru, de pleno acordo com o mundo colonial.

Entretanto, um novo Superior menos conciliatório surgiu em 1593 na pessoa do Padre Romero.

O Padre Romero ousou, por exemplo, renunciar a um terreno que tinham presenteado ao seu predecessor, simplesmente porque esse terreno não poderia ser valorizado senão pelo trabalho dos índios submetidos. A seus olhos, não convinha autorizar, pelo exemplo dos padres, a forma de servidão denominada “serviço pessoal”.

Em 1604, no decorrer de uma prédica, outro Superior, o Padre Lorençana, ameaçou com a cólera de Deus todos os habitantes de Assunção que não libertassem os índios capturados muna recente razia

14. Charlevoix, tomo I, p. 186.

manifestamente desprovida de qualquer pretexto. O tesoureiro da catedral impôs silêncio ao jesuíta, fê-lo descer do púlpito e sair da igreja.

Enfim, verificando que era decididamente muito difícil pregar um Deus de bondade aos infelizes reduzidos pelos “cristãos” à mais dura escravidão, os padres exigiram formalmente certas medidas mitigadoras para continuarem a ocupar-se dos índios sob “regime forçado”, isto é, escravizados.

O resultado desses vários atos de independência foi os jesuítas verem-se cortados de víveres e esmolas. Sua igreja ficou deserta. Os índios não tinham mais autorização de se aproximarem dela.

O mesmo aconteceu em Santiago do Paraguai, onde as coisas foram tão longe que os jesuítas acharam aconselhável o propósito de abandonar a cidade. O Padre Torrez, apresentando-se às portas de Córdoba, viu-se nas mãos com uma carta remetida pelo prefeito da cidade, que lhe interditava a entrada aí “com receio de que perturbasse a tranquilidade reinante”.¹⁵

O Geral da Companhia, o Padre Aquaviva, extraiu as conclusões que se impunham. Os jesuítas estavam instalados há mais de trinta anos no Brasil. Trabalhavam pacificamente no Peru. Para impedir que as dificuldades do Paraguai repercutissem desfavoravelmente naquelas importantes províncias, o Paraguai foi convertido, em 1607, em província separada, com um pequeno grupo de oito padres. Sete anos depois, a nova província já contava com 113 padres.

O Padre Diego de Torrez, primeiro Provincial do Paraguai, formado por longos anos de trabalho no meio dos índios do Peru, recebeu ordem de renunciar inteiramente às missões ambulantes, a fim de estabelecer missões estáveis em locais determinados e afastados das aglomerações coloniais.

As missões volantes, junto dos nômades, apesar de brilhantes êxitos alcançados, nunca tinham logrado a constituição de comunidades cristãs sólidas e duráveis. Era preciso, por conseguinte, fixar os índios em redor de uma igreja.

Importava também isolar os novos convertidos, mantê-los separados dos coloniais corrompidos.¹⁶

15. Charlevoix, tomo I, p. 224.

16. Julga-se, vulgarmente, que o nome de *reduções* dado às comunidades da República Guarani proveio do fato de que elas estavam assim convertidas em *redutos* à margem do mundo colonial. Na realidade, em todas as colônias espanholas, os agrupamentos indígenas que tinham renunciado à vida nômade formavam “reduções”: tinham sido levadas ou “reduzidas” a viver segundo a lei, *ad ecclesiam et vitam civilem reducti*,

Pelo isolamento, pretendia-se proteger, com a moralidade, a liberdade das tribos ainda não submetidas. Era essa a finalidade essencial do novo sistema, a condição de toda a verdadeira evangelização. A escravatura e a liberdade dos filhos de Deus não se conciliavam na cabeça dos guaranis. “Os índios amam a lei de Deus, mas não gostam dos espanhóis”, escrevia um missionário.

As circunstâncias antolharam-se relativamente favoráveis. O governador do Paraguai, Hernandariaz de Saavedra, anunciara há pouco ao rei de Espanha que se revelava impossível subjugar os 150.000 índios do Guaíra. O rei Filipe III, cercado de boas influências e persuadido das vantagens políticas e militares que poderiam resultar da solução preconizada pelos jesuítas, respondera: “Mesmo que possuíssemos as forças necessárias, os índios do Guaíra só devem ser submetidos pelos ensinamentos do Evangelho”. (15 de julho de 1608.) A 26 de novembro de 1609, o *teniente-general* do governador das províncias do Paraguai e do Prata ordenava ao capitão Pedro Garcia que impedisse aos colonos recrutarem escravos na província de Guaíra, tendo ficado a redução dos habitantes confiada, a título exclusivo, nos padres Cataldino e Maceta.¹⁷ Um decreto oficial do Visitador Régio só foi obtido, porém, a 11 de outubro de 1611. As primeiras reduções já estavam estabelecidas. Declarava Filipe III: “Esses índios não devem ser entregues em sujeição a ninguém.” O estatuto das reduções foi confirmado em 1631, 1611 e 1647.¹⁸

Com efeito, nenhum privilégio legal fora instituído em favor das comunidades guaranis, visto que, teoricamente, segundo os editos régios, todos os índios da América eram livres. Ainda alguns anos antes, em 1601, um edito anunciara a firme menção do rei de suprimir, enfim, todo e qualquer serviço pessoal. Os escravocratas não estavam conduzindo-se pior.

Se os guaranis escaparam à servidão no decisivo período inicial, isso deveu-se ao seu afastamento das cidades espanholas e também graças à influência pessoal de um administrador honesto e enér-

17. Pastells, tomo I, nota 162.

18. Pastells, tomo II, nota 729. Em 1677, Santo Inácio é a única redução guarani onde se deram infiltrações de “engajamento”, por causa da vizinhança de Assunção. (Carta do governador do Paraguai. Pastells, III, documentos 1687 e 1689). O engajamento infiltrou-se também uma vez em Corpus e Itapua. O Padre Diaz Tano teve de lutar alguns anos até conseguir a eliminação. (Pastells, tomo II, documentos 1127 e 1131). Estas são as três únicas exceções apuradas.

gico, Dom Francisco de Alfaro, Visitador das províncias do Paraguai, Tucumã e Rio da Prata. O próprio Alfaro sugerira ao Padre Torrez a ideia de vincular as comunidades diretamente à Coroa e de as apresentar à corte como um Estado Tampão na fronteira do Brasil português.

Por um acaso providencial, sucedeu que o governador do Paraguai, Saavedra, e o seu sucessor, Marin Negroni, participaram das opiniões do Visitador Régio.

Depois deles, os administradores coloniais mostraram-se geralmente hostis. Mais de uma vez agiram abertamente como os inimigos mais encarniçados da República Guarani. Apesar da garantia régia acordada no estatuto de autonomia dos guaranis, o rei e seus funcionários deixaram friamente que as suas localidades já florescentes fossem saqueadas e destruídas, mortos e raptados os seus habitantes aos milhares, durante longos anos, sem mesmo se esboçarem protestos.

A República Guarani teve de contar apenas consigo. Mostrou-se capaz de salvaguardar a sua liberdade, desde que pudesse defender-se com armas iguais.

Somente seis padres foram inicialmente afetados ao apostolado, segundo o novo sistema, entre os guaranis livres. Dois deles, os padres italianos Simon Maceta e José Cataldino, ficaram célebres na história da República Guarani por terem fundado N. S. do Loreto, a primeira redução, e concebido o plano geral da futura república cristã. “É justo conservar seus nomes entre os dos benfeitores dos homens.”¹⁹

Os padres Cataldino e Maceta, enviados a Assunção pelo Padre Torrez, só aceitaram sua missão “depois de o bispo e o governador lhes conferirem amplos poderes para reunirem todos os cristãos em povoados, para os governarem sem qualquer dependência das cidades e fortalezas vizinhas dos lugares onde se estabelecessem, para construir igrejas em todas as localidades e para se oporem, em nome do rei, a quem quisesse sujeitar os novos cristãos ao serviço pessoal dos espanhóis, sob qualquer que fosse o pretexto”.²⁰

Saindo de Assunção a 8 de dezembro de 1609, os dois padres viajaram em condições árduas por Vila Rica até Ciudad Real, a Antiga, onde só chegaram a 2 de fevereiro de 1610, esgotados e doentes. Assim que começaram a poder arrastar-se, tiveram de “confessar toda

19. Rohrbacher, *Histoire générale de L'Église*. Ver Biografia do Padre Maceta em Pastells, tomo I, pág. 225 e seguintes.

20. Charlevoix, *Histoire du Paraguay*, tomo I, p. 226.

a cidade”. Após o que se dispuseram a partir de novo, para se estabelecerem finalmente entre os guaranis. Propagou-se logo o boato de que os índios que eles convertessem seriam subtraídos ao engajamento, por privilégio do rei. Os sentimentos de estima e de confiança desapareceram subitamente. O Padre Maceta esforçou-se por fazer com que a população escutasse a voz da razão: “Não pretendemos — disse ele — opormo-nos ao lucro que vós possais fazer com os índios por vias legítimas, mas ficai sabendo que a intenção do rei jamais foi que os considerásseis como escravos e que a lei de Deus vo-lo proíbe. Quanto aos que estamos encarregados de conquistar para Jesus Cristo, e sobre os quais não tendes direito algum, pois que jamais foram submetidos pela força das armas, vamos trabalhar para deles fazermos homens e, em seguida, cristãos.

Depois, trataremos de os convencer, tendo em vista seus próprios interesses, a submeterem-se de sua plena vontade ao rei, nosso soberano. Não cremos que seja permitido atentar contra a sua liberdade, à qual eles têm um direito natural que nada autoriza a pôr em dúvida.”

Quando o cacique guarani se apresentou para conduzir os missionários, foi, no entanto, posto a ferros e atirado para uma masmorra. Ante a ameaça dos padres de apresentarem queixa diretamente ao rei, soltaram-no.

A viagem começou e terminou em barca, pelo Paranapané, no ponto onde se opera a confluência do Pirapé. Nos primeiros dias de julho de 1610, N. S. do Loreto foi fundada nestas paragens, à margem do rio Piraga e ao norte do Iguaçu, no Brasil atual.

O núcleo da redução foi fornecido por duzentas famílias baliçadas alguns anos antes pelos padres Ortega e Filds. A 10 de setembro, a vida social funcionava já normalmente, e a população aumentara sensivelmente.

Percorrendo ainda oitenta léguas, os padres descobriram vinte e três pequenas aldeias. Alguns habitantes já eram cristãos. A reputação do zelo jesuíta pela liberdade dos índios propagara-se entre estes. Os dois padres conseguiram persuadir a maioria dos habitantes sobre as vantagens que teriam em reunir-se em N. S. do Loreto para conservarem sua liberdade e serem mais rapidamente instruídos.

Assim, N. S. do Loreto em breve ficou superpovoada. Um cacique chamado Aticaya propôs que se formasse uma segunda redução,

a uma légua e meia de distância. Foi Santo Inácio-Mini, que abrigou desde os primeiros dias várias centenas de famílias. Pouco depois, duas outras reduções foram ainda criadas na mesma região. “Esse rápido progresso fez então com que os dois jesuítas formassem o projeto de uma república cristã que restaurou nessa barbárie os mais belos dias do cristianismo nascente.”²¹

Até esse ponto, já as dificuldades não tinham faltado.

Os padres Maceta e Cataldino, conhecendo mal a linguagem guarani, tinham no começo aceito as ofertas de serviço de um habitante de Ciudad Real, que a dominava perfeitamente. Foram ludibriados pelo intérprete, no decurso da jornada pelas vinte e três pequenas aldeias. No momento de sua partida, o espanhol conseguiu levar muitas mulheres e crianças que comprara sacrificando seus próprios vestuários, com exceção das calças. Os padres tiveram um enorme trabalho para convencer os índios de que nada tinham que ver com a trapaça.

Um cacique convertido desfizera-se de suas concubinas. Algum tempo depois retomou-as. “Estava tudo por fazer num povo tão vicioso como este. Seriam precisos milagres para triunfar, e Aquele que inspirara os desígnios dos missionários não os poupou.”²²

Certo dia em que o cacique estava sozinho em sua choupana, o fogo tomou-a tão rapidamente por todos os lados que ele não pôde extingui-lo nem salvar-se...

Os padres Maceta e Cataldino conseguiram, no primeiro ano, fazer vigorar os regulamentos “proporcionais à capacidade daqueles que tinham de conduzir. Foram ampliados e aperfeiçoados com a continuação, pouco a pouco, à medida que a fé lançava raízes cada vez mais profundas no coração dos neófitos e que o seu número aumentava com o das reduções”²³

Ao mesmo tempo, outro grupo estava em vias de formação no norte do Paraná, no Paraguai atual, a uma distância de cerca de quatrocentos quilômetros de N. S. do Loreto e das outras reduções do Guaíra. Ainda não existia qualquer ligação direta.

O iniciador das reduções do Paraná era o Padre Lorenzana, um velho missionário de extraordinária energia, que subira como explorador o rio Paraguai, em 1593.

21. Charlevoix, *ibid.*, p. 230.

22. Charlevoix, *ibid.*, tomo I, p. 231.

23. Charlevoix, *ibid.*, p. 233.

Lorenzana era reitor do colégio de Assunção quando aceitou, em 1609, apesar de sua avançada idade, devotar-se ao ministério entre os guaranis. Considerava-se preferível reservar as forças jovens para a instrução dos filhos dos espanhóis. Os mestres da Companhia não compreenderam logo a importância que as reduções estavam destinadas a adquirir. As cidades espanholas e o mundo colonial tinham sempre a prioridade. O Padre Montoya, o mais célebre superior das reduções, solicitou certo dia um único auxiliar e foi-lhe recusado.

O Padre Lorenzana saíra de Assunção oito dias depois dos dois padres italianos, a fim de atingir o território situado entre o Paraná e Assunção, em companhia de um jovem Irmão que não conhecia uma palavra de guarani. Após um ano inteiro de trabalho estéril, produziram-se algumas conversões. No final de 1610, o Padre Lorenzana pode anunciar duzentos catecúmenos. Em consequência de combates com uma tribo vizinha, os renascentes dessa pequena comunidade transportaram-se um ano mais tarde para o lugar onde se fundou Santo Inácio-Guazu, em 1611 ou 1612, entre os rios Paraná e Paraguai. Uma doença contagiosa dizimou-a e dispersou uma boa parte dos sobreviventes. Enfim, um oficial espanhol chegou a Santo Inácio para daí retirar o Padre Lorenzana, a quem não consideravam em segurança. O Padre, se bem que esgotado, não se deixou levar. Mas a seara em breve começou germinando, enfim.

A redução conheceu novos desenvolvimentos, e filiais foram fundadas sob a direção do Padre Gonzalez, mais tarde secundado pelo Padre Grifi. O Padre Lorenzana fora convocado de novo para a direção do colégio de Assunção.²⁴

24. Apesar da opinião contrária de alguns autores espanhóis, deve-se deixar aos padres Cataldino e Maceta seu título tradicional de fundadores da República Guarani. Hernandez diz que, embora partindo após os padres Maceta e Cataldino, o padre Lorenzana pode chegar antes deles ao destino, por causa da distância menor. É exato que o Padre Lorenzana se encontrava naquelas paragens a 23 de dezembro de 1609. Mas não esqueçamos o relato pormenorizado de suas obras; primeiro, quase um ano de pregações e peregrinações sem êxito; depois, a 15 de setembro de 1610, o próprio Padre Lorenzana escreveu ao Padre Torrez informando que se deslocara uma vez mais e que na véspera os índios tinham começado a abater árvores para construir uma capela. (Pastells, tomo I, pp. 163-172). Foi construída? No caso afirmativo, terá sido, em todo caso, prontamente abandonada. A comunidade nascente foi dizimada e dispersou-se. Só logrou reagrupar-se no ano seguinte, a uns cinquenta quilômetros, entre o Paraná e o Paraguai, onde novas provações tiveram de ser ainda superadas, antes de a fundação definitiva ocorrer finalmente, em 1611 ou 1612. N. S. do Loreto, fundada em julho de 1610, mantém-se, pois, como o berço da República Guarani, em conformidade com o relato que Charlevoix baseara em boas fontes, em particular, o Padre Du Toit.

Foi em 1612 que chegou da Espanha Antonio Ruiz de Montoya, o grande realizador do “Estado dos Jesuítas”, Superior Geral da República Guarani de 1620 a 1637. Montoya foi enviado em socorro dos padres Cataldino e Maceta, “que não podiam já bastar ao número prodigioso de guaranis que vinham colocar-se sob sua administração”.

Em Conquista Espiritual, obra impressa em Madri, em 1639, Montoya relatou as dificuldades e embaraços que teve de superar, antes de conhecer o êxito.

Do ponto de vista religioso, eis o estado em que ele encontrou as quatro primeiras reduções do Guairá: “Elas não estavam ainda muito povoadas de cristãos, porque os padres tinham observado que a maioria dos prosélitos só era atraída para aí pela esperança de não ser mais inquietada pelos espanhóis e pelos portugueses do Brasil, e de ficar em melhor situação para se defenderem de seus antigos inimigos.”²⁵

De fato, a maioria ainda era pagã. Mas os jesuítas depositavam confiança neles. Evitavam defrontar-se com os obstáculos morais individuais. Toleravam, forçosamente, muitos abusos.

Cada uma das reduções contava já mais de dois mil habitantes. Os missionários eram um fermento minúsculo perdido no meio dessa multidão. Visavam à transformação da massa como tal, mediante hábitos sociais novos, pelo ambiente; deixavam agir a influência dos quadros, da disciplina coletiva, o sentido de responsabilidades amplamente desenvolvido pelas múltiplas funções criadas, enfim, o sentimento apaziguador de uma segurança maior.

Antes de poder consagrar-se à organização propriamente dita da República Guarani, Montoya teve ainda de sustentar uma derradeira luta contra os seus compatriotas de Vila Rica e de Assunção.

Uma campanha de boatos e calúnias encontrou audiência até junto do Provincial dos Jesuítas, que pensou seriamente em chamar de volta todos os padres das reduções.

Em dois ou três anos, o Padre Montoya foi obrigado a deslocar-se duas vezes a Assunção, a fim de justificar a obra e justificar-se a si próprio. O Padre Cataldino teve de fazer uma vez a mesma viagem. Cada viagem era um longo, perigoso e extenuante empreendimento.

25. Charlevoix, tomo I, p. 284,

Montoya, doente e arrastando-se ao andamento de meia légua por dia através de regiões alagadas, viu ser-lhe recusada uma canoa pelos espanhóis no porto de Maracayu, no rio Paraguai.

Os habitantes de Vila Rica tinham seu plano, obrigando, assim, os padres a ausentarem-se. Esperavam que aquele que ficasse sozinho no lugar “cedo sucumbisse ao peso do trabalho, e seria então muito fácil tornarem-se os amos dos neófitos privados de seus pastores”.²⁶

Um eclesiástico não destituído de influência e de poder, vi-gário-geral e substituto do comissário do Santo Ofício, distinguiu-se particularmente nesses últimos esforços do mundo colonial para impedir a criação de comunidades indígenas livres. Tendo obrigado o Padre Montoya a partir para Assunção, conseguiu, na sua ausência, indispor os próprios guaranis contra os missionários. O Padre Maceta reuniu então na igreja o que lhe restava de fiéis. Soube comovê-los e declarou-lhes tranquilamente: “Podeis estar certos de que os autores dessa intriga morrerão dentro de dias.” Três caciques influentes que tinham desertado caíram doentes e, com efeito, morreram quatro dias depois, devidamente reconciliados com o padre e manifestando os melhores sentimentos... Quanto ao principal responsável, narra Charlevoix que, assim que regressou à Capital, foi mordido por uma víbora e morreu também!

A morte fulminante do comissário do Santo Ofício perturbou imenso os inimigos dos jesuítas, e a obra das reduções pôde ser prosseguida em paz por alguns tempos.

Mesmo livres dos embustes de seus compatriotas, os missionários não tinham uma tarefa fácil.

Assim que uma tribo aceitava renunciar à vida nômade e se descobria uma localização favorável, era preciso construir, semear, comprar gado. Os padres expunham-se pessoalmente e labutavam duro. Esses jesuítas de famílias aristocráticas e de elevada cultura transformavam-se em açougueiros, carpinteiros, cavadores de enxada, pedreiros, carregadores. Com índios indolentes, teria sido absolutamente inútil, de resto, que os padres se contentassem em dirigir os trabalhos.

Um grupo de neófitos observava certo dia o Padre Machoni, que se esgotava na execução de uma dada tarefa. No final, o padre

26. Charlevoix, tomo I, pág. 289.

apresentou sua ferramenta a um dos circunstantes, para incentivá-lo a meter ombros à tarefa. O índio respondeu-lhe friamente: “Coragem, meu padre, que fazes isso muito bem.” E continuou de braços cruzados.

Uma frase de Muratori deixa entender que tal preguiça, felizmente, estava longe de ser geral. “Antes do fim do ano, essa boa gente, agora doce e tratável, começava a recolher os frutos de seus esforços. A colheita foi abundante. O sucesso tornou-os ainda mais ardentes no trabalho.”

No tocante às construções, além da capela provisória, os jesuítas esforçaram-se, desde os primeiros anos, por criar algo melhor do que meros abrigos, mas habitações familiares que tivessem “certo ar de asseio e de simetria”.

A instrução religiosa metódica não tinha início, verdadeiramente, senão depois de estar a aldeia instalada e a vida social organizada. “Nós vamos trabalhar para fazer homens e depois cristãos”, dissera o Padre Maceta aos habitantes de Vila Rica.

Assim que o estabelecimento ficava suficientemente assegurado, um missionário internava-se na selva, “acompanhado de um grupo dos mais antigos e fervorosos neófitos”, para descobrir novos recrutas e levá-los para a redução. Era necessário abrir caminho através do mato, sempre de facão em punho. Por vezes, os neófitos desencorajavam-se e abandonavam o padre.

Os índios selvagens nem sempre faziam fé nas promessas de liberdade dos missionários e guaranis convertidos. Para fundar uma única redução, a dos Santos Arcanjos, o Padre Montoya teve de percorrer três vezes o trajeto de uma só expedição. Sete de seus bravos companheiros guaranis foram massacrados. Ele próprio só se salvou graças ao seu sangue frio e audácia.

Apesar de todos os perigos, os padres não solicitaram nem aceitaram jamais a ajuda de um só soldado espanhol. A tal respeito, pode-se acreditar no depoimento categórico do Padre Montoya. As acusações contrárias que lhe foram lançadas por Azara ficaram por provar.

De resto, nem todas as expedições eram igualmente árduas e perigosas. Muitas vezes o sucesso era rápido e maciço. A eloquência dos padres sabia descrever as vantagens e atrativos da vida nas reduções. Os neófitos apoiavam o discurso do missionário à sua maneira.

Se o cacique era convencido, toda a tribo o seguia. As oferendas, os engodos, agulhas, anzóis, facas, também desempenhavam seu papel. O índio que recebesse um facão sentia-se, ao que parece, vinculado ao padre por um elo dos mais sagrados.

Após alguns anos de existência, o exemplo das reduções pacíficas e livres exerceu um atrativo cada vez mais forte sobre as populações errantes, perseguidas, sempre ameaçadas de escravidão espanhola. Os caciques convertidos partiam em embaixada oficial junto de seus antigos camaradas, e centenas de famílias aderiam em bloco à nova organização. Tribos pagãs solicitaram mais de uma vez aos missionários que as introduzissem na vida da redução. Nesse caso, uma comunidade emigrava para dar um sólido núcleo a uma nova fundação. Esta beneficiava-se das reservas alimentares e da mão de obra mais qualificada da redução-mãe.

O Padre Sepp, jesuíta alemão, relata como dirigiu a transferência de três mil habitantes de S. Miguel, superpovoada, para S. João, em vias de criação.

Partira primeiro com os homens, as ferramentas e instrumentos agrícolas, e os bois de trabalho. “Há quase um ano que estávamos ocupados em formar a nova povoação. A igreja e as casas já estavam edificadas, e a colheita superara nossas esperanças. Achei que era o momento de transferir as mulheres e crianças que eu retivera até então em S. Miguel. Era um espetáculo comovedor, ver essa multidão de índias marchando pelos campos, carregando seus filhos aos ombros e os outros utensílios domésticos, que levavam nas mãos.”

E o relato prossegue: “Assim que chegaram, foram alojadas nas casas que lhes eram destinadas, onde cedo esqueceram suas antigas habitações e as fadigas que tinham experimentado para se mudarem para esta nova terra.”

“Já não se tratava de dar uma forma de governo a essa colônia nascente. Fez-se, portanto, a escolha daqueles que tinham mais autoridade e experiência para administrar a justiça. Outros foram encarregados da milícia, para defender a região das incursões que os povos do Brasil fazem de tempos em tempos. O resto do povo ocupou-se nas artes mecânicas.”²⁷

Antes da migração, todos os bens móveis e imóveis da comunidade tinham sido recenseados, avaliados e repartidos equitativa-

27. *Lettres Édifiantes*, tomo V, p. 489.

mente. Não podendo os que partiam levar sua parte dos imóveis, a redução-mãe procedeu à quitação de sua dívida em relação àqueles, quer pelo trabalho, quer pelo fornecimento de materiais e mantimentos. Cardiel cita o caso de uma redução que não liquidara a sua dívida em relação à sua filial vinte anos após²⁸.

A contabilidade e a regularização de dívidas não impediam, caso fosse necessário, que se exercesse a entreajuda gratuita, num espírito fraternal entre as reduções, numa base extremamente generosa.

Em 1623, quando o Padre Mastrilli, tio do célebre taumaturgo do mesmo nome, martirizado no Japão, tomou a direção dos padres do Paraguai, o Padre Cataldino era ainda o chefe das missões do Guaíra, e o Padre Gonzalez das do Paraná, ao passo que o Padre Montoya assumia cada vez mais as responsabilidades, tratando da comunidade em face das autoridades espanholas.

Os padres continuavam mostrando-se “muito atentos a impedir que se desrespeitasse o privilégio de isenção do ‘engajamento’, cuja necessidade era cada vez mais reconhecida”²⁹.

A época de alerta ainda não terminara.

No Guaíra, contavam-se nessa data treze reduções. Nos anos seguintes, o sucesso redobrou. S. Francisco Xavier foi fundada no mesmo ano de 1623, Encarnación em 1624, S. José em 1625, S. Pablo em 1627, com oitocentas famílias e mais de quatro mil almas desde o princípio; Arcangeles no mesmo ano,³⁰ S. Miguel, Santo Antônio e S. Tomé em 1628, esta última com oitocentas famílias também; S. Pedro em 1629, Jesus-Maria em 1630 e, finalmente, no mesmo ano, Santa Maria Maior, sobre o Iguaçu, afluente do Alto Paraná.

Calcula-se que as reduções do Guaíra contavam, nessa altura, entre setenta mil a cem mil almas.

A sudoeste dessas missões, na Serra do Tape, dez a doze reduções estavam também formadas ou em vias de formação desde 1620.

28. *Breve Relación de las Misiones del Paraguay*, cap. VII, § 68.

29. Charlevoix, tomo I, p. 324.

30. Um edito régio de 27 de julho de 1627 indica quatorze reduções e trinta mil índios no Guaíra (Pastells, tomo I, nota 396). Os jesuítas só declaravam as novas fundações no momento em que elas estavam consolidadas e em estado de pagar imposto.

No vale do Paraná, o Padre Gonzalez desenvolvera uma atividade extraordinária, estendendo suas fundações desde Entre-Rios, na direção sul, até às margens do Uruguai e mais além, na região que iria tornar-se a mais próspera da República Guarani. Fundara Santana e Itapuã, em 1615, Concepción, em 1620, S. Nicolau em 1625.

O bispo de Buenos Aires delegara seus poderes para a região do Uruguai ao Padre Rodriguez, companheiro do Padre Gonzalez. O governador de Buenos Aires, que fracassara em suas tentativas para subir o Uruguai até às suas nascentes, encorajava também os missionários e oferecera-lhes até tudo que fosse necessário para a ornamentação das igrejas de Concepción e de S. Nicolau. Um abastado português fizera donativos consideráveis para se concluírem os belos edifícios públicos começados igualmente em Concepción e S. Nicolau.

O Padre Gonzalez aceitara essas ofertas com candura. Pouco se surpreendera quando oficiais espanhóis se apresentaram, enviados pelo governador, para dirigir as reduções como corregedores.

Os caciques e seus índios, que tinham guardado as promessas do padre, não o entenderam assim. Organizaram uma campanha de resistência passiva e de deserções com tal eficácia que os corregedores foram retirados.

Depois desses acontecimentos, duas novas reduções foram fundadas: S. Francisco Xavier ou San Javier, em 1625, e Yapeyu (Los Reyes), futura capital da República Guarani. Essas duas reduções prosperaram rapidamente. Candelária, criada ao mesmo tempo, foi destruída por tribos pagãs pouco depois de sua fundação. Outra redução do mesmo nome foi criada na Serra de Tapé, em 1627, com mais de três mil almas.³¹

“O zelo das almas já se apoderara dos novos cristãos de um modo quase inacreditável e que se levava em conta de prodígio. Eles expunham-se com a maior alegria aos maiores perigos para conseguir a conversão dos infieis. Via-se frequentemente saírem em grupos de suas povoações para ir, diziam

31. Um ato oficial do Governador Céspedes, de 27 de março de 1627, menciona as reduções aqui citadas. (Pastells, tomo I, doc. 390). Sobre a situação, data de fundação, nomes dos fundadores, translações das primeiras reduções, comparar Pastells, tomo II, págs. 307-308, segundo Félix de Azara. As datas de Azara não concordam inteiramente com as indicadas pelos jesuítas.

eles, à conquista das almas, penetrar nos recantos mais distantes, e regressar com uma multidão de índios que solicitavam a graça de serem recebidos entre os adoradores do verdadeiro Deus. Mas os pastores escasseavam em muitos locais, e os antigos obreiros estavam quase fora de combate. Os padres Gonzalez e Romero encontravam-se sozinhos no meio de um mundo de idólatras que os chamavam de todas as partes, não podendo responder a seus convites sem abandonarem o que já tinham reunido e cuja instrução, só por si, já lhes exigia o tempo todo.”³²

No momento em que o Padre Gonzalez ia ser ajudado pela chegada de novos missionários, foi morto (1628) com dois golpes de macaná — um porrete índio — ao mesmo tempo que o Padre Rodriguez, por ordem de Niezu, cacique apóstata que ficara muito mal impressionado pela tentativa de intrusão do governador. Os padres Gonzalez e Rodriguez foram beatificados pelo Papa Pio XI em 1934.

O Padre Trujillo, que sucedeu em 1629 ao Padre Mastrilli como Provincial do Paraguai, encontrou um bom número de novas reduções “ainda nascentes e algumas apenas esboçadas”. Os vícios mais grosseiros estavam quase abolidos. Mas alguns desvios graves ainda se produziam de tempos em tempos, mantendo os padres “em permanente alarma”. Contudo, todas as reduções, sem exceção, ofereciam já “exemplos muito frequentes das mais heroicas virtudes”.³³

O bispo de Assunção, Dom Cristóbal de Aresti, beneditino, visitou as reduções do Paraná em 1631. “Foi recebido pelos neófitos com transportes de júbilo que em nada o surpreenderam. Todavia, por mais prevenido que estivesse em favor deles, confessou que o que via com seus próprios olhos estava infinitamente acima do que esperara encontrar.”³⁴

O Padre Trujillo, Provincial, visitou também, em 1632, doze reduções ao longo do Uruguai e fez observações semelhantes às do bispo de Assunção a respeito do Paraná.³⁵

O estado da agricultura, dos ofícios e das artes manuais testemunhavam o progresso social e econômico ainda mais notável em

32. Charlevoix, tomo I, p. 351.

33. Charlevoix, tomo I, p. 369.

34. Charlevoix, tomo I, p. 392.

35. Carta de 2 de julho de 1632, Pastells, tomo I, p. 474.

certo sentido, que o progresso religioso. O mesmo ocorria na serra de Tapé e no Paraná. Por toda parte o desenvolvimento das reduções manifestava uma força e uma vitalidade que surpreendiam os próprios jesuítas e que inquietavam os coloniais.

O governador de Buenos Aires, que acreditava dever vigiar Yapeyu, a redução mais próxima sobre o Uruguai, decidiu mesmo construir uma cidade espanhola na sua direção “para manter em respeito os novos cristãos, que se multiplicavam demais!” A pedido dos jesuítas, a Audiência Régia pronunciou-se contra o projeto.

A colheita fora abundante sem que os semeadores fossem numerosos. Ela exigia agora mais segadores. Em 1628, pela primeira vez, um importante reforço chegara. A 30 de abril, 42 jesuítas desembarcavam em Buenos Aires, onde foram recebidos por uma delegação de vinte guaranis vindos de Santo Inácio-Guaçu.³⁶

A importância e o significado das missões guaranis livres viam-se finalmente reconhecidos. Tinham-se imposto por si mesmas.

A junção estava praticamente realizada entre as reduções de Guaíra e de Tape, de uma parte, e as do Paraná, de Entre-Rios e do Uruguai, de outra parte. Basta examinar no mapa a situação e a extensão do território ocupado para nos sentirmos empolgados pela amplitude da obra criada em menos de trinta anos por alguns missionários isolados.

Nas quatro regiões, as mesmas diretrizes tinham sido aplicadas uniformemente. A economia, as instituições políticas e sociais, a vida religiosa, tinham sido dirigidas de modo a formar um todo homogêneo. A organização, que será descrita mais adiante, deveria aperfeiçoar-se até ao fim, sempre na mesma linha traçada no começo. Por volta de 1630, adquirira, no essencial, a sua forma definitiva.

Antes do grande impulso, porém, uma provação suprema abateu-se sobre a República Guaraní recém-nascida.

36. Respeitamos a ortografia usada pelo autor para os nomes guaranis, aportuguesando-a em alguns casos.

III

Devastações dos Paulistas — Grandes Migrações

Os espanhóis instalados na vizinhança dos guaranis do Paraná, sobretudo os de Vila Rica e Ciudad Real, não perdiam ocasião alguma de arrebataram todos os índios das reduções que eles pudessem surpreender isolados nos campos. As diligências tentadas para libertar os cativos eram geralmente inúteis.

Os padres Cataldino e Maceta, que não tinham ilusões, haviam logo de início avançado para muito longe, rumo a leste, a fim de estabeleceram suas fundações, além do Iguaçu, do Paraná e do Pirapé, fora do alcance dos colonos espanhóis. Mas não tardaram a perceber que, afastando-se de um inimigo, “tinham se aproximado de outro, que ainda não era conhecido e cuja vizinhança em breve se revelou funesta para todas essas novas igrejas. Eram os habitantes de São Paulo de Piratininga, pequena cidade da província do Brasil”.³⁷

Os paulistas, conhecidos também pelo nome de “mamelucos”, tinham levado a cabo pequenas expedições contra os guaranis, desde 1618. Em 1628 e nos anos seguintes, chegaram com autênticos exércitos.

Caíram primeiro de surpresa sobre a redução de Encarnación, que devastaram. Os trabalhadores dispersos pelos campos foram postos a ferros e levados; os recalcitrantes, massacrados. As crianças e os velhos, muito fracos para seguirem a coluna em marchas forçadas, foram igualmente massacrados pelo caminho³⁸.

37. Charlevoix, tomo I, p. 307.

38. Relatórios do Padre Duran, provincial, e do Padre Crespo, procurador, e edito real de 12 de setembro de 1628, Pastells, nota 418.

Em 1629, o Padre Trujillo, Provincial, visitou toda uma série de reduções saqueadas pelos portugueses de São Paulo. Um relato pormenorizado de sua visita, endereçada imediatamente ao Geral da Companhia de Jesus, constitui um testemunho irrefutável contra o cinismo e a crueldade do mundo colonial.³⁹

Em 1630, três novas reduções, Santo Antônio, S. Miguel e Jesus-Maria, viram-se devastadas; Encarnación foi completamente destruída, depois S. Pablo e S. Francisco Xavier, fundadas recentemente e contando já mil e duzentas famílias cristãs.⁴⁰

No total, quinze mil guaranis tinham sido postos a ferros e arrebatados das reduções.

Foi decidido que os padres Maceta e Mansilla se deslocariam para o Brasil a fim de solicitar justiça ao Capitão-Geral.

Partindo no mesmo dia, os dois padres conseguiram juntar-se a uma importante coluna de seus protegidos: “À vista de seus queridos neófitos, a quem conduziam como uma coluna de galerianos, o Padre Maceta não pôde mais conter sua ternura e seu zelo; correu para abraçá-los, sem que pudesse ser detido nem pelos mosquetes apontados contra ele, nem pelos muros que lhe desferiam de cada vez que se acercava dos cativos. Enfim, erguendo a voz, suplicou ao comandante que lhe entregasse seus filhos, que ele engendrara em Jesus Cristo, ou que lhe pusessem grilhões como a eles. Trataram-no de louco e continuaram a repeli-lo, quando o viam aproximar-se demais. Entretanto, um oficial consentiu em entregar-lhe alguns dos que lhe tinham tocado em partilha, mediante um resgate que o padre prometeu pagar. Animado por esse início de êxito, voltou-se para outro lado e, colocando ao pescoço uma cadeia que era aí instada por um grupo de neófitos, declarou que não a abandonaria enquanto não fosse concedida liberdade a todos... Tantas increpações capazes de demover os corações mais duros tinham de abrandar o do capitão a quem esses cativos pertenciam; mas, no começo, nada conseguiram senão irritá-lo ainda mais, e o missionário viu-se novamente com a pistola encostada no pescoço, para obrigá-lo a afastar-se. Por fim, sua persistência triunfou da dureza do capitão, que lhe entregou Guiravera, um cacique célebre, sua mulher e seis outros prisioneiros, que o padre enviou prontamente para Encarnación, com uma escolta. Foi depois juntar-se ao Padre Mansilla, e os dois, acompanhados apenas de três índios,

39. Pastells, tomo I, pp.. 442-450.

40. Pastells, tomo I, p.. 459.

continuaram seguindo os prisioneiros a certa distância, vivendo apenas de frutas silvestres que encontravam no mato e só parando para recolher alguns neófitos que seus condutores abandonavam quando já não podiam mais arrastar-se: eram mulheres doentes, a quem seus maridos não tinham permissão de ajudar, e os velhos que reclamavam em vão o apoio de seus filhos e os direitos da natureza. Todos estavam mais mortos que vivos e ficavam assim expostos a serem devorados pelos tigres, e talvez muitos o tenham sido em virtude de se arrastarem até as florestas, a fim de encontrarem algo de que viver. Os missionários batizaram aqueles que ainda eram catecúmenos, confessaram os cristãos, consolaram-nos, fazendo-lhes entrever os bens celestes e afirmando-lhes que sua paciência iria ser recompensada. Chegaram por fim a São Paulo de Piratininga, onde os jesuítas ainda tinham seu colégio.”⁴¹

Vendo que as autoridades dessa cidade mostravam-se abertamente cúmplices do crime, os padres logo partiram para o Rio de Janeiro, onde o governador e capitão-geral do Brasil “achou sua petição muito justa” e deu ordens “para que lhes fosse feita total e imediata justiça”. Mas como não falava em dar-lhes meios efetivos para que se fizessem obedecer, “os missionários compreenderam que tudo aquilo não passava de mero formalismo”.

Aliás, os quinze mil cativos já tinham sido, nesse momento, vendidos nos diferentes portos do Brasil, assim como seus rebanhos, igualmente roubados. Seria muito difícil recuperá-los de seus “legítimos e honestos proprietários”, que os tinham pago. “Muitas pessoas do lugar” tinham-nos comprado, e pareceu perigoso ao governador “descontentar famílias poderosas, obrigando-as a dar liberdade aos seus escravos”.⁴²

No Rio de Janeiro, nada menos de doze neófitos foram, não obstante, postos novamente em liberdade!

Retornando a São Paulo, os padres foram lançados “numa espécie de prisão”, depois soltos a pedido de seu confrade, o reitor do colégio da cidade.

As devastações foram ainda mais terríveis nas reduções da Serra de Tape, fundadas a partir de 1620.

41. Charlevoix, tomo I, p. 377-378.

42. Charlevoix, tomo I, p. 379.

Os primeiros ataques de envergadura não se efetuaram aí senão depois de 1635. Das três reduções assaltadas inicialmente de surpresa, somente alguns grupos de fugitivos conseguiram salvar-se. S. Carlos e Apóstolos, devastadas pouco depois, tiveram de ser completamente abandonadas, assim como toda a região entre o Uruguai e o Piratini.

Prosseguindo em seu avanço, os paulistas encontraram finalmente um pequeno exército guarani reunido às pressas e que, sem armas de fogo, conseguiu barrar-lhes o caminho e rechaçá-los. Contudo, os ataques continuaram noutros pontos.

Em 1637, de doze reduções não restavam senão três inteiramente intactas: S. Joaquim, Santa Teresa e Santana. Quando os padres souberam que os habitantes de Santa Teresa também tinham sido arrebanhados, por sua vez, foi decidido que os remanescentes das reduções de Tape emigrariam para o Uruguai, mais ao sul. Só foram deixados nos lugares alguns postos armados, a fim de protegerem as estâncias e as turmas de trabalhadores.

As próprias autoridades coloniais é que tinham achado conveniente “chamar a atenção dos mamelucos para as reduções índias e encomendá-las com objetivos de suas expedições distantes”⁴³.

O mundo colonial de maneira alguma aceitava e não podia aceitar a existência dessas comunidades indígenas livres. Surpreendido pelo seu inesperado desenvolvimento, interviu com os meios à sua disposição. Os mamelucos eram tropas que nada custavam ao erário, visto que agiam por conta própria. Ofereciam, além disso, a vantagem de não comprometerem abertamente os espanhóis, cujo poder real estava empenhado por tantas e tão nobres promessas. Nessa época, Portugal estava, com efeito, submetido ao rei de Espanha, que ostentava ambas as coroas.

Para os portugueses, as expedições dos paulistas eram também um modo indireto de desgastar o domínio colonial espanhol, evitando-se uma declaração de guerra impossível enquanto, na metrópole, as duas coroas estivessem reunidas na mesma cabeça espanhola.

Quanto às autoridades espanholas de Buenos Aires e Assunção, sua responsabilidade teria sido suficientemente grave se se tivessem contentado em recusar, sob diversos pretextos, os socorros pedidos. Em mais de um caso, os governadores espanhóis favoreceram positivamente os paulistas.

43. Ver Pastells, tomo I, nota 480, e pp. 457-458, Depoimento do Provincial, certificado sob juramento por vários jesuítas.

Uma só vez, em 1639, um governador espanhol, Dom Pedro de Lugo, de visita às reduções, com uma boa escolta, ajudou a reunir quatro mil índios para fazer frente a uma expedição dos paulistas. Estes foram batidos em Caarupá-Guaçu. Quase todos os sobreviventes foram aprisionados e conduzidos a Assunção, onde se esperava vê-los punidos. Mas “o governador contentou-se em recriminá-los e ameaçá-los com a cólera celeste se continuassem em suas hostilidades; depois, providenciou para que fossem conduzidos a Buenos Aires, cujo governador, acedendo à solicitação de alguns particulares, permitiu que regressassem a suas casas”⁴⁴.

A cumplicidade dos governadores é denunciada por vários relatórios dos Superiores da Companhia de Jesus.

Em 1630, por exemplo, o governador do Paraguai, Luís de Cespedes, chegando de Espanha via Brasil, encontrara-se em São Paulo de Piratininga justamente na ocasião em que novecentos paulistas e dois mil tupis se dispunham a entrar em Guaíra para uma razia. O governador não se impressionou com isso e prosseguiu seu caminho. Passou por N. S. do Loreto, onde se hospedou. O Padre Montoya fez com que lhe fossem rendidas grandes honras, às quais o nobre visitante apenas respondeu “com palavras muito severas, que o missionário escutou com grande humildade e sem replicar. Dom Luís não pôde, entretanto, deixar de admirar a ordem que reinava nesse povoado. Mas como chegasse ao conhecimento dos habitantes, enquanto ele aí permanecia — e não por ele — que os mamelucos estavam em marcha, o Padre Montoya suplicou a Dom Luís que lhe providenciasse socorros, e este respondeu que não poderia dar-lhe nenhum, pois não tinha dúvidas de que o inimigo não ia apresentar-se naquelas paragens”⁴⁵.

Oficialmente, o conselho real das índias censurou a recusa do governador, como convinha. Isso não impediu o governador de manter sua atitude. Alguns meses depois, como os habitantes de Vila Rica se avertissem do infortúnio das reduções para se apropriarem dos fugitivos que tinham tido a boa sorte de escapar aos paulistas, o Padre Diaz Tano foi enviado a Cespedes, em Assunção. “Luís de Cespedes a muito custo quis escutar o missionário. Disse-lhe mesmo que lhe comunicavam de Vila Rica que os jesuítas faziam barulho demais

44. Charlevoix, tomo I, p. 451.

45. Charlevoix, tomo I, p. 373. O relatório do Padre Provincial Trujillo estabeleceu que o Governador Cespedes favorecia diretamente os crimes dos mamelucos (Pastells, tomo I, pp. 456-462). O Vice-Rei das índias viu-se obrigado, contra a própria vontade, a relatar no mesmo sentido que o Provincial Trujillo (Pastells, tomo I, nota 500).

por pouca coisa, acrescentando que eles estavam-se tornando odiosos por toda parte. O padre retirou-se incontinenti sem dar resposta. Mas no mesmo dia, ou no seguinte, fez apresentar ao governador um requerimento solicitando-lhe, em nome do Rei Católico, que fornecesse apoio armado aos cristãos do Guaíra. Dom Luís de Cespedes não lhe respondeu, e o Padre Diaz Tano partiu para ir informar do sucedido o seu Provincial.”⁴⁶

Para honra dos habitantes de Vila Rica, deve-se mencionar que muitos espanhóis dessa cidade acorreram uma vez em socorro de S. Francisco Xavier. Tendo, infelizmente, chegado muito tarde, encontraram a redução inteiramente destruída e o inimigo entrincheirado em suas ruínas. “Atacaram inicialmente com muita decisão as barricadas; mas tendo sido morto um deles, e outro ferido, fizeram soar a retirada.”

Aconteceu, pois, por uma consequência lógica, que após a ruína das reduções que as protegiam, Vila Rica e Ciudad Real encontraram-se, por seu turno, diretamente expostas às incursões dos mamelucos. As duas “cidades” foram, por sua vez, desunidas de uma ponta a outra, “sem respeito algum pelo bispo de Assunção que para ali acorrera”. Ontiveros e Espírito Santo foram igualmente destruídas. “Em 1640, não resta aos espanhóis nem um só dos estabelecimentos naquela vasta extensão territorial descoberta e conquistada por seus pais, que tinha formado a província do Guaíra e a de Llanos de Xerez.”⁴⁷

Quem eram, afinal, os mamelucos? Seu comportamento deixaria supor que se tratava de uma tribo indomável de índios, de que os portugueses e espanhóis suportavam a vizinhança, utilizando ocasionalmente seus bons serviços.

Autores bem-pensantes afirmam que os mamelucos eram, efetivamente, uma horda guerreira indígena.⁴⁸

Mas, de fato, os paulistas ou mamelucos eram portugueses. Sua principal cidade, São Paulo de Piratininga ou Piraítinga, recebera seu nome de um jesuíta, o Padre Manuel da Nóbrega, primeiro Provincial da Companhia de Jesus, que aí chegara com o Padre Anchieta na véspera da festa de São Paulo, em 1554. Os dois padres tinham fundado em São Paulo um colégio que continuava, na época das grandes

46. Charlevoix, tomo I, p. 391.

47. Moussy, tomo II, p. 172, e tomo III, p. 722.

48. Crétineau-Joly, *Histoire de la Compagnie de Jésus*, tomo III.

razias, a instruir plácida e piedosamente, segundo as regras, os filhos dos nobres capitães, chefes das expedições escravistas contra os cristãos guaranis.

Charlevoix desculpa a inércia das autoridades em relação aos paulistas afirmando que a cidade de São Paulo fora edificada “sobre um morro” e, por consequência, era dificilmente acessível às investidas de um exército. Charlevoix elucida-nos, aliás, que vastas regiões foram “despovoadas de dois milhões de homens” pelos paulistas. Aí encontramos, se nos recordarmos da sorte reservada aos guaranis vendidos nos portos do Brasil, a verdadeira explicação para a tolerância concedida aos mamelucos. Estes eram os fornecedores oficiosos do mercado de escravos índios no Brasil.

Não obstante, cidadãos de grande honorabilidade e incuravelmente devotados aos ritos de uma religião que eles faziam maldizer, os paulistas jamais tiveram a intenção de romper com a ordem estabelecida. Sempre se afirmaram “cristãos”, mas “cristãos que calcaram uma vez aos pés todas as leis divinas e humanas têm o coração mais duro que os infiéis e os bárbaros”.⁴⁹

O Capitão Tavares, chefe de uma companhia de mamelucos, respondeu ao Padre Mendonça, que lhe perguntava em nome de que direito os portugueses exterminavam e reduziam a escravos os seus fiéis:

— É Deus quem nos dá a ordem, no livro de Moisés: combatei as nações pagãs!⁵⁰

Quando a redução de Santa Teresa foi destruída, em 1637, os padres Salas e Jimenez quiseram comprar os habitantes capturados, que já estavam sob grilhões, mas pediram-lhes mais dinheiro do que eles podiam dar. “Isso ocorreu alguns dias antes do Natal. No dia da festa, os mamelucos apresentaram-se na igreja, tendo todos um círio na mão, para ouvir as três missas do Padre Jimenez. Ao sair do altar, o missionário subiu ao púlpito e censurou-os veementemente por suas injustiças e crueldade. Escutaram-no tão tranquilamente como se tudo o que o pregador dizia não fosse a respeito deles, e quando ele terminou, concordaram em libertar os dois meninos que o tinham ajudado

49. Charlevoix, tomo I, p. 374.

50. Pastells, tomo I, p. 458. [O autor alude ao famoso chefe bandeirante Antônio Raposo Tavares. N. do T.].

à missa no altar. Enfim, os dois padres, nada mais conseguindo obter, enterraram tudo o que puderam dos vasos sagrados e dos paramentos litúrgicos, e retiraram-se para o Uruguai.”⁵¹ Cena incrível e típica!

Que os mamelucos fossem verdadeiros portugueses de grande honorabilidade é um fato de que existe prova suplementar na longa lista estabelecida pelos padres Maceta e Mansilla e transmitida a Madri pelo Padre Procurador-Geral das índias, após a destruição de Santo Antonio, S. Miguel e Jesus-Maria. Os nomes dos mais nobres aí convivem com os nomes plebeus.

A lista dormiu nos cartórios de Madri, e os criminosos denunciados jamais foram inquietados.

Uma ordenação real de 16 de setembro de 1639 decreta a confiscação de bens e a pena de morte contra aqueles que, no Brasil, submetam ou conservem em escravidão os índios das reduções. O efeito foi exatamente nulo.

No caso dos paulistas, a perversão monstruosa de uma época aparece-nos em plena claridade. Os mamelucos praticavam de maneira cínica o sistema de que todo o mundo vivia na América e, mais ou menos, na própria Europa. Os mamelucos eram, verdadeiramente, os tipos representativos do sistema colonial, um pouco semelhantes aos armamentistas e outros tubarões da alta finança e dos trustes no sistema capitalista. Os pequenos cúmplices e comparsas, todos os pequenos aproveitadores preferem manter-se inconscientes da solidariedade que os liga aos exploradores e suas malfetorias, tal como, no tempo da escravatura dos índios, preferia-se ignorar os métodos de aquisição empregados pelos mamelucos.

Pormenor notável, que não interrompe a comparação, os mamelucos conservavam certo respeito pelo sacerdócio. Foi assim que o Padre Montoya, apresentando-se após a primeira razia no campo dos saqueadores, pôde desagrilhoar e levar consigo os prisioneiros, sob as vistas dos bandidos, interditos pela coragem do missionário e não ousando por-lhe a mão em cima, por causa do seu hábito, embora o tivessem acolhido primeiro com uma descarga de flechas e fuzis, que matou um dos neófitos que o acompanhava.

Tal fraqueza supersticiosa era, na verdade, excepcional.

51. Charlevoix, tomo I, p. 437. Sobre as devastações dos mamelucos, além de Charlevoix, cf. a Información do Padre Trujillo, Provincial da Companhia, ao rei de Espanha; e Montoya, Conquista, § 35, 36 e seguintes, § 76, 77 e seguintes.

Os padres foram muitas vezes injuriados e maltratados. O Padre Maceta viu-se grosseiramente alvo de irrisão, e sua igreja foi profanada.⁵² Mais de uma vez os mamelucos sitiaram a igreja durante a grande missa de domingo. O cacique Curita foi morto à queima-roupa, com um tiro de fuzil, por ter testemunhado ao oficial Emmanuel Morato “como se sentia escandalizado pela maneira como os ‘cristãos’ tratavam um sacerdote”. Quando se dizia aos mamelucos que “depois de tantas crueldades e profanações, não havia salvação a esperar para eles”, respondiam que bastava ser batizado para entrar no Céu.

Olhados espontaneamente como cristãos pelos índios, os paulistas conseguiram, nessa qualidade, fazer divulgar entre os guaranis o boato de que os jesuítas só tinham tido por intuito reuni-los nas reduções para mais facilmente os entregarem, e que eles próprios (os jesuítas) haviam solicitado as expedições. Em certas reduções, enlouquecidas pela desgraça, “todos os cristãos acreditaram nisso, de sorte que os religiosos já não estavam em segurança em parte alguma”.⁵³

Registraram-se algumas desordens, casos de indisciplina e muitas deserções para as florestas. Para aumentar a desconfiança, funcionários paulistas apresentavam-se também, frequentemente, disfarçados em hábitos jesuítas! Os padres jamais eram postos sob grillhões, visto que, como europeus, nada valiam para venda. Mas essa diferença de tratamento ainda mais aumentava o mal-estar.

Apesar de tudo, o conjunto do povo guarani não se deixou ludibriar. Um cacique, antigo perseguidor recentemente convertido, Guiravera, distinguiu-se particularmente ao serviço dos padres, indo de redução em redução desmascarar os impostores e tranquilizar as populações.

Os jesuítas tinham obtido do Papa Urbano VIII um Breve de excomunhão contra os escravocratas do Brasil. Os mamelucos que, anteriormente, haviam-se declarado prontos a “desbatizarem-se” para não renunciarem à sua atividade, não puderam resignar-se nem submeter-se a uma pena tão terrível para suas boas almas. Já no Rio de Janeiro, onde chegara primeiro, o Breve Papal produzira tumultos. Foram arrombadas as portas do Colégio dos Jesuítas e de sua igreja. Para apaziguar a população, fora-lhe prometido interceder com um apelo junto do Papa.

52. Pastells, tomo I, p. 458.

53. Charlevoix, tomo I, p. 438.

Em São Paulo de Piratininga, covil dos mamelucos, a leitura do Breve ainda não terminara quando um particular se levantou para anunciar com ironia que “ia apelar para o fiscal do rei”! O Vigário -Geral, Rodrigues, excomungou-o no mesmo instante. E o tumulto começou. Lançado por terra, a ponta de uma espada na garganta, o Vigário-Geral revelou-se inflexível. “E sua firmeza desconcertou-os.” Redigiram então um apelo, que o Vigário-Geral recusou-se a assinar. A multidão transportou-se então até a Casa dos Padres. O Superior apresentou-se diante dela erguendo nas mãos o Santo Cibório. Alguns prosternaram-se. Os outros “conservaram-se de pé e disseram que adoravam no mais fundo de suas almas o Santo Sacramento do altar, mas que não suportavam serem-lhes arrebatados os seus escravos, que eram todos os seus bens”. Enfim, retornaram ao Vigário-Geral para pedir a absolvição para as censuras em que tinham incorrido. O sacerdote recusou. “Dirigiram-se, para obtê-la, a um qualquer religioso que, julgando os fatos pela exposição dos peticionários, respondeu-lhes que não tinham precisão dela.” Depois disso, os jesuítas, cada vez mais odiados, acabaram sendo expulsos da cidade dos mamelucos.

Um edito do rei de Espanha não teve mais efeito do que o Breve papal. O edito régio exigia inocentemente que todos os neófitos reduzidos à escravidão fossem repostos em liberdade. Foi a palavra final. Não restava aos jesuítas senão deixar perecer seus últimos guaranis, ou aplicar novos meios de salvação.

Nos Tapes, os neófitos tinham-se batido frequentemente com bravura e não sem alcançarem êxitos assinalados. Mas as flechas e macanás eram de pouca eficácia contra as armas de fogo dos paulistas. As crueldades eram tanto mais atrozes quanto a resistência tivesse sido mais enérgica. Em Jesus-Maria, por exemplo, os mamelucos lançaram fogo à igreja onde se haviam encerrado todos os que não podiam combater. As condições de rendição foram violadas, uma boa parte dos combatentes massacrada a sangue-frio, e os restantes postos em correntes.

A importação das armas de fogo apresentou-se como solução natural. Mas era um princípio básico do governo colonial, uma máxima do Estado, que os índios não deviam ser armados. Foi impedida, portanto, a passagem das armas para os guaranis. Até então, os jesuítas não tinham podido ou, para evitar o pior, não tinham ousado ir mais

adiante, nem iniciarem eles próprios a fabricação, como fariam mais tarde. De resto, ainda não haviam descoberto as minas de ferro.

Contudo, o direito de legítima defesa dos guaranis parecia por demais evidente, a necessidade premente, o desastre religioso e social demasiado grave, para que os jesuítas não se decidissem a superar todos os obstáculos. Tinham de acabar obtendo ganho de causa em Madri.

Anteriormente, os guaranis, dirigidos pelos padres, tinham heroicamente reconstruído nos mesmos locais as mais florescentes de suas reduções, mesmo aquelas que haviam sido mais cruelmente saqueadas, como Jesus-Maria. Esta redução, reconstruída, abrangia já mais de duas mil famílias, ou seja, mais de dez mil habitantes.⁵⁴

Algumas reduções tinham sido reconstruídas em lugares melhor protegidos, mas os padres logo compreenderam que a segurança estaria sempre ameaçada enquanto se encontrassem nas proximidades dos paulistas e de seus novos aliados, os selvagens tupis, que começavam também a praticar o comércio de escravos, depois de terem sido batizados à moda colonial.

Era preciso afastarem-se na direção sudoeste, aproximando-se das reduções do Médio-Paraná.

Foi a grande migração de 1631, seguida alguns anos mais tarde de uma segunda migração ainda mais importante, compreendendo mais de cinquenta mil pessoas.

Os jesuítas tiveram ocasião de revelar sua inteligência e extraordinária energia, ao realizarem para centenas de léguas de distância, no meio de dificuldades indescritíveis, essa transferência gigantesca, que é certamente digna de memória pelo menos igual à Retirada dos Dez Mil de Xenofonte.

A migração de 1631 partiu do Guaíra, por decisão do Padre Montoya, depois de uma dúzia de reduções terem sido devastadas. Tratava-se de salvar os fugitivos das reduções destruídas e os habitantes de N. S. do Loreto e Santo Inácio-Mini, as duas únicas fundações que se conservavam de pé na região.

Nessa época, as reduções do Guaíra podiam já “figurar ao lado das melhores cidades espanholas do Paraguai”, diz Charlevoix. As suas igrejas eram mesmo melhor ornamentadas e maiores que em qualquer outra localidade, e os neófitos não se distinguiam mais dos antigos

54. Charlevoix, tomo I, p. 421.

cristãos, salvo por sua inocência e devoção. Alimentavam grandes manadas de bois que os missionários lhes haviam levado de muito longe. Cultivavam o algodão e não só o colhiam para se vestirem como se permitiam liberalidades com as outras reduções que ainda não estavam capacitadas para usufruir de tais vantagens e até com espanhóis pobres. Todas as suas terras estavam bem semeadas. Mas isso mesmo devia fazer recear que não fosse possível persuadir esses neófitos a abandonarem tão belos e prósperos estabelecimentos, fruto de tantos anos de trabalho, de que apenas começavam a gozar, para irem buscar tão longe um exílio, com risco de nem mesmo poderem lá chegar e com uma espécie de convicção de que aí seriam reduzidos à mais extrema miséria. O Padre Montoya ficou agradavelmente surpreendido, ao tomar conhecimento de que à primeira proposta que lhes fora feita, de sua parte, para se prepararem para abandonar tudo o que não pudessem transportar consigo, tinham respondido em uníssono: “Vós nos haveis concedido, Padres, o inestimável bem da fé, e temos necessidade de vós para conservá-la. Assim que, para onde quer que vades, seguir-vos-emos.” “Com uma santa insensibilidade”, despojaram suas igrejas e casas de “tudo o que não pudessem subtrair à cupidez do inimigo”. Quando “encaixotavam uma imagem do Menino Jesus e outra da Santa Virgem, que tinham sido instrumento de tantas maravilhas, todos clamaram não haver exílio nem fadiga que não lhes fosse agradável em tão boa companhia”.⁵⁵

Tendo reunido uma flotilha de setecentas canoas, os emigrantes embarcaram no Paranapané, alcançaram o Paraná, que desceram até as cataratas ou “Grande Salto”, “apesar de tudo o que os habitantes de Ciudad Real pudessem fazer para retê-los na sua vizinhança”.

Duas mil e quinhentas famílias encontraram-se assim reunidas no “Grande Salto”, num estado vizinho da miséria. A imensa caravana mal tivera tempo de repousar um pouco quando tomou conhecimento de que os mamelucos, furiosos por terem perdido suas fáceis presas em Loreto e Santo Inácio, se aproximavam a marchas forçadas. A única esperança era colocar os rápidos entre os emigrantes e seus perseguidores.

Os barcos intransportáveis foram abandonados na corrente e quebraram-se todos. Homens, mulheres e crianças tiveram de percor-

55. Charlevoix, tomo I, pp. 396 e 397.

rer trinta léguas a pé através da floresta que acompanhava o curso do rio. A descida durou oito dias, tanto sobre rochedos a pique, quanto sobre a areia escaldante. Uns encarregavam-se dos velhos e enfermos, outros carregavam as canoas ligeiras e as bagagens. Um bom número de fugitivos morreu de esgotamento ou afogado em “Salto Chico”, outro rápido, mais ou menos navegável, a jusante do “Salto Grande”.

O viajante francês Bourgade La Dardye, que visitou o Salto Grande, fez uma descrição que nos ajuda a compreender as provações dos guaranis. O Paraná abre passagem através de uma série de gargantas de dez a quinze metros de largura, “dispostas segundo um arco de círculo de cerca de três quilômetros”. As gargantas desembocam todas “num imenso canal central de sessenta metros de largo, disposto em plano inclinado, onde as águas se lançam com uma rapidez indescritível”, produzindo um ruído enorme que domina completamente a voz humana a muitos quilômetros de distância. Essas cataratas “merecem uma celebridade pelo menos tão grande quanto as de Niagara, e estou convencido de que, dentro de pouco tempo, uma vez atenuadas as dificuldades do percurso por estrada, receberão tantos visitantes quanto as margens do S. Lourenço”. O relato da passagem dos guaranis poderá então ser gravada sobre as vertentes circunvizinhas.⁵⁶

Ultrapassados os rápidos, após quatro dias de descanso, os videntes começaram a escassear, “se bem que todas as reduções do Paraná tivessem remetido quantos mantimentos puderam ser reunidos”. Era preciso recomençar a marcha. Duas colunas, sob a direção dos padres Suarez e Contreras, dirigiram-se para as reduções de Natividad e Santa Maria Maior, sobre o Iguaçu, afluente do Alto-Paraná. Elas iriam aumentar a fome que já aí grassava. Uma epidemia abateu seiscentas pessoas. Uma terceira coluna continuou descendo o Paraná, com o Padre Espinoza.

O Padre Montoya encarregou-se dos que não estavam em condições de caminhar. Foram parcialmente embarcados nas canoas levadas de Santa Maria Maior. Os restantes passaram três ou quatro meses “nas margens do Grande Salto, vivendo só de frutas silvestres”...

Enfim, logo que a situação se estabilizou, verificou-se que das cem mil ou mais pessoas que somavam só as reduções do Guaiá, antes das invasões dos paulistas, já não restavam com os missionários senão

56. Bourgade La Dardye, *Le Paraguay*, pág. 47-49. Os Ferrière visitaram as cataratas do Iguaçu. E anotam: altura 80 metros (Niagara 47 metros), largura 4.000 metros (Niagara 1.454 metros), De L'Équateur aux Pampas, págs. 241-255.

umas doze mil, aproximadamente. Trezentas canoas tinham desaparecido, desmanteladas contra os rochedos, ou tragadas pelos rápidos.

O Padre Montoya reconstruiu Loreto e Santo Inácio nas margens do Jubaburu, pequeno afluente do Paraná. Dez mil bois foram comprados de uma só vez para a subsistência da população e para os trabalhos de lavoura.

Quanto ao Guaíra, por um instante animado, cultivado, coberto de ricas igrejas e pequenas cidades florescentes de seis a dez mil habitantes cada, fora devolvido à sua solidão secular.

A migração de 1631 é a única que os autores modernos mais sérios parecem conhecer. Contudo, não passou de uma primeira fase.

N. S. do Loreto, Santo Inácio, Santa Maria Maior do Iguaçu, Natividade e as outras reduções do Alto-Paraná e seus afluentes, assim como as derradeiras reduções que ainda subsistiam na Serra do Tape, viram-se atacadas de novo em 1636 — batalha de S. Cristóbal, no dia de Natal de 1636 — em 1638 e 1639.

Os mamelucos estavam cada vez melhor armados, graças aos lucros realizados com seu comércio. Suas incursões, sempre melhor organizadas que as anteriores, chegavam cada vez mais longe.

Após alguns combates mais ou menos felizes, tornou-se evidente que uma nova migração era o único meio de salvação. A maioria dos índios declarou desta vez que preferia correr todos os riscos possíveis no lugar em que estavam do que encetar novo exílio. “Foi preciso tempo e muito tato para fazê-los entender a razão.” Os jesuítas tiveram necessidade de agir com autoridade. Os habitantes de uma redução só se decidiram a partir quando o fogo reduziu suas casas a cinzas.

Os jesuítas tinham fixado sua escolha no território situado entre o Paraná e o Uruguai, na região de Entre-Rios, onde os dois grandes rios mais se aproximam, a fim de propiciarem dessa maneira aos guaranis “duas barreiras fáceis para a defesa” e os colocarem na proximidade dos socorros que poderiam vir das reduções estabelecidas quer no norte do Paraná, quer nas duas margens do Uruguai, na direção sudoeste.

A viagem efetuou-se em três colunas. O Padre Arenas, que conduzia a primeira, teve necessidade de empregar toda a sua energia para não chegar sozinho a seu termo. Grupos inteiros debandavam,

outros queriam instalar-se em locais inacessíveis, onde inevitavelmente retomariam sua antiga maneira de viver. O padre seguia-os por todo lado e arriscou muitas vezes a sua vida para reagrupá-los. Na travessia do Paraná, eclodiram verdadeiros motins, “tendo imaginado todos que iam entregá-los aos espanhóis”. Os temores não eram inteiramente vãos. Lemos algures que o governador do Paraguai decidiu pouco depois reaproximá-los de Assunção para dar-lhes em comenda “duas reduções do número daquelas que tinham sido transferidas do Guai-*ra*”.⁵⁷

Os condutores da segunda coluna tiveram de sofrer ainda muito mais; contudo, “muito menos que os da terceira”. Nos momentos mais críticos, o Provincial, que dirigia pessoalmente essa terceira coluna, operou “milagres, por sua prudência e inalterável doçura”.

Cinquenta mil pessoas, aproximadamente, encontraram-se por fim reunidas em diversos pontos onde não seria possível aos mamelucos surpreendê-los facilmente. Os missionários puseram-se a buscar todos os que se tinham perdido ou separado das colunas. Tiveram sorte e trouxeram de volta, além disso, “muitos infiéis a quem sua caridade e solicitude pastoral haviam encantado”.⁵⁸

Há já muitos anos que os chefes guaranis vinham repetindo aos padres que, enquanto eles não pudessem bater-se com armas iguais, as precauções mais custosas não os protegeriam senão por um breve tempo. De surpresa ou sem surpresa, as reduções acabariam por desaparecer.

Os padres estavam disso mais convencidos do que os guaranis. Tinham tentado numerosas vezes levar o governador a compreender o serviço que as reduções teriam podido prestar à Espanha, constituindo uma sólida barreira para proteger as províncias do Paraguai e do Rio da Prata contra os portugueses e os índios das fronteiras do Brasil. Sempre em vão. Os governadores, ainda os que manifestavam melhores disposições, diz Charlevoix, julgavam a coisa “muito delicada”.

O Padre Montoya foi a Madri em 1639. Obteve, saltando por cima das autoridades coloniais e para estupefação geral, autorização para armar um contingente guarani. O rei fora tranquilizado pela promessa de que as armas não estariam, regra geral, nas mãos dos índios, mas em arsenais. O Padre Montoya comprometeu-se a não solicitar subsídio algum para a compra de armas.

57. Charlevoix, p. 426.

58. Charlevoix, tomo I, p. 447.

No mesmo ano, os mamelucos sofreram uma primeira derrota em Caaçapaguçu.⁵⁹

Em 1640, a autorização de utilizar armas de fogo foi estendida a todos os índios das reduções.⁶⁰

Já no ano seguinte, em março de 1641, quando não fora ainda possível obter fuzis senão para 300 guaranis e só possuía um único canhão, o exército das Reduções teve de enfrentar os mamelucos na batalha de Mbororé, nas margens do Uruguai.

Oitocentos mamelucos, armados de fuzis, tinham vindo em novecentas canoas, com seus aliados, os tupis, estes em número de seis mil, mas armados apenas de flechas, lanças e fundas. Dentre essas canoas, trezentas eram grandes, sólidas e bem armadas.⁶¹

O exército guarani era chefiado pelo cacique Abiaru. Contava com quatro mil homens que, à parte os trezentos fuzis, apenas estavam armados de flechas, lanças, fundas e macanás.

Abiaru dispusera uma parte de suas tropas na floresta, à beira do Uruguai. As restantes, “mais fortes em coragem e confiança em Deus que em navios”, diz o Padre Diaz Tano,⁶² subiram o Uruguai em duzentas canoas e batéis. O Padre Rodero narra em suas Memórias oficiais que os guaranis tinham erguido em seus barcos “torretas de madeira com ameias e seteiras, para colocarem seus fuzis e atirarem sem serem percebidos”.⁶³

Avançando pelo rio Acaraí com cinco ou seis pirogas, Abiaru interpelou à distância os chefes paulistas e censurou-os por todas as suas crueldades passadas, proclamando que era “uma grande vergonha” para “gentes que se diziam cristãs, querer roubar a liberdade aos que professavam a mesma religião”. O comandante não respondeu, e “sua pequena frota continuou avançando”, até que descobriu subitamente, na confluência do rio Uruguai, a frota dos neófitos.

O combate foi desencadeado por um tiro de canhão “que meteu a pique três pirogas dos mamelucos”. A luta durou até ao cair da

59. Del Techo, Livro XIII.

60. Pastells, tomo II, nota 638. Autorização confirmada em 1646, contra as reclamações dos coloniais (Pastells, Tomo II, nota 701).

61. Relato do Padre Rodero, *Lettres Édifiantes*, tomo V, p. 383, e e Relato do Padre Simon de Mendez, Pastells, tomo II, p. 59.

62. Pastells, tomo II, p. 61.

63. Memórias ao Conselho Superior das índias, *Lettres Édifiantes*, tomo V, p. 383. Os números citados são também extraídos do Padre Rodero. Outras fontes dão números inferiores ou superiores.

noite, com pesadas baixas para os tupis. Batidos na água e perseguidos, os mamelucos refugiaram-se em terra, onde a noite pôs termo à batalha. Reiniciada na manhã seguinte “com muito ardor de ambas as partes”, terminou com a derrota e fuga dos paulistas, que não tiveram mesmo a coragem de bater-se até ao último tupi. Garantiu-se que os guaranis tinham contado apenas seis mortos e quarenta feridos. Os agressores tinham perdido “muitos brancos”, dois mil tupis, noventa canoas e batéis.⁶⁴ O Padre Rodero afirma que as forças paulistas, se bem que “muito superiores”, tinham sofrido em Mbororé uma derrota tão completa que só “escaparam uns trezentos”.

Algumas ações parciais empreendidas pouco depois contra tal ou tal redução foram, relativamente, ainda mais desastrosas para os mamelucos, que em breve se retiraram de toda a região, depois de terem perdido um total de 1.200 homens e a maior parte de suas tropas auxiliares índias.

Dois mil cativos puderam ser libertados pelos guaranis no decurso das operações. Os pagãos que se encontravam entre esses cativos entregaram-se aos seus libertadores, tomando-se cristãos e cidadãos das reduções.

Desde esse momento e durante mais de cem anos, a República Guarani não foi mais inquietada seriamente pelos paulistas. Uma única redução, que se mantivera isolada a leste, foi destruída em 1645. Diversos ataques locais foram rechaçados sem custo. O bloco das reduções não voltou a ser subjugado.

Em 1651, “um grande exército de paulistas”, dividido em quatro destacamentos, decidiu arrasar a República Guarani e o próprio Paraguai. O governador do Paraguai chamou os guaranis em seu socorro. Estes, antes de receberem tal apelo, tinham forçado os quatro destacamentos a fugir “com tamanha precipitação que deixaram sobre o campo de batalha, seus mortos, seus feridos e bagagens, nas quais se encontraram amontoadas grandes quantidades de correntes com que pretendiam amarrar os numerosos escravos que contavam fazer”.⁶⁵

A República dos Chiquitos, fundada mais tarde, na direção do norte, teve de sofrer também as incursões dos mamelucos, que foram

64. Pastells, tomo II, p. 81.

65. Memórias do Padre Rodero.

definitivamente batidos pelos chiquitos só em 1694. A República dos Chiquitos desenvolveu-se então muito rapidamente, segundo o modelo da República Guarani.

Desde 1618, os mamelucos tinham aniquilado, no mínimo, trinta reduções, ou seja, quatorze reduções no Guaiá, uma dúzia na região de Tape, três ou quatro no Itatin, e duas nas margens do Uruguaí.⁶⁶

O número de pessoas massacradas ou escravizadas no decurso desses vinte anos não pode ser avaliado. O Editto Real consagrado ao assunto declara que toda a região foi subjugada a ferro e sangue.⁶⁷

O governador do Rio da Prata, Pedro Estéban de Avila, observa num relatório ao rei: “Verifiquei que entre 1628 e 1630 os habitantes de São Paulo arrebataram mais de sessenta mil almas das reduções, tanto nesta província como na do Paraguai; que eles aí exerceram crueldades e desumanidades incríveis, comportando-se de maneira que não era possível crer que fossem cristãos e católicos.”⁶⁸ O Governador Estéban conta ainda, no mesmo relatório, que viu, com seus próprios olhos, serem vendidas no Rio de Janeiro quantidades de guaranis “tão livremente como se tivessem sido feitos escravos com a anuência de Sua Majestade”.

No princípio de sua *Histoire du Paraguay*, Charlevoix escreve: “Homens que se diziam cristãos degolaram ou fizeram perecer na mais dura escravidão mais de cem mil neófitos.”

Um relatório do Vice-Rei, Conde de Chinchón, fala em 1632 de mais de duzentos mil índios, guaranis e outros, capturados ou exterminados nessas paragens. Enfim, os editos reais de 1639 e 1668, assim como o decreto de Filipe V, articulam o número total de trezentos mil cativos, que não deve ser exagerado, se tivermos em conta que, apenas em dois anos, sessenta mil já tinham podido ser arrebatados.⁶⁹ Trata-se, aliás, do número retido pelo primeiro historiador sério do Paraguai, o Padre du Toict, Superior das Reduções, o qual escreveu que o total de perdas excedia mesmo a cifra de trezentos mil.⁷⁰

66. Ver os nomes das reduções destruídas e outros pormenores em Moussy, *Description*, tomo III, pp. 661-2, e Pastells, tomo I, p. 436.

67. Pastells, tomo II, doc. 633.

68. Charlevoix, tomo I, p. 434.

69. Pastells, doc. 633 e 1505.

70. Carta de 10 de maio de 1676. Pastells, tomo III, doc. 1654..

Pelo tratado de 1682, após a derrota de Sacramento, os portugueses obrigaram-se a entregar às reduções trezentos mil índios e o gado que os habitantes de São Paulo tinham roubado. Reconhecimento de princípio, inteiramente platônico, sem dúvida, mas que os guaranis tinham insistido em obter.

Os guaranis deportados na província de São Paulo não morreram todos. “Uma parte fundiu-se com o resto dos habitantes e deixou-lhes sua língua, a qual, à semelhança do que ocorre no Paraguai, é hoje a mais usada na província de São Paulo.”⁷¹

O Padre Fernandes calculava que os mamelucos de São Paulo e outros portugueses escravistas tinham morto ou subjugado, em 130 anos, dois milhões de índios num raio de mil léguas, ou seja, no conjunto do Brasil, bacias do Paraná e do Uruguai.

O erudito Muratori escreve também que “no espaço de cento e trinta anos, eles fizeram escravos mais de dois milhões de índios, dos quais cinquenta mil tinham abraçado a religião cristã. De tantos homens que eles arrebataram, dificilmente um em cada cem lhes terá sido de qualquer utilidade. A maior parte pereceu de miséria antes de chegar a São Paulo. Os que até aí foram conduzidos são e salvos, cedo pereceram pelo mau ar que se respira nas minas e pelo trabalho excessivo das plantações de açúcar. Viu-se um registro autêntico, pelo qual se provava que de trezentos mil índios, tomados e transportados pelos mamelucos em cinco anos, restavam apenas vinte mil.

“Tem-se invocado com muita insistência a piedade dos reis de Portugal, e essas reiteradas queixas deram como resultado diversos editos muito rigorosos contra os mamelucos, que não se perturbaram muito, continuaram impunes e não foi por esses editos que se sentiram impedidos de devastar o país como antes. Os reis de Portugal protelaram demais, talvez, o momento de tomarem as medidas necessárias para destruir esses asilos abertos a todos os crimes.”⁷²

No decorrer dos combates de 1638 e 1639, uma tropa de mamelucos, que causara grandes devastações, foi capturada pelos guaranis e levada à presença do representante do governador do Rio da Prata, por acaso em visita às reduções. O Padre Alfaro declarara todos os prisioneiros excomungados. Entretanto, “persuadido de que a excomunhão e os sermões seriam uma frágil barreira para conter aqueles

71. Moussy, tomo II, p. 173.

72. Muratori, *Relation des Missions du Paraguay*, pp. 62-63. Os mesmos números de trezentos mil e de vinte mil encontram-se no edito régio de 16 de setembro de 1639.

bandoleiros, queria que fossem tomadas contra eles precauções mais eficazes”. Mas, malgrado seus argumentos, o espanhol “permitiu-lhes que se retirassem, sem formular exigência alguma”.⁷³ Ora, esse oficial, protetor dos mamelucos, nada mais fizera senão executar as ordens do governador do Prata, o mesmo Estéban de Avila que, dois anos antes, dirigira ao rei, contra os mamelucos, o virtuoso relatório oficial de que citamos um extrato mais acima. Percebe-se neste episódio final a cumplicidade diabólica e a perversidade das autoridades espanholas que, impedindo os guaranis de se armarem, tinham permitido aos portugueses devastarem e despovoarem, contra o interesse da Espanha, as vastas e ricas províncias do Guaíra e de Tape.

A República Guarani, apenas trinta anos após a sua fundação, tinha, por isso, ficado reduzida à metade.

Mas, ao menos, vivia. Retomou seu magnífico impulso. Em 1642, “as reduções estavam mais florescentes que nunca”, no dizer de Charlevoix. “Desfrutavam de uma tranquilidade que não temia mais ser perturbada pelos mamelucos. A forma de governo dessa república cristã estava já bem próxima do ponto de perfeição em que a vemos hoje.”

Em 1644, prossegue Charlevoix, “menos de três anos após a vitória sobre os paulistas, as reduções tinham reparado com altos juros todas as suas perdas. Não se temiam mais os ataques, as surtidas e surpresas dos mamelucos e seus aliados. As reduções formavam já aquela República cristã que causava a admiração de todos os que aí viam de perto... O que nisso existe de mais maravilhoso é que o seu incremento sensível era tanto obra dos neófitos como dos seus missionários”.⁷⁴

73. Charlevoix, tomo I, p. 445.

74. Charlevoix, tomo III, p. 139.

SEGUNDA PARTE

IV

Situação e Aspecto das Reduções - População

Após as grandes migrações, depois de ter sido obrigada a abandonar os estabelecimentos do Guaíra e do Tape, a República Guarani ocupa seu território definitivo nas margens do Paraná e do Uruguai. Estende-se em todas as direções, em redor do ponto em que os dois rios estão mais próximos um do outro.

As localidades acham-se concentradas, a partir desse ponto, quer para leste, entre os dois rios — Entre-Rios — quer para oeste, na margem direita do Paraná, quer ainda para o sul, na margem esquerda do Uruguai.

Nas vastas regiões do norte e do leste, os guaranis explorarão o mate, os *yerbales* e as madeiras preciosas. Florescentes “estâncias” desenvolver-se-ão do lado do Atlântico, para sul e sudeste.

Em Entre-Rios, território pertencente hoje à Argentina⁷⁵, encontravam-se, indo de oeste para sudoeste, quinze reduções, das quais cinco se situavam na margem esquerda do Paraná: Corpus, Santo Inácio-Mini, Loreto, Santana, Candelária; e dez que se aproximavam mais ou menos da margem direita do Uruguai: Mártires (os jesuítas martirizados no Japão), San-Javier (Xavier), Santa Maria, S. Carlos, S. José, Apóstolos, Concepción, S. Tomé, La Cruz e Yapeyu ou Los Reyes, a Capital.

75. Província de Corrientes; (N. do T.).

Oito reduções encontravam-se na margem direita do Paraná, no atual Paraguai: Itapuã (Encarnación), Trinidad, Jesus, S. Cosme, Santiago, Santa Rosa, Santa Maria de la Fé e Santo Inácio-Guaçu.

Finalmente, na margem esquerda do Uruguai, no Brasil, Estado do Rio Grande do Sul: S. João, S. Nicolau, S. Luís, S. Lourenço, S. Miguel, S. Borja e Santo Ângelo, esta última só fundada em 1707.

No século XVIII, a República Guaraní ganhará ainda, para o norte, cerca de 15 mil quilômetros quadrados, graças à fundação das três reduções de Tarumá: S. Joaquim, 1746; Santo Estanislau, 1749; e Belém, 1760. Formando uma linha reta, de leste a norte de Assunção, as três reduções de Tarumá estavam destinadas, por sua posição geográfica, a servir de ponte com a república irmã dos Chiquitos, no Peru.

Essa ligação não teve tempo de se estabelecer. As duas repúblicas conservaram-se sempre separadas, praticamente estranhas uma à outra. Aliás, a língua nem era a mesma. É errôneo apresentá-las como um só território, estendendo-se desde Yapeyu, no 29 grau austral, até Santo Inácio do Norte, no paralelo 16°, “num comprimento sensivelmente igual ao da França”.⁷⁶

A República Guaraní ia do 32° ao 24°, cobria um comprimento de 650 quilômetros de sul a norte e cerca de 600 quilômetros de este a oeste. O mapa que incluímos em apêndice ao presente volume foi desenhado de acordo com o que fora levantado “com grande competência técnica”, no dizer de Hernandez, após o Tratado de 1777, pela comissão de demarcação. As localidades secundárias e lugarejos não são assinalados, exceto Paissandu, que marca o limite meridional da República.

A escolha da localização para cada redução fora cuidadosamente estudada, tendo em conta o clima, a fertilidade do solo, a aprazibilidade dos locais e suas vantagens estratégicas para a defesa. As reduções ocupavam, de costume, os pontos dominantes, na proximidade dos rios ou de afluentes navegáveis, a sete ou oito léguas umas das outras.

A disposição interior das reduções correspondia a um plano quase uniforme, estabelecido, em suas linhas gerais, desde o princípio. Cada construção inseria-se no plano geral. “Quem conhece uma das cidades conhece todas, pois todas se parecem exatamente, na medida em que a natureza dos locais o permite”. Esta frase de *A Utopia* aplica-se perfeitamente às reduções guaranis.

76. Rastoul, *Une Organisation Socialiste Chrétienne*, p. 20.

Só se conhecia o ângulo reto. As ruas eram todas retilíneas, como em Chicago.

A igreja formava o centro da cidade. O seu acesso fazia-se através de uma grande *plaza* quadrada, cercada de pinheiros, palmeiras ou laranjeiras, e ornada de monumentos religiosos.

Em Santo Inácio-Mini, cujo plano e vestígios foram meticulosamente estudados, em 1901, por M. Queirel, a praça media 127 metros por 108. De costume, a estátua monumental do santo padroeiro da cidade dominava essa praça. Uma grande cruz erguia-se nos quatro cantos. A água, jorrando de bicas esculpidas de uma fonte, cantava à sombra das árvores. A fonte da redução dos Apóstolos tinha dois metros e meio de altura e era encimada por uma grande cruz de pedra.

De um lado da praça, uma colonata designava a imponente Casa do Povo, contendo grandes salas, oficinas, por vezes os celeiros públicos.

As oficinas ocupavam uma vasta área. Eram flanqueadas, muitas vezes nas duas fachadas, de galerias com alpendres que davam, de um lado, para a praça e, do outro lado, para pátios interiores. Tanto se trabalhava nos pátios ou sob as arcadas como nas próprias salas. Os pátios de S. Luís mediam 70 alnas espanholas de lado. Suas arcadas eram sustentadas por 52 colunas.⁷⁷

Em Santo Inácio-Mini, segundo os planos reconstituídos por Queirel, a igreja, medindo 63 metros por 30, estava enquadrada, de um lado, pelo Colégio dos Padres, distinta da Casa do Povo, e pela Casa das Viúvas; do outro lado, pelo hospital e o cemitério. As ruínas do corpo de edifícios, que era formado pela Casa do Povo e as oficinas, alongam-se por 220 metros no sentido norte-sul. O pátio das oficinas media 50 metros por 90. A Casa das Viúvas e o hospital encontravam-se por vezes, no princípio, pelo menos reunidos num só edifício.

O arsenal, o hospício dos estrangeiros e as casas particulares ocupavam as outras faces da praça. Nos fundos da igreja e do colégio estendia-se o jardim dos padres.

Da praça, saíam três ou quatro amplas avenidas, quase sempre pavimentadas, que abriam perspectivas até às extremidades do burgo ou da cidade. A largura dessas avenidas era de 13 a 20 metros.⁷⁸ Na ideia dos jesuítas, essas avenidas deviam assegurar um melhor arejamento das localidades, assim dissipando os germes das epidemias.

As casas de pedra foram as únicas que subsistiram ou deixaram vestígios, no centro das reduções, sendo por isso impossível, diz Queirel, ajuizar sobre a extensão de uma redução.

77. Brabo, Inventários, p. 133.

78. Queirel, Ruínas, doc. n.º 68; Hernandez, tomo II.

Mesmo para além dos aglomerados, rumo aos campos, avenidas muito agradáveis prolongavam-se para ligar a capelas edificadas em plena campina, as quais eram visíveis em perspectiva, minúsculas, desde o centro da *plaza*. Na extremidade das ruas, ao sair da redução, havia, diz-nos Charlevoix, uma cruz onde a procissão fazia uma pausa “para entoar um motete musical, cujas palavras tinham ligação com o motivo da procissão”.⁷⁹

Na própria redução, partindo das avenidas, o traçado regular das ruas, “sempre rigorosamente retilíneas”, “âmplas como nas cidades da Europa”,⁸⁰ dava fácil serventia a todos os bairros. Ruelas transversais completavam o conjunto.

Graças à simplicidade da planta do conjunto, a extensão da cidade não criava qualquer problema particular. Ao longo de uma das artérias principais, na periferia, ligava-se simplesmente uma nova rua e nela se construíam casas dos lados, segundo as necessidades. O Padre Sepp sublinha que os becos, vielas sombrias, doentias e tortuosas, eram desconhecidas.

As avenidas e as principais ruas das reduções apresentavam uma inovação original, muito preciosa sob um clima quente. Eram as “varandas” de que nos fala Charlevoix, ou as “galerias cobertas” ou arcadas, que o Padre Peramas cita, espécie de passeios, de dois metros e meio de largura, erguidas um metro acima da calçada. Essas galerias cobertas, construídas em madeira ou pedra, corriam, ininterruptas, de uma casa para a outra. Podia-se, assim, atravessar toda a pequena cidade a pé enxuto, ao abrigo da chuva e, sobretudo, ao abrigo do sol. A juventude apreciava imenso esse passeio pela “Grande Ponte”. Em geral, o teto da galeria assentava em colunas de arenito de um único bloco, caneladas, ornadas de esculturas, ou em colunas de madeira sustentadas por uma base de arenito talhada decorativamente. Em Trinidad, por exemplo, segundo as observações pessoais de um viajante recolhidas por Maria Fassbinder, as colunas de arenito vermelho formavam belas arcadas esculpidas, em que uma rosácea finamente cinzelada ornamentava o remate da abóbada.

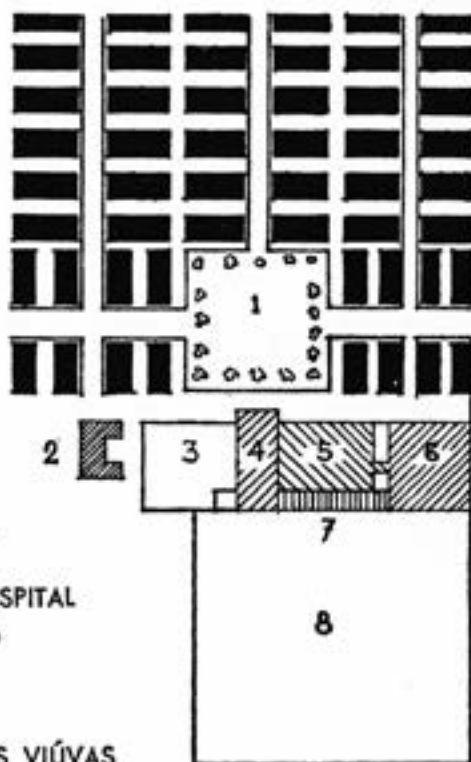
Esse povo muito crente, dirigido por religiosos, consagrava naturalmente seus melhores desvelos à construção das igrejas. Mais de uma vez, nos primeiros tempos, os neófitos quiseram edificar a igreja antes de construírem suas casas.

79. Charlevoix, tomo I, p. 260.

80. Muratori, pág. 152, e Sepp, *Reisebeschreibung*, p. 237.

PLANTA DE UMA REDUÇÃO

(Queírel)



LEGENDA

1. PRAÇA
2. ASILO-HOSPITAL
3. CEMITÉRIO
4. IGREJA
5. ESCOLA
6. CASA DAS VIÚVAS
7. ALOJAMENTOS
8. JARDIM

Planta da Redução de SANTO INÁCIO-MINI

No começo, só a parte inferior era construída em pedras; a parte superior era em madeiras preciosas. Muitas igrejas, como as de Trinidad e S. Miguel, foram inteiramente construídas em pedra talhada. A pedra e cal foram utilizadas nas últimas décadas, em particular para a nova e muito bela igreja de Jesus.

Com paróquias tão povoadas, eram necessários edifícios muito vastos. Eis, a título de exemplo, as observações precisas feitas por Avé-Lallemant, em S. Miguel, uma redução de importância média: a nave central media 132 pés de comprimento, 20 pés de largura, e as naves laterais tinham cada uma 20 pés de largo. De outra parte, sabe-se por Cardiel que mil homens trabalharam durante dez anos na construção e decoração da mesma igreja de S. Miguel. No momento da execução do Tratado de Limites, em 1753, o engenheiro-chefe e os outros arquitetos do exército de ocupação não ousaram avaliá-la em menos de um milhão de pesos.⁸¹

O nível das igrejas encontrava-se geralmente alteado. A entrada era tão imponente quanto possível. Tinha-se acesso à igreja de S. Miguel por seis degraus monumentais, conduzindo a cinco portais ogivados, enquadrados por colunas esculpidas que formavam um magnífico peristilo. A fachada era ornada de nichos, estátuas e colunatas.

A fotografia das ruínas da torre sineira de S. Miguel ainda nos mostra um belo campanário, ligeiro, alegre, como se vê na Itália. Cada redução possuía seu carrilhão de cinco a seis sinos, pelo menos.

Em comparação, eis como os campanários de Assunção pareceram ao nosso compatriota, o Dr. Rengger, em 1825: “Os campanários ou, melhor dizendo, as armações de madeira que ocupam o seu lugar, encontram-se ao lado das igrejas e consistem apenas em quatro troncos de árvores muito altos, dispostos em quadrado e arrematados por um teto, do qual os sinos estão suspensos. Sobe-se por uma escada para fazê-los soar ou, melhor, para que repiquem.”⁸²

A decoração interior das igrejas guaranis era rica, mesmo suntuosa.⁸³

As casas particulares dos guaranis tinham sido primeiro extremamente simples, de uma simplicidade que contrastava com a riqueza das igrejas. Essas primeiras cabanas, construídas de juncos e revestidas de taipa, não possuíam “janelas, chaminés, cadeiras ou camas”.⁸⁴

81. Cardiel. Breve Relación, cap. V, § 38.

82. *Voyage au Paraguay*, p. 90.

83. Pormenores no capítulo dedicado à indústria e às artes.

84. Charlevoix, tomo 1, p. 243.

Todo mundo dormia nas redes “suspensas de estacas cravadas nas duas extremidades do quarto”⁸⁵ e que eram retiradas durante o dia. Nas paredes, os instrumentos de pesca e de caça faziam companhia às imagens de santos.

Os alojamentos eram mesmo justapostos como boxes, em grupos de seis ou oito, sendo os grupos bastante espaçados, a fim de restringirem os riscos de incêndio. O bem-aventurado mártir Roque Gonzalez escrevia, contudo, em sua carta anual de 1613 ao Provincial Diego de Torrez: “Os nossos guaranis estão muito contentes em suas novas moradias. Instalaram-se nelas antes que estivessem concluídas e aí se encontram à vontade.”

Os primeiros missionários estavam alojados em cabanas em tudo semelhantes às dos índios. Mais tarde, seus colégios reuniram diferentes serviços comunais, por vezes as oficinas, os quartos para forasteiros, as salas de aulas. Passaram a ser edifícios sólidos e importantes, de arquitetura cuidada. A construção tinha a forma de um vasto quadrilátero, com um pátio ou claustro interior. Queirel pôde observar em 1901, em Santo Inácio-Mini, as belas balaustradas de pedra da escadaria do Colégio. Na margem direita do Paraná, muitos desses colégios devem ainda estar hoje intactos. Há algumas dezenas de anos, serviam de sede das prefeituras ou municipalidades.

No começo, construía-se o andar térreo das casas em pedra, e o primeiro e único andar superior era em madeira; depois, toda a construção passou a ser de pedra e cal. Queirel observou tijolos pentagonais, hexagonais e octogonais nas construções dos últimos anos. Pequenos tijolos de forma apropriada tapavam os interstícios. As coberturas eram de ardósia ou telha.

Em S. Borja, hoje uma cidade moderna, Martin de Moussy encontrou, há um século, algumas casas do tempo dos jesuítas. “Suas muralhas, conta ele, construídas em grossos blocos de alvenaria, têm mais de um metro de espessura; o travejamento dos tetos é formado de enormes vigas, as janelas e portas são estreitas e rudimentarmente trabalhadas. O Colégio está quase intacto e serve agora de caserna.”⁸⁶

Por sua parte, o Dr. Rengger observa que “as casas que subsistem da época dos jesuítas são grandes edifícios de pedra talhada,

85. Muratori, *Relation...*, p. 152.

86. *Descripción*, tomo III, p. 708.

cobertas de telha”, ao passo que “as construções edificadas depois são de taipa, barro e junco, como nos ranchos”.⁸⁷

Os missionários, que conheciam as habitações dos espanhóis, diziam que as dos guaranis eram, pelo menos, “tão cômodas, asseadas e bem mobiliadas” quanto aquelas.⁸⁸

O número de peças de cada casa ia aumentando. Nos alojamentos dos padres e em muitas casas particulares, viam-se quadros, móveis esculpidos, objetos de adorno caseiro, tapetes. Nos colégios, um relógio, móvel de arte, dava as horas e quartos de hora.

O Dr. Rengger, depois de ter visitado Santa Rosa em 1820, nota que todas as casas que subsistem são “muito simpáticas”.⁸⁹

Antes de concluirmos esta breve apresentação do aspecto geral das reduções, vale a pena dar uma vista de olhos pelas “cidades” coloniais espanholas. Aprecia-se melhor o mérito dos urbanistas e arquitetos jesuítas e guaranis quando se sabe como os espanhóis construíam no Prata, durante a República Guaraní, ou mesmo meio século depois.

Em 1730, excetuando Buenos Aires, “as outras cidades não passavam de um aglomerado informe de algumas casas ou cabanas, dispostas sem ordem nem simetria. Imaginemos algumas aldeias construídas umas perto das outras e separadas por pequenos bosques que impediam avistarem-se as casas, e teremos uma ideia bastante exata da maioria das localidades espanholas existentes na região... Quanto a Buenos Aires, embora aí se vejam, como por toda parte, aliás, casas distribuídas sem ordem aqui e ali, cercadas de árvores, as que se situam no centro da cidade formam ruas bastante direitas e limpas. É verdade que as mais antigas dessas casas são só de barro e com andar térreo, pois não faz ainda muito tempo que um dos nossos padres, que se mandara vir da Europa para construir a nossa igreja, encontrou, pela primeira vez, os meios próprios para fabricar e coser os tijolos naquele país”.⁹⁰

O Padre Sepp vira em 1691 as casas de Buenos Aires construídas de taipa e cobertas de colmo. Essas casas não duravam mais que sete anos, aproximadamente. Em 1725, construía-se ainda “à maneira das andorinhas”.⁹¹

87. *Voyage au Paraguay*, p. 457-458.

88. Charlevoix, tomo I, p. 243.

89. *Ibid.*, p. 459. Os Chiquitos, da república mais nova situada ao norte, na direção do Peru, construíram imediatamente alojamentos de várias peças, segundo o modelo fornecido pelos guaranis.

90. Carta do Padre Cattaneo, 30 de abril de 1730, da redução de Santa Maria. O progresso das reduções é também assinalado em Moussy, tomo II, pp. 326-327.

91. *Reisebeschreibung*, p. 14.

Um século mais tarde, em 1826, o Dr. Rengger encontra ainda ruas da Capital, Assunção, “tortuosas, desiguais e muitas vezes tão estreitas que mal se podia passar nelas a cavalo”. Nenhuma era pavimentada. “As casas reduzem-se, com raras exceções, a um andar térreo muito pouco elevado e nada de andares superiores ou, se existem, são muito baixos e escuros.” Os muros são de tijolos ou de terra batida e argamassa.⁹²

Em resumo, a opinião do jesuíta suíço Martin Schmid, de Baar, missionário dos Chiquitos, era muito exata: as localidades espanholas “ostentam o nome de cidades, mas são todas elas pequenas aldeias”.⁹³

As reduções guaranis, pelo contrário, conservavam o nome de aldeias, burgos, ou mesmo “povoados”, quando, na verdade, formavam autênticas cidades para a época, tanto por sua ordenação geral, suas dimensões e a arquitetura de seus edifícios, como por sua vida social intensa, suas atividades variadas e a cifra populacional. Verificava-se com espanto, em primeiro lugar, que os próprios jesuítas, em suas publicações, não se esforçavam por corrigir essa terminologia enganadora. Eles também só aludem às “aldeias” e “povoados” dos seus “pobres índios”, e tratam de evitar a sugestão de que as “cidades” coloniais, a tal respeito, não teriam sequer direito a chamar-se aldeia. Foi escrito que “as crianças, assim como os doentes, comiam na casa paroquial”.⁹⁴

As reduções parecem, assim, não passar de aldeamentos de cinco a dez cabanas.

A explicação é que a República Guaraní tinha de fazer-se muito pequena para não provocar o mundo colonial. A mesma atitude era adotada, como já se disse, em todos os domínios, como um meio de prudente defesa. A tarefa do historiador não é facilitada por essa atitude.

Qual era, por exemplo, a cifra da população das reduções? Seria realmente tão modesta quanto as estatísticas dos padres nos dizem?

Hernandez, no século XX, assim como Charlevoix e Cardiel, no século XVIII, reproduzem essas estatísticas “oficiais” e declaram ser as únicas exatas e dignas de fé, sem perder tempo em aludir às informações contrárias senão, conforme o caso, para rejeitá-las simplesmente como inspiradas pela malevolência.

92. *Voyage au Paraguay*, p. 88 e 89.

93. Plattner, P. Martin Schmid, p. 72.

94. Charles, *Les réductions du Paraguay*.

Ora, as estatísticas não concordam, em absoluto, com as informações esparsas que se recolhem na correspondência particular dos missionários que viviam nas reduções, nem com os relatos de viajantes bem-intencionados.

É preciso compreender a questão.

Um primeiro ponto é incontestável: certas reduções tinham atingido ou ultrapassado a cifra de 10.000 habitantes já no primeiro período, na região de Guaíra. Depois de alguns anos de existência, apenas, as reduções reuniam cada uma entre mil e mil e quatrocentas famílias; Jesus-Maria contava com duas mil famílias.⁹⁵

Subsequentemente, esses números tiveram substanciais aumentos. Numa carta a seus confrades da Alemanha, o Padre Sepp escreve que certas reduções contavam com 5.000 habitantes, outras 8.000, 9.000 e até 15.000 habitantes.⁹⁶

Depois da época em que o Padre Sepp forneceu esses números, a população das reduções aumentou ainda de um terço. O mesmo Padre Sepp, para lançar uma nova fundação, pede retirar de uma só vez um enxame de cerca de 3.000 habitantes da redução superpovoadade S. Miguel.⁹⁷

Ao sair das reduções, Florentin de Bourges passou em último lugar por S. Nicolau e Concepción, “dois outros povoados da Missão do Paraguai”. E escreveu ele: “Em cada uma delas há, bem contadas, entre quatorze a quinze mil almas.”⁹⁸ Essas cifras são citadas por Florentin de Bourges com base em referências idôneas, pois ele destacou numa passagem anterior que o “fiscal” de cada redução “possui um memorial onde estão inscritos, pelo nome e sobrenome, todos os habitantes da localidade, os chefes de família, as mulheres e o número de crianças”.

95. Pastells, tomo I, p. 459 e 472; Charlevoix, tomo I, p. 421. Diz Martin de Moussy: “Os jesuítas procuravam por todos os meios possíveis favorecer o desenvolvimento da população nas reduções que tinham fundado. Casavam cedo os índios, não admitiam celibatários na idade viril e impeliavam todos os viúvos a casar de novo, a menos que fossem muito idosos. Além disso, as mulheres casadas só tinham direito a usar os cabelos longos depois de serem mães, e o despertar soava, em todas as Missões, meia hora antes da hora de levantar.” (Description, tomo III, p. 733). Moussy atribui aqui a uma política natalista as medidas inspiradas, em grande parte, por uma preocupação de profilaxia moral.

96. Sepp, *Reisébeschreibung*, p. 23.

97. *Lettres Édifiantes*, tomo V, p. 476 a 491.

98. *Ibid.*, p. 244.

Outra informação no mesmo sentido: o Padre Labbe, jesuíta que trabalhava na República Guarani como o Padre Sepp, escreveu a 8 de janeiro de 1712: “os povoados mais importantes são de quinze a vinte mil almas”.⁹⁹ Um escrito coevo atribuído ao juiz Angles y Gortari afirmaria mesmo que a redução de S. João contava, só ela, com 30.000 almas no momento da questão de Antequera, ou seja, por volta de 1730. Este último depoimento é fornecido, efetivamente, por um homem pouco benevolente. O mesmo número de 30.000 é, entretanto, citado para a redução de S. Francisco Xavier, nas *Lettres Édifiantes*, editadas por jesuítas franceses benevolentes.

Quanto à população total das reduções, segundo os dados relativamente modestos de religiosos como os padres Sepp, Labbe e Florentin de Bourges, pode atingir cerca de 300.000 habitantes. É provável que a cifra de 300.000 fosse largamente ultrapassada nos períodos de prosperidade, visto que o Padre Procurador, Juan Pastor, já anunciava 200.000 neófitos quando não existiam, nessa altura, mais de vinte e quatro reduções, e que em 1647 vinte e sete reduções reuniam 300.000 habitantes.¹⁰⁰

A partir dessa data, segundo as próprias estatísticas dos jesuítas, a população duplicou quase em menos de meio século.

Em 1768, depois dos desastres da guerra guarani e as fugas em massa para as florestas, ninguém admitia no Prata que não houvesse ainda, pelo menos, 300.000 habitantes nas reduções, tal como um metuculoso inquérito o revelou ao viajante francês Bougainville.

Enganavam-se. Apurou-se que, em consequência da guerra, das epidemias e da dispersão, as perdas tinham sido mais graves do que se imaginava.

Se considerarmos agora as listas fornecidas pelos jesuítas, a diferença é verdadeiramente substancial. Os números relativos quer a cada redução, em particular, quer à população total, parecem irreconciliáveis, mesmo nos anos de 1728 a 1732, em que as estatísticas dos jesuítas indicam o máximo nível médio.

Parece que os dados privados dos missionários e as informações dos viajantes estão nitidamente mais próximos da verdade.

99. 99 *Ibid.*, p. 106.

100. Pastells, doc. 721, Ebd. 517. Crétinau-Joly, tomo III, p. 338, resume os dados das antigas publicações francesas: “Mais de 300.000 cidadãos.”

Eis alguns elementos de apreciação.

Segundo as listas publicadas, as reduções mais povoadas, em 1729, eram:

Santa Maria	6.958 habitantes
Santa Rosa (Limensis)	5.291 habitantes
Itapuã	5.829 habitantes
Loreto	6.933 habitantes
S. Nicolau	7.335 habitantes
S. Luís	5.984 habitantes
Concepción	5.493 habitantes
S. Lorenzo	6.215 habitantes
S. Miguel	4.710 (6.838 em 1753)
Santo Ângelo	4.745 (5.105 em 1753)
Yapeyu	4.921 (6.726 em 1753)
Yapeyu	7.954 em 1767

As outras reduções oscilam, em geral, em torno de 4.000 habitantes.¹⁰¹

Charlevoix, movido pelos mesmos motivos de prudência que os seus confrades espanhóis, não confessa mais do que “4.000, 5.000 e mesmo 6.000 habitantes” por redução. Muratori dá uma média de 7 a 8.000 pessoas por redução. Abstém-se de citar as cifras superiores.

Segundo as listas oficiais, a República Guarani não contaria mais de 131.668 habitantes em 1729. Os números dos anos seguintes estão na mesma escala:¹⁰²

1730	29.500 famílias	135.117 habitantes
1731	30.116 famílias	138.394 habitantes
1732	141.242 habitantes	

São estas as cifras mais elevadas oficialmente publicadas pelos jesuítas.

101. Hernandez, tomo II, docs. 49 e 50, pp. 615 a 618, e Fernandez-Herran, *Histórica Relatio*, obra editada em 1733. Estatísticas e relatórios eram enviados todos os anos a Roma, endereçados ao Geral da Companhia de Jesus. Falta realizar um trabalho de investigação em Roma, a respeito da República Guarani.

102. Hernandez, tomo II, doc. 50; para 1732, Charlevoix, tomo VI, p. 66.

Que estes números, aparentemente tão precisos, não devem ser tomados ao pé da letra, verifica-se por um primeiro indício relativo a esse mesmo ano de 1732: o Padre Peramas assinala 144.252 habitantes,¹⁰³ adicionando, portanto, mais de 3.000 almas.

A estatística publicada no ano seguinte acusa, de um golpe, um déficit de 15.000 habitantes, imputável em parte a uma epidemia e à mobilização imposta pelas ameaças da Comuna. Em 1733, 1734 e 1738, epidemias de varíola, sarampo e escarlatina causaram devastações terríveis. Escasseavam os medicamentos. Já em 1718 a varicela e a peste tinham feito 18.000 vítimas ou, segundo o Padre Cattaneo, mais de 50.000.

A curva retoma o rumo ascendente, de um modo regular, a partir de 1740. Uma nova epidemia de varíola, em 1763, faz 7.414 vítimas só nas reduções do Uruguai, das quais 1.596 em Santa Rosa. Morrem cerca de doze por cento da população.

Apesar de uma retomada sempre rápida, três anos mais tarde, em consequência desses desastres, das devastações já citadas da guerra guarani e das fugas em massa para as florestas, o nível demográfico decrescera efetivamente para cifras mais baixas do que nunca, quase se ajustando ao nível oficial. Os guaranis tinham-se “fundido”, como tantos outros povos índios. Havia sobrado apenas “mais de 150.000 habitantes”, no dizer do Deão Funes,¹⁰⁴ que escreveu sua história *in loco*, com a ajuda das melhores fontes, logo após os acontecimentos.

Cardiel, defensor muito atento e metódico da tese oficial, dá cifras ainda mais diminutas. Escreveu ele por volta de 1770: “Trinta aldeias contam cerca de 100.000 almas”, cifra esta a que convém adicionar cerca de 15.000 habitantes das três reduções de Tarumá.

Cardiel minimiza. De resto, ele apresenta, cada vez que isso lhe é possível, todas as instituições e realizações da República Guarani como insignificantes, a fim de destacar bem a injustiça das acusações que tinham provocado a sua perda, ao denunciar-se o perigo de seu poderio. Mas é certo que, nesse momento, isto é, uma dezena de anos depois da expulsão dos jesuítas e dissolução da República, a população mal atingia a metade do que fora nos tempos de prosperidade.

Um motivo acessório, que não incitava a traçar as curvas da população no sentido da alta, residia no fato de a soma dos impostos

103. De administratione guaranítica, citado por Hernandez, tomo II, p. 14.

104. Tomo II, cap. VIII.

devidos à Coroa ser fixada na base dos recenseamentos. Certas categorias de habitantes podiam ser postas de lado deliberadamente, como não estando visadas pela letra de tal ou tal lei, ou de tal ordenação.¹⁰⁵ Já era uma virtude aplicar a letra, pois que a lei era essencialmente injusta e espoliadora, sendo suportada por coação pura e simples. A restrição mental jamais se encontrou melhor justificada, em todo caso, como em face de um mundo colonial que não possuía verdadeiramente direito algum a obter informações de que pretendia servir-se com um fito exclusivo: explorar os guaranis, reduzir à escravidão o único povo livre e o único povo cristão da América.

Por sua parte, o rei, na soma que deveria reservar, sobre a renda proveniente do imposto, para a manutenção das paróquias, também não levava em conta o aumento do número de padres, que duplicara após o desenvolvimento das reduções. Uma carta-patente de 1669 fala ainda de “vinte e dois párocos” para toda a República, e atribui-lhes a dotação de 446 piastras e 5 réis.¹⁰⁶

Bougainville, que interrogara em Buenos Aires numerosos guaranis, diz que existiam trinta e seis reduções, e não trinta e três. Florentin de Bouges e o Padre Sepp mencionam uma redução chamada do Santo Sacramento, que as listas oficiais ignoram.

À falta de melhor explicação, diremos a tal respeito que as reduções filiais, oriundas de desdobramentos, nem sempre eram anunciadas, ou que o eram com bastante atraso, e que os seus habitantes não figuravam nas estatísticas.

O Governador Barua reclamou certo dia 3.200.000 escudos de impostos atrasados, contando, assim, apenas 40.000 guaranis tributáveis, entre os dezoito e cinquenta anos. Os jesuítas declaravam somente vinte mil. Uma decisão tomada depois do recenseamento de 1715, fixava que o número da população de 1677 serviria daí em diante como base invariável. A curva das estatísticas deu um pequeno salto e marcou um progresso de 5.000 almas no ano seguinte. Mas não se precipitou. A prudência continuava vigorando nessa República continuamente investida pelo inimigo.

O decreto de Filipe V (1743), em tudo o mais favorável aos jesuítas, indica cerca de 50.000 habitantes a mais que as listas oficiais desse ano e dos precedentes.¹⁰⁷

105. Pastells, tomo II, doc. 741.

106. Relatório do Padre Rodero.

107. Charlevoix, tomo VI, p. 357.

A família guarani era numerosa? A priori, seria de supor que sim. Contudo, segundo as estatísticas publicadas, a média de três filhos por família jamais teria sido atingida. O número de famílias de dois filhos, apenas, teria sido muito mais elevado que o de famílias com três filhos e mais.

A mortalidade infantil era certamente muito elevada, e a longevidade escassa. O Padre Sepp observa até que na sua redução dificilmente se atingem os cinquenta anos de idade, “por causa, pensa ele, dos vermes provenientes da carne que eles comem sem a cozinhar suficientemente”.¹⁰⁸ Mas a família poderia ter sido muito numerosa, mesmo que todos os pais morressem aos cinquenta anos, desde que a natalidade fosse substancial. E o mesmo Padre Sepp afirma que era. “Os índios são muito prolíficos.”¹⁰⁹

Os guaranis conheciam o crescimento e o impulso social de um povo jovem que tem acesso a uma forma nova e superior de vida.¹¹⁰ E as crianças guaranis não morriam tidas com pouca idade! Mais de mil se aglomeravam na catequese, na menor das reduções; o dobro e o triplo nas reduções mais importantes. Em Santa Maria, 960 rapazes e 1.002 meninas de menos de 15 anos seguiam os cursos de catecismo do Padre Cataneo.¹¹¹ A acreditar nas estatísticas, a redução de Santa Maria era então, não obstante, das menos populosas. Não contaria com mais de 3.841 habitantes no ano anterior, em 1729! Em Yapeyu, pelo testemunho do próprio Cardiel, três mil crianças frequentavam as escolas. Aí se batizavam, cada domingo, dezesseis a vinte recém-nascidos,¹¹² ou seja, uma média de mil por ano.

Em face desses milhares de crianças e dos oito mil, quinze mil ou vinte mil habitantes das cidades guaranis, compreende-se que as maiores “cidades” espanholas do Prata sentissem certo mal-estar.

Buenos Aires tinha apenas uma população de 5.000 habitantes em 1725.¹¹³ Ainda trinta anos depois da expulsão dos jesuítas, as pro-

108. *Reisebeschreibung*, p. 21.

109. *Ibid.*, p. 237.

110. Fora da República dos Jesuítas, pelo contrário, os guaranis selvagens ou escravos multiplicavam-se pouco. “Uma observação que fiz entre todos os guaranis selvagens que visitei foi que não se encontrava uma só família onde houvesse mais de dois filhos, escreve Rengger, *Voyage au Paraguay*, pág. 33. Azara faz a mesma observação.

111. Carta a seu irmão, abril de 1730.

112. Breve Relación, cap. VI § 12.

113. Carta do Padre Herre, em *Lettres Edifiantes*, tomo v.

víncias de Buenos Aires e do Paraguai reunidas não contavam mais de 268.312 habitantes, compreendendo os índios, negros e mestiços.

Após sua viagem pastoral de 1681, no decurso da qual confirmara, em seis meses, só nas quinze reduções do Uruguai, vinte e quatro mil crianças, o bispo de Buenos Aires dirigiu ao rei um relatório pleno de advertências tão clarividentes e sugestivas quanto interessadas. O relatório declarava, em preâmbulo, que as ditas reduções formavam a maior parte de sua diocese, mas, acrescentava candidamente o prelado, “toda essa multidão é inútil para esta Igreja (de Buenos Aires), porque não pagam as dízimas, nem as primícias e não nos deixam qualquer lucro comercial”. Essa nação guarani cresce dia a dia em número, pois é a nação mais tranquila, mansa e livre que existe em todas as índias, e os padres não se cansam de solicitar novas isenções para esse povo predileto... Mas tudo isso é pernicioso quando se trata dos índios, porquanto “não existe hoje poder algum que seja capaz de os submeter, tendo em vista que excedem de muito o restante destas províncias em população e em armas, e que, desta maneira, não dependem senão de sua própria vontade”.¹¹⁴ O fiscal da Coroa apressou-se a juntar seu testemunho pessoal aos dizeres do bispo.

Em face dos jesuítas, que lhe faziam chegar suas queixas a propósito do infame tratado de 1750, espoliando sete reduções e entregando a todas as espécies de infortúnio entre 30 e 40 mil guaranis, o rei de Espanha desculpava-se, entretanto, pretendendo que, ao fazer fé nos diversos escritos dos padres, supusera que as reduções não passavam de minúsculos povoados, semelhantes aos três miseráveis vilarejos de meia dúzia de fogos, que se encontravam perto de Buenos Aires...

Todo mundo considerava as reduções ricas e poderosas.

Para o comum dos espanhóis, apesar das suposições fantásticas e das informações de alguns bispos e governadores que tinham visitado a região, a riqueza, a grandeza e a formosura das cidades guaranis constituíam, no entanto, uma verdadeira revelação, quando eles aí puderam penetrar, no momento da guerra guarani. O governador espanhol de Montevideu, Dom Joaquim de Viana, que visitou então pela primeira vez as reduções, exclamou, após ter visto duas ou três: - “E

114. Penden solo de su arbitrio. Pastells, tomo III, doc. 2283.

são estas as ‘aldeias’ que temos de entregar aos portugueses? Os nossos cavalheiros de Madri terão perdido a cabeça, para assim renunciarem a tais cidades, que não têm paralelo em todo o Paraguai?”¹¹⁵ Efetivamente, a própria cidade universitária de Córdoba não podia, ao que parece, suportar uma comparação com as reduções guaranis.

Mede-se o progresso realizado a partir dos galpões coletivos. As instruções do Padre Torres, prescrevendo que se avançasse *poco a poco*, tinham sido bem realizadas e amplamente ultrapassadas.¹¹⁶

115. Bauza, tomo II, p. 135, citado por Hemandez, tomo I, pp. 103-4.

116. H adendo poco a poco y a gusto de los indios (Instr. n.º 9, 1609).

V

A Organização Política

Numa conhecida obra, *Les Jésuites et le Secret de leur Puissance*,¹¹⁷ a organização política da República Guarani é apreciada da seguinte maneira: “Esse Estado índio respondia às exigências democráticas mais modernas, visto que, longe de formar uma massa oprimida por funcionários todo-poderosos, os cidadãos não viam suas liberdades entravadas senão na medida em que o interesse geral o exigisse; nessa república, o funcionário indígena livremente escolhido era apenas um órgão da prosperidade pública, privado de preocupações egoístas.”

Observemos desde já que a democracia guarani, do ponto de vista formal, talvez fosse menos avançada do que o texto acima citado dá a entender. Contudo, era mais real do que as nossas democracias burguesas. Quando a exploração do homem pelo homem se perpetua sob aparências democráticas, os direitos políticos são mais ilusórios do que outra coisa, ao passo que numa verdadeira democracia econômica, certas formas de direitos políticos podem-se tornar ocasionalmente secundárias.

O mais comum era as tribos guaranis terem sido levadas a aceitar a vida da redução por seus caciques. Teria sido pouco sensato e praticamente impossível suprimir de um dia para outro uma autoridade estabelecida, que se revelava preciosa em todas as espécies de domínios, nesse período laborioso em que os padres não possuíam ainda conhecimentos da psicologia dos índios. Os caciques tornaram-se, provisoriamente, chefes de setores.

117. Fülep-Miller, Ed. Plon, Paris.

Rapidamente, porém, as diferentes tribos fundiram-se na nova comunidade mais vasta formada pela redução. Os serviços administrativos e a aplicação dos regulamentos exigiram a criação de funções numerosas que em breve fizeram passar para um segundo plano e depois desaparecer a autoridade dos caciques. O exercício dessas funções suscitou o aparecimento de uma elite não hereditária, independente dos antigos quadros.

O cacicado hereditário, protegido por certos padres, transformou-se numa espécie de pequena nobreza mais ou menos decorativa. Contavam-se entre trinta a cinquenta caciques em cada redução.¹¹⁸ Só em Santo Inácio havia cinquenta e sete. Os jesuítas deixavam de bom grado o título multiplicar-se, pois a comunidade não tinha de pagar impostos aos caciques. Doblas diz-nos que os jesuítas não conferiam qualquer cargo aos caciques. Isto não é exato. Os caciques, tal como os descendentes de famílias aristocráticas na nossa sociedade, tinham acesso às funções, com os mesmos motivos dos demais cidadãos, isto é, segundo as respectivas capacidades. No momento da liquidação, em 1768, uma quinzena de caciques, apenas, ocupava cargos mais ou menos importantes de *tenientes*, *mayordomos*, etc., no conjunto da República. Por toda parte os ocupantes espanhóis se encontraram na presença de conselhos municipais eleitos pelo povo, segundo uma tradição que remontava aos primeiros tempos. O Padre Mastrilli já fala de um “Cabildo” ou conselho eleito, composto de “alcaldes, fiscais e outros ministros”.¹¹⁹

É pelas eleições e pelo exercício das funções públicas que os guaranis adquirem um sentimento tão vivo de sua autonomia nacional e de sua responsabilidade em face do bem comum. Toda a administração prática se encontrava em suas mãos. Os guaranis zelavam pela boa ordem de sua cidade e tomavam, eles próprios, as medidas e iniciativas úteis. Organizavam e dirigiam os trabalhos. Administravam os armazéns. Rendiam justiça.

O conselho de cada redução compreendia o corregedor ou presidente, muitas vezes denominado cacique, o qual tinha às suas ordens um alguacil ou comissário administrativo; o teniente ou vice-presidente, dois alcaldes, que eram também “juízes em matéria criminal”¹²⁰; dois alcaldes — oficiais de polícia que dirigiam o policiamento

118. Cardiel, Declaración, § 118.

119. Ánua de 1626 e 1627. Angelis XIX, 19, Rio de Janeiro.

120. Muratori, Relation, p. 137.

das ruas e dos campos; o fiscal e seu lugar-tenente, encarregado, entre outras coisas, de manter os registros de estado civil; enfim, quatro regedores ou conselheiros, assumindo diversos serviços e, eventualmente, assessores “cujo número é proporcional ao dos habitantes”.¹²¹

Elegiam-se também os chefes de setores, “escolhidos entre os mais fervorosos cristãos”. No momento da passagem de Florentin de Bourges, o vice-presidente funcionava como inspetor escolar. Ainda o vice-presidente, ou um alcaide, tinha a responsabilidade geral da juventude até aos dezessete anos. Um alferes, ou subtenente, era o porta-bandeira da redução.

Conquanto se saiba que o corregedor e todos os funcionários eram escolhidos “pelos próprios índios”¹²² em eleições anuais, são poucos os detalhes sobre as modalidades dessas eleições.

A votação tinha lugar nos últimos dias de dezembro ou no primeiro dia do ano.¹²³ O Conselho Cessante* preparava uma lista de candidatos. O padre tinha o direito de controlar essa lista, perante a assembleia pública. Fazia suas observações “que os conselheiros geralmente adotavam”.¹²⁴ A assembleia pública assemelhava-se aos antigos Landsgemeinden helvéticos. Não se votava por meio de boletim secreto. A opinião popular, contudo, exprimia-se com toda a liberdade, eficácia e em conhecimento de causa. O mais frequente, diz Cardiel, era a aceitação de todos os candidatos propostos na lista. Entretanto, nenhum era aclamado se não desfrutasse da estima e simpatia de seus concidadãos.

Não havia partidos. A concepção reinante do bem comum era admitida espontaneamente por todos. Em momento nenhum, em redução nenhuma, se desenhava qualquer movimento de opinião anti-comunista, ou favorável ao nosso sistema econômico, de que os índios tinham tido, não obstante, os exemplos mais diversos sob os olhos, desde o simples domínio privado, talhado nas terras conquistadas, e o comércio do mercador e do mascate, até as companhias de navegação

121. Florentin de Bourges, *Lettres Édifiantes*, tomo V, p. 237. Os regulamentos, os escritos dos missionários e viajantes oferecem numerosas variantes para os cargos secundários, criados segundo as necessidades. De acordo com as *Leyes*, não devia haver nas reduções corregedores índios! Hernandez, tomo I, p. 108, reconhece que a constituição do Conselho guarani não respeitava as ordenações régias aplicadas em todo o resto da América.

122. Charlevoix, tomo I, p. 239.

123. Muratori, *Relation*, p. 137.

* O Conselho que encerrou o seu período de vigência.

124. Hernandez, tomo I, p. 109.

ou do comércio de escravos. As lutas eleitorais, limitadas às questões de pessoas, conservaram sempre, ao que parece, uma perfeita dignidade. “Tudo se passa numa grande paz”, diz ainda Cardiel. Homens jovens e mesmo muito jovens, mais instruídos, tinham acesso aos cargos. O regulamento de 1689 interditava, porém, que se elessem pessoas jovens para as funções de justiça.

Os novos magistrados recebiam as insígnias de seus cargos das mãos do pároco. Este fazia um discurso sobre a importância das responsabilidades aceitas.

Ao mesmo tempo, nomeavam-se os oficiais militares, os funcionários políticos e econômicos, os mestres de capela e sacristãos.

Uma missa solene coroava a cerimônia das eleições.¹²⁵ Os conselheiros ocupavam os bancos reservados, próximo do coro.

Os eleitos conservavam-se em contato com o povo. Com muita frequência, no ano seguinte reentravam na vida normal da comunidade. Um corregedor que fosse apreciado, pelo contrário, era mantido no cargo indefinidamente. Em princípio, o corregedor era nomeado por cinco anos. Não podia ser deposto senão pelo superior-geral da República.¹²⁶

As sessões do Conselho eram muito regulares e duravam muito tempo. Além disso, cada manhã, o corregedor e os dois alcaides principais mantinham um pequeno conselho com o “Cura”. Tudo o que interessava à vida política e econômica da cidade decidia-se conferenciando, em sessões que reuniam o pároco, o corregedor e o Conselho.¹²⁷ Na *Memória para as Gerações Vindouras*, escrita por um guarani de Yapeyu, vê-se que os padres “assistem”. Sugerem eventualmente uma ideia, por exemplo, a fundação de novas estâncias. O corregedor ocupa-se em estudar, com o seu Conselho, os meios de realização. Toma as decisões, prevê os detalhes de execução.¹²⁸

Cada redução formava, assim, uma pequena república independente para sua administração interior.

Por outro lado, era dependente da Confederação em tudo o que respeitava à legislação civil, penal e militar. O desenvolvimento

125. Cardiel, *Breve Relación*, Cap. V, §§ 1 a 7.

126. Regulamento de 1689, § 30.

127. Cardiel, *ibid.*, cap. VII, § 5.

128. Hernandez, tomo I, doc. 21. Documento descoberto na posse de um guarani em 1826, respeitante à fundação de estâncias do Yapeyu, de 1657 a 1708.

das reduções era dirigido pelo Superior-Geral ou, no primeiro período, por dois superiores que residiam, um no Paraná, em Candelária ou Santo Inácio, e o outro em Yapeyu, no Uruguai.

O Superior visitava regularmente todas as reduções. No seu regresso, lançava as diretrizes que julgava oportunas para o conjunto. Era esse o seu papel: estabelecer e manter a unidade e mesmo a uniformidade, “*la uniformidad en todo, en todas las reducciones*”.¹²⁹ As decisões do Superior eram pontualmente observadas.

O comércio exterior era também da competência da confederação.

A República Guaraní realizava, assim, em pequena escala, a fórmula do federalismo internacional do futuro: administração autônoma das comunidades e liberdades locais, garantidas na base de um regime político e econômico unificado.

As mais belas tradições de ajuda mútua e de amizade reinavam entre as diversas reduções e as diversas regiões.

Unicamente graças à influência de sua devoção e de suas capacidades, os jesuítas conservaram pacificamente até a sua partida o controle do organismo por eles criado. Exerciam o direito de veto. Em caso de conflito ou de abuso de poder, por parte dos funcionários, sempre os índios recorriam a eles como a autoridade reconhecida por todos e indiscutida.

“Em todas as suas causas, tanto civis como criminais, era aos padres que eles recorriam”, diz o Padre Mastrilli.¹³⁰

Entretanto, os padres deixaram, desde o começo, os guaranis assumirem suas responsabilidades. “Se porventura surge entre eles qualquer litígio, este é prontamente solucionado por uma sentença definitiva dos alcaides, que não sabem fazer arrastar as questões por tempos infinitos, nem recebem presentes.” Tudo se passa “sem advogados, sem procuradores, sem notários”. Eles têm a felicidade de “ignorar completamente todos os desvios da chicana”.¹³¹ O Superior-Geral atuava como última instância de recurso, mesmo contra os próprios padres, se fosse o caso. Podia-se dirigir qualquer cidadão diretamente a ele, Superior, quer em sua residência, quer na própria localidade, quando de sua visita anual. O Provincial, por seu turno, visitava as reduções uma vez no decorrer dos três anos em que exercia o cargo.

129. Regulamento de 1637, n. 5.

130. *Annuæ*, p. 43. *Idem*, Ripario, carta de 10 de agosto de 1837, Pastells, tomo I, p. 544.

131. Muratori, *Relation des Missions du Paraguay*, p. 142.

As dificuldades de fronteiras entre as reduções eram solucionadas por um tribunal de três padres do Uruguai para as reduções do Paraná e de três padres do Paraná para as reduções do Uruguai. O Provincial atuava como instância superior. Uma carta fixando os limites era afixada em cada localidade, para prevenir e resolver as dúvidas.¹³² Os litígios privados só raramente ocorriam, graças ao fervor religioso dos neófitos, à organização econômica em vigor e às ocupações muito bem regulamentadas para todos os habitantes. Diz Funes: “A consciência substituía a lei. O Código Civil não existia porque, para os índios, o direito de propriedade era por assim dizer desconhecido.”

As sucessivas Ordenações tinham acabado, porém, por formar uma legislação muito desenvolvida.¹³³ Regulamentos, leis e costumes, estavam reunidos no *Libro de Ordenes*, de que havia um exemplar à disposição de cada uma das reduções.

A polícia velava pela aplicação das leis e manutenção da ordem, de um modo sobretudo preventivo. As advertências eram suficientes, na maioria dos casos, para evitar infrações. A calçada, ao nível das habitações, facilitava as rondas e o controle. À noite, a partir da hora de recolher, todas as saídas injustificadas eram interditas. As patrulhas eram rendidas de três em três horas. Tinham de estar também prevenidas contra as surpresas dos inimigos externos, “pois havia por toda parte índios errantes”.¹³⁴

Um homem presumivelmente culpado era conduzido ao juiz, sem correntes nem algemas de espécie alguma, por muito grave que fosse o delito.¹³⁵ Nenhuma pena era aplicada arbitrariamente ou sem prévio inquérito. Cada caso, mesmo pouco importante, era conscienciosamente estudado. As testemunhas eram ouvidas e acareadas.¹³⁶

O *Libro de Ordenes* continha igualmente o Código Penal. Além das penas aplicáveis aos delinquentes e criminosos, aí se encontravam as sanções previstas para as infrações aos regulamentos, por exemplo, no domínio do trabalho. Uma reprimenda paternal era a punição mais frequente. A interpretação do código era flexível e levava em gran-

132. Instrucción sobre Pleitos, 1732. Hernandez, tomo I, pp. 121-122.

133. Os atos mais conhecidos são as Instruções do Provincial Torres para os padres Cataldino e Maceta, 1609; a Instrução Geral de 1610; o Reatamento General de 1637, elaborado pelos padres Montoya, Tano, Ruyer e Ampuero; o novo regulamento geral de 1689; a instrução sobre litígios, de 1732. Ver ns. 42 e 43 dos Doc. y Acclaraciones, Hernandez, tomo I, pp. 589 a 598.

134. Charlevoix, tomo I, p. 260.

135. Charlevoix, tomo I, p. 260.

136. Hernandez, tomo I, pp. 128-9.

de conta as boas disposições do culpado. “Não se castigam jamais os culpados segundo o máximo rigor das leis... Mas como os castigos são necessários para conter as pessoas surdas a todas as outras vozes salvo a do medo, como sempre se encontram algumas nas reduções, o corregedor régio e os alcaides infligem penas, mas com muita prudência e discernimento. Aquelas nunca são determinadas sem que se tome previamente conselho com o seu missionário. Encontra-se meio de punir as faltas sem tornar odiosa aos punidos sua permanência na redução.”¹³⁷

A pena deve ser terapêutica. “Antes de os prender, faz-se-lhes saber suas faltas com muita doçura e não custa persuadi-los de que merecem a punição. Também a recebem com humildade, e não há exemplo de algum deles ter testemunhado o mínimo ressentimento contra seus julgadores. Têm tão grande confiança em seus pastores que, se fossem punidos sem motivo, acreditariam tê-lo merecido”, diz Dom Antônio de Ulloa.¹³⁸

As sanções reduziam-se “a orações, jejuns, prisão e, algumas vezes, o azorrage, não cometendo os neófitos faltas que merecessem punições mais severas”. O número máximo de açoites estava fixado em vinte e cinco. O sangue não devia ser derramado, em caso algum. “Se o delito é muito grave, os vinte e cinco açoites repetem-se com alguns dias de intervalo.”¹³⁹ A pena de azorrage, dessa maneira moderada através de claras prescrições, permitia ao menos que o culpado fosse prontamente reintegrado na vida normal. Autores reconhecidos pela sua ausência de boa-vontade, admitem, contudo, que tal punição era pouco humilhante para os guaranis e menos penosa que a detenção.

Os feiticeiros, uma vez comprovado que tinham exercido graves malefícios, não eram queimados. Eram simplesmente expulsos, após um ano de prisão.¹⁴⁰ Os crimes de aborto, incesto, etc., ocorriam excepcionalmente. Eram punidos com dois meses a ferros. No decurso desses dois meses, o criminoso recebia três séries de vinte e cinco açoites “e jamais acima desse número”. Via-se excluído dos cargos oficiais.¹⁴¹

137. Muratori, *Relation*, p. 138.

138. Charlevoix, tomo I, p. 239.

139. Cardiel, *Breve Relación*, cap. VII, § 68.

140. Hernandez, tomo I, p. 124.

141. Regulamento de 1689, § 53.

Não existia a pena de morte. Os crimes julgados passíveis de morte, tais como o envenenamento, deviam, segundo o regulamento de 1689, ser punidos com prisão perpétua. Mas, em 1716, o Padre Tamburini limitou a pena máxima a dez anos. Para os reincidentes perigosos ou contumazes, estava previsto o banimento. Alguns criminosos eram por vezes transferidos para reduções longínquas.

As mulheres delinquentes eram julgadas em primeira instância e punidas sempre por mulheres. Sofriam, vulgarmente, um internamento na Casa das Viúvas, onde trabalhavam sem ficar encerradas.

O direito penal da República dos Jesuítas era, como se -vê, de uma benignidade extrema, comparado com o direito colonial ou mesmo com o direito vigente nessa época nos países europeus mais avançados.

O regime dos condenados também era, em geral, de uma doçura sem par na época. Um detido não podia ser mantido a pão e água mais de três dias. “Todos os prisioneiros dos dois sexos vão à missa e ao rosário cada dia (eventualmente) com suas correntes.”¹⁴²

O condenado suportava sua pena com uma submissão sincera e sem opor jamais a mínima resistência, “*sin mostrar jamás resistencia*”. “Nunca conceberam que o castigo decidido pelo padre fosse algo nascido da cólera ou de alguma outra paixão, mas sempre como um remédio para seu próprio bem.” Cardiel confessa também que a humildade dos guaranis arrancava aos jesuítas lágrimas de confusão. “Ficam sempre contentes com o que o padre decidiu, e isso não acontece uma vez ou outra; sempre as coisas se passam dessa maneira.”

Todos os autores antigos o sublinham; os guaranis não eram tanto desviados do mal pelo medo de punições como atraídos para o bem pelo ambiente social, pelo exemplo de todos e pela emulação geral estimulada, incessantemente, ao serviço da comunidade. A fé cristã, muito vigorosa, protegia os costumes e a ordem pública. Humanamente, sem excitações malsãs, com a maior eficácia, em todo caso, a esperança de recompensas encorajava a virtude. Nessa república sem classes, sem privilégios, onde o dinheiro não tinha poder, os indivíduos ascendiam, essencialmente, por seu valor e méritos pessoais. Para ser admitido nos coros, na orquestra, na sociedade de música, não se devia ser indigno. Para entrar na “Congregação”, para ter acesso aos cargos públicos, era preciso estar entre os mais dignos.

142. Cardiel, Breve Relación, cap. VII, § 68.

Que durante mais de século e meio uma legislação mais severa não se tenha revelado indispensável para manter a ordem, e uma ordem exemplar, em cidades muito extensas, povoadas de uma raça inclinada para a despreocupação e muito ciosa de sua liberdade, eis um fato que depõe com a maior claridade em favor do sistema criado pelos jesuítas e da sabedoria com que eles se serviram de um poder moral quase absoluto. Azara reconheceu, apesar de sua hostilidade à Companhia de Jesus, que “os jesuítas usaram de sua autoridade com uma doçura e moderação que se deve admirar”. Os escravocratas e seus amigos da Europa não clamaram menos, até ao fim, contra “o despotismo jesuítico”.

VI

O Exército

Os guaranis teriam ficado muito felizes “se os tivessem deixado ignorar até o nome da guerra”.¹⁴³

No plano de sua república cristã, os jesuítas não tinham previsto meio algum para alimentar os instintos guerreiros dos índios. Toda a organização social tendia para fazer reinar a fraternidade, a doçura e a paz.

Depois de metade da população ter sido massacrada ou posta em escravidão, os padres não tiveram outro remédio senão resignarem-se a deixar que os guaranis se exercitassem, como os seus perseguidores, no manejo de armas de fogo. “Foi preciso armá-los, torná-los aguerridos e ensinar-lhes uma arte que é o maior flagelo da terra, mas não é para fazer conquistas, nem para enriquecer com os despojos das outras nações, que eles fazem a guerra.”¹⁴⁴

Cada redução, diz Gay, possuía “um corpo de cavalaria e um de infantaria”. O corpo contava oito companhias.¹⁴⁵ Quanto à cavalaria, ainda de acordo com o Cônego Gay, de seiscentos a mil cavalos de sela estavam à disposição de cada redução. O Padre Sepp declara: “poderíamos mobilizar imediatamente mais de trinta mil índios, todos a cavalo” e capazes “tanto de manejar um mosquete como de brandir um sabre... de se baterem na ofensiva ou na defensiva, tudo como

143. Charlevoix, tomo I, p. 263.

144. *ibid.*

145. Cardiel, *Breve Relación*, cap. VIII, § 1.

quaisquer europeus.”¹⁴⁶ Uma brochura de 1715 fala de 60 mil homens. Durante anos, um contingente de 12 a 14 mil homens manteve-se permanentemente a postos para intervir, em caso de complicações, em Assunção.

Quanto ao efetivo total das tropas guaranis só é possível avaliá-lo aproximadamente, segundo as cifras populacionais. A mobilização geral jamais foi decretada. O Padre Aguillar, Superior-Geral da República, em sua resposta ao Governador Barua, achou conveniente afirmar que “nas próprias cidades espanholas não se estaria em segurança contra eles, se os exasperassem, pois que são muito poucos nestas províncias os que não teriam dificuldades em defender-se de um punhado de infieis muito menos aguerridos, que já arruinaram mais de uma e que, nas próprias capitais, é-se obrigado diariamente a sofrer as maiores insolências desses bárbaros, que não é possível reprimir pela força. Com efeito - acrescenta ele - quem poderia opor-se a vinte mil índios que já mediram suas forças com as melhores tropas espanholas e portuguesas, diante dos quais os mamelucos já não ousam mostrar-se, que expulsaram duas vezes os portugueses da colônia de Sacramento e que, há muitos anos, mantêm em respeito todas as nações infieis que os cercam”.¹⁴⁷ Charlevoix diz simplesmente, falando dos guaranis: “Há mais de um século que ninguém ousa atacá-los.”

Quanto ao armamento, diz o mesmo autor, “a infantaria, além do macaná, do arco e flecha, emprega ainda a funda, a espada e o fuzil. Os cavaleiros têm o sabre, a lança e o mosquete, porque eles combatem igualmente a pé, como os nossos mosqueteiros”.¹⁴⁸

Recorde-se que os guaranis tinham obtido em Mbororé sua vitória decisiva sobre os paulistas, quando apenas possuíam, então, trezentos fuzis. O Padre Montoya fora pessoalmente comprar esses fuzis no Peru. Um edito real de 1648 menciona uma compra de setecentas armas de fogo, efetuada pelas reduções com seus próprios recursos financeiros.¹⁴⁹

Os guaranis receberam da corte de Espanha uma oferta de quinhentas armas de fogo em 1680 porque, em número de quatro mil, tinham barrado o caminho aos portugueses do lado de S. Gabriel.

146. *Reisebeschreibung*, p. 142.

147. Charlevoix, tomo VI, p. 73 e 74.

148. Charlevoix, tomo I, p. 264..

149. Pastells, tomo II, doc. 757. Ver também docs. 1101 e 1370.

O mundo colonial pôs frequentemente em questão o direito dos guaranis a utilizarem armas de fogo. Entretanto, as reduções não dispunham de meios para se armarem poderosamente. Os metais eram raros no Paraguai. Só na fase final os guaranis descobriram e exploraram uma mina de ferro. Entrementes, tinham conseguido, apesar de tudo, montar fundições de canhões e fábricas de fuzis, importando o metal. “Eles próprios fabricam as suas armas, seus canhões, que lhes servem somente para manter seus vizinhos em respeito, e instrumentos de lavoura.”¹⁵⁰ “Enquanto for possível, a pólvora será fabricada em cada Missão”, diz uma circular do Padre Zea. O decreto de Filipe V declara: “Ele comprova mediante os autos levantados por Dom Juan Vasquez que, em cada povoado, existem muitas oficinas diferentes, nas quais se fabricam armas de fogo e armas brancas de todas as espécies, pólvora e todas as classes de munições.”¹⁵¹

Com as armas de fogo, a frota de barcos e grandes canoas fora quem contribuía de maneira preponderante para a vitória de Mbororé. A defesa naval não foi negligenciada depois disso. Os grandes rios eram, por sua própria natureza, portas abertas ao inimigo nas quatro direções. Os guaranis tinham, de qualquer modo, necessidade de abundantes meios de transporte fluvial para encaminharem suas importações e exportações ao longo do curso dos rios Paraná e Uruguai.

Durante as manobras militares, diz o Padre Sepp, “as fragatas bem armadas” defrontavam-se sábia e ardorosamente. Em torno dos navios, homens nadando empenhavam-se em combates singulares. Por ocasião de certas festas, organizavam-se paradas e grandes torneios navais. A população acompanhava o espetáculo com entusiasmo.¹⁵²

Todos os homens e adolescentes aptos para o serviço eram chamados para seguir a instrução militar. Uma decisão do Padre Machoni, visitador, ordena: “As crianças devem igualmente fazer exercícios e treinar no manejo de armas.”¹⁵³

Os primeiros instrutores tinham sido, muito simplesmente, padres jesuítas, antigos oficiais. O Irmão português Antônio Bernal,

150. Charlevoix, tomo I, p. 264.

151. Citado em Charlevoix, tomo VI, p. 366. Cardiel escreve, contudo, que a redução melhor armada não possuiria mais de cinquenta armas e fogo... (Breve Relación, cap. VIII, § 1),

152. Sepp, *Reiseschreibung*, p. 205 e segs.

153. *Preceptos y Ordenes*, nota 236.

em particular, é citado pelo Memorial do Padre Montoya como tendo prestado grandes serviços. O Padre Antônio combatera no Chile antes de ingressar na vida religiosa.

O treino militar realizava-se mais ou menos durante todo o ano. “Todas as segundas-feiras, não só o corregedor de cada povoado os fazia passar em revista na praça, mas também tinham de efetuar exercícios. Depois separavam-se em dois grupos que se atacavam mutuamente e faziam-no com tal ardor que era preciso soar o toque de retirada, temendo-se que ocorresse algum acidente. Também há, de tempos a tempos, prêmios propostos para os arqueiros, os lanceiros, os atiradores de funda e para os que atiravam ao alvo. O exercício de lanças é o mais divertido de todos. O de funda é o mais surpreendente, em virtude da destreza com que os atiradores acertam em cheio no alvo; e deve-se dizer, francamente, que não existe na América tropa que possa resistir-lhes, nem aos lanceiros. Pode-se mesmo assegurar, de um modo geral, que, em igualdade de forças, toda esta milícia é invencível; mas teve durante muito tempo e talvez ainda tenha necessidade de ser dirigida por alguns oficiais espanhóis. De resto, é extremamente dócil, jamais recua, e reúne-se facilmente à primeira ordem, quando suas linhas são rotas.”

Quando do cerco de Sacramento, porto defendido pelos portugueses diante de Buenos Aires, os espanhóis puderam apreciar a capacidade estratégica dos guaranis. O plano de ataque elaborado pelo estado-maior espanhol fora completamente modificado, segundo as propostas mais sensatas de um oficial guarani.

Continua Charlevoix: “As surtidas de surpresa, as emboscadas, que no começo tinham sido tão funestas para esses índios, não propiciavam já o mesmo sucesso para os seus inimigos, pelo cuidado que punham em manter estes sob contínua observação. Durante o tempo todo há um corpo de cavalaria que bate a estrada e adverte de tudo o que descobriu. Os desfiladeiros por onde seria possível penetrar em seus territórios estão bem guardados, e como poderia suceder que, apesar de todas essas diligências, o inimigo chegasse a coberto do arvoredo a atacar um povoado, quando a população estivesse na igreja, por pouco que haja lugar para o temer, permite-se aos guerreiros que portem suas armas, a fim de que, ao primeiro alarma, possam

rechaçar um golpe de surpresa e dar a todos os habitantes o meio de se reconhecerem.”¹⁵⁴

O uniforme dos oficiais era “muito digno, agalado de ouro e prata, cada um segundo a sua patente”.¹⁵⁵ Após a guerra guarani e a expulsão dos jesuítas, os espanhóis puderam ainda apanhar alguns uniformes de gala: dois de general, dois de brigadeiro, um de mestre-de-campo, um de major, quatro de capitão de infantaria, quatro de capitão de cavalaria e diversos uniformes de patentes inferiores, tenentes, sargentos, porta-estandartes, etc.¹⁵⁶

As reduções eram fortificadas. As mais expostas estavam completamente cercadas de paliçadas, imensas fossas ou muralhas. Os escravistas pretendiam que essas fortificações eram dirigidas contra os espanhóis. Podiam, sem dúvida, servir contra toda a espécie de agressores, mesmo espanhóis. Mas a acusação pareceu demasiado grave e provocou enérgicos desmentidos de Hernandez, o qual assegurou que as reduções não eram fortificadas. Mas eram, de fato. O Padre Magg conta, por exemplo, que em La Cruz, redução dirigida algum tempo pelo Padre Sepp, fossos e muralhas rodeavam toda a cidade.¹⁵⁷ O Cônego Gay “viu com seus olhos várias fortificações. Moussy descobriu as de La Cruz. Diz ele: “La Cruz está ainda encerrada na muralha de pedra nua que os jesuítas construíram”, uma “alta e espessa muralha”.¹⁵⁸ Em 1753, quando de sua agressão combinada com os espanhóis, os portugueses depararam-se primeiro com um fortim construído pelos guaranis num ponto estratégico.

As medidas de segurança eram decididas pelo Superior-Geral. Levavam em conta o conjunto do território e não apenas as necessidades ou a comodidade de uma determinada redução. Já no tempo das primeiras incursões dos paulistas a coordenação estava assegurada. Os prisioneiros feitos no Guaíra, Tape ou no Uruguai, eram, por exemplo, remetidos para o interior, a centenas de quilômetros, nas reduções do Paraná, onde a maioria, aliás, se convertia.¹⁵⁹

154. Charlevoix, tomo I, p. 264-265.

155. *Ibid.*, p. 246.

156. Brabo, Inventários, notas 9 e 10.

157. Plattner, Ein Reislauffer Gottes, p. 61.

158. Moussy, Description, tomo III, pp. 143 e 704. As observações de Queirel confirmam esses testemunhos (Ruínas, pág. 17). Azara e, subsequentemente, Paul Lafargue, imaginaram que as muralhas mantinham os guaranis prisioneiros dos jesuítas! Assim, não teriam sido, com efeito, fortificações.

159. Charlevoix, Histoire du Paraguay, tomo 1, p. 420-421.

Fora dos períodos de alarme ou guerra, o espírito reinante entre as tropas guaranis era mais esportivo do que guerreiro. O treino militar transformava-se em jogos e torneios. O espírito bélico ou militarista parece não ter contaminado os neófitos. “Não se distingue o soldado do simples habitante, e esses bravos, que são a segurança da República e que tantas vezes se cobriram de louros, desde que não tenham mais as armas na mão, constituem exemplo, para os demais, de devoção e de humildade. Jamais seus pastores os encontraram menos dóceis e submissos, depois de terem ganho os meios para que não fosse preciso continuar a temer que viessem perturbar a tranquilidade de que todos desfrutavam.”¹⁶⁰

O caráter muito digno e nobre das milícias guaranis manifestou-se em todas as ocasiões, particularmente a respeito dos vencidos e dos prisioneiros, que se viram mais de uma vez libertados logo após o combate.

Eis um exemplo, que não é extraído das *Lettres Édifiantes*.

Em 1677, os paulistas destruíram a colônia espanhola de Jérez. Dois anos mais tarde, bandos vagueavam ainda nas florestas. Vinte e cinco portugueses, em busca de despojos humanos, foram assim surpreendidos pelos guaranis e aprisionados. Será fácil compreender os sentimentos dos guaranis. A recordação de aldeias incendiadas e destruídas, de familiares massacrados ou escravizados, reacende-se em seus corações. A vingança deflagra neles, e o Padre está ausente, o qual poderia lembrar aos neófitos o dever do perdão. Vendo que os portugueses estavam extenuados, conta simplesmente Charlevoix, eles repartiram com os prisioneiros suas provisões, que eram bastante módicas, ofereceram-lhes mulas para se transportarem à redução mais próxima — a de Yapeyu, a cem léguas — e ainda lhes deram guias para os conduzirem. Foram recebidos em Yapeyu com uma cordialidade que talvez não tivessem encontrado em seu próprio país.¹⁶¹

160. *Ibid.*, p. 264 e 489.

161. *Ibid.*, tomo IV, p. 40.

VII

Relações com a Coroa de Espanha

A República Guarani era livre de direito e de fato. Desde o primeiro dia, os padres Maceta e Cataldino tinham exprimido claramente, ante os habitantes de Vila Rica, a finalidade primeira de sua missão entre os guaranis: salvaguardar sua liberdade, “à qual têm um direito natural e que nada autoriza a contestar-lhes”.¹⁶²

O próprio rei, numa carta de 1609 ao Governador do Paraguai, declara “que não pretendia privar esses povos de sua liberdade — pela ação dos padres — mas retirá-los da libertinagem e barbárie em que viviam”.

Os padres comprometeram seus neófitos “a declararem-se súditos ou vassallos da Coroa de Espanha, fazendo-os compreender que era esse o único meio de assegurar-lhes a liberdade em face dos coloniais. Também os suíços tinham atingido a independência pela sua vinculação imediata à Coroa imperial, o que os livrara da intrusão dos senhores feudais. “Não será preciso dizer, acrescenta Charlevoix, que para fazer chegar a esse ponto os bárbaros acostumados a não reconhecerem autoridade alguma na terra, nem mesmo a dos seus caciques, se assim o entendessem, foi necessário predispor-los gradualmente, e o seu consentimento foi o fruto do amor e da confiança que seus Pais em Jesus Cristo tinham sabido granjear.”¹⁶³

162. Charlevoix, tomo I, p. 238.

163. Charlevoix, tomo I, p. 234.

A vinculação imediata à Coroa, admitida por Filipe III, foi confirmada muitas vezes por seus sucessores.¹⁶⁴ Os jesuítas aplicavam-se com cuidado a assinalar exteriormente a fidelidade ao rei, para acalmar a desconfiança das autoridades coloniais que os acusavam de criar um império independente. Foi assim que, no dia da festa do patrono de uma redução, vinte homens montavam guarda de honra diante do estandarte real içado na praça para a circunstância. Em 1732, no tempo dos ataques da Comuna de Assunção, uma carta do Superior transmitia a seguinte ordem: “O retrato do Rei, nosso amo e senhor, e de suas armas, deve ser colocado no arsenal para, de tempos em tempos, ficar exposto em público, como de costume.” Os padres celebrarão todos os meses uma missa em intenção do rei, diz o regulamento de 1689.

Parece fora de dúvida que, nos períodos favoráveis, os guaranis tinham alimentado sentimentos cordiais de lealismo em relação à Coroa.

A situação da República Guarani era bastante parecida à de um domínio do império britânico, o Canadá ou a Austrália, por exemplo. A República Guarani desfrutava de uma liberdade pelo menos tão completa, visto que possuía uma constituição original, suas próprias leis civis e penais, suas próprias autoridades, juizes, orçamento, exército, polícia e chefes militares próprios. A República Guarani tinha suas fronteiras bem delimitadas e defendidas. Sua economia era mais autônoma que a de todos os outros Estados do mundo.

Com tal liberdade e apesar das homenagens ostensivas que eram prestadas a Sua Majestade o Rei de Espanha, a posição dos jesuítas e dos seus índios mantinha-se muito delicada em face do mundo colonial. “A prosperidade de que gozavam esses estabelecimentos excitava a inveja dos paraguaios, dos habitantes de Santa Fé e Buenos Aires, que, aliás, viam nos jesuítas mais gente estrangeira que espanhola. Efetivamente, muitos desses padres eram alemães, ingleses, franceses. Por outra parte, sujeitos exclusivamente ao Superior das Missões que, residindo em Yapeyu, era nomeado diretamente pela Corte de Roma (melhor, pelos Mestres da Companhia) e tinha o direito de administrar o sacramento da confirmação, os padres pareciam não depender da Espanha.”¹⁶⁵

164. Em particular, de modo solene, em 1631, 1633, 1634, 1649 e 1743.

165. Moussy, *Description*, tomo III, p. 665.

Além disso, sem deixarem de cultivar o lealismo dos guaranis, os jesuítas tinham de usar a maior prudência para não ferirem seus sentimentos de autonomia, para fazerem compreender às novas gerações a necessidade de proteção real e levá-las a aceitarem que o respectivo preço fosse pago.

Os guaranis jamais haviam sido vencidos pelos espanhóis. Tinham uma consciência muito viva de sua liberdade. O Padre Aguilar, Provincial do Paraguai, em sua célebre memória publicada em resposta às acusações do Governador Barua, não desconvém: “É mais do que verossímil que eles considerariam como um atentado à sua liberdade, de que são infinitamente ciosos, se lhes dessem corregedores espanhóis.”

O próprio Padre Cardiel, tão inclinado a contraditar os inimigos da Companhia, confessa que os guaranis sentem-se e são realmente livres.¹⁶⁶ Contenta-se, para refutar as censuras de independência, em recordar os inumeráveis privilégios reais — *casi infinitos* — que fundamentam o estatuto de autonomia dos guaranis.

Hernandez, pelo contrário, que não pode ignorar, entretanto, qualquer precedente, mantém-se ainda mais indefectivelmente fiel às posições de defesa mais estritas dos antigos jesuítas atacados pelos coloniais. Voltou mesmo a encarecer e permitiu-se escrever que as reduções “nunca foram outra coisa senão uma parte de uma província espanhola qualquer”! Esforça-se por destacar todos os elementos que pudessem fazer transparecer o mais completo estado de vassalagem dos guaranis.

Evidentemente, os brindes reais pagavam-se, como é sabido. Os guaranis aprendê-lo-iam por experiência própria. O rei de Espanha houvera por bem conceder-lhes sua proteção “unicamente para torná-los felizes”,¹⁶⁷ mas era ao abrigo de tais fórmulas generosas que a Coroa perpetrava suas malfetorias. É necessário sabê-lo e não o esquecer, para não se ser logrado pelas defesas mais ou menos cândidas que congestionam as publicações antigas e modernas sobre a República Guarani.

Era “para o bem-estar espiritual dos índios, sua instrução cristã na fé e sua proteção”, tal como se exprimem as Leyes, que o Tesouro Real se reservava o direito sobre a totalidade dos metais preciosos do

166. *Breve Relación*, cap. VIII, § 15

167. Edito Régio de 1609..

Novo Mundo, extraídos ou já trabalhados; mais tarde, o “quinto”, ou seja, uma quinta parte. As terras e habitantes das índias deviam ser repartidos sem qualquer demora, para que o Tesouro Real pudesse receber imediatamente suas rendas. Os repartidores eram sempre escolhidos com cuidado, como um tal Rodrigo Albuquerque, repartidor-geral, que Las Casas teve de defrontar, homem glacial, aliando a polidez de grande senhor à mais implacável ferocidade. O rei agradeceu a Las Casas, que acabava de o informar dos fatos, mas, acrescentou o monarca, era conveniente prestar contas a pessoas competentes e dignas, um bispo, um arcebispo, que possuíam, por acaso, e sem conhecimento de Las Casas, interesses consideráveis nas índias... Para evitar escândalos, a escravatura foi substituída no papel pela “comenda”; os índios repartidos eram caridosamente “recomendados” aos espanhóis. Enfim, foram novamente declarados inteiramente livres. O riquíssimo Governador Bobadilla, que empregava em benefício próprio multidões de escravos nas minas e transporte de cargas, recebeu do rei a missão geral de fazer respeitar a liberdade dos índios! Quando, por acaso, um homem honesto como Alfaro, no Prata, promulgava editos práticos e suscetíveis de se tornarem eficazes, a Corte só os ratificava com anos de atraso, quando os pontos mais perigosos tinham sido modificados ou eliminados.

Tendo em consideração toda a espécie de pequenos detalhes análogos, que custaram a vida a milhões de índios, admitir-se-á que a Coroa de Espanha não merece os louvores e a simpatia que autores honestos lhe têm habitualmente concedido até agora. A proteção dispensada à República Guarani não é de molde a alimentar ilusões. De resto, ela acabou por uma traição, e o preço foi bastante elevado.

Tendo os guaranis sido declarados “dignos súditos do rei”, ainda melhor, “seus filhos”, os usos da suserania nem por isso caíram no esquecimento. Os jesuítas não poderiam agir de outro modo senão aceitando as três retribuições clássicas, em vigor em todos os reinos: o imposto para o Tesouro Real, a milícia e a mão de obra para trabalhos públicos.

Quanto ao imposto, “enquanto durou a guerra dos mamelucos, sua extrema pobreza e as privações a que se viram reduzidos, não permitiram que se falasse nisso”. Uma nova prorrogação de vinte anos foi concedida em 1643.¹⁶⁸ “Prorrogação exorbitante!” diz um

168. Pastells, tomo II, doc. 673.

edito régio posterior. Já em 1649 Filipe IV instava urgentemente com o pagamento, enquanto simulava conceder novos favores. Honrou os guaranis com o título de “seus mais fiéis vassalos” e “contentou-se” em solicitar, pelo direito de vassalagem, que só os homens, entre os dezoito anos cumpridos e os cinquenta anos, pagassem ao Tesouro um escudo por cabeça.¹⁶⁹

Contra o imposto de renda, o rei assegurava a manutenção de vinte e dois padres. Deixava também 140 piastras a cada redução para a farmácia.¹⁷⁰

Fazendo alusão, é certo, não só ao imposto, mas ao conjunto de cargas tributárias, sobretudo o serviço das milícias, muito oneroso nesses primeiros anos do século XVIII, Dom Baltasar Garcia Rós, homem inteiramente dedicado aos jesuítas, escrevia: “A maior parte dos bens da comunidade é empregada no serviço do rei, com muita fidelidade e zelo.”¹⁷¹ O exagero é enorme. É uma traição à verdade, tanto mais que as milícias levantadas nesse momento contra a Comuna de Assunção protegiam a própria República Guarani, e não o rei de Espanha. Mas é certo que o peso tributário era sensível... pelo menos, quando chegava o momento de o quitar.

A proteção real não concedia um direito muito claro. A República Guarani teve de aceitar, feitas as contas, para se resguardar das injustiças e dos crimes praticados pelos próprios súditos do rei, os espanhóis e os portugueses, então unidos sob o mesmo cetro. Os jesuítas, representantes das reduções, pagavam pois sem grandes pressas. Sabiam contemporizar. Se fosse preciso, deixavam que lhes puxassem as orelhas, sem perder a paciência. Recebiam pacificamente todas as recriminações. Encontravam respostas para todas as reclamações. Declaravam-se sempre dispostos a pagar tudo o que era devido, sem pagar coisa alguma, pois que nada era devido. Finalmente, o mais tarde possível, pagavam qualquer coisa, o menos possível.

As diversas autoridades e instâncias de recursos do império espanhol formavam um teclado complexo de que os padres sabiam servir-se, tocando inúmeras variações.

Certo dia, Sua Majestade perdeu a paciência. Quando o Ouvidor Valverde assegurava ao rei que “os ditos religiosos nunca se re-

169. *Un peso, de ocho reales*. Os outros índios eram tributados legalmente cinco a seis vezes mais; na prática, eram reduzidos à escravidão.

170. Decreto de Filipe IV, 1663, e Muratori, p. 159.

171. Charlevoix, tomo IV, p. 377.

cusavam a pagar os tributos dos índios”, um edito real anunciava subitamente, num tom inabitual, que daí em diante “todos os índios das reduções deveriam pagar o tributo a partir dos quatorze anos”. Nada feito. Cedo as boas influências faziam declarar que os antigos regulamentos eram os únicos que permaneciam em vigor.

Já em 1654 um edito real, seco e violento fora dirigido contra os jesuítas, “que não respeitam o patrocínio” de Sua Majestade.¹⁷² O rei exigia que as visitas episcopais se efetuassem para efeitos de controle.

A carta expedida pelo rei ao Provincial da Companhia de Jesus em 1661 merece ser destacada. Entre alguns exemplares do mesmo gênero, essa carta é uma das mais edificantes quanto aos objetivos e à mentalidade dessa Coroa espanhola, sempre tão absolutamente nobre, pura e desinteressada nos escritos de Hernandez e dos seus predecessores. O rei declarava que os jesuítas “deviam limitar-se a pregar e confessar os índios, a ensinar-lhes os artigos de nossa santa religião e a obrigação que têm de servir a Sua Majestade, de pagar o tributo e prestar assistência ao governador, não se imiscuindo noutros assuntos”.¹⁷³ Exigia, ao mesmo tempo, a entrega imediata das armas! Interditava aos padres tomarem o título de protetores dos índios ou de exercerem tal função, que ia ser confiada a um oficial especial.

Graças a diligências apropriadas, como tantas outras vezes, tudo ficou resolvido com o susto. A engrenagem da administração funcionava lentamente. Antes de um começo de execução ter sido dado às decisões do rei, sobreveio um novo edito, a 30 de abril de 1668, declarando nulo e sem valor o de 1661, porque, segundo representação do Padre Bermudo, procurador-geral da Companhia, fora omitido recordar os motivos que tinham suscitado a autorização de armar os guaranis, isto é, a defesa das fronteiras contra as investidas dos mamelucos.¹⁷⁴

Em sua defesa, o Padre Aguilar afirma que o pagamento foi efetuado regularmente desde 1666.

Filipe IV, nas instruções dadas em 1716 a Zavala, governador do Rio da Prata, achou prudente fazer chegar aos guaranis a sua real palavra de que não procuraria jamais aumentar seus tributos.

172. Pastells, tomo II, nota 984, pp. 394 e 395.

173. Pastells, tomo II, doc. 1373, p. 654.

174. Pastells, tomo II, doc. 1505, pp. 726-728. Ver ainda Pastells, tomo III, doc. 1654, 1660, 1671 e 1672.

A tributação baseava-se nas estatísticas, as quais tinham sido estabelecidas pelos jesuítas sem controle algum. O número de indivíduos tributáveis anunciado passara, inicialmente, de 10.440 para 19.116. Esta última cifra serviu de base durante muitos anos. Tendo um recenseamento efetuado só nas reduções do Paraná indicado 11.000 homens de dezoito a cinquenta anos, o Governador Barua avaliou a cifra das reduções do Uruguai e pretendeu que o total nunca poderia ser inferior a quarenta mil homens. (Carta de 25 de setembro de 1730.) Por consequência, calculou os impostos em atraso e foi então que, de um só golpe, exigiu em nome do rei o pagamento de 3.200.000 escudos. Suas reclamações, felizmente, encontraram-se englobadas e rejeitadas nas cláusulas da Cédula Grande de 1743. O rei, considerando nesse momento os serviços prestados à Coroa pelas milícias guaranis, que tinham restabelecido a ordem em Assunção, houve por bem abstrair-se do recenseamento de 1715 e admitiu que o recenseamento de 1677 continuaria sendo no futuro a base para a coleta de rendas. Todos os impostos que não tivessem eventualmente sido liquidados, foram explicitamente perdoados.¹⁷⁵ A mesma Cédula Grande prescreveu que, daí em diante, de seis em seis anos teria lugar um recenseamento geral, sob o controle dos governadores, com a ajuda dos jesuítas. O recenseamento “jamais se realizou, sob diversos pretextos alegados pelos senhores governadores”, diz Cardiel.¹⁷⁶

O modo de pagamento forneceu aos inimigos da República Guarani um meio suplementar de luta. Argumentaram que o tributo devia ser pago em dinheiro, e não em mercadoria. Para obterem numerário, os guaranis vendiam principalmente chá do Paraguai ou erva-mate. Eram acusados de praticar o *dumping*. Os colonos espanhóis já não eram capazes de dar saída ao seu chá. Uma pequena guerra econômica foi desencadeada pelas companhias comerciais de Buenos Aires e do Paraguai, que faziam morrer milhares de escravos por ano na colheita da yerba. Os preços baixaram, forçando os jesuítas a elevar incessantemente o volume de mate necessário ao pagamento do im-

175. Charlevoix, tomo VI, pp. 66 e 68. Ver Charlevoix, tomo I, pp. 234 e segs., e Pastells, assim, para ter uma ideia da barafunda inacreditável de atos contraditórios a respeito do tributo. Uma carta-patente de 1684 dispensa os guaranis de impostos, a partir de 40 anos. E também declara que as reduções paguem nove mil piastras (Lettres Édifiantes, tomo V, p. 404).

176. “No se há ejecutado por varios pretextos que alegan los señores gobernadores”. Breve Relación, p. 94.

posto. A audiência Real aceitou, por fim, estabilizar a situação, decretando que doze mil arrobas¹⁷⁷ de erva-mate seria o máximo exigível.

Pequenos contingentes de milícias guaranis foram mobilizados em diversas ocasiões ao serviço do rei, particularmente para a defesa de Buenos Aires e, por vezes, contra os ataques de índios selvagens. “Ao primeiro sinal, vê-se acorrer um contingente de quatro a seis mil homens.”¹⁷⁸

Três mil guaranis participaram no primeiro cerco da fortaleza portuguesa de Sacramento, instalada defronte de Buenos Aires (1680). Realizaram “ações prodigiosas de coragem”. Para o segundo cerco, em 1704, quatro mil guaranis se deslocaram sob o comando de quatro capitães. As reduções forneceram na mesma ocasião seis mil cavalos e duas mil mulas de carga. No decurso do cerco, que durou oito meses, foram levados das reduções trinta mil bois para a subsistência dos índios e dos espanhóis e, além disso, provisões abundantes de legumes, carnes, mate, etc., tudo sem encargos financeiros para o Tesouro Real. Os guaranis tiveram 130 mortos e 200 feridos.¹⁷⁹

Os dois cercos de Sacramento foram as intervenções mais importantes dos guaranis ao serviço da Coroa de Espanha.

Por uma preocupação de independência, os guaranis recusaram sempre receber o soldo. Não queriam ser mercenários nem mesmo, de um modo absoluto, súditos do rei. Eram soldados de uma república livre, vinculada à Coroa e prestando-lhe serviços em reconhecimento pela proteção recebida.

Entre 1732 e 1735, um exército de sete mil guaranis e outro de doze mil foram mobilizados para manter em respeito a Comuna de Assunção. Esses dois alistamentos são descritos pelos autores “colaboracionistas” como ações ao serviço do rei. Na realidade, as reduções defenderam suas próprias fronteiras do Paraná, ameaçadas e atacadas pelas tropas de Assunção.

177. Uma arroba equivalia a onze quilos e meio. O preço da arroba era de sete escudos, na moeda francesa do tempo. A questão do mate tornou-se aguda mais de uma vez, dado que os inimigos dos jesuítas os acusavam sempre de arrumarem o comércio da yerba inundando o mercado de Buenos Aires. Ver a defesa do procurador-geral da Companhia, em Pastells, tomo III, p. 472.

178. Charlevoix, tomo VI, p. 98, carta do rei ao Provincial.

179. Charlevoix, tomo IV, p. 353.

Quando o interesse das reduções não estava em jogo, os jesuítas evitavam sempre empenhar-se em operações, ainda por menores que fossem. Tinham estabelecido como princípio que não se podiam requisitar os serviços das tropas guaranis, salvo por ordem direta do rei ou em caso de perigo comum.¹⁸⁰ O caso apresentou-se em 1702, quando os selvagens Charruas ameaçaram simultaneamente as reduções e as colônias espanholas. Guaranis e espanhóis combateram juntos, vitoriosamente, no decurso de uma encarniçada batalha de cinco dias, sob o comando do chefe espanhol Aguirre.

A mão de obra era concedida, a pedido do rei, para a realização de certas obras públicas. Os guaranis não a forneciam gratuitamente, como no serviço das milícias. Os gastos de manutenção dos trabalhadores eram retirados da verba destinada ao Tesouro Real. Um edito de 1665 recorda que os trabalhos efetuados pelos guaranis contavam como pagamento do imposto.¹⁸¹

Se bem que Charlevoix fale de “longas e frequentes ausências, a serviço do rei”, é preciso reconhecer que as turmas de operários só foram solicitadas de maneira ocasional. Tornaram-se verdadeiramente onerosas de 1719 a 1725, durante a reconstrução da fortaleza de Montevideú. Cento e sessenta homens tinham de estar constantemente presentes e revezar-se “segundo uma ordem tal que a obra nunca fosse interrompida”.¹⁸²

Os jesuítas esforçavam-se por reduzir e acomodar a obrigatoriedade de contribuição; os guaranis não deixavam de notar nas intervenções calculadas do rei uma profunda vontade de ascendência e de sujeição que, embora mais suave em sua forma, não lhes agradava mais do que a escravidão brutal imposta pelos colonos.

Em 1628, quando os padres Gonzalez e Rodriguez foram mortos a golpes de macaná, diante da igreja de Todos-os-Santos, por ordem dos caciques apóstatas Niezu e Caarupé, um grande festim reuniu os cúmplices e “cada um vangloriou-se do que fora feito, para vingar a liberdade cativa”.¹⁸³ Os guaranis sabiam bem que a liberdade não era ameaçada pelos próprios jesuítas. Um velho exprimiu até com coragem essa verdade evidente, diante dos assassinos. Pagou imediatamente com a própria vida. Esses caciques apóstatas dos primeiros

180. Pastells, tomo II, doc. 1865. Carta do Padre Domdidas, Superior, 1679.

181. Pastells, doc. 1469.

182. Charlevoix, tomo V, p. 278. Depoimento de Dom Balthasar Garcia Rós ao rei, 1725.

183. Charlevoix, tomo I, p. 355.

tempos da República tinham simplesmente a intuição de que o rei protetor, de que as autoridades coloniais escravocratas eram os representantes legítimos e reconhecidos pelos jesuítas, não poderia ser a longo prazo um amigo sincero da liberdade dos índios. O resultado final justificou sua desconfiança.

Entrementes, gerações de coloniais tiveram de aguardar com paciência nas fronteiras guaranis e respeitar a liberdade das reduções.

Nada menos de três vezes, ou seja, em 1653, 1666 e 1705, a despeito do estatuto de autonomia, os governadores do Paraguai tentaram nomear corregedores espanhóis para as reduções mais próximas de Assunção. Seus esforços malograram diante da resistência muito decidida dos guaranis. O Governador Jacinto de Lariz julgou-se mais esperto oferecendo seus bons serviços de juiz, quando fez uma visita a Itapuã. Foi polidamente despedido.

O fato de que nenhum guarani jamais recorreu a uma instância espanhola contra uma decisão dos padres é significativo. O recurso teria sido possível e fácil, pelo menos, durante as visitas oficiais, na verdade, muito raras.¹⁸⁴

O Governador Arias de Saavedra, encontrando-se um dia de visita a Itapuã com cinquenta homens, quis fazer presente de um bastão de comandante ao corregedor daquela redução. O corregedor recusou e declarou secamente que sabia muito bem comandar seus homens sem esse pedaço de madeira, que lhe pedia que guardasse para outro que não ele!

Os governadores de Assunção e de Buenos Aires eram, contudo, respeitados — na medida em que eles próprios respeitassem a autonomia dos guaranis e se limitassem a representar o rei.

Em 1674, a fim de impor silêncio aos acusadores e tranquilizar as inquietações muito vivas, os magistrados guaranis recentemente eleitos deslocaram-se mesmo a Buenos Aires, voluntariamente, para fazer ato de fidelidade a Sua Majestade. O Governador Valverde foi recebido em 1657, mediante ordem expressa do rei, para inspeção dos arsenais e controle do recenseamento.¹⁸⁵

184. O Visitador régio encarregado das relações com a República Guarani era, no começo, o governador de Assunção. O governador de Buenos Aires substituiu-o subsequentemente para as reduções do Uruguai e depois para toda a República, a partir de 1726, por causa das desordens crônicas que lavravam em Assunção. As visitas foram irregulares e muito raras. Ver datas, Hernandez, tomo I, p. 139.

185. Pastells, tomo II, doc. 1146.

Formalidades desse gênero não incutiram qualquer confusão no espírito dos guaranis. As fronteiras das reduções mantiveram-se fechadas aos governadores e funcionários, assim como aos simples colonos espanhóis, fora das visitas oficiais em que aqueles eram recebidos com todas as honras, como representantes do rei. “Não é permitido a nenhum espanhol fixar residência nos povoados e ainda menos de aí exercerem qualquer ato de jurisdição.”¹⁸⁶

Os governadores do Paraguai teriam vantagem, por exemplo, em atravessar o território da República Guarani quando desembarcavam no Brasil, à sua chegada de Espanha. Mas a passagem era “expressamente proibida, sob penas rigorosas, mesmo aos governadores”.¹⁸⁷ Por ter esquecido essa proibição, o Governador Cespedes, por muito que desdenhasse os guaranis e seus padres, no tempo em que os mamelucos os afligiam, foi obrigado a apresentar desculpas e “fingiu ter uma autorização particular do rei”.

Semelhante interdição suscitava a raiva dos coloniais. Era evidentemente humilhante para as gentes que tinham violado e suprimido as fronteiras de todos os estados índios. A República Guarani, pretendiam os espanhóis, era assim fechada porque queriam manter o segredo das minas de ouro ou dos meios de agressão que se preparavam contra as colônias.

Em conclusão, a vinculação direta à Coroa de Espanha aparece como uma proteção eficaz para a República Guarani no período de organização. Na época em que os paulistas destruíram, uma após outra, as reduções do leste, os coloniais espanhóis teriam certamente atacado as reduções do Paraná se estas não se beneficiassem do privilégio real. Privilégio interessado, recorde-se: a segurança das províncias do Prata era ainda frágil, no meio de tribos guerreiras e sempre insubmissas. A República Guarani fora apresentada ao rei como uma barreira nas fronteiras do Brasil.

Os jesuítas velavam sem cessar para manter, tanto quanto possível, a vinculação direta ao estado de princípio jurídico, pois toda a manifestação concreta traduzia-se por uma intrusão dos representantes locais da Coroa: vice-rei, auditores reais, governadores, todos solidários com o sistema colonial e inimigos naturais de uma república indígena livre.

186. Muratori, *Relation*, p. 137.

187. Charlevoix, tomo I, pp. 372-373.

A solidez moral da causa defendida pelos padres, os meios utilizados por seus adversários e as baixas intenções dos coloniais, fazem com que certas sutilezas dos padres, em relação aos inquiridores coloniais e reais, não impeçam os espíritos justos de se inclinarem com respeito e simpatia diante da coragem e inteligência que permitiram aos jesuítas manter em cheque os algozes da raça índia.

Pode-se dizer que, em seu conjunto, os jesuítas souberam mostrar-se prudentes e muito deferentes em face do rei e das autoridades coloniais, ao mesmo tempo que cultivavam nos guaranis um espírito de dignidade e de liberdade. No fim, o corregedor de S. Miguel, à frente de sua tropa, barrará o caminho aos comissários espanhóis dizendo: “O território de que pretendeis dispor pertence unicamente a Deus e a S. Miguel!”

TERCEIRA PARTE

VIII

A Agricultura

Ao aceitarem o abandono da vida nômade para se fixarem nas reduções, os guaranis tiveram de renunciar em grande parte aos produtos da caça e pesca, de que tinham principalmente vivido até então. A agricultura e a indústria asseguraram a sua subsistência a partir dessa altura.

As condições existentes no território ocupado pelas reduções eram muito favoráveis ao desenvolvimento da agricultura. Ao norte, a proximidade dos trópicos; ao sul, o inverno é bastante frio, “mas por toda parte as terras são boas e dão tudo o que é necessário à vida.”¹⁸⁸ “Grandes planícies cortadas de outeiros, vales marginados de suaves colinas, as campinas ao fundo, bosques de alto porte nas cristas das elevações, tal é o aspecto geral”¹⁸⁹ do Paraguai oriental, onde se encontravam as antigas reduções do noroeste da República. Quanto a Entre-Rios, forma ainda hoje uma das regiões mais ricas da Argentina.

No dizer do Padre Sepp, as culturas davam literalmente cem por cento, quase sem cuidados nem adubos. Dois séculos mais tarde, Bourgade La Dardye constatou ainda que os habitantes da região, quando querem obter uma boa colheita de milho ou qualquer outro

188. Charlevoix, tomo I, p. 265.

189. ourgade, *La Dardye, Le Paraguai*, Plon, 1889.

cereal, “estabelecem-se em pleno bosque, cortam as árvores a dois pés da superfície da terra, queimam sumariamente as ervas-daninhas e, no meio dos troncos abatidos, os cepos ainda de pé, semeiam ao acaso, sem mais se inquietarem com outros trabalhos. É o que eles chamam um *rosado*. A colheita é sempre admirável”.¹⁹⁰

Quando os guaranis arroteavam uma terra, desbravavam uma floresta virgem, as cinzas das raízes e plantas queimadas serviam de adubo. Mesmo os campos cultivados eram renovados por esse meio heroico de *quemazón*, nas reduções e em toda a América do Sul. Azara conta-nos ter viajado ao sul de Buenos Aires, atravessando uma planície de duzentas léguas que fora queimada assim de um só golpe. Além disso, os guaranis utilizavam os afolhamentos e o alqueive.

O clima era saudável. Os padres a ele se adaptavam facilmente. Nas regiões vizinhas de Corrientes, “os calores do verão são temperados por uma ventilação constante. No inverno, não se conhecem senão raras geadas brancas”.¹⁹¹ A alternância brusca do vento norte “que parecia sair de um forno”, diz o Padre Sepp, e do vento sul, glacial, submetia, porém, os homens e animais a rudes provas. A geada aniquilava mais de uma vez colheitas inteiras. Tempestades de uma violência terrível arrastavam pelos ares filas inteiras de casas, nos primeiros anos em que não se tinham construído senão leves cabanas.

Canais de irrigação levavam a água aos campos. Prolongavam-se até às lavanderias comunais e aos grandes viveiros hortícolas de cada redução. O leito desses canais era frequentemente pavimentado. “Máquinas hidráulicas” extraíam a água dos rios. Em 1745, uma seca catastrófica atingiu toda a região. Houve também pragas de gafanhotos.

À sua chegada, os jesuítas tinham encontrado pequenas plantações de milho, mandioca, batata-doce e erva-mate, em estado selvagem. Introduziram a cultura do trigo, cevada, arroz, cana-de-açúcar, algodão, fumo. O cânhamo fornecia o pano necessário.

O grão era semeado, habitualmente, no outono. A colheita tinha lugar na primavera; no verão, pelo menos no norte, o calor era excessivo.

Cada redução possuía seis a oito imensas hortas e pomares, à parte o jardim dos padres, que era uma horta para experiências de aclimação e ocupava, por si só, até três hectares nos fundos do Colégio.

190. Bourgade, *ibid.*, pp. 274-275.

191. Moussy, *Description*, tomo III, p. 154.

O Padre Sepp diz que a horta de sua redução produzia o ano inteiro as mais variadas espécies hortigranjeiras. Enumera com satisfação uma comprida lista de legumes, da chicória ao melão, várias espécies de hortaliças, assim como flores e plantas ornamentais, plantas medicinais e, particularmente, as jujubas, muito apreciadas pelos guaranis. O “bálsamo das missões”, extraído do *aquaraybay*, era famoso. As farmácias de Madri recebiam-no regulamente.

Extraíam-se perfumes de diversas flores: de laranjeira, roseira, jasmim, rosmaninho, cravo, alfazema, angélica, cominho dos prados, coentro.

Os pomares estavam povoados de laranjeiras, pessegueiros, limoeiros, figueiras, romeiras, abacaxis e outras plantas índias “de frutos extremamente bons”. Em meados do século XIX, saboreavam-se ainda em toda a região do Prata laranjas provenientes das plantações dos padres, que se tinham conservado, como d’Orbigny pôde observar, dizendo: “Não cessávamos de percorrer os laranjais e pessegais que, outrora dispostos em aleias, tinham servido de avenidas a essas risonhas habitações”.¹⁹²

Os padres possuíam livros de agricultura trazidos da Europa, mas as indicações dadas revelaram-se falsas ou inaplicáveis no clima da América. Criaram, portanto, por suas próprias experiências, uma ciência agrícola adaptada. Seus êxitos foram anotados, cuidadosamente classificados e conservados. Missionários salesianos reencontraram em 1895, em Assunção, um almanaque de 1765 contendo uma imensidade de conselhos preciosos para as culturas. Diz o relatório dos salesianos: “Esses conselhos são, evidentemente, o fruto das experiências dos padres jesuítas, os incomparáveis fundadores das florescentes reduções do Paraguai.”¹⁹³

Foram concebidas e fabricadas as ferramentas apropriadas. Na ausência quase completa de metais, antes de 1700, serviam-se de charruas com relha de madeira muito dura. A relha era afiada por meio de um machado. Embora a terra fosse muito friável, no fim do ano a charrua estava liquidada. Entre os espanhóis do Paraguai não se estava mais avançado um século depois. Diz Azara: “Não há outras enxadas

192. *Voyage dans les deux Amériques*, p. 212.

193. *Katholische Missionen*, 1898.

senão as omoplatas de cavalos ou bois, ligadas com correias na ponta de um cabo. A charrua reduz-se a uma estaca de madeira afiada, que cada um arranja à sua maneira.” Ainda no século XX, na Rússia czarista, a relha de madeira era o mais comum.

Em cada redução, no momento das lavouras, seiscentos a oitocentos animais de tiro estavam em atividade. Eram por vezes divididos em dois grupos que trabalhavam alternadamente. Dava-se-lhes um dia de repouso em cada dois, conta Cardiel, porque os guaranis não cuidavam de lhes dar de comer durante o trabalho!¹⁹⁴ Está bem explícito na nota oficial. Aguardemos um pouco, no entanto, antes de generalizarmos.

É verdade, porém, que o esforço mais árduo, nos primeiros tempos, terá sido aplicado não na criação de uma agricultura, mas para formar agricultores, com os caçadores-guerreiros das antigas tribos nômades: “Era-se mesmo coagido, nos primeiros tempos, a não deixar ao cuidado deles os bois de que se serviam para a lavoura, com receio de que, por preguiça, não se dessem o trabalho de os desatrelar, quando o serviço acabava, ou os fizessem em pedaços para comê-los.”¹⁹⁵ Aconteceu realmente, ao que parece, que a charrua foi queimada para assar o boi! É o Padre Sepp quem o afirma. Ao saberem de tais histórias, os coloniais escarneciam, um pouco como os nossos amigos burgueses, quando se falava, há alguns anos, das máquinas avariadas pela ignorância dos mujiques, na União Soviética.

Muito rapidamente, as reduções constituíram em breve, apesar de tudo, o conjunto agrícola mais completo e melhor organizado da América.

O milho, que formava com o trigo, o centeio e o arroz, a base da alimentação, dava até quatro colheitas por ano. O algodão, que crescia primeiramente sem cultivo, de maneira espontânea, “em pleno mato”, diz Charlevoix, “como vi na Luisiana”, passou a ser cultivado em três variedades. Obtinha-se um produto muito belo, de “um fio sedoso, longo e fino”, parecido com o algodão do Brasil. A colheita anual era, em média, de duas mil arrobas de onze quilos e meio por cada redução. O Padre Sepp conta que, na nova redução de S. João, tinham sido plantados cem mil pés no primeiro ano. Dois anos mais tarde, existiam trezentos mil, que produziam mais de quatro mil quintais de

194. Breve Relación, cap. V.

195. Charlevoix, tomo I, p. 247

algodão. A cultura desapareceu após a expulsão dos jesuítas. Bourgade La Dardye escreveu em 1889: “À imigração estava reservado o restabelecimento da cultura industrial.”

A cana-de-açúcar prosperava. Não se encontram hoje muitos pormenores sobre o seu cultivo. A redução de Santa Rosa armazenava em 1695 duzentos quintais de açúcar branco, produto de sua plantação. A fabricação de açúcar cristalizado ainda subsistia em 1860, na redução de S. Cosme.¹⁹⁶

As reduções do Uruguai exportavam vinho para Buenos Aires e Rio da Prata. O vinho de La Cruz era especialmente renomado. Em meados do século XIX, Martin de Moussy e Demersay encontraram em La Cruz magníficos pés de vinha que eram do tempo dos jesuítas. Bourgade La Dardye ocupou-se dessas cepas e obteve duas colheitas anuais. Em outras regiões, a vinha não pegou. Cardiel fala do transporte regular de uma quartola de “vinho de missa” de uma redução para outra.

O fumo do Paraguai estava classificado “a par dos melhores cruz de Havana”.¹⁹⁷ A produção cobria as necessidades internas e permitia ainda certa exportação.

O chá do Paraguai ou erva-mate forneceu desde os primeiros tempos uma fonte de grandes rendimentos. Um século após a expulsão dos jesuítas, ainda se exportavam, aproximadamente, cinco mil toneladas de mate (442.940 arrobas), provenientes, principalmente, do território das Missões. O mate era a bebida por excelência dos guaranis e dos sul-americanos, em geral, índios e colonos. No século XX, continua sendo a bebida nacional dos argentinos e paraguaios. Recentemente, quando o ditador Perón abriu a sua campanha eleitoral, em dezembro de 1945, por um cortejo monstro que reuniu cem mil pessoas, a multidão desfilou em Buenos Aires martelando o *slogan*: “Argentinos, sim, ianques, não! Mate, sim, uísque, não!”

A famosa *yerba* dos espanhóis, chamada caa pelos guaranis, crescia em estado selvagem em florestas longínquas, na direção do norte. Trata-se da folha de uma árvore “do tamanho de uma macieira mediana”.¹⁹⁸ Foi classificada em botânica por Geoffroy Saint-Hilaire (*Ilex paraguariensis*). Sábios franceses, como Marvaut, Cartier d’Arsonval, Espéry, Doublet, analisaram as propriedades do mate: predi-

196. Moussy, Description, tomo I, p. 499.

197. Bourgade La Dardye, p. 351. “Recolhe-se muito tabaco” (Charlevoix, tomo I, p. 244).

198. Charlevoix, tomo I, p. 13.

zem que suplantará finalmente o chá, o café, o cacau e a coca. Charlevoix enumera as virtudes quase milagrosas que possuía a *yerba* aos olhos dos espanhóis. “O hábito de tomá-la faz com que não se possa mais passar sem ela e que custe muito fazê-lo com moderação”. Foi graças ao mate e ao fumo que o uso da violenta *chicha* pode ser abolido entre os guaranis. Cada família consumia, pelo menos, uma arroba de folhas de *caa* por ano. De manhã, após a missa, era distribuída aos punhados.

Para os colonos escravistas, a qualidade mais preciosa do mate era fornecer um artigo comercial sempre procurado e de lucro assegurado. A escravatura desenvolvera-se no Paraguai, em grande parte, por causa das necessidades de colheita da erva-mate. Os índios ao serviço dos espanhóis morriam em massa, aos milhares, diz o Padre Montoya, nos trabalhos de colheita, em plena floresta sem alojamentos nem outro alimento a não ser a erva, as raízes ou o próprio chá estimulados pelos capatazes, chicoteados, mortos por motivo de infrações fúteis.

Para os guaranis das reduções, a colheita era também penosa em si mesma, mas como se tinha por princípio solicitar de todas as categorias de trabalhadores um esforço equivalente, as horas de trabalho eram tanto mais reduzidas quando mais penosa era a tarefa. O padre que acompanhava os homens, por vezes, nas expedições de colheita, fazia alternar o trabalho, o descanso, os jogos, a caça e os exercícios religiosos. O aspecto aventureiro das expedições não deixava de apresentar certos atrativos para filhos de antigos nômades. Pelo contrário, para a vida da redução e das famílias, os inconvenientes eram sérios. Uma cinquentena de homens, por redução, tinha de viver durante semanas quando não meses, longe dos seus, em condições bastante precárias e irregulares, sob a ameaça permanente das serpentes e das feras.

A situação mudou completamente no começo do século XVIII. Os pacientes ensaios de cultura e de reprodução da *yerba*, nas plantações artificiais, tinham finalmente sido coroados de êxito. Imensas áreas foram consagradas à *yerba*, nas cercanias de cada redução. Foi um dos maiores êxitos agronômicos dos jesuítas. Aimé Bonpland, que viveu in loco antes da ruína das plantações, diz que a *yerba* cultivada era mais fina de aspecto e de melhor qualidade. Em geral, de

resto, “todos os produtos das Missões tinham superioridade sobre os outros, porque a sua preparação era racional e saía da rotina em que voltou a cair depois nessas mesmas regiões”.¹⁹⁹

As tentativas dos espanhóis e de seus escravos índios para estabelecerem, por sua vez, plantações de erva-mate, fracassaram. A cultura e a colheita exigiam cuidados de gente experiente e atenta. Bourgade La Dardye nota que, depois da expulsão dos jesuítas, o segredo da cultura perdeu-se “e não pode ser reencontrado. Existe uma oferta de prêmio para aquele que voltar a descobrir o processo”.²⁰⁰

Uma vez que a erva-mate podia ser assim cultivada nas proximidades das reduções, os guaranis ocupados em toda a espécie de trabalhos passaram a poder regressar a casa todas as noites, com exceção dos guardas e dos lenhadores.

Os lenhadores traziam as madeiras mais diversas e as mais preciosas, para a construção das casas, dos barcos e canoas, para o fabrico de móveis, ferramentas e instrumentos musicais, para os trabalhos de marcenaria, tornearia e escultura. Os padres exprimem seu deslumbramento pela variedade e qualidade ímpares das madeiras do Paraguai. Bourgade La Dardye consagra um capítulo inteiro para descrever com precisão os caracteres de uma trintena de madeiras diferentes do Paraguai: o cedro, a curupιά, a lapacho, o *urudey* ou madeira-de-ferro, a totaíba, o amarelo, o quebracho ou árvore do tanino, inatacável pela água, de um peso específico de 1.300 e mais etc.

Os lenhadores entregavam-se também à caça e à pesca, que asseguravam sua manutenção, enquanto que constituía uma diversão para a dureza do trabalho.

As estâncias estendiam-se por centenas de hectares. Eram cercadas de muralhas, de cercas vivas de cactos, de sebes ou vaiados. Cada estância estava dividida em vários distritos ou *rodeos*, contendo cada um cinco a seis mil cabeças de gado. As estâncias dos guaranis “eram as mais belas de todo o país... Cada fazenda tinha a sua capela, seu laranjal e outras árvores fruteiras, de que ainda se encontram vestígios... Todos os estabelecimentos eram magníficos. Ainda hoje se fala deles”. Sua reputação “não se extinguirá tão cedo nessas regiões”.²⁰¹ Segundo os regulamentos, o pároco ou seu companero tinha de visitar

199. Moussy, tomo III, p. 672.

200. *Le Paraguay*, p. 418.

201. Moussy, tomo III, pág. 672.

as estâncias uma vez por ano, pelo menos. Os onze grupos principais de estâncias estavam situados ao sul do Uruguai.

O gado compreendia, sobretudo, as espécies bovina e lanígera. Recorda-se que o Padre Montoya comprara dez mil bois de uma só vez, após a grande migração de 1631, para as duas reduções fundadas com os foragidos do Guaíra. O preço era ruinoso. Trocava-se “uma faca com um cavalo, um anzol com um vitelo”. Os animais importados pelos espanhóis tinham-se multiplicado, com efeito, de um modo prodigioso, nas ricas pradarias do Prata. Todos podiam servir-se à vontade; bastava ter um cavalo e um laço. Os jovens guaranis de quinze a dezesseis anos eram capazes de capturar os bois mais possantes. Um grupo montado podia perseguir toda uma manada, até que a fadiga a dominasse, e apossar-se dela. Os homens da redução do Padre Sepp reuniram, assim, cinquenta mil bois em dois meses. Foi, apesar de tudo, uma oportunidade excepcional. Quando os paulistas destruíram ou roubaram as oitenta mil cabeças de gado da “Valqueria de los Pinares”, recentemente criada, e que, segundo o plano estabelecido, teria representado em oito anos 400 a 500 mil reses, a perda fora sentida como um desastre.

O Padre Huonder escreveu que uma única redução de importância média possuía em período normal até cem mil bois.²⁰²

Bois e ovelhas pastavam em liberdade nos limites da estância. Não havia estábulos nem manjedouras. Tratava-se exclusivamente de gado de abate, semisselvagem. A produção de leite não entrava em linha de conta. Yapeyu e S. Miguel abatiam, em média, quarenta reses por dia para consumo dos habitantes.

Quanto aos cavalos, uma redução que não possuísse três a quatro mil era considerada muito pobre. Em 1768, foram recenseados 86.394 cavalos e potros, 38.265 mulas e 14.975 burros. Os asnos e mulas, assim como uma parte dos cavalos, eram guardados nas próprias localidades, onde os utilizavam como animais de carga e tiro, para os

202.O recenseamento efetuado após a expulsão dos jesuítas e a dispersão deu ainda cinco a seis mil bois para certas reduções, doze, trinta e cinquenta mil para outras e cerca de oitocentos mil para o conjunto das reduções, não compreendidas as estâncias de Santo Ângelo e S. Borja, nem as estâncias gigantescas de S. Miguel e Yapeyu, por si sós mais populosas que todas as outras e cujas manadas eram “inumeráveis”. Um pouco antes, o Padre Dobrizhoffer escrevera que Yapeyu possuía 500 mil reses e S. Miguel ainda mais, o que dá um total de mais de dois milhões. O Paraguai moderno não contava com mais de 206 mil bois em 1876. Quanto ao gado ovino e caprino, o recenseamento parcial de 1768 dava um total de 238.141. O Padre Huonder escreveu que certas reduções possuíam entre 20 a 30 mil ovelhas. Por volta de 1690, uma única redução, S. Tomé, contava 40 mil. As cabras eram pouco numerosas.

trabalhos e transportes de uma redução para outra. Os cavalos eram empregados tanto para a caça como para os exercícios militares e paradas, para viagens e para malhar o grão.

Bons cavaleiros, os guaranis mantinham “um ou dois cavalos perto de casa, numa espécie de pátio”,²⁰³ para seu prazer, assim como para o trabalho.

Os animais de carga e as pequenas manadas de vacas leiteiras que forneciam o leite necessário para os doentes e as crianças pastavam nas vizinhanças das reduções. A população adulta consumia muito pouco leite e queijo e quase nenhuma manteiga, pelo menos na região onde vivia o Padre Sepp.

A capoeira era, originalmente, desconhecida dos guaranis, como, de resto, em toda a América do Sul. Diz-se que, excetuando o peru, todas as aves domésticas (patos, galinhas etc.) tinham de ser importadas da Europa. O Padre Sepp fala com orgulho de suas ninhadas, das galinhas oferecidas aos visitantes e do seu galo, que lhe servia de sentinela, de noite, e de despertador na madrugada. Os animais domésticos, galinhas, patos, pavões, o gato, o cão, estavam bem aclimatados e faziam parte integrante da paisagem das reduções.

... Vê-se o Padre Sepp saindo para o patamar do Colégio. Contempla, com um olhar satisfeito, os bons animais que se refestelam entre as crianças, à sombra das galerias, no calor escaldante da tarde. As crianças que espiavam a saída do padre rodeiam-no e acompanham-no com seu chilrear. Percorre o suntuoso jardim, avança sob as laranjeiras, saudando as mães nas varandas. Chegado ao extremo da avenida, os campos dourados surgem à direita e à esquerda. Ao longe, na extremidade da alameda que corta o campo, distingue-se a custo a pequena capela de Santo Isidoro, patrono dos agricultores; de todas as partes, as vastas áreas de cultura desenrolam-se até ao horizonte, as plantações de cana-de-açúcar, de fumo, de algodão, de chá, a perder de vista até as estâncias, invisíveis na lonjura. Elevam-se cantos.

Aproximam-se os carros dos ceifeiros. O missionário recorda as antigas cenas de horror, os desastres superados, as lutas contra os escravistas, os esforços gigantescos sustentados por algumas dezenas de seus confrades para criarem, em plena floresta virgem, através das estepes, no centro de um continente saqueado e subjugado, esse mundo harmonioso, feliz e pacífico...

203. Muratori, p. 162.

Três grupos de pessoas pretendiam, de boa vontade, que as reduções eram ricas e prósperas: os governadores, que sonhavam com os impostos; os bispos, preocupados com as dízimas; e os inimigos dos jesuítas, que os acusavam de utilizar em seu próprio proveito egoísta todas as rendas do País. O Padre Hernandez, sempre a tratos com os inimigos defuntos dos jesuítas defuntos, afirma que as reduções “não eram um país rico”.²⁰⁴ O solo era muito fértil. Mas isso não chega, acrescenta ele, pois são precisos braços para cultivar o solo. Ora, diz ele também, os braços faltavam ou, pelo menos, os braços dos guaranis eram indolentes e preguiçosos...

Parece que, sem ser bispo, nem governador, nem inimigo dos jesuítas, pode-se reconhecer agora que as reduções não eram verdadeiramente um país pobre. Nenhuma outra região da América conheceu na época uma prosperidade tão geral, nem um desenvolvimento econômico tão equilibrado e saudável. Só se pode render homenagem, com admiração, aos padres do Paraguai, mesmo que um jesuíta, como o Padre Charlevoix, assegure modestamente, e com veracidade, aliás, que o mérito do êxito alcançado tanto cabia aos guaranis como aos missionários da Companhia.

204. *No eran um país rico*, tomo I, p. 275.

IX

O Artesanato e a Indústria

Se a riqueza do solo e o clima facilitaram o desenvolvimento agrícola das reduções, a indústria, pelo contrário, teve de ser introduzida nas condições mais desfavoráveis e apesar de uma penúria quase total de metais.

Sabe-se que os adversários da República cristã acusavam os jesuítas de terem isolado as reduções para explorar mais à vontade minas de todas as espécies, em particular as minas de ouro que aí se encontrariam em grande número. Três guaranis subornados propagaram sucessivamente essa lenda das minas de ouro, declarando-se prontos a indicarem sua localização. Todos três se desdisseram, confundidos, após inquéritos oficiais levados a efeito por espanhóis hostis aos jesuítas. Um Ouvidor Real visitou pessoalmente as reduções, em busca das minas. Seu malogro foi completo. Desforrou-se nos índios delatores, Ventura e Felipe, que se viram condenados a duzentas chicotadas cada. Apesar desses fracassos, os acusadores não se desarmaram.

Vultosas recompensas foram ainda prometidas aos guaranis que revelassem a localização das minas. Em vão. No decurso da recepção a um delegado régio, em S. Nicolau e Apóstolos, em 1657, os guaranis afirmaram unanimemente que sua única e verdadeira riqueza consistia na doutrina cristã que os padres lhes ensinavam.²⁰⁵ *A Cé-*

205. Pastells, tomo II, docs. 749 e 1085.

dula Grande reconheceu que “em relação às minas, não se conhece aí a existência de alguma, nem se ouviu dizer que existissem quaisquer metais nessas regiões”.

Algumas modestas jazidas de ferro foram exploradas mais tarde. O Padre Sepp pensa que o aço obtido na sua redução “era do melhor e do mais duro”. Após a expulsão dos jesuítas, duas sociedades mineiras lançaram-se na prospecção e perderam a totalidade dos capitais empenhados, nada encontrando.

Por outra parte, os neófitos dos jesuítas não estavam preparados, absolutamente, para o exercício de ofícios. Só conheciam as indústrias primitivas. “A fabricação de armas de guerra, de canoas para os transportarem nos rios, a confecção de alguns ornamentos em plumas, a cerâmica rudimentar, eram as únicas artes dos guaranis.”²⁰⁶

Os historiadores menos benevolentes ficaram impressionados, a justo título, com os resultados a que a República dos jesuítas chegou em pouco tempo, desprovida de metais e de artesãos experimentados. O seu equipamento industrial revela-se tão completo quanto o de qualquer nação europeia nos séculos XVII e XVIII, e muito mais aperfeiçoado que o de outros países do Prata.

Deve-se dizer, entretanto, que à primeira vista assim não parecia. Os jesuítas apresentam habitualmente a atividade econômica e as capacidades dos guaranis sob a luz mais modesta e menos elogiosa possível. Como o reconhece o Padre Charles, S. J., em brochura recente, “para desencorajar a cobiça espanhola, os missionários depreciavam suas mercadorias”.²⁰⁷ Só com muita paciência foi possível reunirmos aqui dados suficientes para dar uma ideia, ainda que sumária, do nível das artes e ofícios na República Guarani.

Os primeiros mestres profissionais dos guaranis foram os próprios padres, “alguns dos quais pareciam ter nascido com o domínio de todos os ofícios”.²⁰⁸ Logo que se dispôs de meios, “fizeram-se vir de Buenos Aires operários para ensinar os ofícios mais necessários”.²⁰⁹ Os irmãos jesuítas ligados aos grandes colégios, em cidades como Córdoba ou Assunção, foram também passar alguns períodos nas reduções, para iniciar os guaranis em certos ofícios ou aperfeiçoá-los.

206. Moussy, *Description*, tomo II, p. 486.

207. *Les reductions du Paraguay*, p. 19.

208. Cardiel, *Declaración*, p. 108.

209. Florentin de Bourges, *Lettres Édifiantes*, tomo V, p. 241.

No princípio, aplicavam-se simplesmente a produzir para satisfazerem as necessidades elementares: vestuário, habitação, ferramentas agrícolas, transportes. Para o vestuário, dois teares funcionavam em Itapuã, em 1627. As outras reduções não estavam, por certo, desprovidas desse equipamento. Em todo caso, após a segunda migração, todas as reduções se encontravam em estado de autossuficiência, suprimindo por completo suas próprias necessidades. As mais modestas contavam entre dez a vinte teares; Yapeyu tinha trinta e oito. Por toda parte, diz Muratori, se vê “um grande número de tecelões que fabricam continuamente os panos para vestir os índios... Por isso se acaba, no final de cada ano, por ter mais tecido do que o necessário para vestir toda a gente”.²¹⁰ Florentin de Bourges observa que “eles trabalham em todas as espécies de tecidos e panos que sejam precisos. No verão, vestem-se de tecidos de algodão. No inverno, fazem-se vestimentas de lã... Como esta fábrica tem uma produção muito considerável... enviam-se os excedentes para Buenos Aires, Córdoba e Tucumã”. Cedo a exportação se ampliou até a Europa.

Os panos, inicialmente simples, passaram a ser decorados de flores e motivos variados. As mulheres imitavam, “até se confundirem com o original, os pontos de Flandres”. Os tecidos dos paramentos litúrgicos, casulas, capas, toalhas, rendas, comprados inicialmente em Buenos Aires, passaram a ser fabricados exclusivamente nas oficinas das reduções. Rengger diz que se admirava muito na Europa a delicadeza e a beleza dos tecidos do Paraguai.

A construção de alojamentos fez progressos não menos notáveis. A indústria de construção esteve, de resto, sempre muito ativa, quer pelo aumento de população, quer pelos progressos constantes e as renovações introduzidas nas habitações, depois dos primitivos galpões coletivos, passando pela cabana familiar, até à sólida e vistosa casa de pedra e cal, com sua varanda, anteriormente descrita. A qualidade profissional dos operários de construção, pedreiros, carpinteiros, pintores, marceneiros, revela-se nos edifícios públicos e nos colégios que escaparam à destruição e são ainda hoje utilizados como sedes de prefeitura ou quartéis. Pedreiras eram exploradas na vizinhança das localidades, para a pedra de talha e a ardósia.

210. Muratori, *Relation*, p. 159..

Estaleiros navais, instalados nas margens do Uruguai e do Paraná, construíam barcos de transporte bem adaptados, extremamente resistentes, e canoas de guerra para trinta a quarenta homens, tendo a sua fabricação, muito cuidada, merecido a admiração dos espanhóis. Em muitas reduções, os estaleiros navais e o porto ocupavam uma vasta área.²¹¹

Turmas de trabalhadores ocupavam-se na armazenagem de cereais, moagem e conservação das reservas. Existiam moinhos de vento e de água. Os moinhos, as serrarias e os curtumes, à beira dos cursos de água, eram grandes e sólidas construções, assim como as usinas de açúcar e azeite, os fornos de tijolo e os armazéns para a secagem e torrefação do chá, estes sempre situados na periferia da redução.²¹² Para ter uma noção da importância dessas construções e da produção que nelas se obtinha, pode-se notar, por exemplo, que o Padre Sepp dirigiu em Santa Rosa a criação de dois fornos de tijolo, medindo cada um quinhentos pés de comprimento; em S. João, três fornos podiam cozer, cada um, quatro mil tijolos ou telhas, simultaneamente.

As forjas e fundições, primeiro modestas em regiões naturalmente pobres em metais, desenvolveram-se tanto, não obstante, que depois de terem conseguido fundir os sinos das reduções com o metal importado de Coquimbo, no Chile, passaram a fabricar também todas as suas armas de fogo, canhões e munições. Em cada localidade, a fábrica de armas ocupava diversas oficinas.²¹³

Após alguns anos de trabalhos e esforços, todas as profissões artesanais tinham sido introduzidas e prosperavam. “Veem-se por toda parte oficinas de douradores, pintores, escultores, ourives, relojoeiros, serralheiros, carpinteiros, marceneiros, tecelões, fundidores, numa palavra, todos os ofícios e artes que lhes possam ser úteis.”²¹⁴ Enumeram-se ainda os sapateiros, alfaiates, padeiros, açougueiros, toneleiros, torneiros, correeiros, telhadores, violeiros, fabricantes de alfaías agrícolas (arados, charruas, grades, etc.) e de carroças, fabricantes de rosários e círios, etc. Os vasos de estanho ou terracota, delicadamente trabalhados, testemunham a arte dos ceramistas. A cerâmica estava já relativamente avançada entre os guaranis pagãos. Os arqueólogos admiram os vasos gigantes em que os guaranis inumavam seus guer-

211. Bruno Garsch, *Der Einfluss der Jesuiten-Missionen...*, p. 95.

212. Moussy, *Description*, tomo III, p. 706; Cardiel e Hernandez, *passim*.

213. Artigo 6.º do Decreto de Filipe V; Charlevoix, tomo I, p. 264.

214. Charlevoix, tomo I, p. 242.

reiros gloriosos. Os especialistas sabiam extrair das plantas, além das tinturas e matérias corantes, os perfumes que espargiam na igreja em dias de festa e os remédios.

Os missionários recém-chegados ficavam maravilhados com a presença de tal desenvolvimento em todos os ofícios. Um deles escreveu: “Só numa grande cidade europeia se encontrariam tantos mestres artesãos e artistas.”²¹⁵ “Muitas cidades da Europa não estavam, absolutamente, tão bem providas quanto a redução do Padre Sepp, que fora, no entanto, fundada muito recentemente.

“Eles fabricam relógios, clarinetes e trombetas tão bem quanto na Alemanha.”²¹⁶ “Vi quadros muito belos, de sua autoria, livros corretamente impressos.” Falando sobre os instrumentos musicais fabricados pelos guaranis, escreveu o Padre Peramas: “Acreditar-se-ia serem instrumentos rudimentares, mas não; são instrumentos tão bem acabados quanto os dos melhores fabricantes da Europa.” “Fazem relógios, elaboram planos, gravam cartas geográficas.”²¹⁷ A redução de S. João possuía um relógio em que os doze apóstolos apareciam sucessivamente, nas doze pancadas do meio-dia. Esse relógio fora construído na própria redução, sem a ajuda de operários estrangeiros. Todas as reduções estavam munidas de quadrantes solares e relógios que regulavam as ocupações dos habitantes. Entre os mestres que tinham iniciado ou aperfeiçoado os guaranis na arte da relojoaria, citam-se os dois padres Jaime Carreras e Pablo Dancsi, e Frei Charles Franck, tirolês. Belos relógios de sol foram conservados. Bonpland descobriu um no claustro do Colégio de S. Nicolau, em ruínas. Indicava a hora local, a hora de Madri e a de Roma.

A primeira oficina de impressão instalada no Prata foi, por iniciativa dos jesuítas, a da República Guarani, a fim de imprimir os livros em língua guarani.²¹⁸ O Padre Montoya já fizera imprimir um catecismo, uma gramática e um dicionário guaranis em Madri, em 1639. Caracteres tipográficos especiais tinham sido criados para transmitir as particularidades de pronúncia. Um volume intitulado em espanhol *Temporal y eterno* saiu da imprensa de Loreto em 1705, depois um dicionário. Santa Maria Maior e S. Xavier também possuíam suas

215. Citado por Bruno Garsch, p. 122.

216. Sepp, *Continuatio*, p. 165, e *Reisebeschreibung*, p. 22.

217. Carta do Padre Laobe, 1712, e Peramas, *De adm. Guaran.*, § 128.

218. Pormenores sobre a impressão na obra de Medina, *Historia y bibliografía de la imprenta en el antiguo Virreinato del Río de la Plata*. La Plata, 1892.

imprensas. Após a expulsão dos jesuítas, as oficinas tipográficas de Candelária, Loreto, Santa Maria e S. Francisco foram destruídas ou deixadas ao abandono, “com temor de que o povo não se esclarecesse demais”. Schuster, que narra o acontecimento em sua obra sobre o Paraguai moderno, publica uma fotografia da primeira página de uma obra do Padre Nieremberg, traduzida para o guarani e impressa nas reduções. É uma impressão cuidada, de belo efeito.

A par das obras de edificação, as reduções imprimiram trabalhos linguísticos preciosíssimos, como os do Padre Restivo, por exemplo, do qual se podem admirar exemplares no Museu Histórico de Buenos Aires. As cartas astronômicas do Padre Boaventura Suarez, assim como as cartas geográficas da América mais exatas desse tempo, foram também impressas pelos guaranis. Hernandez diz que as reduções imprimiam até um boletim meteorológico muito apreciado no Peru! Maria Fasbinder viu na biblioteca da Universidade de Munich um exemplar original de uma pequena obra do Padre Sepp sobre o Paraguai, impressa em alemão pelos guaranis.

Charlevoix, que infelizmente falou tão pouco sobre a vida social e econômica, conta que os guaranis “triunfaram como que por instinto em todas as artes a que se aplicavam... Basta, por exemplo, mostrar-lhes uma cruz, um candelabro, um turíbulo e dar-lhes o material para que os façam idênticos; seria difícil distinguir a obra deles do modelo que têm diante dos olhos. Fabricam e tocam muito bem todas as espécies de instrumentos de música. Viram-nos construir os órgãos mais complexos, sob a única inspeção que têm tido, assim como esferas astronômicas, tapetes à maneira da Turquia e o que há de mais difícil em qualquer tipo de manufatura”²¹⁹

As principais profissões estavam organizadas em corporações - corporações essas isentas dos clássicos abusos. Na economia vigente no Paraguai, as corporações não podiam servir para proteger os privilégios inexistentes, nem para travar o progresso ou sabotar a aprendizagem. Os mestres não receavam ver os aprendizes transformarem-se em concorrentes. Os progressos tão rápidos e constantes em todos os ofícios explicam-se, em boa parte, pelo espírito de colaboração e de serviço que animava o trabalho.

Os tecelões, ferreiros, carpinteiros, tanoeiros, açougueiros etc., tinham seus alcaides particulares que dirigiam a produção e inspe-

219. Charlevoix, tomo I, p. 241.

cionavam as oficinas com grande zelo, de modo que a respectiva corporação obtivesse os louvores dos padres e os sinais de satisfação da comunidade.

A orientação profissional foi aí praticada duzentos anos antes de se pensar nela na Europa. Escreveu Charlevoix: “Desde que as crianças atinjam a idade de poder trabalhar, são conduzidas às diversas oficinas e fixadas naquelas para que parecem ter maior inclinação, porque estamos persuadidos de que a arte deve ser guiada pela natureza.”²²⁰

Uma orientação mais geral das profissões e uma especialização por redução tinham sido também estabelecidas de acordo com as condições do solo, clima, gosto dos habitantes e necessidades do conjunto da República. Assim é que cada redução cultivava particularmente um ramo de indústria, esta a tanoaria e as obras de couro, aquela a tecelagem; Loreto fornecia estátuas e esculturas; S. Francisco Xavier os tapetes de alto preço; S. João tinha os melhores fabricantes de instrumentos musicais, como os violeiros; Apóstolos fundia os sinos.

D’Orbigny observou, em 1830, que todos os ofícios introduzidos pelos jesuítas eram ainda exercidos, se bem que em ritmo reduzido, nas localidades não destruídas.

A obra dos jesuítas no Paraguai deveria ser qualificada de grandiosa, escreve Montesquieu em *O Espírito das Leis*, mesmo que se tivesse reduzido apenas ao estabelecimento da indústria. De fato, a República Guarani, perdida no meio dos pampas e da floresta virgem, foi na época o único Estado industrial da América do Sul. Os nobres colonos, imbuídos de preconceitos de honra militar, ter-se-iam considerado rebaixados se praticassem um ofício. Sua preguiça e seus vícios tê-los-iam impedido, de resto. “Aqui, observa um missionário das reduções, de passagem pelo Prata, todos os brancos são encarados como nobres. Menosprezam todas as artes e ofícios. Aquele que entende de alguma coisa e que trabalha de bom grado é desprezado como um escravo. E aquele que não conhece nada de nada e vive na maior ociosidade, esse é um *cavallero*, um nobre.”²²¹

220. *id.*, p. 242.

221. Carta do Padre Herre, de Buenos Aires, 1725.

Os jesuítas deram provas de opiniões e pontos de vista tão realistas quanto audaciosos. Conscientes das intenções dos coloniais, vendo sua República cercada de um mundo hostil, tinham-se devotado, desde o princípio, a torná-la economicamente independente. A “autarquia” mais completa possível foi assim realizada por necessidade, “para não ter necessidade de recorrer à ajuda estrangeira”, como diz Charlevoix.²²² Essa ajuda seria problemática ou perigosa. Graças à previdência metódica dos jesuítas, previdência muito conforme ao sistema geral aplicado, houve no Paraguai como que a antecipação de uma economia integralmente planejada e dirigida.

Por sua parte, os guaranis responderam magnificamente à confiança dos padres. Ainda ontem guerreiros selvagens e preguiçosos, “segavam o trigo com costelas de vaca que faziam as vezes de foices, um canço de uma espécie particular que fendiam pelo meio servia-lhes de faca, empregavam espinhos para coserem suas roupas”.²²³ Escassos anos depois, tinham-se tomado “operários”, na verdadeira acepção da palavra, criadores de obras, apaixonando-se pela aprendizagem dos ofícios mais difíceis, pelo desenvolvimento e manutenção de suas oficinas e todas as instalações, para a conquista das bases de seu bem-estar e de sua liberdade, um pouco como no nosso século os mujiques da URSS, convertidos em mecânicos, eletricitas, empenhados no êxito de um plano quinquenal.

Os missionários extasiavam-se, uns após outros, com a habilidade manual extraordinária dos guaranis. Toda a novidade era acolhida, todo o objeto desconhecido era avidamente examinado e logo reproduzido. As mulheres não estavam menos desejosas do que os homens por aprender e aperfeiçoarem-se. O Padre Sepp diz que muito gostaria de ter possuído belas rendas para as alvas e sobrepelizes sacerdotais de sua nova redução, sem ter de as comprar. Que faz uma índia? “Ela toma uma grande renda da Europa, separa os fios com uma agulha e afrouxa um pouco a renda, examina o ponto e o conjunto, e confecciona outra renda igual, que tu não saberias distinguir do modelo holandês ou espanhol.”²²⁴

222. O padre alemão Betscham também escreve em 1719: “... *dass wir fremder Hande nicht bedorfen*” (Welt-Bott, tomo VII, p. 64).

223. *Lettres Edifiantes*, tomo V, p. 488.

224. *Reisebeschreibung*, pp. 291-292.

Esses “pobres índios”, no entanto! Nada se pode tirar-lhes da cabeça, escreveu o mesmo Padre Sepp na própria página em que conta, logo a seguir, a história da índia rendeira e outros exemplos semelhantes de guaranis que se põem a fabricar relógios após o simples exame de um modelo. Era o axioma: os índios não deviam ter miolos. Homens que se apropriavam tão facilmente de tantas artes novas, em tão pouco tempo, não podiam ser mal dotados. O deão Funes, que os conhecia bem, sublinha o espírito industrioso de imitação e invenção dos guaranis.

Convenhamos, porém, que, sem a organização coletiva do trabalho e da propriedade, os guaranis não teriam conhecido a prosperidade econômica de que desfrutaram. As iniciativas não estavam reduzidas às estreitas perspectivas de um egoísta. Tudo estava concebido de um modo amplo e realizava-se no âmbito de uma emulação geral. Uma iniciativa só era lançada em função das necessidades e vantagens de toda a comunidade.

E é assim, principalmente, que se explica o rápido progresso econômico do povo guarani.

X

As Artes

Os guaranis mostraram-se desde o princípio muito sensíveis e acessíveis a todas as espécies de artes. Eram notavelmente dotados para a escultura, a pintura e, sobretudo, a música. “Possuem naturalmente o ouvido apurado e um singular gosto pela harmonia.” O Padre Cattaneo, já citado, assegura que viu uma criança de doze anos tocando na harpa, com a mão segura e leve, as melodias mais difíceis dos motetes de Bolonha. “Têm, além disso, uma voz bela e sonora que, como eu já disse, se atribui às águas de seus rios... Esse gosto natural pela música serviu muito para povoar as primeiras reduções. Os jesuítas, ao navegarem pelos rios, aperceberam-se de que quando, para matarem santamente o tédio, cantavam seus cânticos espirituais, bandos de índios acorriam para ouvi-los e pareciam ter nisso um gosto especial... Eles realizaram assim, nessas regiões selvagens, o que as lendas contam a respeito de Orfeu e Anfião.”²²⁵

O primeiro mestre de música foi um jesuíta francês, o Padre Louis Berger, que ensinou aos guaranis “a música instrumental e vocal”. Sendo também escultor e pintor, esse padre artista exerceu um ministério extremamente fecundo. O seu Superior, o Padre Mastrilli, consagrou-lhe uma notícia muito elogiosa. O Padre Berger nascera em Abbeville, em 1590, fora admitido na Companhia de Jesus em 1614 e partira em 1616 para o Paraguai, onde passou toda a vida e prestou

225. Charlevoix, tomo I, pp. 241-242.

“tantos serviços quanto a maioria dos missionários. Com o seu violão, converteu multidões de infiéis”.²²⁶

Depois de Louis Berger, o Padre Jean Baes — Vassaeus ou Vassaux — de Tournai, na Bélgica, deu um caráter ainda mais artístico às execuções musicais dos guaranis. O Padre Baes fora antes um mestre renomado na Europa como músico na corte do Arquiduque Alberto, depois junto da infanta Isabel e, ultimamente, como mestre-de-capela na corte de Carlos V. Os guaranis aprenderam com o Padre Baes a notação musical mais perfeita da época. Eles conservaram e transmitiram preciosamente seus repertórios e composições pessoais. O Padre Baes morreu em 1623, em Loreto, ao serviço dos empestados. O Padre Sepp, chegado quase um século depois, é também apresentado como músico de talento, *virtuose* em todos os gêneros de instrumentos e compositor.

Desde o tempo do Padre Baes, em cada redução foi criada uma escola de canto coral, música e dança. Diz Charlevoix: “Aí se aprendem a tocar todos os tipos de instrumentos cujo uso é permitido nas igrejas... Tiveram muito pouco trabalho para aprenderem a tocá-los como verdadeiros mestres. Aprenderam a cantar pelas notas as melodias mais difíceis, e somos quase tentados a crer que cantam por instinto, como as aves. O “instinto” era desenvolvido diariamente, durante horas. “Saber cantar era considerado, de certo modo, como um dos primeiros deveres do cidadão.” M. Bach, um protestante alemão que foi, por volta de 1840, funcionário na Bolívia e aproveitou para dedicar-se a um estudo profundo dos vestígios das reduções, relata que se organizaram coros de milhares de vozes “sem que se ouvisse jamais uma nota falsa”.

Em 1637, o Padre Ripario escreveu ao Provincial de Milão: “Muitos já sabem muito bem compor música. Podem rivalizar com famosos músicos da Europa. Usam uma grande variedade de instrumentos.”²²⁷ O mestre-de-capela era um guarani, e não um jesuíta. Foi instituída uma escola nacional de música, para a qual selecionavam os alunos melhor dotados de cada redução. O Padre Sepp conta que ele próprio dirigiu por algum tempo essa escola. Assevera também que não havia instrumento que os alunos guaranis não aprendessem a tocar “em muito pouco tempo e com uma perfeição, uma delicadeza, que se admirava nos maiores mestres”.

226. *Lit. annuae paraq.*, 1626, p. 42.

227. Carta publicada em Pastells, tomo I, p. 543.

Cita-se como instrumentos de orquestra o órgão, os violinos, violoncelos, contrabaixos, clarinetes, flautas, harpas, guitarras, violões, trombetas, trompas e tambores. Todos os instrumentos, de fabricação muito cuidada, saíam das oficinas guaranis.²²⁸ Já nos primeiros tempos, a menor das reduções tinha quatro organistas habilitados e músicos que se destacavam, por sua excelência, como tocadores de alaúde, flauta, espinheta, trombeta, fagote, etc. “Muitos europeus que ouviram a música dos índios garantiram não ser ela inferior à das catedrais da Espanha”.²²⁹

O repertório incluía, além do canto coral e da polifonia, as composições do Padre Baes, música de bailado e marcha, motetes a várias vozes, “os mais difíceis motetes de Bolonha”, diz Charlevoix. O Padre Cattaneo solicitou a seu irmão que lhe enviasse com três ou quatro missas cantadas, “doze ou quinze concertos do Sr. Alberti de Bolonha”. O Padre Ripario diz que todos os domingos a missa celebra-se *con buonissima musica*. Peças escolhidas da música francesa, italiana e alemã eram executadas de um modo tão “cuidado, artístico e agradável”, que se não estivessem à vista os músicos acreditar-se-ia que as melhores orquestras da Europa estavam de passagem pelas índias.²³⁰ Os violinistas, em especial, tocavam as mais difíceis composições europeias com um verdadeiro virtuosismo.

Quando os dois padres franceses, Hénard, de Toul, e Noël Berthold, de Lyon, chegaram às missões em 1628, os neófitos executaram em sua honra “bailados com uma música a duas vozes, ao bom gosto da França”. Acrescentemos a isso o que escreveu um espanhol que acompanhou o bispo de Assunção numa das visitas às reduções do Uruguai: “Estávamos prestes a chegar a uma das reduções. Todos os habitantes tinham vindo ao encontro do prelado. Um coro de crianças destacou-se, em nossa direção, cantando os louvores da doutrina cristã. Mas uma dentre todas em breve atraiu os olhares dos espanhóis aí presentes. Tocava violoncelo com tamanha graça e domínio que o prelado, cheio de admiração como os demais, pediu ao coro que suspendesse e que se aproximasse o menino, a quem solicitou que tocasse uma sonata. A criança obedeceu e, depois de ter saudado em profunda reverência o prelado e pessoas de seu séquito, apoiou o instrumento no pé e tocou durante um quarto de hora com tal precisão e leveza que

228. Charlevoix, tomo I, p. 257; Cardiel, *Declaración*, p. 106, etc.

229. Muratori, *Relation*, p. 96.

230. *Welt-Bott*, Parte 24, n.º 510,

não nos cansávamos de ouvir e admirar. Tendo eu passado noutras alturas por algumas reduções onde os missionários sempre me acolheram com os maiores favores, ouvi mais de uma vez a música dos índios, e era sempre uma nova surpresa para mim. Dificilmente creio que se escute com maior prazer a música das catedrais de Espanha, ainda as mais célebres.”²³¹

Os membros de uma delegação de Yapeyu, que fora a Buenos Aires em 1729 para receber o Padre Cattaneo e outros missionários, passaram nessa cidade “vários dias em festejos e demonstrações de júbilo. O senhor governador honrou frequentemente seus jogos e concertos com a sua presença, e neles teve tanto prazer que fazia mais de uma vez com que se prolongassem até a noite. Toda a cidade acorria e não se cansava de admirar os índios. Causava admiração, sobretudo, uma de suas danças, que não teria desagradado, creio eu, na Europa, mesmo aos olhos mais delicados. Era formada de doze crianças vestidas à maneira dos incas, isto é, como os antigos índios nobres do Peru, antes da conquista dos espanhóis. Essas crianças tinham cada uma delas seu instrumento musical. Quatro levavam pequenas guitarras suspensas do pescoço, quatro outras alaúdes, e as quatro últimas violinos. Tocavam e dançavam ao mesmo tempo com uma precisão admirável. Assistimos também repetidas vezes, com grande satisfação, a seus exercícios com o arco e outras armas.”²³²

Pelo canto e pela música, a alma desse povo, prenhe de trágicas recordações, exprimia-se e libertava-se. Pode-se imaginar, ao cair da tarde, nas varandas, os homens fumando tranquilamente, as mulheres conversando e, de súbito, ao acaso da conversação, uma imagem evocada, as horríveis visões antigas, o avô massacrado, ou a mãe, e os grupos acorrentados. Mas logo a visão antiga superada pela visão presente, ali, diante de seus olhos, a mocidade nas ruas, elevando para os céus os seus cânticos, a música improvisada, violinos, trompas, clarinetes, à maneira dos negros. Todo o bairro vibra então em uníssono, como um ser único, num sentimento profundo, feliz, no seio da cidade protegida.

Charlevoix conta que “os infiéis, assim que ouviam os guaranis cantando e tocando seus instrumentos, ou os viam pintando, ficavam horas inteiras acorados, imóveis e como que em êxtase.”²³³

231. Citado por Muratori, pp. 97 e 98.

232. Muratori, *ibid.*, p. 263.

233. Charlevoix, tomo I, p. 351.

O amor à música conservou-se entre os guaranis. Falando do gosto musical dos argentinos, Martin de Moussy escreveu: “O índio guarani talha ele próprio uma flauta com um caniço, constrói um violão com o qual participa num concerto improvisado. Nas antigas missões jesuíticas, a música das igrejas compunha-se inteiramente de executantes índios que conseguiam com êxito traduzir as obras dos mestres; e ainda hoje, no Paraguai, o tambor, o triângulo, os violinos e flautas que acompanham o canto nos ofícios litúrgicos são uma reminiscência, muito incompleta, sem dúvida, mas viva, da antiga orquestra dos missionários.”²³⁴

Depois das destruições maciças levadas a cabo na maioria das reduções, subsiste ainda uma série de obras esculpidas pelos guaranis mas, aparentemente, poucas ou nenhuma pintura. As cores utilizadas eram, de resto, de má qualidade. As pinturas originais, que poderiam ter subsistido, foram recobertas por amadores.

É lamentável, pois se os pintores guaranis trabalhavam, como disse, com tanto amor que os selvagens os ficavam olhando durante horas imóveis e como que em êxtase, é de supor que suas obras fossem belas. Um homem, ele próprio artista muito culto, o Padre Ripario, escreveu a seu irmão que a pintura dos guaranis era excelente. *Dipingo-no excellentissimamente*. Imitavam os quadros dos mestres à perfeição. O Padre Sepp fala de obras de Rubens e de outros artistas que ele não seria capaz de distinguir dos originais.

As estátuas de madeira e pedra, os afrescos e os quadros que subsistem imitam muitas vezes o estilo grego antigo ou do Renascimento. Avé-Lallemant pôde ver numa grande sala do Colégio de S. Lourenço, em ruínas, trinta e três estátuas de diversos tamanhos aí reunidas pelos índios e cuidadosamente conservadas. Eram de um estilo simples e comovedor. Os guaranis, diz ele, certamente oravam diante dessas estátuas. Não custa acreditar em tal, se tomarmos em consideração a muito pura e delicada “Virgem de Trindade”, aqui reproduzida. Passando na mesma redução de S. Lourenço, Martin de Moussy observa: “Numa sala do Colégio, de que se conserva ainda o teto, foi colocado um S. Miguel derrubando o Diabo, grupo colossal em madeira, belo trabalho como escultura, peça que foi salva das

234. *Description*, tomo II, p. 64.

ruínas da igreja. Fala-se em transportá-la para S. Borja. Infelizmente, não se dispõe de um carro suficientemente sólido para aguentar semelhante grupo.”²³⁵

Viu-se, aliás, o esmero verdadeiramente artístico que os guaranis dedicavam à lavra escultórica das arcadas e galerias de mármore ao longo de certas ruas. O aspecto exterior das igrejas foi descrito no mesmo capítulo. Antes de passar ao interior, recordemos somente que eram construídas em pedra vermelha, branca e amarela, no estilo Renascimento, a maioria das vezes com três ou cinco naves e um campanário em pedra rendilhada. As igrejas guaranis eram espaçosas e imponentes. Já as igrejas do primeiro período, edificadas antes de 1630 e abandonadas ou destruídas pelos paulistas, eram “muito belas e suntuosas”, segundo a expressão do Padre Montoya.²³⁶

Falando das igrejas construídas após as grandes migrações, Charlevoix escreve: “Os próprios espanhóis se surpreendem de as ver tão magníficas... Também não existe entre os povoados outra rivalidade senão nesse ponto e assistiu-se à reconstrução de suas igrejas por inteiro, a fim de as colocar ao mesmo nível de outras, privando-se os habitantes do necessário para o conseguirem... São todas decoradas de pinturas que representam os mistérios da nossa santa religião e as ações mais heroicas dos santos do Antigo e Novo Testamento. Essas pinturas estão separadas por festões e compartimentos de grinaldas feitas com folhas sempre frescas e salpicadas de flores.” “Essas igrejas não ficariam atrás das mais belas de Espanha e do Peru, tanto pela beleza da estrutura como pela riqueza e bom gosto da prataria e dos ornamentos de todas as espécies.”²³⁷ As observações pessoais de Florentin de Bourges confirmam os dados de Charlevoix. “O interior é decorado com pinturas trabalhadas pelos próprios índios. Os retábulos são de bom gosto e todos dourados. A sacristia está bem sortida de prataria e ornamentos muito próprios. Falo daquilo que vi no povoado onde estive. Essa igreja seria certamente apreciada nas maiores cidades da Europa.”²³⁸

Em S. Borja, o altar-mor era tão magnificamente esculpido que o orçavam em trinta mil “réis de prata”, sem o dourado da talha. Todo o coro estava cercado de estátuas. A abóbada era sustentada por

235. *Description*, tomo II, p. 709.

236. *Muy lindas y suntuosas ecclesias. Conquista Espiritual*, § 38.

237. Charlevoix, tomo I, pp. 253 e 242-243.

238. *Lettres Édifiantes*, tomo V, p. 242.

duas filas de doze colunas. No batistério, a água corria de uma soberba fonte de mármore para uma bacia de prata. Falando de sua igreja, o Padre Sepp escreveu: “Não consigo lembrar-me de ter visto na Europa colunas de pedra tão belas e variadas quanto estas.” As igrejas estavam correntemente ornamentadas com lampadários de prata maciça, pesando vinte, quarenta, cinquenta e até setenta quilos. Os vasos sagrados e os candelabros também são de prata.²³⁹

Um religioso que recentemente regressou do Brasil aí viu o cibório mais artisticamente cinzelado e o mais rico que existe na América do Sul. É um cibório confeccionado outrora por um artista guarani.

As mais belas igrejas, as de Entre-Rios e do Uruguai, foram destruídas. Mas muitos viajantes puderam admirar no Paraguai a de Santa Rosa, que só foi incendiada em 1883. Em nada era inferior às igrejas de Entre-Rios. O Dr. Rengger, que passara primeiro por Assunção e Corrientes, confessa que a igreja de Santa Rosa é a mais bela construção por ele vista em todo o Paraguai. Martin de Moussy, por sua parte, deixou-nos uma preciosa descrição que vale a pena reproduzir. “Este edifício é construído em pedra e madeira, quer dizer, as muralhas são em grandes blocos de pedra vermelha sobrepostos e sem argamassa, e a cobertura, revestida de lambril, as colunas geminadas que a sustentam, o pórtico em forma de concha, são formados por enormes estruturas de madeiramento perfeitamente trabalhado. O comprimento total do edifício é de 60 metros; ao entrar, fica-se verdadeiramente aturdido pela riqueza e quantidade dos ornamentos que o templo encerra. O coro está, de alto a baixo, coberto de estátuas de santos em madeira esculpida; um S. Miguel derrubando o Diabo coroa a arquitrave do altar-mor; a cúpula, esculpida e pintada a vermelho e ouro, tem nos seus quatro pendentos um nicho contendo a estátua de um papa. As doze colunas geminadas que sustentam a nave, de cada lado, têm em suas entrecolunas a estátua de um apóstolo em tamanho natural; as sete capelas ou altares laterais não são menos ricas, nem menos decoradas. Quatro confessionários, esculpidos e pintados muito artisticamente, estão colocados entre essas capelas. O batistério é um pequeno santuário anexo ao corpo da igreja e aberto em uma de suas paredes; está decorado com um grupo escultórico em madeira, representando o batismo de Jesus Cristo. A sacristia, colocada por trás

239. Moussy, tomo III, p. 713, e Cardiel, *Breve Relación*, cap. VIII, § 1. Contudo, Cardiel pretende que o tesouro da igreja de cada redução não valia mais do que cinco a seis mil pesos, no máximo!

do altar-mor, está igualmente decorada com um altar pejado de esculturas; enfim, os vastos armários encostados às paredes são também ricamente lavrados. Uma fonte de mármore, infelizmente quebrada por acidente e imperfeitamente restaurada, despeja a água numa grande bacia de prata, a única coisa que resta de todas as antigas riquezas desta magnífica igreja. A concha do pórtico está igualmente coberta por lambris esculpidos e pintados, cujas cores já desapareceram em parte.”

“A vinte passos da igreja, para leste, um pequeno edifício quadrado, ainda em excelente estado de conservação, encerra a capela de Nossa Senhora do Loreto. As antigas pinturas murais, deterioradas pela umidade, foram substituídas por desenhos grosseiros, obra de algum índio, pintor de construções, os quais representam a lenda da misteriosa casa de Nazaré. Em compensação, um bom número de quadros apresenta pinturas sobre cobre, de boa feitura, oferecendo vários temas devotos, e uma coleção de retratos dos mais famosos jesuítas. Essas pinturas parecem-nos de origem italiana...”

“Quanto às riquezas da igreja, desapareceram: primeiro em 1810, depois com Francia, finalmente, em 1848, com Lopez, quase todos os utensílios de prata que ainda restavam foram retirados. De todo o seu antigo esplendor, nada restou senão o grande gomil da sacristia.”²⁴⁰

A igreja de Corpus, na outra margem do rio Paraná, “tinha dois zimbórios e era de uma extrema riqueza, no gênero da de Santa Rosa”. Na mesma região, a igreja de Trinidad, que “nada tinha de notável senão a sua torre muito alta”, continha, mesmo assim, uma Virgem bem apreciável, que não seria, sem dúvida, o seu único tesouro artístico...

Renunciamos a destacar outros pormenores igualmente fragmentários que não poderiam atenuar o fato lamentável da destruição geral das belas igrejas guaranis e de suas obras de arte.

No México e outras partes, os conquistadores tinham saqueado e destruído com furor e desprezo as obras de arte dos índios pagãos. Logo que os seus dignos sucessores, os colonos-soldados espanhóis e portugueses, invadiram as reduções do Uruguai, em consequência do Tratado dos Limites, e penetraram na primeira igreja guarani, o desprezo foi menos fácil. Tão supersticiosos quanto crentes, apesar de sua rudeza e paixões, esses cristãos perversos que assaltavam uma pacífica

240. *Description de l'Argentine*, tomo III, pp. 713-715.

república cristã, sentiram seu orgulho abalado. Os grandes afrescos murais, representando com força a morte, o juízo final, o Céu e o Inferno, colocaram-nos subitamente em presença de seus derradeiros dias e fizeram reviver neles os sermões mais aterradores ouvidos em sua infância. Do alto do púlpito os quatro evangelistas e os quatro doutores da Igreja pareciam interpelá-los. De todos os lados, santos que eles conheciam, mais de uma vez invocados em preces ou juras, olhavam-nos com olhos ardentes de vida, onde eles liam a reprovção e o anúncio do castigo. Tudo lhes falava e os impressionava: os grandes confessionários de cedro, também rematados por estátuas, as pias batismais, a majestade deslumbrante e a profusão de vida e riqueza dos altares. A nobreza, a grandeza, a pureza e a doçura cercavam-nos, envolviam-nos inteiramente. Esses antigos cristãos da velha Espanha católica sentiram-se dominados. Alguns tiveram medo e recuaram, como se fossem bárbaros sacrílegos que, ao violarem um lugar sagrado, descobrissem um mundo superior. Os melhores sentiram-se humilhados e envergonhados, de armas na mão.

O único povo índio que escapara algum tempo ao seu domínio, o povo guarani, o mais miserável da América, ao qual tinham querido negar o direito de receber os sacramentos, com o argumento de que era desprovido de razão, ali assinara, em linguagem cristã, em nome de todos os povos da América, a ata de acusação e de condenação dos conquistadores, antes de se dispersar de novo na floresta virgem que iria submergir em breve suas cidades industriosas, que tinham surgido como para fornecer apenas seu testemunho.



VIRGEM DE TRINIDAD



Ruínas de Santo Inácio

XI

O Comércio e a Moeda

“Nem ouro nem prata, senão para decorar os altares.”

Charlevoix.

O abastecimento, a armazenagem dos produtos e a sua distribuição eram assegurados pelos serviços comunais, sem qualquer intermediário comercial privado. Os funcionários eram responsáveis pela estatística das reservas, constantemente mantidas em dia, sua manutenção e distribuição equitativa. A *Cédula Grande* de Filipe V reconhecia a boa ordem que reina na administração de bens. “Em cada povoado, mordomos, contadores, fiscais e fiéis de armazém índios tomam conta exata dessa administração e anotam em seus livros tudo o que entra e sai do produto do respectivo povoado.”

A população obtinha os artigos sem dinheiro nem qualquer espécie de moeda. “Um dos mais sólidos fundamentos da paz e da união que reinam entre estes índios”, diz Muratori, “é a privação completa em que estão de espécies de ouro e prata, assim como de qualquer espécie de moeda. Esses ídolos da cupidez são-lhes completamente desconhecidos.”²⁴¹ O Padre Florentin de Bourges, um capuchinho que visitou as reduções em 1712, conta que no princípio de cada mês os funcionários adstritos aos armazéns entregavam aos

241. *Relation*, p. 152.

chefes dos bairros a provisão de cereais para o mês. “Eles distribuíam-na imediatamente às famílias, entregando a cada uma maior ou menor quantidade, segundo era mais ou menos numerosa.” O mesmo sucedia quanto à carne, distribuída duas ou três vezes por semana, ou mesmo diariamente, e no tocante aos panos ou roupas.

O valor das mercadorias exprimia-se em “pesos” e “reais” de modo puramente fictício. Era uma maneira de fixar o valor relativo dos artigos de consumo corrente. Hernandez publicou as listas de preços de 1730 e 1737, conservadas por acaso. Uma arroba (onze quilos e meio) valia: chá = 2 *pesos huecos*; fumo = 4 pesos; algodão = 2 pesos; uma peça de cedro, com uma alna de comprimento por meia alna de largura e uma espessura de quatro dedos, valia 3 réis, etc.²⁴²

Os particulares podiam obter, quando das distribuições regulamentares ou fora delas, tal ou tal objeto de sua escolha, que lhes eram debitados segundo a tabela oficial de preços.

Em que base um particular podia, assim, desfrutar de uma margem livre de aquisição? Unicamente na base dos produtos equivalentes por ele entregue aos armazéns comunais. O indivíduo era “rico na proporção de sua assiduidade ao trabalho”.²⁴³

No capítulo dedicado ao regime de trabalho ver-se-á que a margem livre não criava o perigo de favorecer algum açambarcamento individual, nem de comprometer a satisfação das necessidades comuns. Se isso ocorresse, tais necessidades tinham prioridade sobre todo e qualquer direito individual, considerado secundário, mesmo que fosse adquirido pelo trabalho.

A troca elementar, sem referência ao peso, conservou sempre certa importância entre os particulares.

À parte a troca e a moeda fictícia do peso, existia uma moeda “real” constituída por certas mercadorias de uso geral, que eram aceitas por todos em pagamento, mesmo que não houvesse necessidade imediata do seu uso. O Padre Montoya já nos conta que o chá era a “moeda principal” e “tinha curso como se fosse dinheiro”. O Padre Muriel menciona ainda como mercadoria-moeda o fumo, o mel e o milho.²⁴⁴

242. Hernandez, tomo I, p. 240.

243. Muratori, Relation, p. 149.

244. Citado por Hernandez, tomo I, p. 240.

O mecanismo da formação de preços, intimamente dependente do sistema econômico, era simples e são. O preço correspondia, normalmente, ao valor real dos bens, quer dizer, essencialmente, à soma de trabalho exigida para a sua produção, sem a majoração do lucro de intermediários inexistentes. O preço relativo de uma determinada mercadoria era influenciado, naturalmente, pela sua escassez ou abundância. A Comuna, dona dos celeiros e armazéns, freava ou acelerava o consumo dessa mercadoria, elevando ou reduzindo o seu preço. A ideia de que um rendimento vantajoso em tal ramo da economia iria enriquecer os trabalhadores desse ramo à custa dos de outros não passava pela cabeça de ninguém, ao que parece, de tal modo estava excluída totalmente dos fatos.

A profissão de comerciante não existia, portanto, na República Guarani. O comércio dos gêneros alimentícios, dos bens de raiz, dos meios de troca e de crédito que, na nossa sociedade, enriquece mais do que toda a espécie de trabalho produtivo, era interdito. Os encargos do consumidor eram aliviados nessa mesma proporção. Os centros de distribuição por setor ou bairro respondiam perfeitamente às necessidades.

Somente os mascates, os vendedores ambulantes estrangeiros, podiam penetrar, algumas vezes, nas reduções e nelas permanecer até três dias, ficando instalados numa casa especial situada no exterior do perímetro urbano e nas vizinhanças do Colégio. Sob controle, era permitido a esses mascates oferecerem e trocarem suas bugigangas. E era tudo. Para favorecer o comércio exterior com Assunção e Buenos Aires, foram estabelecidos mercados mais ou menos regulares em Santo Inácio-Guaçu, Santa Maria da Fé, Santiago, Santa Rosa, S. Carlos, Yapeyu e S. Cosme. O Bispo Fajardo nota que o fervor religioso era menos elevado nessas reduções, por causa do contato com os mercadores. As feiras para o mercado interior não se revelaram necessárias, uma vez que todos os produtos estavam concentrados e postos à disposição dos consumidores nos grandes armazéns comunais.

O comércio entre as reduções, assim como o comércio externo, estavam monopolizados e dirigidos completamente pela comunidade. De um modo geral, tinha por base o fumo, os legumes, o algodão, os rebanhos e os diversos objetos manufaturados.

Yapeyu importava, por exemplo, das reduções do norte, o fumo, o chá e o algodão, que a sua situação mais distanciada dos trópicos não lhe permitia produzir em condições tão boas. Indicando as estatísticas, com regularidade, o volume das reservas e as necessidades de cada redução, era fácil prever as respectivas trocas. O vigário aconselhava-se com o corregedor e o mordomo para determinar o gênero e o montante de mercadorias a importar e a exportar.²⁴⁵ “Algumas centenas de índios espalham-se todos os anos pelas cidades espanholas para nelas comerciarem. Todas as reduções equipam, com as despesas em comum, balsas ou jangadas para transportarem pelos rios que deságuam no Prata as suas mercadorias, com destino a Buenos Aires e a Santa Fé... Uma parte do dinheiro que essas mercadorias rendem é empregada para pagar o tributo anual que os índios devem ao rei. Com o restante compram, primeiramente, as coisas necessárias para a conservação das igrejas, depois, todos os instrumentos agrícolas e as ferramentas de que os índios precisam. Assim, todo o seu comércio consiste, como o dos primeiros habitantes da terra, na troca de mercadorias e gêneros alimentícios. Essas viagens dos índios, que só têm por finalidade o benefício da nação e em que o interesse particular não tem cabimento algum, duram habitualmente alguns meses.”²⁴⁶

Nos últimos anos, para apaziguar os ataques de que era alvo o regime comunista das reduções, ou por preferência pessoal, alguns padres acharam aconselhável despertar o instinto de lucro individual. Encorajaram os particulares à venda de produtos suplementares do lote. Foi em vão. Cardiel conta que um corregedor vendeu um pouco de mate, e um comissário de guerra um pouco de açúcar. E acrescenta: “Em vinte e oito anos que vivi entre eles como pároco ou *companero*, não tive conhecimento de outros exemplos entre tantos milhares de índios.”²⁴⁷

Um padre-procurador estabelecido em Buenos Aires secundava o “primaz” de Yapeyu e concluía, com a maior antecedência possível, os mercados em que havia maior procura, de maneira que, no momento em que chegavam os comboios a essas praças, as operações dos comissários guaranis exigissem apenas o tempo estritamente ne-

245. Cardiel, *Breve Relación*, cap. V.

246. Muratori, *Relation*, pp. 153-154. Cardiel fala também de algumas centenas de índios empregados no comércio e na representação dos interesses da nação.

247. *De moribus Guaraniarum*, cap. III.

cessário à conclusão das transações. Os guaranis, comissários e carregadores, selecionados entre os mais seguros, não ficavam assim expostos muito tempo à influência dos colonos.

O transporte fazia-se principalmente por via fluvial, em barcos a vela ou de remos. O curso inferior do Paraná e muitos de seus afluentes prestavam-se bem à navegação. As reduções tinham sido intencionalmente estabelecidas à beira de cursos de água. A magnífica frota mercante dos guaranis excitava a inveja dos colonos. Duas vezes, em 1667 e 1671, a República Guarani colocou à disposição da Espanha barcos e canoas necessários para o transporte das tropas reais de Corrientes até Buenos Aires, bloqueada pelos ingleses. No curso do Uruguai verificara-se ser mais prático utilizar jangadas de um modelo adaptado aos numerosos rápidos, as balsas, grandes pontes de bambu montadas sobre duas canoas de uma peça. O Padre Cattaneo conta que viajou de Buenos Aires para a redução de Santa Maria numa dessas balsas, que transportava trinta pessoas e quatro ou cinco bois. Havia uma tenda montada sobre a jangada. Era com frequência um verdadeiro camarote bem mobiliado, fechado, construído em madeira, cana e peles, reservado primeiro aos padres, se estes se encontrassem com o comboio. Os índios remavam com tanta perícia e agilidade que o Padre Cattaneo não percebia sequer o movimento da embarcação. Os índios não diziam palavra nem cantavam, “para que o Padre não fosse perturbado em suas orações e exercícios”.²⁴⁸ Quando chegou, em 1696, o Padre Sepp subiu da mesma maneira de Buenos Aires para Yapeyu em um mês.

Uma rede de estradas pavimentadas também fora criada. Martin de Moussy pôde reencontrar e descrever seu traçado.

Os principais artigos exportados pelas reduções eram o mate, o fumo, o algodão, o açúcar, os tecidos de algodão e outros, os bordados, as rendas, os pavios e círios, os objetos fabricados em torno, mesas, armários e baús de madeiras preciosas, esculturas, peles, curtumes e arreios de couro, rosários e escapulários, mel, frutas de todas as espécies, principalmente laranjas e tamarindos, tintura de cochinilha e de outras cores, cavalos, mulas e carneiros, assim como os excedentes de diversas indústrias. Todos esses produtos eram dirigidos para Buenos Aires, chegando até à Europa, e também para Corrientes, Santa Fé, Assunção e Vila Rica.

248. Sepp, *Reisebeschreibung*, p. 163.

A República Guarani importava produtos manufaturados e metais, “ouro, prata, cobre, aço, para fabricação de armas e decoração dos altares”,²⁴⁹ peças metálicas de ferramentas, machados, relhas de arado, buris, etc., agulhas, anzóis, facas e tesouras. Assim que as oficinas ficaram equipadas, a importação de objetos manufaturados quase cessou. O metal bruto teve de ser sempre importado, em sua maior parte. O sal foi fornecido, nos últimos anos, pela república irmã dos Chiquitos, cujas reduções de Santiago e S. José exploravam as salinas. Os outros produtos importados vinham da Europa: seda, papel e vinho. As despesas de transporte marítimo eram extraordinariamente pesadas, e os preços impostos tão elevados que o lucro líquido das trocas a grande distância era quase inteiramente absorvido pelo imposto para o Tesouro Real, que se devia pagar quaisquer que fossem os riscos.²⁵⁰ O lucro era ainda mais reduzido pela guerra econômica dos *encomenderos* escravistas que podiam vender, por exemplo, em um ano, até 70.000 arrobas de mate, ao passo que os guaranis viam sua exportação arbitrariamente limitada a um contingente de 12.000 arrobas. É certo que alguns adversários os acusavam de exportarem, mesmo assim, 120.000 e até 300.000 arrobas.²⁵¹ Na realidade, as reduções produziam, sobretudo, para o consumo interno.

Segundo Ibanez, o comércio de peles teria enriquecido os jesuítas ainda mais que o chá. Acusação igualmente gratuita. O consumo interno era extraordinário, razão pela qual os guaranis exportavam poucas peles. Rengger explica as variadas aplicações dadas ao couro entre os guaranis. Com ele faziam caixas, arcas, cestos, sacos, *pellotas*, espécies de balsas para atravessar os rios, *lassos*, foles, redes, corda, cercas, tetos, etc.

Terão verdadeiramente os jesuítas enriquecido com o comércio? Sua posição à frente de um sistema de trocas tão centralizado ter-lhes-ia propiciado, sem dúvida, a possibilidade de acumular calmamente uma fortuna colossal. Isso é evidente. Pedir aos mercadores escravocratas que acreditassem na existência de homens que não aproveitavam, necessariamente, de tal possibilidade, seria uma ingenuida-

249. Charlevoix, tomo I, p. 245.

250. Segundo a Cédula Grande de Filipe V, as exportações deixavam, no começo do século XVIII, um lucro de cem mil pesos por ano. Esta cifra é excessivamente modesta e pediria, sem dúvida, uma interpretação.

251. O Padre-Procurador Valeriano de Villegas declara que o contingente de 12.000 arrobas nunca fora preenchido, até 1682. Apoia-se nos livros de inspeção dos navios. Pastells, tomo III, p. 472, doc. 2223.

de crassa. A centralização dos negócios em Buenos Aires e Santa Fé, nas mãos do procurador, dava por força a impressão de enorme poderio econômico e de riqueza. Era difícil aos particulares calcularem quantos guaranis viviam dos produtos assim acumulados e dos lucros realizados. Os *encomenderos* não se cansaram de repetir, portanto, que os jesuítas exploravam os índios, tal como eles próprios, para seu lucro exclusivo. Em virtude dessa propaganda encarniçada, os jesuítas viram-se “traduzidos no tribunal das quatro partes do mundo como uma sociedade de mercadores que, sob o véu da religião, ocupavam-se unicamente de um interesse sórdido. Reconhecer-se-á, ao menos, acrescenta Raynal, que os fundadores das primeiras instituições do Paraguai não merecem uma acusação dessa ordem. Os desertos que eles percorriam não davam ouro nem alimentos. Nada mais encontraram senão florestas, pântanos, serpentes, algumas vezes a morte ou tormentos horríveis, sempre as mesmas e excessivas fadigas. O que lhes custava em cuidados, zelo, trabalho, paciência, para abordarem os selvagens, fazê-los passar de uma vida errante ao estado social, estava muito acima do que homens comuns seriam capazes de fazer”²⁵²

Seriam menos desinteressados os sucessores dos primeiros padres missionários? Martin de Moussy assim pensa. O Cônego Gay exprimia ainda mais claramente, antes dele, a mesma opinião. O ex-jesuíta Ibanez não pretendia que os jesuítas expediam anualmente cento e vinte mil pesos de ouro ao Geral da Companhia, somente como produto da venda do mate? Dizia outro: “Se supusermos que cada família de índios não contribui senão com cinquenta libras por ano para os jesuítas, à razão de trinta mil famílias, temos assim cinco milhões de piastras.”²⁵³ E cada um assim prosseguia em suas suposições.

Contudo, já no século XVIII alguns espíritos sérios, se bem que em nada favoráveis à Companhia de Jesus, tinham reconhecido ou adivinhado a inadividade das acusações dirigidas contra os jesuítas do Paraguai. Montesquieu, falando do comércio da República dos jesuítas, escreveu: “...o comércio exercido em benefício da cidade e não para lucro de particulares.”²⁵⁴ O historiador protestante Southey, depois de ter examinado livremente a questão na sua História do Brasil,

252. Raynal, *Histoire philosophique des Indes*, tomo III, pp. 315-316.

253. *Relazione breve*, Lugano, p. 108.

254. *Espírito das Leis*, Livro IV, Cap. VI.

concluiu: “O ponto mais certo é que os jesuítas não acumularam no Paraguai nenhuma espécie de tesouro.”²⁵⁵

Essas vozes foram abafadas, como os defensores dos padres, pela paixão antijesuítica e pelos ataques combinados dos escravocratas, dos coloniais e dos “filósofos”. O Grande Larousse reflete serenamente a opinião assim acreditada. “Esse Estado, diz a obra a respeito da República Guarani, contava trinta e duas cidades, habitadas por mais de quarenta mil famílias. Os jesuítas que, explorando habitualmente as populações e estabelecendo em proveito próprio um monopólio comercial, tinham ganho enormes riquezas, foram expulsos das possessões espanholas e do Paraguai em 1767.”²⁵⁶

Deve-se reconhecer que, fora da República Guarani, os religiosos entregavam-se, efetivamente, ao comércio em escala bastante elevada. Para reprimir o abuso, o Papa Clemente IX foi mesmo obrigado, em 1669, a decretar a excomunhão contra os culpados. O mal persistiu. No dia 1.º de abril de 1758, sob proposta do Marquês de Pombal, Bento XIV, a quem a doença colocara às portas da morte, nomeou o Cardeal Saldanha visitador da Ordem para Portugal e suas colônias, abrangendo então as sete reduções do Uruguai. O Cardeal adotou, um pouco levianamente, na verdade, as teses de Pombal sobre o comércio dos jesuítas “na Europa, na África e na América”.

Os jesuítas do Paraguai não mereciam, em todo caso, ser englobados nessa condenação sumária, injusta em si mesma para o conjunto da Companhia, por causa das suas generalizações. Os jesuítas do Paraguai foram, de resto, reabilitados em toda a medida do possível, após uma investigação muito rigorosa levada a efeito pelo governador de Buenos Aires, Herrera y Sottomayor, o qual relatou ao rei que os padres não realizavam negócios comerciais por conta própria. Outra investigação na região de Santa Fé, entre todos os meios da população, também aí revelou a inocência dos padres das reduções. O caráter calunioso de muitas outras acusações de Pombal foi ao mesmo tempo denunciado.

Ressalta das contas conservadas até aos nossos dias que de seis em seis anos o procurador entregava a Roma trinta mil pesos.²⁵⁷ Esta quantia, representando, pois, cinco mil pesos anuais, não fornecia ao Geral da Companhia senão uma parcela mínima dos fundos exigidos

255. *History of Brazil*, tomo III, p. 508. Citado na *Cathol. Encyclop.*, p. 693.

256. Na realidade em 1768, *Grand Dictionnaire universel du XIXe. siècle*

257. Hernandez, tomo II, p. 319.

pela preparação e equipamento dos missionários, ou até para suas despesas de viagem, apenas. Os jardins dos padres teriam podido, só por si, produzir uma contribuição bem modesta, a qual, entretanto, talvez esteja na origem das reservas formuladas por Martin de Moussy, assim como em parte das imputações formais do Cônego Gay, que não era homem para repetir cegamente acusações. Os padres tinham o direito de vender o excedente de suas colheitas. Com efeito era, em certo sentido, um comércio e uma fonte de lucro. Os obreiros do Evangelho fazem melhor não se arriscando a enriquecer dessa maneira. Tal era, sem dúvida, o pensamento do bom Cônego Gay.

Não se devia, absolutamente, só por isso, comparar os jesuítas com os comerciantes escravistas. Em boa verdade, o exame sincero dos fatos persuade-nos de que a conduta dos padres foi de uma probidade acima do comum. Homens que sacrificavam suas comodidades e sua vida pela felicidade dos guaranis, de maneira alguma poderiam ser tentados a despojá-los. Os Superiores tinham, de resto, tomado desde o início, e as mantiveram subsequentemente, as mais severas e sábias precauções, a fim de que todos os abusos e todas as aparências de abuso fossem evitadas, como convinha nas missões fundadas, precisamente, para subtrair os índios à exploração dos brancos.

Os padres tinham de manter em dia contas separadas para os seus gastos pessoais. Sua manutenção era assegurada por meios claramente definidos, desde que não fosse coberta pela pensão de 466 pesos que o rei deixava aos párocos das vinte e três primeiras reduções, sobre o produto do imposto real. O jardim (horta) e alguns rebanhos constituíam a renda principal dos missionários, segundo as diretrizes do procurador Torres, dirigidas aos padres Maceta e Cataldino. No espírito dessas diretrizes muito claras, que de um modo geral se conservaram, nesse domínio, como base de regulamentos ulteriores, os padres pagavam os artigos retirados dos armazéns. Os alfaiates e os outros empregados da casa dos padres viam seus salários inscritos. Para o transporte de uma pipa de vinho de missa de S. Tomé a Candelária, a tarifa era de um peso. Tudo estava previsto e regulamentado. O montante total devido à comunidade era calculado em pesos e pago em forma de agulhas, facas, utensílios, sal, sabão e outras mercadorias importadas, “em que um maravedi fosse desviado pelos missionários.”²⁵⁸ O Decreto de Filipe V sublinha que a ordem na administração

258. Hernandez, tomo I, p. 263.

dos bens “se observa com uma pontualidade tanto maior em virtude de ser proibido aos religiosos, sob penas muito severas, desviar para seu proveito aquilo que só pertence aos índios, mesmo a título de dívida ou de empréstimo, ou sob qualquer outro pretexto”.

Não seria preciso acrescentar que os funcionários guaranis, a quem não faltava bom senso nem equidade, teriam sabido, se fosse o caso, propor, de sua própria iniciativa, a transferência para a comunidade dos gastos que tivessem excedido as rendas dos padres. Também não se deve supor que as crianças ocupadas no jardim dos padres fossem pagas a hora! Aliás, elas faziam simultaneamente sua aprendizagem. O regulamento de 1689 especifica que não se deve pagar aos guaranis quando trabalham “para a igreja, por suntuosa que seja, nem para o seu pároco”. “Pode-se-lhes dar qualquer coisa (acrescenta o documento), para que se sintam contentes, mas cuidando de não desenvolver neles um espírito interesseiro.” “No fim de contas, tudo voltava para os guaranis e era feito em favor deles”, sublinha o mesmo regulamento.²⁵⁹

Quanto ao comércio exterior, em que os jesuítas teriam principalmente enriquecido, era organizado pormenorizadamente pelos Superiores, a fim de impedir os abusos e prevenir as suspeitas pela clareza das operações e um controle tão rigoroso quanto possível, por parte dos próprios guaranis, mas não por parte dos coloniais, é verdade, e por justas razões! As mercadorias de exportação levadas, por exemplo, a Buenos Aires, eram registradas por reduções, de maneira muito meticulosa. O mesmo acontecia com as diversas compras. A diferença entre as vendas e compras era lançada em conta para saldar no ano seguinte. Os comissários guaranis estavam em condições de examinar facilmente o teor das transações. Entravam também em contato com os espanhóis hostis aos jesuítas, que não deixariam de lhes revelar os escândalos eventuais. Do mesmo modo, após o regresso, os contabilistas de cada redução tinham uma visão clara e precisa das trocas, do estado da balança comercial, do volume de crédito ou débito em relação ao conjunto das reduções representadas pelo procurador de Buenos Aires.

Em resumo, através da poeira dos antigos debates, transparece com clareza que os padres do Paraguai mantiveram-se fiéis ao belo princípio do regulamento de 1689: “Tudo o que possuímos, tudo o

259. “Pues todo lo que tenemos y trabajamos es para ellos” (Regulamento de 1689, § 33).

que fazemos, é para eles.” Não obstante, será difícil apagar completamente o vestígio das calúnias tantas vezes repetidas, a respeito de seus pretensos lucros ilícitos. “Ficará sempre qualquer coisa.” É o caso presente. Os homens sinceros e inimigos da mentira retomarão por sua própria conta, com muito mais veemência, a simples constatação de Hernandez: “Essa ignóbil acusação jamais encontrou uma prova em seu favor, fosse ela qual fosse.”²⁶⁰

É um dos grandes méritos dos jesuítas terem querido assegurar ao povo guarani a renda integral de seu trabalho. E conseguiram-no, excetuando os levantamentos efetuados, contra a vontade deles, pela Coroa, sob a forma de impostos e prestação de serviços militares e civis.

Não esqueçamos que essa distribuição integral da renda era organizada do modo mais econômico e mais racional, sem intermediários parasitas. Toda a produção era orientada para a satisfação das necessidades de todos. O lucro comercial e financeiro, que onera a economia por toda a parte, estava excluído. O motor e o regulador da agricultura, da indústria e do comércio não eram o lucro egoísta nem a concorrência, mas o bem da comunidade solidária, a sua prosperidade.

Há quem pergunte como, num sistema assim liberto do lucro, alguém poderia ter interesse em lançar novas iniciativas e como se financiavam, também, as novas iniciativas.

Na URSS, o Estado obtém os fundos necessários para a criação e desenvolvimento das indústrias principalmente através de um imposto sobre o montante de negócios. Praticamente, o Estado cobra o montante de um aumento de preço à saída da fábrica. A operação é simples. Em certos anos, produziu até 80% das receitas do Estado soviético.

No Paraguai, o método, inspirado num princípio idêntico, era aplicado de modo ainda mais simples e elementar. Todos podem aí compreender, na sua limpidez inicial, a essência da famosa “acumulação capitalista primitiva”. Quando os conselhos decidiam, segundo as informações dos alcaides das respectivas profissões, instalar novas oficinas, estâncias, plantações, ou construir novos edifícios, canoas, etc., a comunidade assumia o encargo, no seu conjunto. Ela mantinha, exatamente como todos os outros trabalhadores, os homens desta-

260. *Organización social*, tomo I, p. 263

cados para a execução das novas iniciativas, até que estas pudessem bastar-se a si próprias e, depois, por seu turno, contribuíssem para a prosperidade comum, do mesmo modo que na Rússia uma empresa inicialmente deficitária acaba por pagar seu imposto sobre o montante de negócios. O “montante de negócios”, na República Guarani, registra-se em pesos, correspondendo aos produtos postos à disposição da comunidade e comportando um excedente utilizável para a criação de novos empreendimentos ou outras obras não diretamente rentáveis: casas, igrejas, edildade, exército.

A comunidade era, assim, a única entidade capitalista.

O capital inicial era, simplesmente, a riqueza coletiva disponível, após a satisfação das necessidades imediatas.

Na Rússia, o parasitismo do dinheiro foi reintroduzido, se bem que, esperemos, a título provisório. Os trabalhadores qualificados tornam-se capitalistas individuais, concedendo ao Estado empréstimos de que recebem uma renda produzida pelo suor de seus camaradas.

Por toda a parte os Estados modernos estão logicamente condenados à falência pelo empréstimo e o serviço de juros. Acrescenta-se a concorrência ruínosa em regime capitalista, os monopólios, a racionalização ao serviço do lucro, a especulação sobre os estoques, a miséria ao lado da abundância, o enriquecimento dos intermediários nos períodos de guerra e de escassez, a difusão do álcool e outros produtos nocivos, impostos pelas potências do dinheiro, e o leitor já terá, citados quase ao acaso, os elementos suficientes para estabelecer uma comparação decisiva com o comércio normal de bens, organizado em serviço público de distribuição, tal como o exemplo da República Guarani o manifesta.

Os princípios básicos aplicados no Paraguai, em matéria de comércio e de crédito, manter-se-ão salutar e inteiramente válidos na sociedade mais evoluída.

XII

O Regime de Propriedade

A propriedade é a “questão vital”, segundo Karl Marx. Os adversários de Marx mostram claramente, por suas atitudes e reações, que nesse ponto estão inteiramente de acordo com ele.

Ninguém se espantará, pois, pelo fato de o regime de propriedade posto em vigor na República Guarani ter sido apresentado e interpretado de maneira apaixonada e contraditória.

Os autores burgueses e “bem-pensantes” negam de bom grado e energicamente que o comunismo tenha sido realizado na República Guarani. Hernandez escreveu sem rodeios: “Não havia comunismo nas reduções, ao tempo dos jesuítas. Havia somente certos bens comuns, trabalhados em comum, a título provisório, e que serviam para socorrer os indígenas e pagar o tributo.”²⁶¹

Outros não ousaram negar o fato. Esforçaram-se apenas por deixá-lo passar em silêncio, encobri-lo ou atenuá-lo de modo a tomar a questão inofensiva. A intenção era boa. A sorte da religião parecia-lhes indissoluvelmente ligada ao sistema individualista de propriedade.

Numa obra recentemente reeditada, que inspirou ou refletiu até nossos dias, com certa fidelidade, a opinião média dos católicos de língua alemã sobre o socialismo, o Padre Cathrein S. J., assegura que o comunismo das reduções não era “inteiramente rigoroso”. Na medida em que existia, acrescenta ele, era apenas a título transitório. Além

261. Hernandez, *op. cit.*, tomo II, p. 227.

disso, “um povo que se retira da barbárie não pode ser comparado às nações civilizadas”.²⁶² Evidentemente.

É essa a posição adotada, de um modo geral, pelos autores que não estudaram diretamente a história das reduções.

Pelo contrário, quando não se pretende fugir à questão, as obras especiais apresentam, habitualmente, a organização da República Guarani como nitidamente comunista, mesmo quando suas conclusões tendem a esvaziar a experiência de todo o seu significado.²⁶³ Em *L'État chrétien-social des jésuites au Paraguay*, Franz Schmid quer mesmo “fornecer a prova irrefutável” de que a República Guarani foi, não só nas grandes linhas mas até nos pormenores, uma aplicação fiel da Utopia comunista de Thomas Morus.²⁶⁴

A tese, sustentável até certo ponto, é mais especiosa do que sólida. Mais vale atermo-nos à realidade tal como se apresentou, por exemplo, a um homem objetivo e sem ideias preconcebidas, como foi o Padre Florentin de Bourges, frade capuchinho, quando visitou as reduções em 1712.

Todo o solo pertencia à comunidade e era indivisível. “Os bens são comuns, a ambição e a avareza são vícios desconhecidos, e não se registra entre eles litígios nem processos de divisão... Nada me pareceu mais belo do que a maneira como se provê à subsistência de todos os habitantes do povoado. Os que fazem a colheita são obrigados a transportar todo o cereal para os armazéns públicos.” Seguidamente, funcionários fazem a distribuição pelos chefes de bairro, e estes pelas famílias, dando a cada uma “mais ou menos, segundo seja ela mais ou menos numerosa”.²⁶⁵

Assim se exprimia o Padre Florentin de Bourges numa revista editada pelos jesuítas, *Lettres Édifiantes et Curieuses*. Florentin de Bourges conta coisas vistas por ele próprio, anotadas muitas vezes com números e dados rigorosos que as corroboravam. Seu relato está escrito de modo simples e verdadeiro, não permitindo dúvidas quanto à sua autenticidade. O Padre Bouchet, S. J., escreve no prefácio ao relato das *Lettres Édifiantes* que Florentin de Bourges nada quis noticiar “sobre o que não tivesse sido instruído por seus próprios olhos”. Dois séculos mais tarde, Hernandez, descontente com as informações pu-

262. Cathrein, *Der Sozialismus*, 7.a edição, 1898, pp. 9-10.

263. Cf. Huonder, Garsch, Rastoul, Charles, Fasbinder, etc.

264. Franz Schmid, *Der christlich-soziale Staat der Jesuiten in Paraguay*, p. 57.

265. *Lettres Édifiantes*, tomo V, pp. 235-236.

blicadas por “o capuchinho”, como ele chama ao Padre Florentin de Bourges, quer desacreditá-lo tratando-o de poeta...

Outro contemporâneo que exerceu o seu ministério entre os guaranis desde o final do século XVII e durante longos anos do século XVIII, o Padre Sepp, escreve que jamais vira no território da república “uma demarcação, uma cerca”.²⁶⁶ O Padre Peramas, também testemunha ocular, *doctrinero* ou pároco dos guaranis, fala com uma clareza que nada deixa a desejar. Tudo era comum, diz ele.²⁶⁷ Ainda outro jesuíta, o Padre Jaime Vanière, depois de ter tomado conhecimento das cartas e relatórios de seus confrades, compôs em verso latino, imitando Virgílio, um poema em que compara a sociedade comunista dos guaranis a uma colmeia de abelhas.

Aequa pares inter sunt omnia.

Todas as coisas são iguais entre iguais.

... Homines proprium qui nil potiuntur

Et usu cuncta tenent.

Homens que nada possuem de próprio e de tudo dispõem.

(*Praedium rusticum.*)

Citar os testemunhos que se encontram de todas as partes, no mesmo sentido, seria fastidioso. A importância do tema e a autoridade dos nossos contraditores impõem, contudo, algumas referências suplementares que, aliás, não são isentas de interesse em si mesmas.

O Padre Huonder, jesuíta suíço que estudou especialmente os escritos dos antigos missionários, resumiu-os em *Katholische Missionen*, no decurso de uma série de artigos que se manteve durante vários anos. Ressalta dos mesmos que o comunismo era praticamente realizado da maneira absoluta. O Padre Huonder rejeita, todavia, o qualificativo “comunista”, mas baseando-se no único fato de que os recém-casados recebiam uma casa familiar no momento em que contraíam matrimônio. Ele reconhece que a casa era atribuída a título vitalício, mas não era hereditária. O Padre Huonder também observa lealmente que o Cônego Gay descreve a organização econômica das reduções como exclusiva e completamente comunista.²⁶⁸ A informação meticulosa e imparcial do Cônego Gay a esse respeito fora ela-

266. *Reisebeschreibung*, p.302.

267. *Tredecim virorum*, p. 436.

268. *Katholische Missionen*, 1897, p. 157.

borada *in loco*, com todos os vagares, quase simultaneamente com a própria experiência.

Pesquisando uma bibliografia muito mais abundante e eclética, de um ponto de vista estritamente particular e indiferente a todo e qualquer sistema social, Bruno Garsch registrou, mesmo assim, de passagem, o fato que se destaca do conjunto das fontes antigas. Escreveu ele: “Toda a terra, as casas, o gado, assim como os meios de produção, pertencem à comunidade constituída pela redução. Exceção feita, unicamente, para as ofertas de noivado ou alguma outra recompensa recebida do pároco.”²⁶⁹

Note-se que o grande historiador argentino, Dom José-Manuel Estrada, e seus compatriotas e colegas Dominguez, Gutierrez, Trelles e Lugonez, são unânimes nesse mesmo sentido. O próprio Hernandez os cita, concedendo um lugar especial a Estrada, que não pode, na verdade, terminar sua *História da Província das Missões*, mas falou da República Guarani com grande abundância de pormenores em suas outras obras.²⁷⁰ Estrada é interessante, do nosso ponto de vista, porque é um sincero democrata, um espírito reto e elevado. A sua tese é que os jesuítas tinham realizado o comunismo e que julgaram o sistema absolutamente perfeito e aplicável em toda parte.

Enfim, a opinião de adversários moderados, como Azara, não pode ser desprezada. Azara atuou como comissário do Governo, quando da demarcação de 1777, nove anos após a expulsão dos jesuítas. Viveu ainda no Rio da Prata de 1781 a 1801, sempre ocupado em trabalhos de demarcação. Em 1784, encontra-se nas reduções, observando, informando-se, escrevendo sem cessar.²⁷¹ Azara deplora que os jesuítas tenham mantido o comunismo até ao fim. A razão e os talentos dos guaranis não podiam desenvolver-se, pretende ele, com tal regime. A propósito, desenvolve os argumentos clássicos contra o comunismo. Segundo as observações de Azara, os guaranis não eram, de maneira alguma, as crianças grandes de que falam certos missionários por necessidade de sua defesa. Eram providentes e avisados, já antes da chegada dos jesuítas. Sua previdência era coletiva.²⁷² É com base nas indicações de Azara que, a 17 de maio de 1803, um edito

269. Garsch, *op. cit.*, p. 99.

270. *Lecciones de Historia Argentina, Los Comuneros del Paraguay e Conferências sobre Historia Argentina*. Análise em Hernandez, tomo II, pp. 369-372. A mesma nota igualmente no historiador inglês Robertson.

271. Obras principais: *Descripción, Voyages, Viajes inéditos* e vários outros escritos inéditos.

272. *Descripción*, tomo XIII, pp. 9-13; *Voyages*, tomo XIII, p. 242; *Informe*, p. 110.

ordenou a distribuição de terras aos particulares. Foi a invasão dos colonos e a ruína total cujas fases principais serão indicadas num capítulo especial.

O Marquês de Valdelirios, quando de sua missão em 1750, e Fr. Zavala, governador das reduções trinta anos após a expulsão dos jesuítas, constata e deploram, por sua vez, o comunismo excessivamente rigoroso que, no dizer deles, impede a iniciativa. O comunismo impedia, sobretudo, com enorme eficácia, a iniciativa e usurpações dos colonos.

A Propriedade Imobiliária e a Experiência dos Lotes

O cronista Doblas, que foi teniente, durante dez anos, do governador estabelecido em Concepción, após a expulsão dos jesuítas, escreve que a propriedade privada estava interdita aos índios da República dos jesuítas: *no se les permitia*. Isso é inteiramente exato, no conjunto, mas inexato no último período, no que dizia respeito à propriedade imobiliária. Com efeito, os padres fizeram, algum tempo antes do fim, esforços mais ou menos convictos para introduzir e aclimatar o gosto pela propriedade privada. Fracassaram de encontro ao desinteresse e resistência passiva dos guaranis. Mas isso não impede que, de fato, eles gozassem da faculdade de se tornarem proprietários, nessa época, ou pelo menos, mais precisamente, administradores - privados de certa área de terreno, se assim o quisessem.

Eis como as coisas se passaram.

O regime comunista das reduções era vivamente criticado na Europa e na América. Pretendia-se que os jesuítas apenas o tinham instaurado a fim de explorarem mais facilmente os guaranis. Essa era a opinião geralmente admitida. Manteve-se mais ou menos até os nossos dias, tanto mais que, para maior facilidade, talvez, alguns jesuítas tinham acabado por querer contestar o fato concreto do comunismo. O genro de Karl Marx, Paul Lafargue, retomou a acusação com vigor. Os jesuítas, segundo ele, não tinham realizado a verdadeira sociedade comunista mas, outrossim, uma “organização da pilhagem”.²⁷³ Os coloniais escravocratas reclamavam uma distribuição de terras aos guaranis, apoiando-se nas *Leyes de las índias*, que prescreviam que

273. *Geschichte des Sozialismus*, parte I, Livro II, p. 747. Infelizmente, Lafargue nada estudara pessoalmente sobre a questão. Deixou-se guiar e enganar por Azara, burguês anticlerical e defensor do sistema colonial.

cada índio cultivasse sessenta pés de terreno para o pagamento dos impostos. O lote atribuído continuava sendo propriedade do governador espanhol. Na intenção dos coloniais, a introdução desse simulacro de propriedade privada entre os guaranis teria sido, portanto, o meio encontrado para os expropriar, quando, até então, eles possuíam em comum, livremente, toda a superfície do seu solo.

Ainda estavam próximas as ameaças da comuna de Assunção contra as reduções e em vésperas do grande decreto régio de 1743. Assediados por todos os lados, acossados em todos os países, vendo em perigo a própria existência de sua obra, os jesuítas sentiram a necessidade de efetuar uma retirada estratégica. Martin de Moussy, informado no próprio local pelo velho cura Gay, descreve a operação de um modo elegante e sereno: “A corte de Madri fez algumas exposições a respeito do regime comunista adotado pelas reduções e objetou que, após século e meio de experiência, os índios deviam estar suficientemente avançados em civilização para que se pudesse deixá-los um pouco entregues a si mesmos e se lhes permitisse, ao menos, a propriedade. Os jesuítas responderam que nada havia de mais justo e começaram a fazer algumas modificações no regime interior de seus estabelecimentos. Mas o cunho estava de tal modo gravado, conformava-se de tal modo ao natural dos índios, que as coisas continuaram como no passado.”²⁷⁴

Desde então, porém, os padres nunca mais deixaram de sublinhar, insistentemente, a existência de “lotes” particulares ou *abambae*, ao lado das terras comuns, ou *tupambae*.

Muratori, escrevendo em 1749 a favor dos jesuítas e sobre os seus dados, mencionou esses lotes. Charlevoix participa, de sua parte, na manobra de retirada com uma perfeita habilidade. É necessário citar o seu texto, pois é o que mais frequentemente serve de apoio. Diz Charlevoix: “Muitas pessoas creem que nesta República ninguém possui nada de seu... *Pode realmente ter nela havido uma coisa parecida*, quando esses índios, recentemente reunidos, ainda não estavam em condições de satisfazer suas necessidades mediante o trabalho. Mas, depois... distribuiu-se a cada família uma porção de terreno que pode, se for cultivado como se lhes ensinou a fazer, fornecer-lhes o necessário.”²⁷⁵

274. *Description*, tomo III, p. 666.

275. Charlevoix, torno I, p. 244. “Porção de terra mais do que suficiente para a sua subsistência” (Muratori, *Relation*, p. 15).

“Além desses terrenos que foram distribuídos em condições a cada chefe de família, há os que pertencem à Comuna e cujos frutos são depositados nos armazéns públicos.”²⁷⁶ Esses armazéns públicos, acrescenta Charlevoix, permitem cobrir diversas necessidades, entre as quais, a subsistência daqueles cujas provisões se esgotaram.

Tais são os elementos fornecidos por Charlevoix sobre o ponto em questão, numa vasta e importante obra de defesa publicada no período mais crítico que a Companhia conheceu. O leitor desprevenido fica inevitavelmente com a convicção de que os “lotes entregues em condições” constituíam uma verdadeira propriedade privada do solo, que eram uma instituição estável, com raízes nas primeiras décadas da República e de caráter predominante, a ponto de poderem cobrir as necessidades das famílias. A receita das terras comuns não serviria senão para assegurar diversos gastos de administração e assistência. As reduções teriam, assim, estado muito próximas do regime “normal” de propriedade privada. Talvez os bens comunais fossem um pouco mais amplos do que noutras partes. Era tudo.

Em consequência disso, os autores que consagram ocasionalmente, aqui ou ali, uma página ou capítulo às reduções, escrevem regularmente que a terra estava dividida em lotes privados, chamados *abamba*, assegurando a subsistência das famílias, e em “campos de Deus” comuns, ou *tupamba*, para a subsistência de órfãos, viúvas e doentes.

Tal visão das coisas é completamente falsa. Só teria uma aparência de verdade parcial no derradeiro período. Uma aparência, somente, visto que os lotes não constituíam, absolutamente, uma propriedade privada.

Não obstante, como é na criação desses lotes que se baseiam os autores que negam o caráter comunista da propriedade no Paraguai, ou que, pelo menos, afirmam ter existido também a propriedade privada do solo, vale a pena mostrar no que consistiam, realmente, esses lotes.

Muratori fala do lote do guarani como de “uma porção de terra que lhe era emprestada pela República; ele tinha o seu usufruto”.²⁷⁷ Os lotes eram atribuídos no momento do matrimônio e somente a título vitalício. Não eram hereditários. Hernandez “crê” que era permitido a um pai de família transmitir a seus herdeiros o lote por ele cultivado.

276. Charlevoix, tomo I, p. 245.

277. *Relation*, p. 149.

Mas o seu fiel discípulo, Fasbinder, depois de ter investigado conscienciosamente o assunto, confessa não ter podido descobrir prova alguma que corroborasse esta suposição.²⁷⁸ O lote do pai retornava à comunidade no momento da morte, mesmo que houvesse viúva, sem prejuízo algum, de resto, para ela ou para os filhos do casal.²⁷⁹

Esses elementos são suficientemente concludentes. Acrescentemos que, segundo o próprio Charlevoix, o trabalho era regulamentado e controlado no lote confiado a um cidadão, tal qual nas terras indivisas. Os animais de tiro, os instrumentos de lavoura e as sementes eram ainda fornecidos pela Comunidade, tanto para os lotes como para as terras indivisas.²⁸⁰

O gado continuou sendo propriedade comum durante a experiência dos lotes, exatamente como era antes e como foi depois. O Padre Cardiel assim o confirma: os guaranis “não têm de seu vacas, bois, cavalos, ovelhas ou mulas, e somente as galinhas”.²⁸¹ “Conduz-se todos os dias para o povoado certo número de bois e carneiros, que se entregam aos que têm de os abater. Estes notificam os chefes de bairro, que tomam o que é necessário para cada família, sendo a distribuição feita proporcionalmente ao número de pessoas que a compõem.”²⁸² Por sua parte, Cardiel, que regressou à Europa com todos os seus confrades expulsos, mostra-se visivelmente decepcionado pelo fato de o estado de coisas por ele descrito não se ter podido modificar. Os jesuítas, teve o cuidado de acrescentar, não são responsáveis. Aconteceu que certos padres, mais zelosos no esforço para fazer evoluir a comunidade no sentido de um regime de propriedade individual, distribuíram as vacas, cavalos, carneiros, entre cada família de sua redução, na esperança de assim suscitem maior interesse pelo lote. “Jamais isso deu certo”, diz Cardiel.²⁸³ Um mulato que tomou gosto em manter um pequeno rebanho “num canto da aldeia” é citado como fenômeno.²⁸⁴ Os guaranis contentavam-se em ter um cavalo ou uma mula para seu prazer.

Os comissários da demarcação e os funcionários encarregados de fazer aplicar o tratado de 1750 propuseram, por sua vez, dar a cada

278. *Der Jesuitenstaat in Paraguay*, p. 88.

279. *Katholische Missionen*, 1897, p. 158.

280. *Ibid.*

281. *Breve Relación*, cap. V, § 18. *Idem*, *Declaración*, n. 112.

282. *Lettres Édifiantes*, tomo V, p. 242.

283. *Declaración*, nota 113. Falando de tentativas análogas em *De Moribus Guaruniorum*, Cardiel constata de novo: “*Pero todo ha sido inútil*” (Cap. III).

284. *Breve Relación*, cap. V, n. 57-58.

guarani vacas, cavalos, muares e um terreno de lavoura onde cultivassem o chá, fumo, etc.²⁸⁵ Cardiel objeta que os guaranis não eram capazes. Mas não pensa em contestar o fato que suscitou as censuras dos comissários. O Padre Sepp também repete o leitmotiv.

“Os guaranis não eram capazes.” Eles não eram capazes de tomar conta do gado! Contudo, eles encarregavam-se muitíssimo bem, em cada redução, da manada de vacas leiteiras, propriedade da redução, e a maneira como tratavam de suas estâncias era reconhecida como modelar na América do Sul. E não eram os padres quem as dirigiam; eram guaranis, inteiramente entregues a si mesmos.²⁸⁶

Os guaranis, perfeitamente capazes, desinteressavam-se simplesmente dos esforços que se faziam para levá-los a renunciar a um modo de propriedade em que se encontravam sumamente satisfeitos. Sua atitude prática em relação ao loteamento oferece-nos um exemplo suplementar e bastante curioso. É mais significativo do que os textos dos defensores mais eruditos ou os desmentidos mais veementes.

Se o lote fosse uma propriedade privada, como se pretende, e além disso o meio de subsistência principal e suficiente, os pais de família teriam procurado obter a porção maior e mais bela. Ora, parece que, pelo contrário, os guaranis não se entusiasmavam, absolutamente, pela cerimônia da repartição de lotes. A própria ideia de apropriação de terras mantinha-se estranha à sua mentalidade. A segurança e previdência coletivas eram tão integrais que as famílias a quem se oferecia talharem um lote numa terra das mais ricas, contentavam-se regamente com um quinhão minúsculo. No dizer do Padre Sepp, acontecia esses sensatos indivíduos não quererem condescender em aceitar um terreno de mais de dezoito passos.²⁸⁷ O decreto de Filipe V, que resolvia o problema a favor dos jesuítas, reconheceu que “quase nenhum” daqueles a quem fora confiado um lote extraía dele com que se manter. O Padre Sepp presidiu ale próprio a distribuição de lotes para três mil pessoas, quando do estabelecimento da redução de S. João. Não se registrou nem uma contestação. Cada um dos beneficiários achava-se “superabundantemente servido”. Não encontrei em parte alguma qualquer menção do mais leve conflito de limites entre

285. *Breve Relación*, cap. V, n. 52.

286. O Cura ou *Companero* visitava as estâncias, em princípio, duas vezes por ano, mas, na prática, isso acontecia frequentemente uma única vez. Quando nenhuma visita tinha lugar no decorrer do ano, era obrigatório advertir o Superior. (Diretrizes de 1737, § 13.)

287. *Reisebeschreibung*, p. 297; ver *Continuatio*, cap. XIX.

particulares. E como poderiam ter ocorrido, se não existia “qualquer demarcação, qualquer limite”?

Os lotes foram sempre mais ou menos negligenciados, apesar da vigilância e, em todo caso, eram menos cuidados do que as terras indivisas. O trabalho em comum era mais animado, mais alegre, melhor executado. E ainda o Padre Sepp, caloroso partidário da evolução para a propriedade privada, que confessa: no dia em que eles tinham de trabalhar em seus respectivos lotes, os seus bravos e honestos guaranis ficavam “estendidos o dia inteiro em suas redes, suspensas entre duas árvores”²⁸⁸.

A área dos lotes, relativamente às terras indivisas, era mínima, mesmo quando ultrapassava os dezoito passos do Padre Sepp. Já se vê claramente, pelo exposto, que ela foi enormemente exagerada. Segundo certos autores, os guaranis não teriam trabalhado regularmente dois, três e mesmo quatro dias por semana no lote! A bem dizer, fora anunciado, no momento em que a criação dos lotes ficou promulgada, que os guaranis neles trabalhariam aos sábados e segundas-feiras. O fracasso da experiência fez classificar o texto da circular com alguns outros semelhantes, que só se tomaram úteis para uso externo. É uma piada de mau gosto pretender, como Pombal, que os guaranis deviam, por certo, trabalhar nos lotes aos domingos. Os guaranis não trabalhavam aos domingos. A verdade é que o loteamento, assim que nasceu, ficou liquidado, tal como o observaram os comissários espanhóis citados por Cardiel.

Foi também dito que os preguiçosos e as crianças teriam bastado para cultivar as terras indivisas. Muratori, guiado pelo relatório do Padre Aguilar, Provincial, diz o contrário. Todos os trabalhadores, tanto “os mais entendidos e laboriosos” como os mais preguiçosos, estavam ocupados com o *tupamba*, ou terra indivisa. Isso é compreensível, visto que todas as grandes plantações, fumo, cana-de-açúcar, mate, anil, algodão, jamais deixaram de ser indivisas. O sistema de lotes não as afetou.²⁸⁹ Habitualmente, só se introduziam nos lotes as culturas mais comuns e que exigiam poucos cuidados.

Característica suprema do lote chamado privado: nem mesmo o seu rendimento pertencia diretamente ao titular. Se se disser que cada família não tocava no produto do *tupamba* senão depois de ter gasto a renda do seu *abamba*, trata-se de pura ficção do espírito.

288. Reisebeschreibung, p. 303.

289. Cardiel, Breve Relación, cap. V, n. 43 e 48, assim como Huonder, op.cit.

Aquele padre que se esmerava em desenvolver o espírito do interesse privado podia até munir os sacos de milho com o nome do produtor; os guaranis desinteressavam-se dos sacos de seus respectivos lotes, tal como se desinteressavam dos próprios lotes. Com efeito, é isso o que nos indica o Padre de La Torre: se os lotes produziram, num dado momento, uma parcela diminuta dos bens, a distribuição sempre se efetuou, simplesmente, de acordo com as necessidades; “todo o fruto de seu trabalho estava à disposição dos missionários”, diz o Decreto de Filipe V, “que por intermédio de seus ministros índios se encarregam de prover às necessidades de todo o povoado.”

O Padre Cardiel, que deplora, como já se disse, a persistência do sistema comunista, fez, por seu lado, todo o possível para que os guaranis aceitassem a propriedade privada e, inicialmente, contraissem o sentido de interesse individual e de lucro, encorajando-os a cultivarem em seus lotes produtos de valor, tendo em vista a venda de um excedente. Confessa francamente seu fracasso e declara não ter encontrado mais do que três exemplos, no total, em que particulares extraíram de seus lotes um pouco de açúcar ou de algodão para venda. Um desses três particulares também era um mulato convertido.

O lote, introduzido sob pressão do exterior, não conseguiu ganhar raízes. Por algum tempo, fora uma instituição artificial no corpo homogêneo da economia guarani. Jamais, mesmo sob a direção de padres como Cardiel e Sepp, fora outra coisa senão uma pequena porção de terra dada “em usufruto”, “emprestada pela República”, segundo os termos de Muratori. Com a maior rapidez, juntara-se sem ruído à coleção de documentos legais que se conservava fielmente em intenção do público colonial.

Parece, de resto, que os missionários cedo renunciaram, no fundo, a alimentar uma controvérsia, pelo menos quando se viam interrogados por homens a quem reconheciam o direito de investigar. Lê-se na *Cédula Grande*: “Em último lugar, os dois ministros informaram o Conselho de que tinham ventilado por muito tempo o artigo respeitante à comunidade do capital, dos frutos e outros bens; que lhes foi explicada a economia por meio da qual se faz a repartição dos víveres, vestuário, numa palavra, de tudo o que é necessário para manter na regularidade de uma vida cristã os naturais do país... visto sua falta de engenho e de aplicação para agenciarem (individualmente) o necessário para viverem o dia-a-dia.”

A situação é, uma vez mais, explicada unicamente pela pretensão incapacidade dos guaranis, mas, pelo menos, aquela está claramente reconhecida.

Perante a abundância de testemunhos convergentes e na ausência de toda a prova à existência de propriedade privada do solo, no Paraguai, o Padre Huonder, S. J., não hesitou em seus últimos escritos em interpretar de modo idêntico ao que o fazemos relativamente a certas afirmações ou refutações dos antigos padres, provocadas pelos ataques e ameaças dos coloniais. No artigo redigido por ele para o Dicionário Herder, escreveu o seguinte: “Todo o solo, todos os bens imóveis das reduções eram propriedade da comunidade e por esta administrados.”²⁹⁰ Outro jesuíta o Padre Kobler, publicou em 1876 uma brochura intitulada *Le Communisme Chrétien dans les Réductions du Paraguay*.²⁹¹

Poderíamos perfeitamente, e sem custo, prevalecer-nos de semelhantes autoridades, ou contentarmo-nos apenas com as referências categóricas e indiscutíveis, citadas no começo do presente capítulo. O que nos obrigou, contudo, a ir mais além e a examinar tão completamente uma questão que se revestiu de tão pouca importância, na prática, foi o fato de, posteriormente à publicação dos documentos e obras citadas, ou seja, em 1912, ter aparecido o trabalho monumental de Hernandez, que tende a fazer figura de obra definitiva sobre o assunto.

De uma parte. Hernandez é categórico, como já se pôde ver pelo texto citado: o regime econômico era um regime de propriedade privada. Apenas alguns bens eram comuns. “Não havia comunismo nas reduções, ao tempo dos jesuítas.” Por outra parte, Hernandez faz a seguinte confissão, que é capital: “Não existe uma prova certa e clara para demonstrar que os índios das reduções, como particulares, possuíam bens imóveis com direito de propriedade direta. Não temos conhecimento algum daqueles atos por meio dos quais se revela mais nitidamente o direito de propriedade. Em particular, não temos conhecimento de qualquer ato de transmissão por venda ou herança.”²⁹²

Imporá Hernandez, talvez, à palavra “comunismo”, um sentido arbitrário, como, por exemplo, o seu discípulo Fasbinder, que descreve

290. *Kirchenlexicon*, Herder, 1895, artigo “Paraguay”.

291. Würzburg, 1876.

292. Hernandez, *Organización Social*, tomo 1, p. 212.

muito lealmente a organização comunista das reduções e salva, apesar de tudo, a República e os jesuítas dizendo que a comunidade das mulheres não existia e que, portanto, não se tratava de comunismo?... O caso ficaria assim resolvido! - Mas Hernandez não é tão excessivo e distingue muito bem. Diz ele: “Se se fala de comunismo estabelecido por princípio, para negar o direito de propriedade, isso jamais existiu nas reduções. Se se quer falar de um comunismo de fato, no sentido de uma comunidade de bens, não se pode dizer, em verdade, que ele seja praticado nas reduções.”²⁹³

Hernandez nega, portanto, o próprio fato de uma comunidade de bens, ao mesmo tempo que confessa, por outra parte, como acabamos de ver, que não encontrou prova alguma para apoiar a sua tese; e fornecendo não poucas vezes, em vários trechos, provas incontestáveis em favor da tese oposta.

A grande obsessão de Hernandez é, evidentemente, poder concluir que os jesuítas do Paraguai não tiveram a intenção de negar o direito de propriedade, nem de professar o comunismo ateu, “*el monstruoso error deil comunismo*”. Mas a coisa é bastante clara! Não se tratava, no espírito dos jesuítas — como também não está em causa, em nosso espírito — de pôr em dúvida a legitimidade do direito de propriedade privada, nem o valor social que pode comportar a posse de um terreno familiar, uma vez que a sociedade esteja eficazmente equipada para evitar e impedir o açambarcamento. Para o historiador, a tarefa consistia em estudar o sistema de propriedade realizado, de fato, no Paraguai pelos jesuítas e de constatar, no caso em questão, calmamente, que uma organização estritamente coletiva da propriedade foi efetivamente estabelecida e mantida, de modo algum revelando-se nefasta.

Antes de concluir, convém escutar ainda Cardiel, o homem em quem, essencialmente, Hernandez pretendeu apoiar a sua tese.²⁹⁴

293. Hernandez, *ibid.*, tomo I, p. 212.

294. Acessoriamente, Hernandez apoia-se também em Muriel ou Morelli, antigo Provincial do Paraguai, Rudimento *juris naturae*, obra em que se encontram os seguintes trechos: “Uma propriedade dos particulares também existe, a saber, os abambae.” (p. 122.) E: “Na República dos Guaranis reina a comunidade positiva dos bens, temperada por certa propriedade dos particulares.” (p. 111; textos citados em Hernandez, tomo I, p. 217). São as citações mais delicadas que Hernandez pôde exumar em Muriel. Como professor, tendo de defender ainda a Companhia contra a acusação de haver praticado o comunismo para melhor explorar os guaranis, Muriel, convenha se, não poderia argumentar sua defesa de modo mais sensato e discreto.

O Padre Cardiel, missionário com longa tarimba, procurador da República Guarani, é um escritor de estilo cuidadosamente medido e calculado. Testemunha da proscrição dos jesuítas, escreveu em condições extraordinárias e verdadeiramente trágicas, o que não devemos perder de vista, se quisermos colocar na perspectiva apropriada para bem compreender a reserva e, por vezes, a ambiguidade proposital de certos textos prudentes que exigem interpretação e se prestam, com a maior facilidade, a certos malabarismos.

Apesar das necessidades de sua defesa, Cardiel forneceu, não obstante, aqui e ali, informações precisas e sem ambiguidade, que não temos o direito de esquecer e que excluem toda e qualquer interpretação tendenciosa. Diz ele, por exemplo, que, se alguns padres missionários ainda atribuem aos pais de família uma porção de terra vitalícia, que não produz sequer o milho necessário ao sustento da família, os demais padres continuam, ou recomeçam — após uma interrupção — a organizar todo o trabalho em grupo, “reunindo todos os homens de um setor ou bairro”, com um censor ou contador.²⁹⁵

Sobretudo na *Declaración de la Verdad*, o fracasso da ilusória experiência do loteamento é narrada com toda a simplicidade. “Os missionários esforçaram-se (diz Cardiel) por conseguir que os índios possuissem, cada um deles, um terreno de sementeira para o sustento das respectivas famílias. Trataram as coisas de modo que cada um fosse também dono de algumas cabeças de gado e de uma pequena plantação de *yerba*, assim que esta se aclimatasse; mas, salvo raras exceções num ponto como em outro, seus esforços foram infrutíferos.”²⁹⁶

Sublinhemos que, mesmo que os lotes tivessem ganho consistência e acabado por constituir uma propriedade privada, em lugar de se tratar simplesmente de um ensaio de modificação na organização prática da propriedade comum, a significação da experiência comunista, em seu conjunto, não teria sido enfraquecida, pois a prosperidade das reduções fora obtida muitíssimo antes da introdução do loteamento, através de um século de contínuo progresso, sob o regime da propriedade comum e indivisa.

Quanto ao princípio de comunidade que regia a propriedade artesanal, industrial e comercial, subsistiu sem alterações em seus fundamentos ou na sua forma, até ao final, como vamos passar a expor.

295. *Breve Relación*, cap. V, § 8-13.

296. *Declaración de la Verdad*, n. 112.

Faz-se prova de uma boa fé muito leviana quando se esquecem esses dois fatos maciços para reter uma modificação tardia, passageira e, na verdade, puramente formal.

De uma ponta a outra de sua história, a República Guarani viveu sob o regime de propriedade comum das terras. A propriedade individual do solo nunca se concretizou em parte alguma de seu território. Comprar, vender, alugar ou legar a mais modesta porção de terra, utilizar o trabalho de outrem para benefício e lucro próprio, transformar o solo em instrumento de dominação ou de exploração do homem pelo homem, são tantas outras operações que se mantiveram desconhecidas até ao fim. O lote vitalício que se tentou introduzir, encontrou a indiferença total dos guaranis, muito satisfeitos com seu regime de comunidade integral. A maioria dos padres, que só agiu sob pressão do rei e ameaça de seus adversários, também não insistiu, de resto, compreendendo muito bem que o desenvolvimento dos interesses egoístas acarretaria a decadência religiosa e social de suas comunidades, edificadas sobre os alicerces da solidariedade.

Propriedade Artesanal e Industrial — Construções

Neste ponto, a exposição é muito simples, pois a contradição renuncia a apresentar-se.

Todas as construções públicas, casas de habitação, oficinas, eram edificadas à custa da comunidade, conservavam-se como sua propriedade inalienável, eram por ela administradas e funcionavam para seu serviço, para a satisfação das necessidades de toda a população.

Os jovens recebiam uma casa por toda a vida, no momento de se casarem. O Padre Sepp conta que os rapazes de dezesseis anos, as moças de quatorze a quinze anos, podiam contrair matrimônio sem conhecer as preocupações de alojamento e montagem de casa.²⁹⁷ Se não havia casa alguma disponível, os jovens esposos instalavam-se provisoriamente no lar paterno. Isso acontecia com frequência na redução do Padre Sepp. Os planos de construção eram, por vezes, intencionalmente retardados, a fim de assegurar-se uma educação mais completa aos noivos de formação menos satisfatória.

297. *Reisebeschreibung*, p. 246.

Propriedade da comunidade, a casa de habitação escapava a toda a possibilidade de açambarcamento. Para ninguém existia a preocupação do aluguel. Os proprietários e administradores ainda não tinham sido criados. O próprio contrato de locação era desconhecido. O mesmo acontecia à venda de toda a espécie de imóveis. “Ninguém podia vender o seu campo ou sua casa”,²⁹⁸ nem ser despojado dos mesmos. Sem serem proprietários, os guaranis encontravam-se assim, realmente, em suas casas, de maneira estável, bem melhor do que a maioria dos nossos contemporâneos, proprietários endividados ou locatários sob o regime da propriedade privada. Os guaranis desfrutavam, com toda a segurança e tranquilidade, de suas casas, que mobiliavam e decoravam segundo seu gosto.

Em todos os textos relativos à República Guaraní não se encontra um único exemplo de oficina privada. Os jesuítas só tinham instalado oficinas coletivas, pertencentes à comunidade.²⁹⁹ Todas as indústrias e ofícios eram exercidos em comum nas oficinas comunais e nos pátios do colégio, sob a direção de contramestres nomeados pelos próprios trabalhadores. Só o trabalho de fiação, entregue às mulheres, era realizado no domicílio, por conta da comunidade.

Os meios de transporte, barcos, canoas, carroças, estavam monopolizados pela comunidade.³⁰⁰

Quanto ao comércio, já vimos que não dava margem para qualquer açambarcamento. O comércio privado não existia. Fora substituído por uma distribuição equitativa e racional dos produtos, distribuição isenta de todo o parasitismo. A busca do lucro egoísta não maculava em momento algum e em domínio algum a mentalidade dos guaranis.

A comunidade era levada até ao produto do trabalho no artesanato, assim como na agricultura. As diversas oficinas, fundições, moinhos, tanoarias, curtumes, minas, etc., trabalhavam para a comunidade e entregavam-lhe os seus produtos. Em compensação, os cereais, frutos, algodão, mate e todos os outros gêneros alimentícios eram repartidos segundo as necessidades de “todos aqueles que estão dispensados de cultivar a terra em virtude de seus empregos”, “aos artesãos, que não retiram de seu trabalho outro fruto senão o de serem alimentados e mantidos a expensas públicas”.³⁰¹

298. Huondei, *Kirchenlexikon*, Herder, 1895.

299. Cardiel, *Breve Relación*, cap. V, § 13.

300. *Katholische Missionen*, *ibid.*, p. 158; e Hernandez, tomo I, p. 218.

301. Muratori, *Relation*, pg. 157.

As obras executadas durante as horas de ócio eram, obviamente, propriedade do autor. Os guaranis eram apaixonados por esses pequenos trabalhos domésticos. A duração reduzida da jornada de trabalho dava-lhes tempo. A escultura e o trabalho em couro eram, sobretudo, os passatempos prediletos. Trocavam-se os objetos esculpidos por pinturas, bibelôs, instrumentos de música, armas e outros trabalhos das horas de ócio.

Quanto ao resto, tudo estava bem-organizado de modo a não permitir aos particulares reunirem “um tipo de capital a cuja constituição se opunha uma vigilância severa”, escreve Rastoul. Na verdade, a vigilância era, nesse domínio, mais supérflua do que outra coisa - e quase inexistente.

O princípio da comunidade de bens agia também entre as diversas reduções. Sua aplicação, todavia, ainda não estava completamente codificada. Estava no bom caminho. Um regulamento de 1737 determina que as colinas arborizadas ao norte de Corpus serão “comuns a todas as reduções para o corte de madeira”. Encontra-se no mesmo documento uma regulamentação contra o direito de pedágio que Candelária acabara de introduzir para os rebanhos das reduções vizinhas e a determinação de um imposto de compensação a incidir sobre as quatro reduções inferiores mais favorecidas.³⁰²

Por aí se vê que os jesuítas não tinham a intenção de dar à propriedade coletiva de cada redução um sentido burguês ou pagão. Sendo o destino comum dos bens o princípio supremo da sociedade, devia primar igualmente nas relações de redução para redução. À medida que a economia se desenvolvia, zelava-se por manter a solidariedade e o equilíbrio compatíveis com a gerência de territórios bem definidos para cada redução. O espírito de cooperação supria generosamente as lacunas das ordenações. Escreve Muratori: “O que merece infinitamente ser ainda assinalado é que, se uma das reduções se encontrar em penúria, seja pela intempérie das estações, seja por um desses acidentes que fazem perder aos lavradores mais cuidadosos todo o fruto de seus esforços, seja, enfim, pela mortalidade dos animais, as reduções vizinhas não deixam de a socorrer e de a ajudar a reparar suas perdas, sem dela exigir outra coisa senão um socorro semelhante, numa emergência igual.”³⁰³

302. Hernandez, doe. 45, pp. 600-601. *Precios de vários géneros*.

303. *Relation*, p. 158.

Assim, pois, podemos dizer com o Padre Florentin de Bourges que “se encontrou um meio de banir a indigência dessa cristandade; aí não se veem pobres, nem mendigos, e todos se beneficiam de uma abundância igual das coisas necessárias”.

O usufruto equitativo dos bens da terra jamais se encontrou melhor assegurado, sem dúvida, à totalidade de uma população. Cada um percebia realmente sua participação nos bens comuns. E é evidente que se a República Guarani não tivesse sido prematuramente destruída, se a evolução tivesse podido prosseguir, a livre disposição de uma crescente quantidade de bens poderia ter sido oferecida aos guaranis de um modo cada vez mais flexível, em plena fidelidade aos princípios de base do sistema.

“Percebe-se à primeira vista todas as vantagens que resultam para os neófitos dessa comunidade de bens. Os índios são pobres e, entretanto, nada lhes falta. Conservam entre si uma igualdade perfeita que é o mais firme apoio da união e da tranquilidade pública.”³⁰⁴

Sem propriedade privada, cada um beneficiava-se do máximo de propriedade pessoal. Ninguém era “proletário” ou privado de propriedade. Ninguém podia ser expropriado de seus direitos tangíveis sobre a terra comum e os bens comuns. Não havia descontentes nem revoltados. “Que mais podem desejar cristãos a quem está assegurado que nunca lhes faltará o necessário, a que eles se cingem; que sabem mesmo, a exemplo dos apóstolos, viver igualmente na abundância, sem dela abusar, e na penúria, sem se lamentarem; que jamais são tentados a desafiar a Providência, que os faz encontrar sempre recursos contra todos os acidentes imprevistos; cujas ações e sentimentos se regulam pelas mais puras máximas da religião?”³⁰⁵ A situação deles, “considerada segundo os verdadeiros princípios, é preferível à das mais florescentes nações da Europa.

Uma liberdade bem regulamentada, provisões abundantes de todas as coisas necessárias à vida, alojamentos estreitos, na verdade, mas suficientes, a paz, a união, a concórdia, não será isso o que faz a verdadeira felicidade dos povos?”³⁰⁶

Essa é também a opinião de um chefe socialista moderno, o escocês Cunningham Graham, em tudo o mais indiferente ao ponto de vista religioso. Cunningham Graham informou-se seriamente

304. Muratori, *Relation*, p. 158.

305. Charlevoix, tomo I, p. 263.

306. Muratori, *Relation*, p. 136.

sobre a história das reduções do Paraguai, onde viveu. Pesquisou nos arquivos de Madri e Salamanca. A sua apreciação limita-se, como ele próprio acentuou, aos efeitos econômicos e sociais do sistema estabelecido pelos jesuítas. Eis suas palavras: “O sistema interior de governo nas Missões do Paraguai foi uma forma de democracia... Essa espécie de poder representativo controlado era o mais conveniente para os índios dessa época.” O autor explica, a seguir, o que mais prendia os guaranis aos jesuítas: era a convicção recebida deles de que a terra em que viviam, suas casas, suas oficinas e seus rebanhos, tudo lhes pertencia, “era propriedade dos índios”.³⁰⁷

No final sereno destas páginas consagradas à “questão vital” da propriedade, agradecer-nos-ia enfrentar amigavelmente o nosso principal adversário, Hernandez, que tivemos de contradizer frontalmente, mas sem deixar de assinalar que muitos elementos da nossa demonstração nos tinham sido fornecidos por ele próprio ou pelas fontes descobertas graças às suas indicações. Não lhe retiramos o nosso reconhecimento. Contudo, o recontro parece decididamente impossível no papel, através das posições inflexíveis de sua obra. Obstinado e irascível até ao fim, Hernandez volta as costas, com efeito, às reduções: transporta-se, solitário, de mau humor, em pleno campo, às cabanas construídas para as épocas de trabalhos. E aí, diante desses abrigos, esquecendo as simpáticas casas com varandas, alinhadas em amplas avenidas, declara friamente que os guaranis não procuravam exercer o direito de propriedade porque, muito simplesmente, os imóveis eram destituídos de qualquer valor — por no tener valor los inmuebles. Mas, acrescenta ele, com o tempo, a escassez, o progresso das culturas, acabariam dando-lhes importância...

Os guaranis, logo teremos ocasião de observar, estavam há muito tempo apaixonadamente vinculados às suas casas, às suas igrejas, às suas oficinas, às suas magníficas plantações, que certamente não eram desprovidas de valor, aos seus rebanhos, a todos os seus bens, enfim, possuídos sem avareza, em comum.

307. A Vanished Arcadia, 1901, obra citada por Hernandez, tomo II, p. 447. Raynal, depois de ter enumerado as deficiências e os defeitos do direito de propriedade tal como é realizado na Europa, escreveu que no Paraguai “todos tinham a subsistência assegurada e desfrutavam, por conseguinte, de grandes vantagens do direito de propriedade, sem que esse direito aí existisse, estritamente falando” (*Histoire Philosophique des Deux Indes*).

XIII

O Trabalho e a Repartição da Renda

Todos son labradores
Ant. Ruiz de Montoya

Tornou-se um lugar-comum que o regime de propriedade acompanha os modos de produção e a divisão do trabalho. Também é verdade que o regime de propriedade, por sua parte, determina as condições de trabalho.

Os guaranis jamais conheceram as jornadas de 10, 12 e 14 horas de trabalho, que são correntes tanto na agricultura como na indústria capitalista. O regime de oito horas constituiu um máximo no tempo dos jesuítas. Em regra, os guaranis não trabalhavam mais de seis horas por dia. Azara teve mesmo conhecimento, pela boca de guaranis, de que o trabalho não lhes tomava mais de um terço do dia. Habitualmente, iniciavam suas tarefas às nove horas, depois da missa, e as concluíam durante a tarde, segundo o local e as estações, às três horas, quatro horas, quatro e meia ou cinco horas. A pausa do meio-dia era de duas horas. Martin de Moussy, documentado *in loco* pelo Cônego Gay, relatou também que o trabalho “não durava mais do que

uma meia-jornada”. Além disso, a quinta-feira era considerada dia de folga.³⁰⁸

À primeira vista, fica-se surpreso pelo fato de que uma soma de trabalho tão modesta possa, com os meios mecânicos pouco aperfeiçoados do tempo, ter coberto as necessidades da população e elevar incessantemente o nível de vida.

— Seis horas de trabalho — foi objetado ao Lorde Hythlodee, — não bastam para as necessidades de consumo público e a Utopia deve ser um país bem miserável...

- Pelo contrário, são suficientes - respondeu Thomas Morus pela pessoa do lorde. - Vós o compreendereis facilmente, se refletirdes sobre o grande número de pessoas ociosas - ou que ocupam cargos parasitários - nas outras nações.

Na República dos jesuítas, a lei do trabalho ao serviço da comunidade não comportava exceções. Antes da chegada dos padres, os caciques não trabalhavam. Os jesuítas conseguiram suprimir esse privilégio. Já o Padre Montoya gostava de proclamar, com orgulho, em face da ociosidade dos colonos: “Todos são trabalhadores.”³⁰⁹ Essa igualdade de todos perante o dever de trabalhar manteve-se até ao fim. Falando dos quarenta ou sessenta caciques que viviam em cada redução, Cardiel escreveu: “Se bem que nobres, não estão isentos de trabalho... Entre estes índios, o fato de trabalhar como carpinteiro, escultor, pintor, etc., é uma nobreza.”³¹⁰ O deão Funes diz que o “corregedor, os membros do conselho e suas esposas deviam ser os primeiros em suas oficinas”. Todos, homens, mulheres e crianças, contribuíam para o bem comum pelo trabalho segundo suas forças, sua capacidade e as necessidades da produção.

Às mulheres competia zelar pelo arranjo doméstico, executar trabalhos de costura, jardinagem e lavagem das roupas, nos lavadouros públicos. Trabalhavam em grupos nas varandas, nas horas deixadas livres pelas tarefas caseiras. A obra terminada era remetida ao armazém no fim de cada dia, ou às quartas-feiras e sábados. “Dessa maneira,

308. *Description*, tomo III, p. 665. Ver os testemunhos concordantes, com poucas variações, em: Hernandez, tomo II, p. 383; Gay, *passim*; Azara, *Voyages*; Huonder, *Katholische Missionen*, 1894, etc.

309. Loc. cit., p. 64.

310. *Breve Relación*, cap. V, § 6.

acabou por haver, todos os anos, mais tecido do que o necessário para vestir todo mundo.”³¹¹ As mulheres pouco contribuía para os trabalhos do campo, salvo na época de colheitas. Não se lhes entregavam trabalhos pesados ou perigosos, que pudessem extenuá-las. Suas mãos “eram tão finas e delicadas que as espanholas mais elegantes não as desejariam ter mais distintas”³¹²

As crianças, além do trabalho escolar e dos exercícios de canto e música, protegiam as culturas caçando os papagaios e outras aves. Colhiam os frutos. Iam em bandos à procura de bagos, de raízes medicinais e de mel nos bosques. Apesar do regulamento de 1689, que recomendava aos missionários autorizarem muito facilmente os rapazes a trabalharem nos campos com seus pais, eles só trabalhavam em grupo, separados dos pais, e assim continuou sendo. “Eles não vão com seus pais porque estes não sabem vigiá-los.”³¹³

Mesmo as meninas estavam sujeitas aos trabalhos em comum. Para ajudarem suas mães nos tratos domésticos, diz Cardiel, têm o tempo livre desde as cinco horas da tarde, após o rosário.

As meninas aprendem a fiar, a coser, a cozinhar. Os rapazes eram progressivamente iniciados no trabalho das oficinas e orientados para o ofício que correspondia a seu gosto e aptidões. Não existia uma cisão entre a vida e a escola, nem a vadiação comum entre os nossos escolares citadinos de hoje. Todos os rapazes passavam várias estações no jardim dos padres, que servia de escola prática de agricultura.

Como na Utopia, a agricultura era mais ou menos obrigatória para todos os cidadãos. No momento das colheitas abrandava ou, por vezes, interrompia-se até a atividade das oficinas. Os artesãos partiam para o campo, assim como as mulheres e as crianças, os conselheiros e os contadores. Todos, numa alegria comum, participavam das colheitas. Era uma época de júbilo, de animação geral. O fim das colheitas era celebrado com uma grande festa. Os melhores trabalhadores eram citados em ordem do dia pelo padre, que lhes entregavam uma lembrança. Os trabalhos do campo atingiam a plenitude entre a festa do *Corpus Christi* e o Natal. Na primavera, pelo menos nas reduções do norte, o calor era excessivo.

311. Muratori, *Relation*, p. 159.

312. Schuster, *Paraguay*, p. 280.

313. *Breve Relación*, cap. VII, § 2.

Quer no campo, quer nas oficinas, os inspetores, responsáveis e sub-responsáveis, dirigiam e controlavam todo o trabalho. Eram escolhidos “entre os neófitos mais ativos e mais vigilantes”. Na agricultura, diz Muratori, o dever dos controladores é “percorrer os campos e verificar se aí se trabalha, se se faz a sementeira e a colheita a tempo e horas, se se tomam medidas” para fazer durar a provisão de cereais que se recolhe até ao ano seguinte, enfim, se os animais são bem tratados. Todos os que forem encontrados em falta são punidos com severidade. É igualmente do interesse público e dos particulares que cada um cumpra a sua tarefa e que os preguiçosos não vivam à custa dos que são mais assíduos no trabalho.”³¹⁴

Os adversários das reduções, incapazes de imaginar a atmosfera fraternal e feliz que nelas reinava, falaram, naturalmente, de um “sistema policial” e de “coação tirânica”. Na realidade, o controle essencial exercia-se de modo quase inconsciente pelos próprios trabalhadores, todos solidários e igualmente interessados em que cada um fornecesse a sua quotaparte de trabalho. Esse controle espontâneo tornava natural e fácil o controle oficial. Os controladores eram, em geral, olhados por seus camaradas um pouco como os agentes de trânsito e da polícia o são entre nós pela gente honesta. De resto, os alcaides agrícolas e das diversas profissões eram eleitos, tal como os magistrados, pelo povo. Os responsáveis assim nomeados não formavam uma categoria à parte. Não desfrutavam de privilégio algum. Eles próprios estavam adstritos a um determinado ofício, no qual trabalhavam na medida compatível com o exercício de suas funções. Faziam parte da equipe de que tinham a responsabilidade como trabalhadores mais qualificados, como chefes e responsáveis pelo treino dos demais, a quem serviam de modelo, em vez de se comportarem como meros fiscais. Os chefes, nos diferentes escalões, não podiam, além disso, infligir nenhuma pena grave sem informarem previamente o padre.

Observa Charlevoix: “Uma das grandes vantagens que se extrai dessa orientação é que nunca se deixa uma pessoa ociosa; de resto, é uma orientação que mantém, não só em cada povoado, mas em toda a República, uma união perfeita que logo nos fere a atenção.”³¹⁵

Muito mais que o interesse pessoal ou coletivo e que o policiamento, o louvor dos padres e seus brindes e lembranças animavam

314. Muratori, *Relation*, p. 156.

315. Charlevoix, tomo I, p. 247.

os guaranis a trabalhar com zelo. Através de numerosos depoimentos, vê-se que a aprovação ou censura dos missionários sensibilizavam bem mais, na verdade, que toda a recompensa ou punição, os corações ternos e ingênuos dos neófitos.

A comunidade atuava também como elemento de alegria no trabalho. De manhã, os grupos desfilavam nas ruas e dirigiam-se para o campo ao som da flauta e do tambor, transportando com grande pompa a imagem de Santo Isidoro, patrono dos agricultores. Pelo caminho, cantava-se. Por vezes, como na Candelária, as plantações encontravam-se do outro lado do rio Paraná, pelo que todos os dias tinham de embarcar nas jangadas, canoas e barcas.

Durante o dia, os momentos de repouso davam lugar a alegres expansões entre essa gente, a mais sociável que os espanhóis encontrariam na América. Os mais idosos palestravam, os jovens brincavam e, com um indefinível prazer, moços e velhos cantavam em coro, incansavelmente, as estrofes de seus cânticos e de seus cantos guaranis. Quando um padre acompanhava os trabalhadores, pronunciava algumas palavras edificantes, contava-lhes uma estória, convidava um grupo a orar por instantes. Nos momentos de esforço mais duro, a solidariedade e o espírito de equipe atuavam de modo magnífico. O capítulo consagrado à vida religiosa elucidará melhor o espírito benévolo e de cordial amizade que iluminava toda a atividade dos guaranis. Compreende-se, pois, que no tempo da experiência dos lotes, os homens tenham sentido mais tédio e que se refugassem em suas redes durante a jornada em que queriam obrigá-los a trabalhar isolados. Os jesuítas não precisavam ser tão avisados quanto na realidade eram para daí extraírem suas conclusões e deixarem que os guaranis trabalhassem em grupos, pois isso lhes dava prazer, beneficiando também a própria comunidade,

Pela tarde, no regresso, cantavam em coro suas canções de marcha. Assim que as mulheres, em suas casas, as crianças, no jardim, e os artesãos em suas oficinas, percebiam o ritmo dos músicos, acompanhando os trabalhadores dos campos, todos largavam seus afazeres. No limiar das casas, à porta das oficinas, saudavam-se alegremente. Alguns instantes mais tarde, pais e filhos reencontravam-se em família.

Para a avaliação do trabalho agrícola, o cálculo era sumário. Em geral, bastava ao trabalhador acompanhar, de maneira razoável, o ritmo médio. Fixavam-se as superfícies para cada turma, as quais serviam de normas.

Nas oficinas, exigiam-se quantidades mínimas, assim como para a fiação confiada às mulheres, domiciliarmente. Segundo certas comparações, esses mínimos representavam uma soma de trabalho muito inferior à que deveriam fornecer os trabalhadores europeus dos mesmos ramos. Era sobretudo a respeito de obras livres, a escultura, por exemplo, e para os trabalhos executados a serviço pessoal dos padres, que o peso fictício intervinha como foi anteriormente explicado.

O princípio aplicado para a remuneração era este: “Para trabalho igual, condições de vida iguais.” Convém ainda acrescentar que os diferentes gêneros de trabalhos, mais ou menos difíceis, e as diferenças de capacidade, não davam lugar a uma escala de tratamentos capaz de criar classes de privilegiados. Levava-se em linha de conta, essencialmente, o esforço exigido pelo trabalho. Trabalho igual significava igual encargo. A criança inteligente, bem dotada para o cálculo, que fora formada para “contador”, não percebia uma renda dupla ou tripla, tendo em consideração a sua inteligência. Portanto, respeitava-se também o princípio natural: de cada um, segundo as suas capacidades, a cada um segundo o seu trabalho e necessidades.

A sociedade esforçava-se simplesmente por assegurar a cada um a formação, as condições de vida e de conforto que permitissem o melhor rendimento dos dotes recebidos. Um era escultor, o outro fabricante de carroças e instrumentos de lavoura, este professor de música, aquele tecelão ou vaqueiro na estância; o gênero de vida diferia segundo o gênero de trabalho, mas não se considerara útil conceder rendas privilegiadas a nenhuma categoria profissional. Todos participavam equitativamente da prosperidade comum. Em troca, como escreveu Muratori a propósito dos tecelões, “eles são mantidos a expensas da redução e não recebem qualquer outro salário pelo seu trabalho”. Os ourives, pintores, todos os artesãos em geral, as centenas de homens que partiam regularmente em expedições de arrecadação e comércio, não recebiam um salário determinado. A comunidade provia a tudo para eles e suas famílias, tal como eles próprios trabalhavam para o bem comum — “*para el bien comun*”.³¹⁶

A emulação para a aprendizagem de ofícios assim se mantinha muito bem, sem que se recorresse à excitação maléfica dos ganhos privilegiados. O homem normal é levado, naturalmente, a rivalizar com os seus semelhantes e a exercer uma atividade compatível com as suas

316. Regulamento de 1689, § 33; Muratori, p. 159; Cardiel, *ibid.*, cap. V, §

capacidades, mesmo à custa de esforços superiores. O lucro individual sórdido poderá desaparecer, pois não constitui o melhor propulsor do progresso humano.

A responsabilidade dos *contadores e fiscais* era enorme. Administravam e mantinham sob controle, em seus livros, toda a vida econômica das cidades, que contavam cinco mil, dez mil habitantes ou mais.

Segundo as concepções reinantes na União Soviética, assim como no mundo burguês, esses funcionários recebiam um tratamento cinco ou dez vezes mais elevado que o dos agricultores ou dos artesãos. Aos olhos dos legisladores da República Guarani, pareceu despido de qualquer sentido e perigoso colocar quem quer que fosse em situação de acumular bens desproporcionais às necessidades normais de um homem que vivia em segurança, numa sociedade bem-organizada.

“Aquele que não quer trabalhar não deve comer.” Aquele que não pode trabalhar deve comer. Os velhos, os doentes e os órfãos eram mantidos, como as viúvas, a expensas da comunidade.³¹⁷ Viu-se, no capítulo precedente, que a distribuição dos gêneros alimentícios e vestuários efetuava-se não segundo uma regra fictícia de igualdade perfeita, mas a cada família segundo o número de crianças, velhos e enfermos, tendo em consideração as necessidades particulares de cada um. O salário familiar era assim realizado de maneira integral.

Não se tratava de um salário. “Eles exercem todos esses ofícios sem salário.”³¹⁸ A remuneração do trabalho - como se terá depreendido do que precede - não era efetuada sob a forma de algumas peças de prata arbitrariamente calculadas, mas sob a forma de prestação dos mais diversos serviços, abrangendo, em suma, todas as necessidades: alojamento, com casa particular no momento do matrimônio, vestuário, alimento para os artesãos, objetos manufaturados para os agricultores, instrução da mocidade e sua colocação profissional, seguro-velhice, seguro-doença e acidente, sustento e manutenção das viúvas e órfãos etc.

Tudo isso estava organizado e funcionava da maneira muito flexível e muito simples, verdadeiramente orgânica e livre, porque um princípio justo estava no centro de tudo, porque o princípio fundamental da sociedade humana fora admitido sem restrições, de fato, ou seja, o destino comum de todos os bens da terra. O seguro-velhice, como

317. Charlevoix, tomo I, pp. 254-255.

318. Cardiel, *Breve Relación*, cap. V, § 13

todas as demais garantias, não implicava cotizações particulares, nem uma administração ou burocracia especial. Os velhos permaneciam, regra geral, em suas casas, com suas famílias, sem que representassem um encargo para as mesmas, pois os distribuidores públicos tinham em conta a sua presença. Os doentes eram cuidados no domicílio ou no hospital, segundo a gravidade e a comodidade do caso. Havia uma farmácia adjunta ao hospital de cada redução, que fornecia gratuitamente os remédios. “Existem, em cada povoado, várias casas-grandes para os doentes”, conta Florentin de Bourges. “Umas são destinadas aos homens, outras às mulheres. Como os padres só se ocupam da instrução e da conduta espiritual desses novos cristãos, há ainda três Irmãos, um dos quais possui uma farmácia bem guarneceida e prepara os remédios necessários para os doentes; os outros dois presidem à administração temporal e observam se na distribuição diária que se faz a cada família tudo se passa com a correção e equidade convenientes.”³¹⁹

Os serviços sociais não humilhavam ninguém, todos se sentindo, muito naturalmente, no seio da sociedade, como os membros no corpo. As vantagens recebidas eram, de resto, na maior parte das vezes, a simples contrapartida dos serviços fornecidos à comunidade, diretamente, pelo próprio beneficiário ou por seus parentes, seus irmãos. Era a segurança na dignidade, sem a multiplicidade ineficaz de obras de beneficência facilmente aviltantes. A assistência não se distinguia, aos olhos dos particulares, da repartição normal de bens. “Não se veem pobres nem mendigos.”

É fácil compreender por que motivo, num mundo assim edificado, o homem não era obcecado pela questão de pagamento do seu trabalho, nem pelas lutas, injustiças e humilhações que ainda hoje lhe estão ligadas por toda a parte. Nenhum sentimento de alienação ou de exploração. Não se trabalhava por conta de capitalistas desconhecidos, nem ao serviço de um patrão, nem para um Estado abstrato e longínquo. O último dos guaranis estava integrado na comunidade e contribuía, por seu esforço, para a subsistência comum.

As causas da competição egoísta, da angústia do amanhã, do medo e repressão, intervinham numa fração mínima no espírito dos trabalhadores guaranis. Quando a preocupação com o amanhã se impunha, era suportada em comum.

319. Lettres Édifiantes, tomo V, p. 243.

A ideia de serviço combinava-se com o interesse e a necessidade. Graças à sua justa repartição, o trabalho, reduzido em quantidade, era também mais leve, psicologicamente, no ânimo dos homens. O trabalhador podia entregar-se ao trabalho por si mesmo, sem aze-dume, imbuído de um sentimento de solidariedade, de segurança e de contentamento. A fé cristã, muito viva, transformava em oferenda jubilosa a parte de esforço árduo inerente ao labor humano.

O trabalho não era uma mercadoria.

A atividade econômica desenvolvia-se de dia para dia, a prosperidade subia... e a lenda do ouro escondido e de tesouros fabulosos chegava longe. “Assim se procurava explicar uma riqueza que era exclusivamente devida à boa organização do trabalho.”³²⁰

É supérfluo acrescentar que os jesuítas não conseguiram evitar terem de ouvir algumas graves censuras a respeito de seu regime coletivista de trabalho e de distribuição da renda. Destaquemos apenas uma:

- Com o vosso sistema que impede a poupança, que não permite a um pai de família ser proprietário de uma casa; de um terreno, de uma oficina, despojais os vossos índios de um direito natural sagrado, o direito que possuem os pais de legar a seus filhos a fortuna ou o fruto de seu próprio trabalho. Vós suprimis o direito de herança.

Os jesuítas respondiam sem muita dificuldade que a República Guarani era a única onde não havia deserdados. Se a herança privada era, na verdade, modesta - alguns instrumentos, algumas recordações e também algumas qualidades morais úteis numa sociedade bem-feita - tudo considerado, ela era amplamente compensada por outros fatores. As propriedades comunais, as casas, as oficinas, a segurança pessoal e todos os serviços organizados, formavam uma herança bem apreciável, que muitos chefes de família da Europa sentir-se-iam felizes por poder oferecer a seus filhos como fruto de uma vida mais arduamente laboriosa que a dos guaranis; fruto sempre aprazível entre os guaranis, não provocando nas famílias a desunião, os litígios e as aversões fraternas, tão frequentes nas outras nações.

Para terminar, podemos deixar os próprios guaranis exprimirem suas opiniões sobre a organização do trabalho e a sua remuneração, tal como os jesuítas as estabeleceram na sua República. Logo após a expulsão dos padres, o *Cabildo* ou Conselho de S. Luís dirigiu ao

320. Martin de Moussy, *Description*, tomo III, p. 665.

governador de Buenos Aires, o Marquês de Bucareli, uma carta onde se diz, entre outras boas coisas: “não somos escravos e queremos fazer ver que não gostamos do costume espanhol que quer ‘cada um por si’, em vez de se ajudarem mutuamente em seus trabalhos cotidianos.”

XIV

A Vida Social

Todas as manhãs, na alvorada, as notas do Ângelus davam o sinal de despertar. Aos domingos, as trombetas e tambores percorriam alegremente as ruas. A hora de levantar variava segundo as estações e os trabalhos em curso. Cardiel fala das cinco horas e um quarto e, para certas estações, até quatro horas e um quarto. O guarani era espontaneamente matinal. Diz-se na *Breve Relación* que “tanto em viagem como em sua casa, ele ceia com o crepúsculo e logo se deita. Levantava-se com as galinhas, muito cedo, não para trabalhar, mas para beber a *yerba*, fazer o desjejum e bater um papo”.³²¹

Logo após o sinal de levantar, os tambores ou os sinos - os “tantãs” - convocavam as crianças para reunirem-se diante da igreja, para as orações e o catecismo. Os alcaides dos jovens gritavam nas ruas: “Irmãos, é a hora. Enviai vossos filhos e filhas à oração. Enviai-os depressa à igreja para a missa, para que Deus bendiga os trabalhos deste dia.”³²² E as crianças vinham cantar a doutrina cristã “até o sol se levantar”! — conta Charlevoix. Pode-se acreditar que os jesuítas não impunham habitualmente um regime tão monástico às crianças. Florentin de Bourges viu, em todo caso, as crianças encaminharem-se para a igreja somente às oito horas.

Entrementes, os pais ocupavam-se à vontade dos afazeres domésticos, punham os aposentos em ordem, faziam as camas, dobra-

321. Cardiel, *Breve Relación*, cap. VII.

322. Cardiel. *De moribus Guaraniorum*, cap. VI.

vam as redes e as peles de tigre ou de vaca que por vezes serviam de cama; tratavam de seus gatos e cães. O Padre Sepp diz-nos que cada família mantinha, correntemente, quatro cães e gatos!

Para o pároco e seu *companero*, era o momento de meditação.

Após a missa, seguida pela maioria dos habitantes, servia-se o jejum em comum a todas as crianças, que então partiam “duas a duas, para as escolas”. As crianças de mais de cinco anos eram guardadas, habitualmente na praça, por uma “matrona” e por moças que vigiavam suas brincadeiras e, de tempos a tempos, as faziam rezar. O Padre Sepp conta que grupos de crianças reuniam-se frequentemente no pátio fronteiro à sua casa e conservavam-se sentadas, a chilrear, sem se moverem, unicamente para estarem perto dele, para vê-lo e ouvir suas palavras amigas.

Ao mesmo tempo que as crianças iam para a escola, as oficinas abriam, organizavam-se as turmas destinadas aos trabalhos no campo, música na frente, e entoando cânticos ou marchas. Depois do almoço, por volta das quatro ou cinco horas da tarde, era dado um sinal do alto da torre sineira de cada redução para anunciar o fim do trabalho. Um dos padres reunia então as crianças para um pequeno curso de catecismo, que durava meia hora. Após o catecismo, os sinos tocavam para chamar a população à oração diária do rosário, “em que toda a gente se encontrava, tanto quanto possível”.

O resto da tarde ficava livre para os cuidados caseiros, para os lazeres e divertimentos de toda a espécie, em particular, para a escultura, a pintura e a música. Praticava-se o remo no rio Paraná. Muitos saíam a passeio até os oratórios das redondezas. O Padre Sepp ia muitas vezes, de bom grado, a essa hora, com alguns jovens músicos, respirar o ar fresco de uma pequena ilha arborizada no meio do Uruguai. A pesca e a natação tinham seus amadores. Alguns entregavam-se à leitura, isoladamente ou em família e, o mais frequentemente, em grupo, visto que os livros ainda eram raros. Era também o momento em que os homens e os jovens podiam prosseguir em seu adestramento militar e esportivo. As crianças brincavam. Exercitavam-se no canto e nas danças. “Ao cair da noite, em todas as ruas da povoação ressoavam os cânticos devotos entoados pelos jovens de ambos os sexos.”

Quando soava o Ângelus vespertino, as crianças reuniam-se por setores ou todos juntos na praça, aos pés do grande cruzeiro. Cantavam, à guisa de oração, um cântico dedicado ao Anjo Gabriel. Um

toque de sinos anunciava o recolher e o repouso. Pouco depois, as patrulhas iniciavam suas rondas e faziam entrar em casa os retardatários. Nas casas, reencontravam-se os adultos e as crianças. Tinham sempre mil coisas a contar. A vida da comunidade, tão intensa e variada, tão diferente para cada um de seus membros, refletia-se no lar em conversas inesgotáveis.

Pretendeu-se afirmar que a vida familiar se tornara impossível, em virtude do sistema econômico e social.

É preciso lembrar que antes do estabelecimento das reduções, os guaranis viviam em galpões coletivos de uma só peça, sem separação, em grupos de famílias contando até duzentas pessoas. A promiscuidade era completa. Além disso, os caciques praticavam a poligamia e possuíam até vinte ou trinta mulheres, que podiam, aliás, abandonar a seu bel-prazer. Tinham também o direito de exigir as filhas de seus colegas.

Os jesuítas tinham realizado uma primeira, difícil e decisiva revolução a serviço da família, levando os seus neófitos a construírem uma morada particular para cada família. Durante alguns anos, tiveram de tolerar, no entanto, casos de poligamia. Mas assim que o conjunto da população se encontrou convertido e instituído, a monogamia cristã (a melhor observada através dos tempos, em qualquer parte) assegurou, simultaneamente, a valorização da mulher e a vida familiar mais estável e mais feliz.

O regime econômico e social, longe de destruir a família, oferecia-lhe as melhores condições de saúde, bem-estar e união.

A jornada de trabalho não ia além de seis a oito horas, deixando, assim, algumas horas livres para a vida familiar ao meio-dia e à tarde, e quase todo o dia de quinta-feira, de domingo e das datas festivas.

O lar alicerçava-se na sua verdadeira base, o amor, e não o dinheiro. A pessoa do noivo ou da noiva não era sacrificada às questões de dote, herança, posição e situação sociais. Nessas terras meridionais, os rapazes estavam autorizados e eram mesmo incentivados a casar entre os quinze e dezoito anos; as moças entre os quatorze e dezesseis.³²³ O Padre Sepp conta que, pelo menos em sua redução, as moças tomavam mais frequentemente a iniciativa. Em Yapeyu, fora admitido

323. O regulamento de 1689 interditou os casamentos aos doze e quatorze anos, tal como se praticava entre os chiquitos. Os incapazes eram excluídos do casamento.

o costume de, quando uma menina-moça se sentia atraída por um rapaz, ela ir falar com o padre para obter o seu apoio. O padre convocava então o jovem. “Estás contente?” — perguntava-lhe o sacerdote. Se o jovem respondia *Nay* (sim), o padre inscrevia-o na lista dos próximos casamentos. Segundo outro costume, a mãe da moça dirigia-se primeiro à mãe do rapaz. A seguir, os dois jovens eram consultados. Se ambos respondiam *nay*, o contrato ficava virtualmente concluído. Na verdade, essas diligências rituais ou oficiais não faziam, por via de regra, senão consagrar os sentimentos já confessados e jurados. O pároco convocava, entretanto, os noivos à parte, para certificar-se de que ambos agiam livremente, e não houvera pressão por parte dos pais ou de um alcaide. Todos os anos se apresentavam um ou dois casos em que o interessado declarava que o impeliavam para o noivado, mas que este não era de seu gosto. O padre assegurava ao noivo contrariado, ou à noiva à força, a sua proteção contra todos os eventuais dissabores.³²⁴

Vê-se que os costumes matrimoniais eram particularmente simples, razoáveis e respeitosos da liberdade das pessoas, numa época em que a tirania paterna reinava na maioria dos países, mesmo cristãos.

Os jesuítas procuravam agrupar os casamentos, sempre que possível, em datas determinadas. Não era raro que, depois da se abençoassem no mesmo dia vinte a trinta pares de noivos. O Padre Cardiel abençoou certo dia noventa casais. O oficiante formulava sucessivamente as perguntas habituais a todos os noivos reunidos à entrada da igreja: “— Aceitais. .. mino vossa legítima esposa?” Isso levou os adversários dos jesuítas e autores estranhos à nossa liturgia católica a dizerem que os indecisos eram muito simplesmente convidados a fazer sua escolha em cima da hora, sem qualquer preparação!

A comunidade pagava as despesas do banquete de bodas. As famílias, por seu turno, ofereciam o que de melhor tivessem podido reservar. Tudo se passava com uma perfeita dignidade. No dia em que o Padre Cardiel abençoou noventa casais, fez, a seguir, uma breve aparição pelas diversas salas de bodas. Teve dificuldade em reter as lágrimas, ao observar “a modéstia e a compostura dos convivas”. A atmosfera era jubilosa, mas extraordinariamente agradável, ordeira e carinhosa. Os noivos recebiam do padre e da comunidade presentes simbólicos, lembranças dos primeiros tempos, um machado, uma

324. Cardiel, *Breve Relación*, cap. VII, n. 53.

faca, seis varas de tecido, um pouco de sal, um ou dois pães e mel. A noiva trazia para o novo lar uma bilha, uma rede ou outros utensílios.

O amor dos pais pelos filhos, grandes ou pequenos, era extraordinário, “quase excessivo”.³²⁵ Acontecia assim que os jovens esposos continuavam residindo dois anos e mais em comum com os pais, que não podiam decidir-se à separação. As crianças eram a fonte das melhores alegrias da vida. Não se arriscavam a ser consideradas um fardo, pois a comunidade repartia os recursos entre as famílias, segundo o número de seus membros. O lar, baseado no amor, alimentava o amor segundo as leis da natureza, na fecundidade feliz, ao abrigo dos cálculos e dos problemas inextricáveis de consciência, de alojamento e de manutenção. A adolescência também não acarretava a transformação da criança em instrumento de lucro para os pais ou para um patrão. Após a morte dos pais, os irmãos e irmãs continuavam unidos por uma amizade intata, ignorando a frieza instilada entre nós no seio das famílias pelas questões de partilha e pela necessidade de defesa de interesses opostos, antes de cada um se afastar para prosseguir sua luta pela vida.

A mulher podia consagrar-se à família com um coração tanto mais livre quanto ela não era escrava de trabalhos obrigatórios e preocupações materiais. As tarefas familiares e sociais tinham sido repartidas pelos padres jesuítas de modo tal que propiciava às mães de família uma existência harmoniosa e muito equilibrada. Os bebês estavam-lhes inteiramente confiados. O jardim de infância, depois a escola e o trabalho coletivo aliviavam as mães, durante uma parte do dia, da preocupação de vigiarem os mais velhos, desde os cinco anos de idade. Pouco depois do desjejum, moças vinham buscar essas crianças a suas casas. As de sete a quinze ou dezessete anos faziam o desjejum em comum, após a missa, pelo que as suas mães podiam então ocupar-se à vontade dos trabalhos caseiros e fiar o algodão nas varandas. Ao meio-dia, estavam prontas para receber e restaurar seu mundo familiar.³²⁶

325. *Katholische Missionen*, 1894.

326. As crianças que trabalhavam nem sempre regressavam a casa. Pelo que diz Cardiel, transpõe-se que certos padres cediam, mais ou menos, à tentação de submeterem as crianças a um regime de colégio.

Diremos duas palavras sobre os hábitos alimentares. A mesa era saudável, variada e, sobretudo, abundante. Os guaranis, antigos caçadores nômades, tinham conservado um estômago capaz de munir-se sem inconvenientes para vários dias. Se dermos crédito ao Padre Sepp, que algumas vezes exagera, uma vaca entregue pela manhã a um pai de família estava devorada completamente “antes do pôr do sol”. Na manhã seguinte, o homem retornava: — “Padre, já não tenho mais carne. Morro de fome.” Os guaranis, é verdade, só comiam as melhores partes do animal.

Os açougues comunais das seis ou oito reduções mais ricas em gado distribuíam cotidianamente quatro a cinco libras de carne a cada família, sem diminuir a manada. Em Yapeyu, abatiam-se até quarenta bois por dia, quando as colheitas tinham sido más. Outras reduções faziam apenas duas ou três distribuições semanais.

O milho, grelhado, cozido com leite ou em doce, com a carne e a mandioca, compunham a base da alimentação. Fasbinder cita o seguinte diálogo:

— Padre, na verdade eu tenho milho demais. Dá-me fumo em troca.

— Meu filho, é preciso que te contentes com o teu quinhão, senão os outros não terão os deles.

O pão de trigo era reservado, de preferência, aos padres e doentes. Domingos e dias de festa, porém, toda a população recebia “bom pão de trigo”. Cada família era abastecida de legumes, todo o ano, pelos hortos comunais. Os pêssegos, as laranjas, os figos, as romãs, os limões, guarneciam a mesa dos mais humildes lares. As cerejas e maçãs eram sobremesa mais rara.

Sob as suas diversas formas, a yerba completava e acompanhava todas as refeições. Graças ao mate, o abuso e mesmo o uso das bebidas alcoólicas puderam ser quase completamente eliminados tanto da vida privada como da vida pública. O consumo de bebidas, que aviltava os índios noutras regiões e lhes arruinava a raça, era desconhecido na República. Outrora, os guaranis passavam dias inteiros embebedando-se com uma espécie de cerveja grosseira, denominada *chicha*. Os jesuítas conseguiram que, mesmo nas bodas, o álcool fosse habitualmente banido.

“Quase em todas as festividades e regresso de viagem”, jubilosos e gigantescos banquetes eram organizados por toda a comunidade.

As mesas eram dispostas na grande praça, nos pátios e nos diversos bairros. Cada uma era presidida por um notable. Antes de se instalarem, os convivas cantavam em coro um pequeno cântico guarani, à maneira de *benedicite*. Serviam-se “carnes, galinhas assadas, legumes, tortas, mel, laranjas, pêssegos e mate”. Nessas ocasiões a *chicha* e mesmo um pouco de vinho apareciam nas mesas. A orquestra apresentava-se no decorrer da refeição. A festa prolongava-se até tarde. “Chegando a noite, vão para suas casas.” Tudo acabava em ordem, tranquilamente e numa alegria cristã.³²⁷

As mulheres festejavam entre si, depois vinham assistir ao seguimento dos festejos, sem se misturarem com os homens, pois que, escreveu Charlevoix, “nunca se lhes permite, sob qualquer pretexto, que se misturem com os homens nas celebrações públicas.”³²⁸ Uma separação bastante rigorosa impusera-se por causa da mistura de índios cristãos, de catecúmenos e pagãos, durante as primeiras décadas. Subsistira em parte, sem maiores inconvenientes e com certas vantagens. As “casas de refúgio” tinham sido estabelecidas, dentro do mesmo espírito, para as viúvas e “as mulheres sem filhos, durante a ausência dos maridos”.

Sem serem admitidas na vida pública em pé de igualdade com os homens, as mulheres não eram, por esse motivo, menosprezadas nem relegadas a um plano secundário. Quando da recepção ao Padre Sepp uma mulher pronunciou na igreja, em seguida ao corregedor, um discurso de boas-vindas composto por ela mesma, muito bem pensado e proferido com a maior naturalidade, na presença de toda a população. Nas oficinas de tecelagem, assim como nos campos, as turmas de mulheres eram dirigidas por mulheres, que elas tinham livremente eleito. Recorde-se que o seu trabalho nos campos quase se limitava à colheita do algodão. Os cemitérios eram inteiramente deixados aos cuidados das mulheres, que os conservavam o ano todo com o aspecto de um “magnífico jardim de flores”. Os padres organizavam também para as moças conferências sobre educação, que obtinham o mais vivo sucesso de curiosidade e interesse, mas cujos resultados não satisfaziam aos jesuítas. Estes queixavam-se, com frequência, da incapacidade das mães guaranis para exercerem, em relação aos seus filhos, a mínima severidade - mesmo em palavras. O amor dessas boas mães, indulgentes demais aos olhos dos pedagogos entendidos em método,

327. Cardiel, *Breve Relación*, cap. VII, §§ 49-51; e Muratori, *passim*.

328. *Histoire du Paraguay*, tomo I, p. 250.

nem por isso produzia menos efeitos positivos: os autores estão de acordo em descrever a vida de família dos neófitos como extremamente calorosa e cordial.

Assiste-se, durante o serão, ao pai que lê, a um canto da lareira, *Araporu*, a obra preferida dos guaranis, ou o jovem Arandu improvisando no violão para a sua muito jovem noiva, sentada a seus pés, no seio de duas famílias reunidas. Quarenta mil famílias guaranis desfrutavam, em graus diversos, de uma felicidade análoga, felicidade tanto mais aprazível e pura porque não era o fruto de algum açambarcamento egoísta, de alguma exclusão... Era oferecida a todos na República dos Jesuítas, enquanto que, por toda parte, no imenso continente americano, os índios viviam frequentemente ao desabrigo, sem teto nem conforto algum, eram perseguidos, caçados, reduzidos à escravidão, arrancados às suas famílias, exterminados aos milhões.

Os historiadores hostis aos jesuítas, de um modo geral, erraram em toda a linha. Não viram senão os regulamentos, os toques de sinos e a vigilância. Imaginaram uma vida mais austera e rígida que a de um convento. A anarquia, sem dúvida alguma, não imperava. O horário fixava o começo e o final das principais ocupações. Afortunada lei, que assegurava regular e amplamente o tempo de lazer e de liberdade, ao passo que em qualquer outra parte, tanto na Europa como na América, a maior parte dos homens era simplesmente explorada até ao limite de suas forças - sem horário. O sino das reduções soava no coração dos guaranis um pouco mais alegremente que a sereia das nossas fábricas.

Quanto aos colonos, que tinham instalado seus lares sobre as ruínas de muitas raças aniquiladas, era-lhes evidentemente difícil apreciar a felicidade inocente das famílias guaranis. Sendo a vida honesta nas reduções, as mulheres fiéis e o álcool proibido, aos olhos dos colonos não poderia aí reinar outra coisa que não fosse uma atmosfera de sombrio tédio. Quando os padres falavam da serenidade dos neófitos diante da morte, os espanhóis respondiam que isso era muito natural: ninguém lamenta uma vida tão monótona. Paul Lafargue retoma, por sua conta, a opinião que assim se forjara a respeito do ambiente das reduções. Diz ele: “Todo o tempo que não era consagrado ao trabalho e ao descanso indispensável, tinham os guaranis de o passar em orações, a fim de que não lhes sobrasse um minuto livre, pois que poderiam então refletir sobre a sua situação... Era intencionalmente

que o domingo se organizava da maneira mais monótona possível, a fim de que os guaranis não pudessem aspirar a outra coisa senão retomarem o trabalho, no dia seguinte, considerando-o uma distração.”³²⁹

O Dr. Rengger também se faz eco dos antigos caluniadores dos jesuítas: “Os guaranis confinados nas missões jamais aprenderam a conhecer as alegrias da vida social e civilizada, mas apenas as suas agruras.”³³⁰

Na realidade, os jesuítas nada negligenciaram para “tomar apazível aos seus caros neófitos a permanência nas reduções e para gerar nos próprios infieis o desejo de aí fixarem sua residência.”³³¹

Uma rápida descrição já foi feita sobre a variedade dos “lazers privados, deixados ao gosto de cada um. Além disso, funcionava em cada redução um verdadeiro ministério de entretenimentos públicos, para proporcionar prazer a um povo apaixonado pelo movimento, pela música e dança, pelo teatro e folguedos.

Como na Idade Medieval, o religioso e o profano misturavam-se espontaneamente com uma liberdade que não chocava ninguém. As crianças, ao som de uma orquestra de trinta a quarenta instrumentos, executavam suas danças até diante do altar. Trajavam roupas preciosas, em seda e ouro. Todas as reduções possuíam, pelo menos, quatro quadrilhas, de oito bailarinos cada, regularmente exercitados todas as semanas, quer para as cerimônias de igreja, quer para o teatro montado na praça, onde representavam em trajes “espanhóis, húngaros, moscovitas, mouros, persas, turcos e outros orientais”, sem falar dos trajes de anjos e demônios. Quando da elevação ao trono de Carlos III, o rei de quem se esperava a anulação do tratado de 1750, festejos magníficos foram organizados em S. Borja, na presença do Geral Ceballos e de uma incontável multidão. Dezesseis danças diferentes foram apresentadas, a despeito do regulamento de 1689, que interditava a execução de mais de quatro danças numa só festa.

Representavam-se narrativas bíblicas, guaranizando completamente o estilo e as personagens. O povo participava intensamente no jogo de cena. Para ele, era mais do que teatro. Era o mundo dos espíritos tornado vivo e sensível, com um absoluto poder sugestivo. Os

329. Lafargue, *Geschichte des Sozialismus*, *ibid.*, pp. 741-42. Outra passagem: “O povo guarani, tão doce e tão dócil, sofreria nas missões cristãs uma escravidão muito mais dura que sob o domínio dos Mbayas, um dos povos mais cruéis da América do Sul” (p. 724).

330. Rengger, *op. cit.*, p. 108.

331. Muratori, *Relation*, p. 159.

anjos e demônios tinham um grande papel, sobretudo nas danças alegóricas. Quando o negro Lúcifer, cercado de serpentes, era precipitado, vencido, no abismo fumegante aberto sob a cena, os espectadores soltavam um clamor de vitória, as mulheres, tremendo, persignavam-se. Enquanto o exército de anjos vitoriosos desfilava em redor da praça, a imagem do Menino Jesus aparecia num trono, rodeado por um coro que entoava *Jesus dulcis memória*. Em honra da Virgem Maria, os bailarinos, empunhando estandartes, voluteavam na praça e acabavam por imobilizar-se numa figura que formava a palavra MARIA.³³²

Cenas de combates entre cristãos e sarracenos, por exemplo, desenrolavam-se ao ritmo da música, com um sentido de harmonia e dimensão dos movimentos que parecia inato, diz o Padre Peramas. Essas cenas de combate provocavam vivo sucesso. Nem sempre se passavam num estrado, pois constituíam muitas vezes autênticos exercícios militares, com grande aparato de forças. Um combate naval à luz de tochas e balões, no Paraná, formava um espetáculo grandioso e apaixonante, seguido por milhares de espectadores ofegantes. Chegava-se frequentemente ao ponto de os padres terem de intervir para impedir que o exercício redundasse numa verdadeira batalha. A revista das companhias a pé e a cavalo, todas as segundas-feiras, era também um espetáculo muito apreciado, assim como as cerimônias de recepção às personalidades oficiais e as festas dadas em sua honra. Em certas noites de festas ou de torneios, as ruas eram iluminadas como em pleno dia por tochas feitas de uma resina especial.³³³

Em 1641, foram celebradas solenidades por ocasião do centenário da Companhia de Jesus. Houve grandes diversões e cerimônias.³³⁴

Para a festa do patrono e as outras festas principais, os conselheiros, os funcionários e os músicos das reduções vizinhas eram convidados e recebidos *con grande carità e amore*, diz o Padre Ripario.

As comemorações e divertimentos tomaram, num dado momento, tal amplitude que tiveram de ser regulamentados. Os convites passaram a ser endereçados apenas às duas ou três reduções mais pró-

332. Peramas, *De adm. guaran.*, §§ 101-102, Cardiel, *De moribus*, cap. VI.

333. Sepp, *Reisebeschreibung*, p. 212.

334. Em Itapuã, a fachada da igreja foi decorada com um tríptico representando, à esquerda, a Piedade, com a inscrição *Pietate duce*; à direita, a Sabedoria, *Sapientia comitê*; no centro, uma venerável figura feminina, simbolizando a Companhia de Jesus, com a inscrição *Centenária Societas Jesu triumphat* (Pastells, tomo II, n. 922).

ximas. O regulamento de 1689 determina, exatamente, todos os grupos. Por exemplo, “Loreto, Corpus e Santo Inácio convidar-se-ão entre si, e não a outras reduções.” Os corregedores e notáveis passavam a ser desde então os únicos convidados, com alguns cantores, se a presença destes fosse útil como reforço ao coro local.

Pelo teatro, como pela música, os jesuítas souberam não só recrear os seus neófitos, mas também fazê-los ingressar nas verdadeiras alegrias do espírito e dar-lhes acesso a certo nível de cultura cristã e humana. Um padre jesuíta, que passou por acaso um dia de Natal numa antiga redução, há uns cinquenta anos, descobriu um grupo de sete famílias guaranis que sabiam ainda cantar apropriadamente uma missa completa em honra de Santo Inácio.

Os padres também não desdenhavam compor pequenas comédias “que os índios representavam muito belamente”. As primeiras peças interpretadas pelos índios tinham sido dramas antiescravistas compostos pelo Padre Anchieta e representados com grande êxito até nas praças de cidades espanholas. Os guaranis adquiriram tal gosto pelo teatro que, dezenas de anos após a expulsão dos jesuítas, representavam repetidamente as peças que os missionários lhes haviam legado.

A pedagogia dos jesuítas era suficientemente sensata para deixar, nos outros lares, tal como no teatro, uma larga margem à distração puramente gratuita, sem intenções edificantes ou instrutivas. Nos domingos à tarde, quando não havia representação, divertiam-se organizando jogos, dançando, “mas os homens dançam sós”, diz Muratori. “Não sei se as mulheres também dançam.”³³⁵ Os melhores cavaleiros exibiam-se em concursos acrobáticos. Os jovens organizavam corridas sobre andas com seis côvados de altura; outros passeavam sobre a corda fixa, distinguíam-se nos jogos de argolas, ou executavam as danças mais complicadas. O jogo de bola recebia todos os favores. Os guaranis foram, de resto, inventores do futebol. Cardiel observa que suas bolas eram de borracha e muito mais elásticas do que as da Europa. Em vez de lançarem a bola com as mãos, jogavam-na com os pés. Até os velhos se apaixonavam pelos espetáculos esporti-

335. O regulamento de 1689 interditava às mulheres e moças apresentarem-se em espetáculo nas danças públicas.

vos. Acompanhavam o seu desenrolar fumando cachimbo, mascando fumo ou tomando rapé.

Em suma, parece que se os jesuítas tivessem querido tornar os domingos “tão monótonos quanto possível”, poderiam ter agido de outra maneira.

Por vezes, no decorrer do ano, expedições de caça vinham interromper a vida de trabalho. Os homens apreciavam essas caçadas mais do que toda e qualquer outra distração.³³⁶ Os guaranis eram fortes caçadores com fuzil e arco. “Não perdem uma ave, mesmo em voo.” Rengger observou ainda no século XIX exemplos de habilidade e de agilidade extraordinárias. Os guaranis distinguiram um pássaro a cinquenta metros, na folhagem da floresta virgem, e o alvejavam. “Quando caminham, diz outro autor, entregues à colheita de frutos ou à caça, quase não se ouve o sussurrar de uma folha. Como gatos, deslizam na espessura da folhagem, esgueirando-se pelas malhas inextricáveis das lianas.”³³⁷ Os guaranis também alvejavam os peixes com arco e flecha. O tiro com arco era o esporte favorito das crianças, um esporte nacional de antigas tradições e um meio de defesa militar. Os guaranis conservaram sempre formações de arqueiros. A caça com laço também não tinha segredos para os índios. Diz Muratori: “O que é quase inacreditável, é que os índios apanham da mesma maneira (com laço) os animais de maior ferocidade.” O Padre Cattaneo descreve em pormenor sensacionais cenas de caça, de que ele foi testemunha. A partir dos quinze ou dezesseis anos, os jovens sabem apanhar animais com o laço. O Padre Jimenez assistiu lança.

“Como em todas as repúblicas bem ordenadas, escreve o Padre Cardiel, concede-se uma atenção muito especial à educação das crianças de ambos os sexos, pois de sua educação depende a prosperidade da República.”³³⁸

O Padre Maceta, nas reduções do Guaíra, logo nos primeiros anos, ensinara a ler, escrever e calcular a todos os rapazes, sem exceções, para grande encanto de seus pais. Depois de terem assistido a um curso, os pais exclamavam: “Oh! Nunca uma criança aprendeu tudo o

336. Caçava-se o gamo, o cabrito-montês, o veado, o javali, a lebre, o pecari, o guanaco, o puma, a onça, o urso-formigueiro, o tigre. (Bourgade La Dardie, pp. 124-139, detalhes sobre a fauna do Paraguai na época.) Quanto às aves, entre outras mais comuns, o avestruz, a cegonha, “mais de vinte espécies de papagaios” (Chomé, tomo V, p. 145) e com inigualável destreza.

337. Schuster, *Paraguay*, p. 280.

338. *Breve Relación*, cap. VII, n. 6.

que vós lhes ensinais. Nunca nós pudemos ser tão bons quanto essas crianças poderão vir a ser com tal ensinança. Oh! padres bem-amados, por que haveis tardado tanto a chegar até nós?”³³⁹

A pedagogia escolar dos jesuítas era, como a sua pedagogia dos lazaristas, inspirada pelas condições de vida do povo. A escola era totalmente dirigida para a vida prática. Pode-se dizer que, durante muitos anos, foi principalmente profissional, utilitária. Enquanto certas crianças se especializavam nos trabalhos de madeira ou tecelagem, outras aprendiam a contabilidade, pois a redução tinha necessidade de fiscais, controladores e contadores. Para as meninas, tinham-se criado escolas de costura e bordados, onde se aprendia a confeccionar os ornamentos de igreja e roupas de festas.³⁴⁰

Quando a situação se tornou quase normal, por toda a parte havia duas séries completas de classes, respectivamente, para rapazes e meninas, com uma média total de dois mil alunos em cada redução. A frequência era obrigatória dos sete aos doze anos. “As meninas são igualmente obrigadas, até aos doze anos de idade, a frequentar outras escolas, onde mestras de uma virtude comprovada lhes ensinam as orações e o catecismo, leitura, fição, costura e todas as outras obras consentâneas com o sexo.”³⁴¹ Cardiel reconheceu que os guaranis leem “com notável habilidade, melhor que os nossos”. Isso deve provir, sugere o autor citado, “da vista que é aguda e da memória, que eles têm muito boa”.

Apesar das reclamações dos coloniais, que queriam impor o espanhol, era a bela língua guarani que ressoava em todas as classes. O Padre Montoya admitia que o guarani poderia “suportar a comparação com as mais ricas línguas europeias, tanto pela harmonia das palavras como pela exatidão das expressões. Cada termo é uma definição precisa, rigorosa”.³⁴²

339. Lozano, *Hist.*, livro V, cap. XVII, n. 2. O Padre Mastrilli diz coisas semelhantes, em 1627, sobre as reduções do Paraná. (*Litterae annuae paraa.*, p. 44).

340. De La Torre, Hernandez, doc. 74.

341. *Lettres Édifiantes*, tomo V, p. 234.

342. O próprio Padre Montoya conhecia a fundo a língua guarani. Compusera e fizera publicar em Madri, em 1639, um *Tesoro de la lengua guarani, que se usa en el Peru, Paraguai/ y Rio de la Plata*. O vocabulário era relativamente pobre. O Padre Anchieta, missionário no Brasil, teve a ideia de eliminar por um trabalho metódico as diferenças entre os dialetos. Conseguiu extrair os símbolos comuns e criar, difundindo depois, com a ajuda de seus confrades, uma “língua geral”. “Se ainda existe hoje em todo o Brasil uma língua geral compreendida por todos os índios e cujo conhecimento permite resolver qualquer apuro em toda a extensão desse imenso país, essa língua é obra, falando apropriadamente, dos jesuítas.” (Fülop-Miller, tomo II, p. 271).

Um século mais tarde, um missionário francês, o Padre Chomé, fez uma apreciação semelhante: “Eu jamais poderia Imaginar que no meio da barbárie se falasse uma língua que, no meu entender, por sua nobreza e harmonia, em nada fica devendo a qualquer das que aprendi na Europa. Ela possui, aliás, suas concordâncias e sutilezas, e são precisos anos para dominá-la com perfeição.”³⁴³ Contudo, após alguns meses, já era possível aos missionários fazerem-se compreender suficientemente. O Padre Cattaneo, que chegara a 1.º de dezembro de 1729, explicava o catecismo às crianças já em fevereiro do ano seguinte.

Os guaranis manifestavam uma verdadeira paixão pela arte da palavra e da expressão. Viu-se que até as mulheres pronunciavam discursos. A escola desenvolvia, metodicamente, o gosto e os dotes das crianças para a composição, a declamação, o canto e o teatro.

Quanto ao espanhol, o decreto de Filipe V pedia formalmente, enfim, que fosse ensinado a todos os alunos, mas “como se mostram extremamente relutantes, a menos que os forcem a isso, será impossível conseguir que se decidam e muito trabalho daria empregar meios rigorosos...”³⁴⁴ Entretanto, quase todos os guaranis conheciam alguns rudimentos ou algumas palavras de castelhano. Certo número compreendia perfeitamente o espanhol chegando a fazer trabalhos de tradução para os padres. Um deles traduziu de sua própria iniciativa, por zelo pessoal, vários livros de devoção, do espanhol para o guarani. Os primeiros guaranis que o Padre Florentin de Bourges encontrou por acaso, quando se perdeu certa vez numa floresta, souberam orientá-lo em espanhol. Contudo, os jesuítas abstinham-se, de modo geral, de incentivar o estudo do espanhol, preferindo, para a salvaguarda da liberdade e moralidade de seus índios, não desenvolver demais os meios de comunicação com os coloniais. Após a expulsão dos jesuítas, Bucarelli interditou o uso do guarani na escola, a fim de impor o espanhol. Fracassou. O guarani continuou sendo uma língua popular no Paraguai e além-fronteiras.

Sobre o depoimento de um viajante que ouvira um jovem guarani lendo o *Martirologio* em latim, no refeitório dos padres, vários autores repetem que as crianças aprendiam o latim. Aprendiam, simplesmente, a pronúncia e a leitura para estar em condições de executarem convenientemente os cantos litúrgicos.

343. Carta ao Padre Vanthiennen, 21 de junho de 1732. Testemunho idêntico de outro missionário, *Lettres Édifiantes*, tomo VIII, p. 239. Azara acha a língua guarani pobre, gutural e pouco harmoniosa. Não falava com o profundo conhecimento do Padre Montoya.

344. Charlevoix, tomo I, p. 240.

Os guaranis forneceram copistas dignos dos monges da Idade Medieval. Livros inteiros, em guarani, em espanhol e latim, foram copiados a mão, em caligrafia gótica ou em caracteres de imprensa, com um esmero perfeito. O Padre Sepp compara o trabalho dos copistas guaranis com os melhores do gênero na Alemanha.

Nos diversos ramos, graças a cursos especiais, os alunos mais dotados desenvolviam-se bem para além da média. “Pomo-los em estado de dirigir as manufaturas, de administrar as rendas públicas e gerir os interesses da redução, de presidir aos embarques, enfim, de exercer os cargos e empregos da República.”³⁴⁵ Os “contadores” guaranis mantinham livros bastante complicados. As fiscalizações revelavam sempre uma exatidão e ordem impecáveis.

Cursos de instrução e aperfeiçoamento foram instituídos para adultos que não se tivessem beneficiado de escola na infância. Chegou-se ao ponto de, nos primeiros tempos, “fazer repetir aos domingos, na igreja, após o serviço divino, a tabuada inteira a toda população”³⁴⁶

A doutrina cristã, ensinada na igreja, era aprendida em classe, segundo o texto de um catecismo redigido em guarani pelo Padre Bolaños, um capuchinho. Os eclesiásticos coloniais suscitaram toda a espécie de complicações aos jesuítas, a propósito desse catecismo, que na opinião dos primeiros continha erros monstruosos. Constituiu-se uma comissão de dez examinadores. Foram retidas quatro palavras suspeitas e, finalmente, declaradas ortodoxas!

O método era familiar. O Padre Cattaneo, dois meses depois de sua primeira lição, escrevia ao seu irmão: “Embora tome, de tempos em tempos, uma palavra por outra, eles compreendem muito bem o que eu quero dizer, assim como eu os entendo muito bem quando me respondem. Dou imagens aos que me respondem melhor e despeço-os todos contentes.” O Padre Sepp tinha receitas ainda mais populares. Conta ele: “No catecismo, interrogo ora este, ora aquele. Dou uma agulha, um anzol, aos que me respondem certo. Jogo-lhes laranjas, limões, pêssegos, ou consinto que atirem com arco e flecha, colocando como alvo um pedaço de carne. Esses jovens inocentes põem-se então a saltar, dando gritos de alegria: *Pay, Pay* (padre, padre), *che oro hai hu* (eu gosto de ti) *che pia guibe* (de todo o meu coração).”³⁴⁷

345. Muratori, *Relation*, p. 113.

346. *Ibid.*

347. Sepp, *Reisebeschreibung*, p. 313.

Segundo o regulamento de 1689, a juventude era liberada, a partir dos dezesseis anos, da obrigação de assistir ao catecismo durante a semana.

Ainda mais do que através do catecismo, a fé cristã penetrava no espírito das crianças pelo ambiente geral, pelo teatro e pelo canto. “Traduzimos em canto toda a doutrina cristã.”³⁴⁸ Todos os jovens guaranis seguiam cursos de canto, a partir dos quais se operava a seleção dos melhores elementos para a escola de canto coral e de música, onde se formavam os componentes do coro e da orquestra. À chegada do Padre Sepp, contavam-se três mil músicos no conjunto das reduções. Os mestres de canto e música eram todos guaranis, assim como os mestres e mestras escolares. Tinham sido iniciados na composição e regência por artistas jesuítas, como o Padre Vassaux.³⁴⁹ Os padres conservaram, mais ou menos, a função de inspetores escolares. O Padre Sepp menciona em sua ordem do dia, após a visita dos doentes, a visita das escolas, dos coros e das aulas de música.

Acima da elite de funcionários, de administradores e pedagogos, “preparada desde a infância por uma educação apropriada”, os jesuítas planejavam, ao que parece, a criação de uma elite do espírito e da sabedoria. “Eles tinham, como o aconselha Platão, separado aqueles que anunciavam dotes de talento especial, para iniciá-los nas ciências e nas letras. Essas crianças selecionadas tinham o nome de Congregação. Eram educadas numa espécie de seminário e estavam submetidas à rigidez do silêncio, do retiro e dos estudos dos discípulos de Pitágoras. Reinava entre os internos tão grande emulação que a simples ameaça de serem devolvidos às escolas comunais lançava um aluno no desespero. Era desse grupo excelente que deviam sair os sacerdotes, os magistrados e os heróis da Pátria.”³⁵⁰

Embora não deixe de contestar a realidade de certas complacências, pois que são confessadas pelos próprios padres, a opinião de Huonder, segundo a qual os filhos dos caciques teriam sido regularmente favorecidos, deve ser rejeitada em absoluto. De modo geral, as capacidades pessoais constituíram o critério único para a seleção dos futuros funcionários e magistrados.

348. Charlevoix, tomo I, p. 257.

349. Ver o Capítulo “As Artes”. *Tienen sus maestros indios*, escreveu Cardiel.

350. Rohrbacher, *Histoire de l'Église*, tomo XIII, p. 61-63.

A igualdade revela-se, verdadeiramente, como uma das características mais notáveis da sociedade estabelecida no Paraguai. Igualdade de nascimento e, quando da fundação do lar, igualdade de condições de alojamento, igualdade de oportunidades para o ingresso na vida profissional e na vida cívica, igualdade nas condições de trabalho e nas possibilidades de lazer. “Em tudo e para tudo reinava a igualdade mais absoluta.”³⁵¹ “Não há distinção entre os estados e é a única sociedade sobre a terra onde os homens desfrutam dessa igualdade, que é o segundo dos bens, pois a liberdade é o primeiro.”³⁵²

Mesmo a função mais elevada, a de corregedor, não escapava a essa lei fundamental de igualdade e não instituíra privilégio algum de fortuna e de bem-estar. “Os caciques, os capitães, os magistrados e os principais de cada povoação distinguem-se do povo; mas essa distinção não está baseada nas posses mais amplas ou mais estáveis, nem noutras riquezas que provêm do comércio ou da indústria. Assim, não anula a igualdade, como acontece entre nós ao diferenciarem-se os nobres dos plebeus, os pobres dos ricos, os amos dos servos. Distinções odiosas, por meio das quais uma parte do gênero humano se converte, para a outra, num objeto eterno de desprezo ou de inveja.”³⁵³

Os distintivos de honra concedidos aos chefes eram essencialmente os da estima e afeição dos cidadãos. Os conselheiros ocupavam os lugares reservados nas cerimônias religiosas e civis. Os que tinham bemmerecido da comunidade eram, por vezes, sepultados na igreja.

A igualdade notava-se, exteriormente, pelo vestuário, sobretudo. Homens e mulheres recebiam, em princípio, um traje por ano, as crianças dois. O tecido e o corte eram uniformes para todo mundo. Os homens trajavam “um gibão e culotes semelhantes à roupa dos espanhóis e, por cima, uma blusa de pano branco.”³⁵⁴ Muratori fala de um “gibão apertado na cintura, com calções à espanhola”. A blusa, segundo ele, era feita, “aproximadamente. como as antigas casulas sacerdotais”. É o poncho da América do Sul. O traje dos magistrados

351. Moussy, tomo III, p. 666. “Nem senhores, nem escravos” (Muratori, p. 149). “Nem mendigos, nem pobres, nem parasitas” (Charlevoix, tomo II, p. 59). “Igualdade em tudo, entre homens iguais” (Vanière, *Praedium rusticum*).

352. Raynal, *Histoire Philosophique des Deux Indes*, tomo II, p. 304.

353. Muratori, *Relation*. A segunda parte do texto é extraída da edição de 1754, segundo citação de M. Brion, em *La Légende dorée au delà des mers*. Foi prudentemente suprimida na edição de 1826 que nós utilizamos. Pelo mesmo processo, simples e delicado, o relatório de Florentin de Bourges foi “omitido” numa edição espanhola das *Lettres Édifiantes*.

354. Charlevoix, tomo I, p. 246.

e funcionários era ornado algumas vezes com pequenos distintivos. Fora das viagens e da má estação, as meias e sapatos só apareciam como indumentária de cor e de parada. Os corregedores, capitães e notáveis usavam calçados “no exercício de suas funções”. O resto do tempo andavam descalços como toda a gente. O costume estava generalizado na América do Sul. Os soldados paraguaios combateram de pé descalços ainda nas guerras do Paraguai moderno. Os homens também andavam, na maioria das vezes, de cabeça descoberta. Cardiel diz que os guaranis usam gorro ou chapéu, mais raramente. Para os homens, os jesuítas tinham introduzido o uso dos cabelos curtos, a fim de se distinguirem mais facilmente das mulheres e dos infieis.

O trajo das mulheres consistia num vestido sem mangas que descia até aos calcanhares, um cinto e uma túnica com mangas chamada *tipoi*. “As mulheres só tiram o *tipoi* quando trabalham no campo. E como seus cabelos longos e soltos se assemelham ao véu das religiosas, acreditar-se-ia estar vendo ao longe religiosas cultivando a terra. As mulheres índias cingem a fronte com uma faixa muito apertada. Nela prendem seus carregos e os deixam pousar sobre os ombros.”³⁵⁵

Sem se vestirem luxuosamente, nem com grande apuro, os guaranis apresentavam-se melhor do que a maioria dos espanhóis das colônias vizinhas. Não seria possível descobrir em parte alguma uma só pessoa andrajosa. Evidentemente, os desmazelados e os incapazes dependiam mais de cada distribuição. Os jesuítas recomendavam indulgência a seu respeito e concediam-lhes, segundo as necessidades, distribuições suplementares. Numa carta do Cabildo de S. Luís, solicitando o regresso dos jesuítas, lê-se: “Toda a nossa aldeia... e sobretudo os pobres, vos dirigem esta súplica.” O governador espanhol não tinha, com efeito, o coração dos padres jesuítas em relação aos desgraçados.

O espírito de igualdade não impedia, porém, as diferenças razoáveis e naturais. O lar, por exemplo, era à imagem dos esposos que o criavam. Onde presidia o gosto, o apuro nos arranjos e a economia, os bibelôs e recordações de família eram mais numerosos ou mais preciosos, o guarda-roupa melhor fornecido e conservado, as ferramentas mantidas em melhor estado, as provisões utilizadas mais judiciosamente, enfim, todo o mobiliário era mais confortável e convidativo. A escolha de lazers revelava também a qualidade das pessoas e o seu gênero de ocupação. É evidente que nem todos os guaranis se

355. Muratori, *Relation*, p. 151.

entregavam à pintura, à música, à leitura ou à tradução de obras de espiritualidade.

Naturalmente, essa mesma igualdade, sinal e condição da fraternidade, foi criticada como um erro pernicioso ou um cálculo maquiavélico dos jesuítas. Descreviam-se os guaranis sujeitos a um comunismo grosseiro, sob um regime em que o homem inteligente, laborioso e hábil, não era melhor recompensado tio que um inábil ou um ocioso”.³⁵⁶ Após a expulsão dos jesuítas, Azara propagou amplamente essas recriminações: “Ninguém podia extrair qualquer benefício de seu talento ou de sua atividade, de sua habilidade ou qualidade.”

Do ponto de vista do mundo individualista e egoísta, em que o lucro material era o único recurso, não era possível compreender esse mundo fundado na solidariedade e no serviço mútuo. Sabia-se que existia uma elite cívica e profissional, que ela se renovava incessantemente e se ampliava mediante o recrutamento de novos membros em toda a população — e não em algumas famílias privilegiadas. Também se sabia que as responsabilidades eram confiadas aos mais dignos e exercidas mais honestamente que em qualquer outra parte. Mas, desde o momento em que esses cargos não enriqueciam, não se podia imaginar que eles fossem desejáveis, e o talento não parecia recompensado, dado que não facultava os meios de espolar ou de humilhar o próximo...

Assim, o cristianismo, realizado socialmente pelos jesuítas no seu princípio básico de fraternidade, eliminara espontaneamente o escândalo da miséria mantida ao lado do luxo. “Não havia pobres entre eles.”³⁵⁷ A palavra da Bíblia, a respeito dos primeiros cristãos, encontrara-se aplicada de novo e, desta vez, de modo orgânico e estável, no sentido de que nenhuma família, nem indivíduo algum, se sentiam entregues à insegurança ou privados dos meios regulares de existência, no seio da sociedade.

Por esse único fato, toda a vida social estava marcada e impregnada de um caráter de coesão, de um espírito de paz e de união que as descrições mais entusiásticas, sem dúvida, mal nos deixam ainda conceber em toda a sua amplitude. Os guaranis, excursionando pelas florestas, atraíam frequentemente grupos de pagãos selvagens dos arredores e decidiam-nos a renunciarem à sua vida errante, descre-

356. Moussy, *Descripción*, tomo III. p. 666.

357. *Atos dos Apóstolos*, 4:34.

vendo-lhes, diz Charlevoix, “o prazer que existe em viver em sociedade”. Sentiam-se inteiramente à vontade, felizes e livres, nos quadros que limitavam sua vida de trabalho, de família e de ócio.

“Uma liberdade bem regulada.” A expressão é de Muratori. Pode ser conservada para caracterizar a vida social dos guaranis, em seu todo. Liberdade resultando diretamente da ordem estabelecida, que protegia os direitos de cada um, liberdade mais real que formal, como a que é ilusoriamente proclamada numa sociedade em que estão excluídas as condições primeiras da liberdade: a igualdade e a fraternidade que reinavam na República dos jesuítas.

XV

A Vida Religiosa

... esses mesmos índios que hábeis doutores pretendiam não possuir razão bastante para serem recebidos no seio da Igreja.

Charlevoix

O velho profeta dos guaranis, Tamanduaré, grande amigo de Deus, fora advertido do dilúvio iminente. Com algumas famílias, refugiara-se no alto de uma grande palmeira, providencialmente carregada de frutos. Assim sobrevivera...

Muitas outras tradições guaranis apresentavam analogias com os dados bíblicos. A crença na imortalidade era quase geral, sob diversas formas. A noção de pecado original existia de modo mais ou menos claro. Uma vez instruídos na religião cristã, os neófitos passaram a dar melhor expressão às suas anteriores ideias religiosas. Muitos pontos imprecisos ou não-formulados definiram-se. Charlevoix menciona, baseado no testemunho dos primeiros missionários: a Trindade, a Encarnação do Filho e a virgindade de sua mãe, a Ascensão do profeta que, por fim, se identificava com o sol. “Se não houvesse tão grande distância entre ele e nós, poderíamos distinguir no sol os traços de sua fisionomia.”

A existência dessas crenças explicava-se, aos olhos dos missionários, por outra tradição encontrada no Paraguai e no Brasil, e trans-

mitida pelo Padre Montoya: a América teria sido evangelizada por um dos doze discípulos de Jesus, Tomé, Pay Tuma ou Zuma, também chamado Pay Abara, isto é, Pai que vive no celibato. Pay Tuma predissera aos seus fiéis índios que os seus descendentes abandonariam a verdadeira fé, mas que, passados muitos séculos, novos enviados chegariam, armados de uma cruz semelhante àquela que ele levava consigo. Na região de Tuyati, os primeiros missionários, levando uma cruz como bordão, foram recebidos, com efeito, em nome de Pay Abara, com extraordinária alegria, que os encheu de surpresa. “Existe um grande caminho que conduz do Brasil até o Guaíra, o qual, embora muito pouco percorrido, nunca se cobre senão de pequenas ervas, e os naturais da região dão-lhe o nome de Pay Tuma.”³⁵⁸ S. Tomé, o incrédulo, teria sido, assim, o primeiro a acreditar na existência da América. Pura lenda? É permitido que assim se pense. Curiosa lenda, de qualquer modo. Após ter citado os testemunhos precisos de caciques pagãos e de jesuítas como Cataldino e Maceta, Montoya e Mendoza, Charlevoix concluiu que a coisa não parecia mais fácil de refutar que de provar.

Às reminiscências e às analogias dogmáticas não falta certo interesse. Do ponto de vista prático, para os jesuítas missionários, não suprimiam os sólidos obstáculos que se opunham à conversão dos guaranis: a imoralidade, a poligamia dos caciques, a embriaguez, o ódio aos espanhóis. Convém recordar aqui esse ponto de partida e os difíceis primeiros passos, para melhor se apreciar o nível atingido pelos guaranis no domínio religioso e moral.

Os coloniais acusaram os jesuítas de terem “evangelizado” seus neófitos com a ajuda dos soldados espanhóis. O Padre Montoya respondeu diretamente a isso: “Os soldados são os próprios missionários, que defrontam todos os riscos, incluindo a morte.”³⁵⁹ No momento em que se publicou o seu Memorial, em 1643, dezesseis missionários já tinham derramado o seu sangue “por tão nobre causa”. Os fatos relatados na história das fundações dizem-nos, por outra parte, de modo bastante claro, por meio de que processos os guaranis foram conquistados para o Evangelho. De resto, eles não faziam cerimônia alguma em abandoná-lo tão livremente quanto o haviam aceito. Quando da fundação de N.S. do Loreto, por exemplo, um dos dois chefes, Miguel Atiguaye, cedo se tornou apóstata, traiu o seu povo, aliando-se a ou-

358. Charlevoix, tomo I, p. 313.

359. *Memorial*, § 21. *Idem*, *Conquista*, § 45. Em outras missões, os padres trabalharam, efetivamente, sob a proteção de tropas espanholas..

tras tribos, e perseguiu ferozmente os missionários pelo fato de a poligamia não ser admitida. Graças à prudência e bondade dos padres, o cacique morreu cristão, apesar de tudo, mostrando sentimentos de sincero arrependimento. O cristianismo só progressivamente pôde ser revelado em sua integridade. Nas pregações públicas, observava-se completo silêncio, durante dois anos, a respeito do sexto mandamento. Em Encarnación, sob a ameaça dos paulistas, uma apostasia passageira produziu-se ainda em 1630. Dois anos antes (15 de novembro de 1628), na redução de Todos-os-Santos, os Padres Gonzalez e Rodriguez tinham sido massacrados pelo traidor Nizeu.

A fé cristã implantou-se, portanto, à custa do suor e do sangue dos missionários. As outras explicações são superficiais ou falsas. Quanto mais se estuda, em pormenor, a história dos primeiros anos, mais nos comove profundamente a presença dos esforços prodigiosos, da paciência sobrehumana, da abnegação e total esquecimento de si mesmo, da resistência física e sabedoria dos primeiros missionários jesuítas no Paraguai.

Chateaubriand, acompanhando autores coevos do gênero idílico, descreveu em *O Gênio do Cristianismo* os bons padres vogando no Paraná e entoando seus louvores a Deus. Os índios “desciam das montanhas e acorriam às margens dos rios para melhor escutarem esses cantos; muitos se lançavam na água e acompanhavam a nado a barca encantada. O arco e a flecha escapavam da mão do selvagem, os prenúncios das virtudes sociais e as primeiras doçuras da humanidade penetravam em sua alma confusa”.

Os selvagens mostraram-se, é certo, muito sensíveis à música e ao canto, e os jesuítas não deixaram de se aproveitar desse “gosto tão acentuado”. Mas as descrições poéticas não passam de puras fantasias, se não tivermos presentes no espírito as dificuldades encontradas, as lutas heroicas que provocaram e aprofundaram a conversão dos guaranis. Uma expedição feliz significava apenas o começo das árduas tarefas do missionário. Ficava ainda por construir a igreja e as habitações. Era preciso labutar, sobretudo, era preciso habituar os guaranis à vida sedentária e regular. As necessidades mais humildes absorviam o padre. O ensino religioso ocupava então muito pouco espaço.

O ex-jesuíta Ibanez queixava-se de que os seus antigos confrades “não falavam senão de vacas, curtumes e plantações de fumo”. O Padre Baucke, ao preço de dificuldades inauditas, iniciara seus ho-

mens na agricultura. Um dia; finalmente, viu-os meter mãos à obra por si mesmos. Lançou-se aos pés de uma árvore e chorou convulsivamente, cansado de se ocupar há tanto tempo, unicamente, de coisas materiais, em vez de pregar o Evangelho e batizar. Era essa a provação habitual dos missionários, obrigados a criarem primeiro homens e condições de vida humana, antes de criarem cristãos e uma sociedade cristã. Escreveu o Padre Cardiel. “Se o temporal vai bem, o espiritual vai muito bem. Se o temporal vai mal, o espiritual vai muito mal.”³⁶⁰ Os missionários de outras congregações, na América do Sul, acreditaram poder estabelecer cristandades ignorando as duras contingências terrenas e materiais, construíram invariavelmente na areia ou no ar. Os jesuítas, com um sentido espiritual e humano melhor esclarecido, criaram, passo a passo, um mundo que pode ser considerado “a perfeita imagem da Igreja primitiva”.³⁶¹ O gênero de atividade desenvolvida por eles podia parecer terra-a-terra. Mas, pelo exemplo de dedicação efetiva e de bondade em seus atos, o Evangelho era pregado, e incarnava-se mais realmente e transmitia-se mais fielmente que por toda e qualquer espécie de discursos.

Assim que foi possível, a pregação e as lições metódicas de instrução religiosa tiveram um lugar assegurado no conjunto regular de ocupações. O Padre Ripario escreveu, por exemplo, em 1637, que a instrução religiosa é dada duas vezes por semana a todo o povo.³⁶²

Os guaranis incultos do primeiro período não manifestavam, evidentemente, um interesse ardente pelas verdades da fé ensinadas teoricamente. Por outra parte, esses índios, de que nos louvam a simplicidade de espírito e a ingenuidade, não eram assim propensos à credulidade. Quando os padres falavam no fogo do Inferno, “eles respondiam calmamente que encontrariam com certeza um meio de o extinguir”, ou então diziam: - Assim não terei mais frio!³⁶³

À medida que os padres não tinham de se ocupar tão diretamente das tarefas materiais, puderam consagrar-se mais livremente ao ministério sacerdotal e ao desenvolvimento da vida religiosa. “A oração, o estudo, a administração dos sacramentos, a instrução das crianças e a pregação ocupavam-nos continuamente, e não havia ou-

360. *Relación de las misiones*, § 97.

361. Muratori, *Relation*, p. 75.

362. Carta ao Provincial de Milão, Pastells, doc. 590.

363. Muratori, *ibid.*, pág. 289; Charlevoix, tomo I, p. 161.

tro repouso que os entretenimentos reservados para depois da refeição.” Tão “repletos de virtude e mérito” eram os trabalhos dos padres que Florentin de Bourges viu em atividade na redução de S. Francisco Xavier, em 1712.³⁶⁴

Os jesuítas tornaram a religião atraente e as verdades espirituais sensíveis pela magnificência das igrejas e o fausto da liturgia. Os guaranis pagãos, crendo em Deus, tinham-no praticamente esquecido por falta de um culto organizado. Pareceu vão querer erguê-los bruscamente às formas de espiritualidade em uso na Companhia. Falando do culto entre os guaranis, Raynal escreveu na sua *Histoire Philosophique des Deux Indes*: “Os jesuítas tomaram o culto agradável, sem o converter numa comédia indecente. Uma música que agrada ao coração, cânticos comoventes, pinturas que falam aos olhos, a majestade das cerimônias, atraem os índios para as igrejas, onde o prazer se confunde com a devoção.”³⁶⁵

Mesmo durante a semana, quatro acólitos, envergando opas, cercavam o padre no altar, durante a missa. “Sua modéstia, sua exatidão na prática das cerimônias prescritas, me arrebatavam”, escreveu o Padre Cattaneo. “Acreditar-se-ia ver junto de cada altar pequenas estátuas que uma só mola fazia mover. Mas nada me parecia mais belo do que vê-los servindo, todos juntos, no altar, quando se cantava a grande missa. Tudo anunciava neles o respeito e a devoção, tudo os inspirava”.

Quando as crianças assim oficiavam, com tanta tranquilidade, recolhimento e graça, seus pais a custo os reconheciam, não acreditavam no que seus olhos viam, e sentiam-se extremamente honrados.

Também todos os dias o órgão, a harpa e outros instrumentos acompanhavam os cânticos guaranis que se entoavam durante a missa.

Antes da missa, uma breve instrução religiosa cotidiana era ministrada às crianças. Diz Florentin de Bourges: “Às oito horas, todos se apresentavam na igreja, onde, após a missa matinal, recitavam de cor e em voz alta o catecismo. Os rapazes, colocados no santuário, começam, e as meninas, colocadas na nave, repetem o que os rapazes dizem. Eu fiquei enternecido com a humildade e a devoção dessas crianças.” Excetuando os períodos de mau tempo e frio, as orações

364. O caso do Padre Sepp, atarefando-se no forno e no moinho, nas oficinas, na escola, na horta, nas estâncias e nos bosques, parece um pouco extraordinário no final do século XVII. Explica-se, sem dúvida, por uma necessidade de temperamento, mais do que por uma necessidade real, excetuando-se o período em que o Padre Sepp fundou a nova redução de S. João.

365. Raynal, tomo III, p. 305.

da manhã e o catecismo tinham lugar ao ar livre, diante da igreja. Abriam-se depois as portas. Os rapazes, seguidos das meninas, entravam cantando os salmos *Laudate Dominum e Benedicite* em guarani. Dom José Peralta, dominicano e bispo de Buenos Aires, testemunha da cena durante sua viagem de confirmação pelas missões, escreveu numa carta ao rei: “O que sobretudo me comovia era ver, no dealbar do dia, um rancho de crianças de ambos os sexos, as meninas separadas dos rapazes, entrando na igreja para entoar louvores ao Senhor, em cânticos capazes de inspirar a mais terna devoção nos corações mais duros.”

Entrementes, a igreja enchia-se, pouco a pouco, de mulheres e homens. “Uma grande multidão assiste à missa durante a semana. Em certas reduções, está estabelecido que todo o mundo compareça, tal como nos dias de preceito... O que faltar é repreendido. É ordenado que não se inflija ao faltoso qualquer penitência especial, visto que o serviço não é de preceito.”³⁶⁶

Após a missa, a assistência rezava ainda um ato de contrição, cantava em guarani o salmo *Benedicite*, depois saía no maior dos silêncios.

No domingo, toda a gente se dirigia “muito cedo para a igreja, a fim de cantar a Doutrina cristã”. Habitualmente, a missa solene realizava-se logo após. O oficiante descia primeiro até a nave e aspergia água-benta sobre o povo, enquanto se cantava, com acompanhamento de órgão, a antífona: “Tu me aspergirás, Senhor, e eu serei purificado!” O órgão apresentava-se no começo e no Ofertório. Acompanhava o coro dos chantres quando a composição da missa o permitia. O som de trombetas e tambores ressoava no Evangelho, no Sanctus e na Elevação. Desde a Setuagésima até à Páscoa, somente o canto gregoriano era permitido. O resto do tempo cantavam-se, de preferência, missas com música, variando-as de domingo para domingo. O Papa Bento XIV falou diversas vezes, com os mais vivos elogios, do culto nas igrejas guaranis e citou-as como modelo. A boa ordem era assegurada por toda uma hierarquia de coadjuvantes. “Há em cada redução um primeiro sacristão e dois outros que lhe estão subordinados, seis coadjuvantes que envergam cabeção e longo hábito, com a cauda arrastando três ou quatro palmos, à maneira dos sacerdotes espanhóis... Todos os

366. Cardiel, *Breve Relación*, cap. VII, n. 4. Cardiel menciona o açoitamento dos zeladores de crianças, na igreja. Contudo, diz ele, tudo se passa com “*gran quietud y silencio*”.

cargos de que acabo de falar são muito procurados, e aqueles que os obtêm cumprem os deveres com uma admirável exatidão. Os noviços das ordens, mesmo os mais fervorosos, não têm um ar nem mais modesto, nem mais recolhido, no serviço do altar, do que os jovens índios que exercem o ofício de acólitos. Tudo o que serve para o ofício divino, o próprio pavimento das igrejas, é cuidado com a maior dignidade e asseio.”³⁶⁷

Flores recém-colhidas ornavam os altares durante o ano inteiro. Folhagens e guirlandas de flores naturais cobriam as paredes e enrolavam-se nas colunas. “Nos dias mais solenes, queimam-se perfumes, rega-se o pavimento com águas aromatizadas.” Charlevoix acrescenta: “Isto nada custa, porque existe neste país verdura e flores durante o ano todo; além de que os índios gostam muito dos bons aromas.”

As crianças ocupavam os primeiros lugares na igreja. Os rapazes e meninas, os homens e mulheres, estavam separados e agrupados por categorias, as quais eram colocadas sob a responsabilidade de dois ou três “zeladores”. Nada iguala, diz ainda Charlevoix, “a modéstia, a reverência, a terna devoção com que assistem ao divino mistério”.

No Evangelho, um padre subia ao púlpito e explicava o texto do dia. O sermão tanto era doutrinário como moral. Era acompanhado com uma atenção “acima de tudo o que se possa descrever”. Quanto mais longo, mais apreciado era, assegura-se. Se o assunto era tocante, a assistência chorava copiosas lágrimas. Após o ofício, diante da igreja, um dos membros do Conselho retomava, à sua maneira, o tema da pregação, sugeria aplicações e encorajava a comunidade a realizar tal ou tal instrução. Escreveu Cardiel: “Alguns repetem o sermão literalmente, outros, em substância e acrescentando reflexões devotas que lhes ocorrem. Jamais lhes falta assunto para falarem meia hora ou mais.”³⁶⁸

Durante a Quaresma, para melhor atender toda a população, pregava-se ao ar livre nos principais bairros, até duas ou três vezes por semana. O pregador contava uma história, da qual extraía simplesmente a lição. Igualmente por falta de espaço para albergar todo o mundo, em certas reduções, como a de S. Francisco Xavier, por exemplo, celebravam-se regularmente “três missas altas”, uma às seis horas,

367. Muratori, *Relation*, p. 81.

368. *De moribus Guaraniorum*, cap. V; *Breve Relación*, cap. VII, 47.

a segunda às sete horas e meia, e a terceira às nove horas. “Em todas as missas há pregação.”

Tal como nas paróquias católicas do nosso tempo, as vésperas ou o rosário, à tarde ou à noite, completavam o programa dos exercícios religiosos do domingo.

O aspecto do culto variava de estação para estação, segundo o tempo litúrgico. No Natal, as reduções rivalizavam em esmero e generosidade para montar um presépio digno do Menino Jesus. No tempo da Paixão, representavam-se diversas cenas na própria igreja. Na tarde de Quinta-Feira Santa, após o sermão da Paixão, a procissão abria com um grupo de trinta a quarenta crianças, transportando os instrumentos da crucificação. À medida que iam entrando na igreja, retornando do *patio dos padres*, cantavam em lamentação: “Eis os cravos com que o Nosso Senhor foi crucificado, por causa dos nossos pecados. Ah! Meu Salvador! Meu Senhor!” E assim para cada instrumento do suplício. Certos neófitos flagelavam-se então até ao sangue. Os jesuítas procuravam moderar essas manifestações, muito frequentes na época entre os próprios espanhóis. No Sábado Santo tinha lugar a bênção do fogo e outras cerimônias ainda em uso na Igreja. A festa da Páscoa eclodia como uma nova ressurreição, ao sair-se de uma Semana Santa assim vivida. O júbilo era então tão sensível quanto fora o luto.³⁶⁹

Os dias santos eram somente em número de dez, em virtude de um privilégio concedido pelo Papa Paulo III. Os dois mais solenes eram o *Corpus Christi* e a festa do santo patrono.

Para a festa do santo patrono de uma redução, as reduções mais próximas eram convidadas e enviavam numerosas delegações, tendo à frente o respectivo corregedor. Muratori fala de quinhentos convidados, todos a cavalo, figurando no cortejo que desfilava pelas ruas principais, desde a véspera do dia festivo, para assistirem ao ofício divino das Vésperas solenes. Após o ofício, fazia-se dançarem as crianças na igreja ou na praça. “Ao cair da noite, todas as ruas são iluminadas. Acendem-se luzes festivas e, algumas vezes, queimam-se fogos de artifício.” Os convidados passavam a noite no Colégio e nas casas particulares. Os corregedores e oficiais eram recebidos pelos seus colegas.

369. Cardiel, *De moribus*, cap. VI; e *Breve Relación*., cap. VII, n.º 39-43.

No dia seguinte, na madrugada da festa, “todos os habitantes se dirigem à igreja para aí participarem dos divinos sacramentos”. Antes da missa solene, o cortejo voltava a formar-se como no dia anterior. Ao meio-dia, um banquete oficial reunia os conselheiros, os capitães e os notáveis locais e convidados, ao passo que os músicos e os simples fiéis eram “distribuídos pelas diferentes casas da povoação”, onde os “regalavam”. A seguir ao banquete, as pessoas entretinham-se e recreavam-se “até à hora das segundas vésperas”, seguidas de torneios. “Os tenentes, todos bem montados e repartidos em várias quadrilhas, avançam em boa ordem, com as insígnias dos respectivos povoados, cujos habitantes se encontram reunidos para essa festa. Quebram inicialmente algumas lanças e, em seguida, fazem a competição das argolas... etc.”³⁷⁰

A festa do santo patrono era, assim, a grande jornada de fervor popular e júbilo cristão, o encontro em que se conjugavam e estreitavam as amizades entre as reduções e os seus dirigentes.

A solenidade do *Corpus Christi*, embora fosse também muito suntuosa, era de um carácter mais estritamente religioso. - A descrição dada pelas *Lettres Édifiantes* e por Muratori, segundo as indicações dos padres, foi resumida por Charlevoix numa bela página que ainda hoje se lê com prazer e edificação:

“Nada é comparável à procissão do Santo Sacramento, e pode-se afirmar que, sem riqueza nem magnificência, constitui um espetáculo que em nada cede ao que se vê alhures de mais rico e mais opulento. Dom Antonio de Ulloa informa-nos que, em geral, assiste-se a danças muito belas e bastante superiores às que se celebram na província de Quito; que a pompa iguala a das maiores cidades, mas que se observa mais decência e mais devoção. Eu disse que nada se vê de preciso, mas todas as belezas da simples natureza aí se combinam com uma variedade que a representa em todo o seu brilho. Ousarei dizer que ela é inteiramente viva, animada, pois sobre as flores e os ramos de árvores que compõem os arcos de triunfo sob os quais passa o Santo Sacramento, veem-se esvoaçar pássaros de todas as cores, os quais estão presos pelas patas a fios tão compridos que parecem ter toda a liberdade e terem vindo por si mesmos misturar seu alarido aos cantos dos músicos e de todo o povo, e abençoar, à sua maneira, Aquele cuja providência jamais lhes faltara.

370. Muratori, *Relation*, p. 106.

“Todas as ruas estão cobertas de toldos bem trabalhados e separados por guirlandas, festões e tapetes de verdura, em belíssima simetria. De espaço a espaço, veem-se leões e tigres presos a fortes correntes, para que não perturbem a festa, e belos peixes que brincam em grandes tanques repletos de água. Numa palavra, todas as espécies de criaturas vivas a ela assistem, como por deputação, a fim de renderem homenagens ao Homem-Deus em Seu augusto sacramento e reconhecerem o soberano domínio que Seu Pai lhe conferiu sobre todas as criaturas animadas. Por onde quer que a procissão passe, a terra está coberta de esteiras e juncada de flores e ervas aromáticas. Todos, até as crianças mais pequeninas, trabalham nessa decoração, na qual fazem também entrar a carne dos animais recentemente mortos, todas as coisas de que as pessoas se regalam nas ocasiões de grande júbilo, as primícias de todas as colheitas, para oferendá-las ao Senhor, e os grãos que se devem semear, para que lhes lance a sua bênção. O canto dos pássaros, o rugido dos leões, o rosnar dos tigres, as vozes dos músicos, o canto coral dos agrupamentos vocais, tudo se faz ouvir sem confusão e forma um concerto que é único.

“O grande estandarte real é transportado atrás do Santo Sacramento; o corregedor, o regedor e os alcaides seguram os cordões do pálido. A milícia a cavalo e a pé, com suas bandeiras e insígnias, marcha em boa ordem. Mas, por impressionante que seja esse espetáculo, a piedade, a modéstia, o respeito, a devoção, o ar de santidade que se espalha em todos os rostos, constituem o maior destaque da cerimônia, e o triunfo do Salvador do mundo em parte alguma é mais completo que neste país selvagem, onde o Seu nome era desconhecido há menos de um século”.³⁷¹

Os infiéis das vizinhanças, que também eram convidados, sentiam-se vivamente impressionados por um espetáculo tão religioso. Acontecia grupos inteiros solicitarem sua admissão nas reduções, como catecúmenos.

Outras procissões, como as de São Marcos, das Rogações e das estações do jubileu, desenrolavam-se mais simplesmente do que a de Corpus Christi, mas não menos devotamente. “Em cada cruzeiro que se encontra, a procissão para. As crianças entoam músicas relacionadas com a doutrina cristã. O povo responde em coro. Não se sai da redução senão para entrar em avenidas muito agradáveis, orladas

371. Charlevoix, tomo I, pp. 258-259.

de pinheiros, palmeiras e laranjeiras muito bem alinhados, as quais se estendem até às capelas onde a procissão deve passar. Assim, tudo concorre para excitar a devoção dos fiéis nessas piedosas cerimônias, sem que coisa alguma possa perturbá-las.”³⁷²

Escreve Florentin de Bourges: “Seria interminável, se eu entrasse nos pormenores de todas as santas indústrias que o zelo da salvação das almas inspira a esses missionários.”

Todas as devoções particulares em uso na Igreja tinham sido efetivamente introduzidas e desenvolvidas pelos jesuítas. Todos os sábados havia missa cantada em honra da Santa Virgem. Durante a sua permanência, Florentin de Bourges pode ver toda a população reunir-se cada tarde para recitar o rosário. E diz: “Não há pessoa alguma que dispense tal exercício, e aqueles que têm razões que os impedem de vir à igreja não deixam de o recitar em suas casas.” O rosário era seguido por litanias da Santa Virgem. Os próprios padres levavam consigo um rosário, como um colar, por cima da sotaina. Todos os neófitos, homens e mulheres, grandes e pequenos, seguiam o exemplo. O rosário era “o melhor companheiro de viagem do guarani”.³⁷³ O culto da Santa Virgem florescia, sobretudo entre as meninas da Congregação. Um círio precioso, “de uma brancura que não tinha igual”, ardia sem cessar diante das imagens da Santa Virgem, pelos cuidados dos fiéis devotos, que iam recolher a cera a grandes distâncias, nas florestas.

Os jovens de conduta exemplar de doze e treze anos eram membros da congregação de S. Miguel Arcanjo. Nela só eram recebidos os que se distinguiam “pela sua caridade em relação ao próximo, por seu zelo pela boa ordem e pela conversão de infiéis, assim como por sua assiduidade em aproximarem-se dos sacramentos”.³⁷⁴ “Quando cometem uma falta considerável, não haveria maneira mais sensível de puni-los que despedindo-os da congregação.”³⁷⁵

Uma só intemperança grave era suficiente para que o culpado fosse obrigado a retirar-se. O alcoolismo foi extirpado principalmente dessa maneira. O diploma de membro da Congregação era um título de glória na família. Colocavam-no frequentemente no caixão do congregacionista defunto.

372. Muratori, *Relation*, p. 86.

373. Sepp, *Reisebeschreibung*, pp. 315-16; Herran-Hernandez, *Histórica Rel*, p. 75.

374. Charlevoix, tomo I, p. 256.

375. Muratori, *Relation*, p. 110.

As diversas congregações, da Santa Virgem e de S. Miguel, do Rosário e do Escapulário, realizavam suas reuniões em rodízio, pelos domingos à tarde. A espiritualidade que aí se oferecia não era diferente da que sustentava a massa, mas só que mais aprofundada e mais diretamente orientada para o apostolado. É pela ação e irradiação da elite religiosa agrupada nas congregações que se explica o milagre dessas cidades de cinco mil, dez mil habitantes e mais, controladas, disciplinadas, educadas durante século e meio, sob a simples autoridade moral de dois missionários desarmados e, mais de uma vez, de um só missionário.

Mediante o culto solene e todas as formas de devoção coletiva, os neófitos tiveram acesso, pouco a pouco, a uma vida interior pessoal. A sua paixão pela leitura espiritual é disso uma prova. Lamenta-se vivamente não ter havido a sorte de reencontrar a lista das obras impressas em guarani. A obra do Padre Escandon em dois volumes, *Araporu Aguiye haba* (“Sobre o Bom Uso do Tempo”), é citada entre as mais em voga. Não a conhecemos.

O recolhimento dos guaranis, quando na igreja, testemunha também a qualidade de sua devoção. Todos os visitantes ficavam impressionados. Diz o Padre Peramas: “Percorri uma grande parte da Europa e da América, mas em nenhuma parte observei um recolhimento tão profundo na igreja.”³⁷⁶ O Padre Sepp fazia parte de uma equipe de novos missionários que foi recebida solenemente em Yapeyu, em 1691. Conta ele que as mulheres se encontravam, à chegada do cortejo, prosternadas diante do Santo Sacramento. “Nenhuma se voltou nem olhou para o lado. Dir-se-ia mais estarmos na presença de anjos que de seres humanos.”

Os padres davam o exemplo de recolhimento e oração. No domingo de manhã, por exemplo, quando toda a população já estava reunida na praça, antes da missa solene, e as conversas seguiam seu rumo, os padres mantinham-se em oração em suas casas, longe dos ruídos, até ao toque dos sinos.³⁷⁷

Mesmo no trabalho e na vida cotidiana, persistia certo recolhimento. Muratori fala do “feliz hábito que eles contraíram de jamais perder de vista, por assim dizer, a presença de Deus e os deveres da religião”. A religião não estava separada da vida. Era a regra da vida. Os numerosos cânticos a Deus, à Santa Virgem e aos Santos, agrada-

376. *Katholische Missionen*, 1894, p. 254.

377. Cardiel, *Breve Relación*, cap. VII, n. 44.

vam muito ao povo, que os repetiam sem cessar, por toda a parte, nas casas, nas oficinas, nos campos, nos barcos. O Cônego Gay diz que os guaranis rezavam muito: em casa, no seio da família, em viagem, oravam sempre. Recorda-se que os agricultores levavam para os campos e estátua de Santo Isidoro, seu patrono, e trabalhavam sob as suas vistas. Em cada oficina, a imagem do santo patrono da profissão era colocada em lugar de honra.

Acima de todas as devoções particulares, os sacramentos continuavam sendo, aos olhos dos jesuítas, o meio por excelência de transformação cristã. Estes símbolos, instituídos para nos recordarem e comunicarem a presença e auxílio divinos, contribuíam para levar os guaranis ao espiritual mediante o sensível, e a impregnar de fé e religião as grandes fases da vida.

O batismo, porta de entrada da vida cristã, era consentido, como nos primeiros dias do cristianismo, a todos os que “creem”, sem que fosse exigida uma instrução pormenorizada. Contava-se, por exemplo, quatro mil índios batizados em S. Francisco Xavier, apenas cinco meses depois de ter sido fundada a redução. O Padre Cataldino só teve a sua vida salva, ao penetrar nesse povoado, graças a um ancião que esperara ardentemente o batismo após a passagem dos missionários franciscanos do Padre Bolaños. Em S. Tomé, após seis meses, toda a população, somando alguns milhares de almas, estava também batizada, “muito contente e feliz, obediente e crente em Deus”, diz o Cônego Gay.

Censurava-se veementemente aos jesuítas a facilidade com que admitiam ao batismo aqueles seres que teólogos muito sérios haviam considerado inaptos.³⁷⁸ A graça do batismo nem por isso agia menos bem nos novos cristãos. “Tão cedo se encontravam regenerados em Jesus Cristo”, eram capazes de “enfrentar a morte para ganhar novos adoradores, de não se defenderem sequer quando aqueles com quem queriam compartilhar sua felicidade lhes respondiam com frechadas e, enfim, de invejar a sorte daqueles que tinham derramado o próprio sangue por tão nobre causa.”³⁷⁹

378. *Minime capaces. ... personae miserabiles*. Os índios eram incapazes de incorrer nas censuras eclesiásticas, por falta de razão. (Concílio de Lima, 1583.) O Concílio de Lima de 1552 proclamara, entretanto, com quinze anos de atraso, a Bula do Papa Paulo III contra a escravatura.

379. Charlevoix, tomo IV, p. 162.

O batismo era administrado aos catecúmenos e aos recém-nascidos, nos domingos à tarde, “o mais solenemente possível, a fim de animar a fé do povo e inspirar-lhe o gosto pelas santas cerimônias da igreja”. O rito tanto era o da antiga igreja: três Imersões, cânticos e o hábito branco de linho, como o rito comum por infusão. O regulamento bastante paternalista de 1689 estatuiu que dois ou três anciãos bem escolhidos seriam, daí em diante, os únicos padrinhos de todas as crianças de uma redução! Os prenomes de batismo não eram nomes guaranis, mas de muitos, os mais usuais entre os espanhóis.

A cerimônia da confirmação dava aos bispos de Assunção e de Buenos Aires o ensejo de visitarem as reduções. Não abusavam dela. Em 1670, Monsenhor Guillestegui, bispo do Paraguai, visitou em três meses todo o território do Paraná colocado sob a sua jurisdição e administrou a confirmação a trinta mil fiéis. A 12 de janeiro de 1683, o bispo Antônio, de Buenos Aires, escreveu mesmo a Sua Majestade que visitara, em 1681, durante seis meses, as quinze reduções guaranis da sua diocese e confirmara mais de trinta mil almas, entre as quais oitenta mil crianças. O bispo sublinha que as reduções são verdadeiramente muito povoadas e prósperas, as igrejas espaçosas e magníficas, os índios muito bem instruídos. “Regresso com o coração penetrado da mais sensível devoção, agradecendo ao Senhor as bênçãos que não cessa de distribuir entre esses povos ainda noviços na fé, e fazendo reflexões bem tristes sobre a grande diferença que se nota entre eles e os antigos cristãos, cujos exemplos deveriam servir-lhes de modelos.”³⁸⁰

Em 1753, o Papa Bento XIV concedeu ao Superior dos Jesuítas o direito de administrar a confirmação na República Guarani e de subdelegar um padre. A viagem de Buenos Aires a Yapeyu era longa e perigosa - e também muito dispendiosa para os guaranis, que suportavam os gastos. O verdadeiro motivo do privilégio residia nas dificuldades periodicamente renascentes entre os bispos, na sua maior parte enfeudados ao sistema colonial, e os padres da República Guarani.

O confessionalário tomava muito tempo aos missionários. Todos os fiéis se confessavam, pelo menos, na Páscoa, Natal, Pentecostes, dia do patrono e durante o jubileu que a Santa Sé concedia cada ano.

380. Carta do Bispo Antônio Peralta, de Buenos Aires; Pastells, tomo III, doc. 1537 e 2283. A recepção fora tocante e grandiosa. Ver Charlevoix, tomo I, pp. 249-254, e *Breve Relación*, cap. VII, n. 72. Hernandez estabeleceu as datas das visitas episcopais: 1648, 1670, 1681, 1718, 1743, 1759 e 1764.

Florentin de Bourges diz mesmo “não haver fiéis que não se confessem e comunhem todos os meses”. Existia também o hábito de ser ouvido em confissão antes de partir em viagem ou em expedição missionária. O tempo previsto para a confissão pascal fora prolongado. Durava da Setuagésima à Oitava do *Corpus Christi*. Durante todo esse longo período, cada padre ouvia entre quarenta a cinquenta penitentes por dia. Felizmente, os confessionários eram espaçosos e confortáveis. Dois ou três dias antes de toda e qualquer festa religiosa, por pouco importante que fosse, os padres ficavam assoberbados de confissões. O Padre Sepp demorava-se regularmente no confessionário após a sua missa cotidiana. Os seus confrades das outras reduções faziam o mesmo, sem dúvida.

Após a absolvição, o confessor entregava uma espécie de cédula de confissão, uma pequena ficha com a inscrição “Confissão”. Os fiéis tinham de apresentar essa ficha para a comunhão. Era extremamente raro que ela fosse recusada. Isso podia acontecer, por exemplo, a um penitente obstinado em não se reconciliar.

Cardiel diz que as confissões dos guaranis eram muito breves. “Não se encontram nelas complicações nem histórias... Em boa parte dos casos, nem havia matéria de confissão. Quando o padre os interroga, eles respondem: - Vim para que me desse a sua bênção.”

Segundo outros padres, os penitentes guaranis não eram assim tão simples. Suas confissões tornavam-se facilmente “longas e embaraçosas”, porque eles tinham “uma infinidade de dúvidas a propor ou escrúpulos a aliviar”. “Nunca se cansam de interrogar o missionário com uma inquietação escrupulosa, para saber se tal ou tal coisa é pecado. Se se apercebem, em seguida, que ofenderam a Deus, de qualquer modo que seja, abandonam imediatamente suas ocupações, ainda as mais urgentes, e correm para a igreja para se purificar pelo sacramento de penitência. Declaram suas faltas com tal dor e gemidos que o confessor, enternecido, não pode impedir-se de juntar suas lágrimas às do penitente.”³⁸¹

Os jesuítas consagravam de bom grado uma grande parte do seu tempo às confissões, porque era aí que eles dirigiam e formavam mais profundamente e mais pessoalmente os seus fiéis e, em especial, a elite. Graças à confiança absoluta que tinham inibido conquistar, sua influência era quase ilimitada. Os neófitos ter-lhes-iam contado toda

381. Muratori, *Relation*, p. 84.

a sua vida, mesmo fora do confessionário. Contudo, “a fim de que os cristãos tenham a liberdade de confessar-se a sacerdotes estranhos”, os missionários das diversas reduções deslocavam-se algumas vezes de umas a outras, para ouvir a confissão. Esse intercâmbio era, de regra, durante a Quaresma.³⁸²

Via-se “frequentemente homens e, por vezes, mulheres” fazerem a confissão pública de faltas graves que não tinham outro testemunho senão Deus e pedir que lhes fosse imposta a penitência. “No que, contudo, se usa de muita discricção”, acrescentou Charlevoix. “É mesmo muito difícil que se lhes permita, sobretudo às pessoas do sexo feminino, fazerem semelhantes confissões quando a solicitam.”³⁸³

As penitências públicas impostas para certas faltas que tinham provocado escândalo, não estavam em relação com o sacramento da penitência. Intervinham para os casos de delito público, mediante relatório do fiscal. O culpado, revestido do hábito de penitente, era conduzido à igreja onde confessava a sua falta. Em seguida, era fustigado na praça, segundo o disposto no Código Penal. “Os culpados recebiam sempre esse corretivo não só sem um murmúrio, mas ainda com ação de graças, e a reincidência é quase sem exemplo.” Os jesuítas tiveram de empregar esse meio enérgico de correção sobretudo nos primeiros tempos, para “erradicar do coração dos recém-convertidos certos vícios grosseiros”. Florentin de Bourges pode observar em 1712 que as faltas públicas e escandalosas eram punidas eficazmente por uma simples reprimenda na presença de outros fiéis. Após verem um culpado punido, outros cristãos denunciavam-se, por vezes, voluntariamente, para receber a mesma pena.

O culpado punido e reconciliado beijava a mão que o castigara, dizendo: “Deus vos recompense por me terdes subtraído, por esta ligeira punição, às penas eternas de que eu estava ameaçado.” Se, indubitavelmente, a frase não é textual, exprime, no entanto, um sentimento que era real e sincero entre os guaranis, penetrados de fé e temor a Deus. Quando, no final da pregação, o sacerdote convidava os fiéis a arrependem-se de seus pecados e formularem em voz alta os seus sentimentos e votos de arrependimento, ouviam-se os assistentes suspirar, soluçar e declarar publicamente seus pecados, “o que certamente fariam sem reserva de qualquer espécie, se não se tivesse posto ordem

382. Regulamento de 1689, § 19.

383. Charlevoix, tomo I, p. 253.

nisso”.³⁸⁴ Também se infligiam como penitência horas suplementares de trabalho. Durante a grande penitência oficial da quaresma, as caçadas e viagens eram suprimidas.

A recepção da Eucaristia foi de início muito restrita e mesmo absolutamente interdita, em virtude dos preconceitos do tempo, que os jesuítas não podiam ou não ousavam superar. O segundo Provincial do Paraguai, Pierre do Onate, decidira que a comunhão sacramental só seria introduzida sete anos após a fundação de uma redução. Os neófitos guaranis foram admitidos à Santa Eucaristia, pela primeira vez, em 1618. A regra dos sete anos subsistiu para os que eram filhos de pais pagãos. Só eram admitidos “depois de grandes provas”, depois de serem capazes de “discernir, como o Apóstolo o ordena, esse alimento da alma” e darem testemunho de “uma verdadeira fome”. Charlevoix conta que certos neófitos passaram até dois dias sem tomar qualquer alimento, a fim de serem admitidos à comunhão. “Em vista do que dissemos sobre a sua voracidade e a facilidade com que digerem, nada realça melhor a verdadeira fome que eles tinham desse maná celeste”, acrescenta aquele autor. No dia da primeira comunhão das crianças, os pais e os irmãos e irmãs mais velhos também comungavam. As crianças, coroadas de flores, levavam um círio na mão. Um jejum era oferecido a todas elas após a cerimônia. As comunhões gerais das festas maiores eram cuidadosamente preparadas. Durante toda a semana precedente dispunha-se a população “por meio de todos os exercícios devotos que se praticam nessas ocasiões. Adultos e crianças faziam, de costume, uma ação de graças prolongada, após a comunhão, e conservavam um recolhimento visível no decurso do dia. Não se comungava, usualmente, sem se ter confessado. Assim, numerosos fiéis não se aproximavam da Santa Ceia mais de quatro ou cinco vezes por ano. Os congregacionistas comungavam todos os meses, muitos o faziam semanalmente. “Encontrei-me num povoado, no dia da festa de Nossa Senhora. Vi comungarem oitocentas pessoas”, escreve o bispo de Buenos Aires, Fajardo. O regulamento de 1689 ordenou que a comunhão fosse dada aos enfermos, publicamente, duas vezes por mês.

O sentido completo da comunhão fora apreendido e realizado na comunidade guarani como em parte alguma acontecera ainda, desde os primeiros tempos do cristianismo. A palavra do apóstolo Paulo

384. Charlevoix, tomo I, p. 254. Muratori, p. 77. *Lettres Édifiantes*, *passim*.

aos Coríntios ressoava, através dos séculos, em todas as igrejas, como uma ríspida censura: “Quando, pois, vos reunis no mesmo lugar, não é a ceia do Senhor que comeis. Porque, ao comerdes, cada um toma antecipadamente a sua própria ceia; e há quem tenha fome, ao passo que há também quem se farte e embriague.”³⁸⁵ Na República dos jesuítas, a vida realizava o que a comunhão significava como banquete de amizade destinado a unir todos os irmãos em Cristo.

O próprio Jesus, presente no tabernáculo das igrejas, mantinha-se, ao longo dos dias, como o centro vivo que atraía e unia os corações. Ninguém passava diante da igreja sem adorar o Senhor por meio de uma humilde reverência. Mesmo os que vinham carregados de lenha paravam. Diz Charlevoix: “As igrejas raramente se encontram sem um grande número de pessoas que passam rezando todo o tempo em que estão livres de afazeres.” O Bispo Fajardo, em seu relatório ao rei, também fala do “terno amor que testemunham a Jesus, em seu augusto sacramento”. Todas as quintas-feiras se dava a bênção do Santíssimo. Florentin de Bourges escreveu que “pela concorrência de fiéis que se apresentam, todas as quintas-feiras do ano são outras tantas festas”.

O sacramento do matrimônio era administrado, habitualmente, no domingo de manhã, antes de celebrar-se o ofício paroquial. Ao mesmo tempo, abençoavam-se os noivados. Os infiéis eram admitidos na cerimônia que lhes inspirava “muita estima pela nossa santa religião”. Os homens alimentavam elevadas ideias sobre a jovem esposa, que eles tinham conhecido “donzela cheia de pudor e inocência” e agora viam honrada no santo lugar. Graças à fé religiosa e à pureza geral dos costumes, graças à casa das viúvas que protegia também as esposas sem filhos, durante a ausência do marido, os casos de infidelidade eram quase inexistentes.³⁸⁶ O Padre Montoya conta na *Conquista*

385. Primeira Epístola aos Coríntios, XI, 20-21.

386. A respeito dos polígamos dos primeiros tempos, o Papa Urbano VIII decidira que eles tinham o direito de conservar como esposa aquela das mulheres que mais lhes agradasse porque, segundo um relatório muito meticoloso do célebre teólogo jesuíta, o Cardeal Lugo, “não existia o casamento entre os índios” (Charlevoix, tomo I, pp. 403-405). Por outro lado, havia a questão da precocidade dos casamentos e dos costumes relativos à frequência e às bodas. Os primeiros padres tinham tentado elevar a idade de admissão. O regulamento de 1689 ordena que os rapazes tenham atingido dezessete anos para se casarem, e as meninas quinze. Contudo, nos começos do século XVIII, o Padre Sepp abençoava ainda uniões de moços de dezesseis anos com meninas de quatorze e quinze. Os banhos publicavam-se três vezes, com indicação dos principais impedimentos. Uma bula papal concedera aos jesuítas das reduções o privilégio de casarem sem dispensa os consanguíneos de terceiro e quarto grau.

Espiritual um pequeno episódio bastante apropriado para esclarecer o leitor sobre o nível moral atingido pelos guaranis. Foi durante o primeiro período da República. Na noite de seu casamento, um jovem da congregação disse à sua esposa, donzela devota e igualmente muito pura: “Quero que saibas ser meu desejo conservar a perfeita castidade do meu corpo, para que minha alma se conserve também pura... Se aceitas que vivamos até ao fim de nossas vidas como castos irmãos, isto será para mim a maior prova de que me amas... Pensa bem. Esta vida é breve, a outra vida é eterna. As alegrias carnavais são passageiras, suas penas infinitas. E se o casamento é permitido e bom, melhor ainda, disseram-nos os padres, é viver na virgindade. Eu sei bem que os padres nos pregam a todos que a nossa perfeição se encontra no casamento, que apazigua o apetite dos prazeres... Agora estamos casados perante o mundo, mas, no nosso segredo, seremos irmão e irmã.” A donzela declarou então que os sentimentos assim expressos também eram os seus. Ambos viveram na virgindade, sem que pessoa alguma suspeitasse disso. O esposo morreu primeiro. A esposa fez saber o seu desejo de ficar só, embora se declarasse pronta a casar de novo se o padre a aconselhasse.³⁸⁷

Quanto ao sacramento dos enfermos, os guaranis temiam muito ficar privados dele e nunca esperavam a agonia para solicitá-lo. Os enfermeiros, aliás, apressavam-se em assinalar todas as manhãs aos padres os casos graves. Quando de sua viagem de chegada, de Buenos Aires a Yapeyu, o Padre Cattaneo viu morrer de varicela várias dezenas de neófitos “Assim que se sentiam atingidos pela doença, pediam os sacramentos e os recebiam com uma devoção admirável”, escreveu ele. “Jamais uma palavra de queixa escapava de seus lábios. Ouvia-se-lhes pronunciar somente numa voz agonizante, os nomes de Jesus e Maria.” E prossegue:

“Eu administrava, certo dia, a Extrema Unção a um dos nossos índios que estava prestes a render sua alma. Outro estava deitado perto dele e tinha o rosto escondido sob a manta, como era costume dos índios. Chamou-me e como sabia um pouco de espanhol pediu para beijar o meu crucifixo, a fim de ganhar a indulgência plenária. Contentei-o imediatamente. Esse bom homem agradeceu-me da maneira mais expressiva. Prometeu-me que se recordaria de mim no Paraíso. Enfim, disse-me tantas coisas, todas mais comovedoras umas que as

387. Montoya, Conquista, § 48, em Hernandez, tomo II, pp. 37-8.

outras, que me enterneci até às lágrimas. O bom índio morreu alguns instantes depois, nos mais profundos sentimentos de devoção.

“Outro índio, homem idoso e de autoridade entre os seus, estava à morte. Fez chamar todos os homens da sua balsa e disse-lhes, num tom de voz bastante elevado para ser ouvido por todos os que o rodeavam, que morria muito contente, pois que estava conduzindo missionários no seu país. Conjurou seus compatriotas a jamais abandonarem os padres, sob nenhum pretexto. Porque, acrescentou ele, ainda que vos custasse a vida, estareis ao menos certos de não morrer sem os sacramentos. E posso vos garantir, pela minha própria experiência, que é a maior consolação que pode ser dada a um cristão em seu leito de morte.

“A maior parte dos neófitos fazia discursos semelhantes antes de morrerem. Os outros índios ficavam muito impressionados.”³⁸⁸

Os missionários contam inúmeros fatos análogos e garantem que os guaranis morriam demonstrando todos os sentimentos de fé verdadeiramente edificantes e sem temor algum. “Possa eu morrer como estes!”, exclama o Padre Sepp.

Os corpos dos defuntos, envoltos numa mortalha branca, eram colocados num féretro e depostos diante da porta da igreja, até serem sepultados segundo o rito comum. Há o carpir das mulheres no encerramento da cerimônia. O Padre Sepp menciona também sepultamentos realizados às cinco horas da tarde. O regulamento de 1689 suprimiu a exposição à porta da igreja e prescreveu aos padres que se apresentassem a domicílio para o levantamento do corpo. Quando se tratava de uma criança pequena que “viajara para o Céu”, nenhum sinal de tristeza transparecia entre os assistentes, nem mesmo os pais, tão viva era a sua fé.

Em parte nenhuma se faz menção de honorários de missa. Todas as cerimônias, missa, coros, repique de sinos, etc., eram gratuitas. O féretro, igual para todos, era fornecido pela comunidade. Todas as segundas-feiras do ano era cantada uma missa em intenção aos mortos da redução. Era seguida de um Libera me em “cada uma das cruzes que se encontram nos quatro cantos do cemitério”.³⁸⁹

388. Padre Cattaneo, terceira carta a seu irmão.

389. Charlevoix, tomo I, p. 260.

O cemitério estava “sempre situado perto da igreja”. Dividia-se em quatro grandes quadrados, respectivamente, para os homens, as mulheres, as meninas e os rapazes. Palmeira e ciprestes “que se erguiam a grande altura” cercavam a necrópole, encostados a um muro de sustentação. Toda a área era cortada de “belas alamedas, orladas de limoeiros e laranjeiras”. A alameda central conduzia a uma capela, para onde as pessoas se dirigiam processionalmente na segunda-feira, após a missa dos mortos. As campas eram rasas, de modo que o cemitério apresentava o aspecto de um canteiro florido. Os monumentos funerários, em pedra talhada ou tijolo, tinham o nome do defunto gravado e as datas. Alguns anos após as devastações causadas pelas tropas hispano-portuguesas, o Cônego Gay descobriu numerosas campas conservadas e ostentando inscrições em guarani. Ainda em 1901, M. Queirel reconstituiu inscrições como esta: *Juliana Aray, oma no em 19 de novembro, ano 1705*; ou então: *Atanaxio Mba, racaya, ano 1760*.

O sacramento da Ordem não foi conferido a nenhum guarani durante os 158 anos de existência cristã vividos sob a direção dos padres. O Padre Charles, S. J., num opúsculo sobre as reduções explica esse fato dizendo ser impossível formar os candidatos num seminário, que era inexistente. Além disso, acrescenta ele, os casamentos muito precoces não davam às vocações o tempo bastante para germinarem. Enfim, nos primeiros anos, a pobreza das reduções teria sido igualmente um obstáculo. “O sacerdote indígena teria ficado quase sem recursos.”³⁹⁰ Segundo Hernandez, os jovens guaranis teriam sido mantidos à margem do sacerdócio por causa de suas taras morais e intelectuais! Menciona a poligamia, já extirpada há imenso tempo, os “vícios pagãos” dos guaranis, seu nível intelectual extremamente baixo - “*sumamente bajo*.”

O Juízo de Muratori é, neste ponto, mais independente. “Os índios são-nos habitualmente apresentados, escreve o erudito italiano, como pessoas incapazes de se aplicarem às ciências de pura especulação. Receio bem que essa descrição seja inexata... Pode-se julgar pela extrema facilidade com que eles aprenderam a música e as outras artes que os missionários lhes ensinaram... Quando há tamanha predisposição para as artes, é crível que eles sejam desprovidos de espírito? Não é muito mais verossímil que se os índios se dedicassem às ciências,

390. Charles, *Les réductions du Paraguay*, p. 30.

seu espírito não tardaria a desenvolver-se também? Alguns dentre eles poderiam tornar-se capazes de ser recebidos na Companhia de Jesus. O Paraguai retiraria disso grandes vantagens. Esta vasta parte da vinha do Senhor não estaria tão frequentemente com falta de trabalhadores. Se os missionários ainda não tomaram esse partido, sem dúvida foram impedidos de o fazer por fortes razões. Que me seja permitido dizer, contudo, baseado no testemunho de muitas relações que tenho em alto apreço, que as cabeças índias valem bem as nossas. Só lhes falta estudo e cultura.”³⁹¹

As delicadas e muito claras sugestões inspiradas a Muratori por sua dedicação à Companhia não foram aproveitadas, infelizmente. Alguns anos depois da publicação do *Cristianesimo jelice*, o Padre Cardiel, fiel à posição oficial, escrevia ainda que os guaranis não estavam aptos para o sacerdócio, por causa de sua incapacidade para manterem a castidade do celibato católico: “*No son capaces de celibato.*” E por que lhes era impossível o celibato? Porque, diz Cardiel, lhes faltava inteligência e eram grosseiros.³⁹²

Essas injustiças de julgamento entristecem. A apologética a respeito dos guaranis não valia grande coisa no século XVIII, se bem que nessa altura fosse mais desculpável, pois supunha-se que os interesses dos próprios guaranis, tanto como os da Companhia, assim eram melhor servidos. No século XX, porém, é detestável.

Os guaranis, que comentavam com facilidade e fervor, durante meia hora, o sermão dominical, diante de toda a população, teriam podido dar, ao que parece, bons pregadores e bons sacerdotes. Teriam podido instruir-se, aprender o latim e seguir os cursos de teologia tão bem quanto os filhos dos conquistadores e num espírito mais sacerdotal. Os jesuítas do Paraguai e do Prata tinham o controle dos colégios e seminários. Dirigiam, além disso, a universidade de Córdoba. Ter-lhes-ia sido fácil dar à elite uma formação superior, orientar, em todo caso, os melhores jovens para o sacerdócio instruindo-os, *in loco*, se necessário e se houvesse o receio de reações coloniais.

Quanto à castidade, o povo que conhecia noivos e esposos geralmente tão virtuosos teria podido fornecer sacerdotes de que o clero colonial certamente não se envergonharia. Os guaranis tinham alcançado um domínio moral invejável. Assim escrevia Charlevoix:

391. Muratori, *Relation*, pp. 145 e 148.

392. “*Su corta capacidad y mucha materialidad.*” (*Breve Relación*, cap. VII, n. 17.)

“O que hoje não se contesta, em toda a América meridional, é que não se vislumbrava nestes índios o menor vestígio do seu antigo caráter, que os levava à vingança e à crueldade, à independência e aos vícios mais grosseiros. Jamais suas bocas proferem uma palavra indecente. O que ouvem ou veem mais suscetível de os escandalizar, somente lhes inspira um horror ainda maior pelo vício.”³⁹³

Nas cidades espanholas, por mais que tentassem arrastá-los, oferecendo-lhes, por exemplo, vinho com grande insistência, eles mantinham-se firmes. “O vinho é a melhor das coisas que chegam de Espanha — respondiam eles, de bom grado, não sem uma ponta de ironia. — Para nós é um veneno!”

Depois da partida dos jesuítas, um guarani, o Abade Januário Tubichapota, foi ordenado. Seguirá cursos de filosofia e teologia no seminário diocesano de Buenos Aires.³⁹⁴

As leis não se opunham à ordenação de sacerdotes indígenas. Filipe II (1588), Carlos II (1697), Filipe V (1725) e Carlos III (1766), haviam declarado que os índios podiam ter acesso a todos os cargos e ser ordenados padres. Os preconceitos foram mais fortes do que as leis civis e religiosas. Na medida em que deles se era eventualmente liberado, não se podia talvez chegar a ponto de os desafiar sem correr graves riscos. Ao que parece, era por esse prisma que se conseguia, se não justificar, pelo menos explicar de modo mais razoável uma lacuna imensamente lamentável. Se os guaranis possuísem um clero indígena, sua história ulterior poderia ter sido muito diferente no plano religioso e, provavelmente, no plano temporal.

As mulheres e as moças não receberam também a possibilidade de se consagrarem a Deus num estado à parte. Tal como os homens, teriam igualmente sido muito dignas disso. Escreve Charlevoix: “Chegamos ao ponto de inspirar nelas tão grande horror pela *impureza*, que esta as leva a submeterem-se voluntariamente às penitências mais humilhantes, por mínima que seja a liberdade que se permitam a si mesmas nesse gênero. Veem-se frequentemente donzelas que se deixaram matar pelos infiéis que as queriam seduzir. Mas, por maior segurança, ainda não se julgou oportuno exortá-las ao celibato.”³⁹⁵

393. Charlevoix, tomo I, pp. 261-262.

394. Hernandez, tomo II, p. 40. Os franciscanos também não elevaram nenhum de seus fiéis ao sacerdócio.

395. Charlevoix, tomo I, p. 257.

Na prática, desviavam-se as moças do celibato e mantinha-se fechado o acesso à vida religiosa. O Padre Charles, S. J., reconheceu muito francamente que a linha de conduta assim seguida não merecia aprovação. Diz ele: “Parece-me que teria sido possível, apesar dos preconceitos, fundar entre eles institutos de religiosas indígenas. As melhores, entre as cristãs, manifestavam espontaneamente esse desejo e queriam manter-se virgens. Nos relatos oficiais do Paraguai, escritos pelos próprios missionários, parece, por vezes, que se vai assistir à eclosão da vida conventual entre esses selvagens! É um sábado, após longa sessão confessional. O padre, no limiar da igreja, encontra um pequeno grupo de duas ou três cristãs particularmente devotas, que se aproximam timidamente. Uma delas diz: - Pai, gostaríamos tanto de pertencer só a Deus, não nos casarmos, ficar juntas para orar e praticar a virtude, não repartir o nosso coração e oferecer a Jesus toda a nossa vida! — O padre, embaraçado, comovido por esse discurso, hesita em responder. Essas moças são ainda tão jovens, o empreendimento é tão inaudito, os riscos de fracasso tão grandes e desastrosos. Recomenda o fervor, fala do bom exemplo, não se atreve a entreabrir, para essas almas, a estrada real dos conselhos evangélicos. O preconceito da época parecia intangível. Já se escandalizavam em todos os meios jansenistas da Europa com a sem-cerimônia com que os jesuítas admitiam aos sacramentos os filhos de pagãos, e os exegetas inexoráveis comentavam, com alusões transparentes, a defesa evangélica de dar coisas santas aos cães. Esses índios, puros, castos, sinceros e devotos, teriam querido consagrar à Igreja e a Cristo suas vidas e corações. Tal desejo jamais foi mitigado. O Paraguai desenvolveu-se e manteve-se durante cento e cinquenta anos sem uma religiosa, indígena ou europeia.”³⁹⁶

Os escritos dos missionários repetem todos que a fé e a virtude dos neófitos receberam mais de uma vez a confirmação do milagre prometido aos crentes no Evangelho. As narrativas de fatos mais ou menos extraordinários apresentam-se até com tanta abundância que, por reação, certos autores católicos suprimiram, simplesmente, toda e qualquer menção aos mesmos. Contudo, não convém abafar completamente o testemunho insistente de homens honestos a quem não faltava, aliás, certa dose de espírito crítico.

Quando o Padre Sepp conta que a cruz que servia de bordão aos missionários sempre os preservara, sem exceção, da mordedura

396. Charles, *Les réductions du Paraguay*, pp. 28-30.

das serpentes que infestavam as florestas, é possível acreditar, mesmo que não se queira admitir a intervenção do milagre. Quando um índio, chamado Tiago, atacado por um tigre, gritou “Jesus, Maria,” e a fera, no mesmo instante, largou a presa, deixando-a apenas com algumas escoriações no rosto, como “testemunho do prodígio e do favor divino”, tem-se ainda o direito de pensar como se queira. Mas quando o próprio Padre Montoya, por exemplo, descreve em pormenor a ressurreição de um morto, a retidão indiscutível do célebre chefe das reduções, testemunha ocular do acontecimento, a solidez bem reconhecida de seu cérebro, impedem-nos de rejeitar sem mais o seu relato, lançando-o no domínio das fábulas.³⁹⁷

O sinal por excelência, que deve permitir discernirem-se os verdadeiros discípulos de Cristo, é o amor fraternal. Ele manifestou-se por assim dizer, de um modo permanente. “Os neófitos vivem entre si como bons irmãos, e poder-se-ia aplicar-lhes perfeitamente o que a Escritura diz dos primeiros cristãos: ‘Todos os que acreditavam em Jesus Cristo só tinham um coração e uma alma.’ Um homicídio é uma coisa inaudita, até o presente, nos povoados cristãos do Paraguai. A discórdia raramente ocorre. Nunca se assistiu a processos ou querelas. O meu e o teu nem são sequer conhecidos entre eles.”³⁹⁸ A solidariedade fraterna era mais forte do que a previdência individual e fazia florir a virtude da imprevidência. Obtinha-se, além disso, uma segurança superior. Em espírito de caridade e de penitência, os guaranis ofereciam muitas vezes horas suplementares de trabalho. “Todos, ou quase todos, levam o desprendimento dos bens da terra até onde lhes é possível, com o socorro da graça. Nada possuem que não estejam dispostos a sacrificar, um dia, para aliviarem as necessidades dos outros.”

Algo da bondade e da doçura que reinavam na República dos Jesuítas subsistiu entre os descendentes atuais dos antigos neófitos. No momento em que se redigem estas páginas, encontro por acaso um compatriota de Champéry que acaba de passar vinte e cinco anos na Argentina, nos confins do território das Missões. À pergunta: - qual é o

397. *Conquista*, § 23. O mesmo milagre é contado também, resumidamente, por Charlevoix, tomo I, pp. 291-293, sem referência a Montoya. Na República Chiquita, a redução de S. Rafael foi dizimada pela peste. O reduzido número dos que não tinham sido atingidos reuniu-se na igreja. “Logo que conjuraram o Senhor, prosternados diante do altar, todos os doentes, sem exceção, acharam-se curados.” (Charlevoix, tomo IV, p. 184.) O fato aconteceu em 1705. Fernandez, p. 92, dá uma descrição tocante de uma aparição da Santa Virgem a Luc Xarupa, igualmente aos chiquitos, não aos guaranis.

398. Muratori, *Relation*, p. 93; e Charlevoix, tomo I, p. 247.

ponto que vos pareceu mais notável no caráter dos guaranis com quem teve relações? — o meu interlocutor respondeu imediatamente: — Os guaranis são muito hospitaleiros. Têm o coração nas mãos e dão com prazer o pouco que possuem. Estão sempre alegres e gostam imenso da dança. Conservo uma recordação especial de um velho guarani de oitenta e sete anos que, aliás, parecia não ter mais de sessenta. Fizera a guerra do Paraguai. Um dia em que se pôs a falar de sua mãe, ficou chorando silenciosamente durante um bom momento. E por fim disse:

- Já não existem mulheres do gênero de minha mãe e das mulheres daqueles tempos...

A ajuda mútua de redução para redução exercia-se também como um ato de amizade. Não era somente administrativa. “Se os habitantes de um povoado tinham uma colheita má, nas reduções vizinhas apressavam-se a levar-lhe alívio... Dão-lhe com que subsistirem comodamente até ao ano seguinte e com que semearem suas terras.”³⁹⁹ Quando da fundação de S. João, na margem esquerda do Uruguai, todas as reduções vizinhas ofereceram seus serviços e enviaram contingentes de homens, bois e cavalos para ajudarem nos trabalhos. Uma redução distanciada mais de cem léguas enviou também cem cavalos de tiro.

É sobretudo por seu zelo missionário que o nível da caridade cristã dos guaranis se revela. “Não há afrontas nem maus-tratos a que eles não se exponham voluntariamente, na esperança de converterem um infiel. Quando conseguem convencer alguém a visitar a redução, ele é recebido com todos os testemunhos da mais viva e sensível alegria. Mais ele parece desprovido de humanidade, mais o acarinham. Alojam-no, alimentam-no, vestem-no, cada um oferece-lhe o que tem de melhor. Ensinam-lhe a doutrina cristã e as orações da Igreja. E quando, a seguir, ele se decide a abraçar a fé, é alvo do júbilo público, a que ninguém, no povoado, se conserva insensível.”⁴⁰⁰

Quando os padres se apresentavam, em expedição missionária, nas povoações pagãs, os melhores cristãos os acompanhavam. Assim foi que o Padre Cavallero penetrou, certo dia, no território dos terríveis manacicas. “Senti-me preso de temor”, confessa ele. “Contu-

399. Muratori, *ibid.*, p. 94.

400. Muratori, *ibid.*, p. 94.

do, senti-me reanimado pela presença de um jovem neófito que estava a meu lado e que, erguendo as mãos inocentes para o céu, oferecia incessantemente seu suor e sua dor a Deus para que a fé fosse implantada entre esses infieis, e seu sangue para derramá-lo a Seu serviço.” Noutra altura, o mesmo padre evangeliza os *purakis* e tenta em vão comovê-los. Os ouvintes cercam-no, ameaçadores, e já agarram suas armas para agredi-lo. É então que o neófito Izu, que o acompanhava, “à vista do perigo que o missionário corria, avança para o meio dos seus compatriotas e, embora fosse um cristão de recente data, falou-lhes com tal poder e energia sobre a grandeza de Deus, a santidade de sua lei e a necessidade de o abraçar para ser feliz, que esses corações bárbaros, tocados pela graça, mudaram subitamente”.⁴⁰¹ Não era raro os guaranis terem êxito onde os padres haviam fracassado.

A qualidade de seu zelo aparece na característica seguinte, que agradará aos raríssimos adeptos da não-violência, cara aos primeiros cristãos. Corre o ano de 1616. O Padre Cataldino, acompanhado de um grupo de discípulos guaranis, cumpriu uma marcha de um mês, penosa e cheia de riscos, através da floresta virgem. De súbito, deparam-se com uma tribo selvagem, a dos *piropois*, que se reúnem com gritos de guerra e se armam contra o reduzido grupo cristão, igualmente armado por causa das feras. Os guaranis depõem suas armas por terra e, calmamente, pedem uma entrevista, apontando para seus peitos nus e as armas abandonadas no chão. Explicam que, para eles, a morte será uma oportunidade, se não a receberem em combate sangrento, mas como enviados de Cristo.

Surpreendido, o chefe da tribo, Aveneira, quer ver o missionário. O Padre Cataldino soube conquistá-lo e, apesar do atentado fracassado do feiticeiro da aldeia, durante a noite seguinte, o missionário mandou os seus neófitos de volta para se confiar aos seus novos amigos, no meio dos quais passou dez meses, vivendo de modo primitivo, com um alimento miserável, sem abrigo, todo dedicado aos seus índios. Quando reapareceu, trazia consigo setecentos catecúmenos.

O mais frequente era os padres não poderem abandonar a redução. Os guaranis partiam sozinhos em missão. “Após terem-se munido e fortalecido com a Sagrada Eucaristia, após terem recebido a bênção e os conselhos do seu missionário, metiam-se alegremente a caminho... Entravam em todas as habitações índias que encontravam.

401. *Lettres Édifiantes*, tomo V.

Davam a conhecer aos infiéis a felicidade que se goza ao serviço do verdadeiro Deus e o prazer que existe vivendo em sociedade. Explicavam, seguidamente, os principais artigos da doutrina evangélica, e assistiu-se ao seu re-gresso dessas excursões com mais de sessenta famílias de diferentes nações, que não tinham qualquer afinidade com eles e que cedo se encontravam como naturalizados.” Não sem dificuldades; muitas vezes, a “língua, os costumes e o caráter dos pagãos, assim atraídos nada tinham de comum com os guaranis. Antes de os apaziguar e de os fazer compreender aquilo que era preciso ensinar-lhes, não faltavam os desgostos, e uma enorme paciência era requerida; mas todos os neófitos, até as mulheres e crianças, compartilhavam desse trabalho com os missionários”.

Com o mesmo espírito apostólico, certo cacique “ocupava-se na tradução das prédicas e sermões, a fim de facilitar aos novos missionários o exercício, o mais depressa possível, das funções do ministério evangélico”. Duas reduções foram fundadas graças a outro cacique, “impregnado de espírito apostólico” e que não cessava “de percorrer todo um cantão com sua mulher, também batizada há pouco tempo”. O cacique Francisco Arayaz, de S. Tomé, empreendia também, anualmente, uma proveitosa excursão. Verdadeiramente, o zelo exercia-se “de um modo quase incrível e que tinha algo de prodigioso”.

As conquistas têm seu preço. “Muitos desses apóstolos neófitos conheceram a ventura de derramar seu sangue por Jesus Cristo, e as notícias de tais mortes só excitavam, entre seus irmãos, uma santa emulação pelo martírio”. Em 1726, o Padre Herran escrevia: “Contamos já com cem mártires da caridade, que deram suas vidas para a conversão dos pagãos”. Trinta guaranis foram massacrados de uma só vez pelos paiaguás, com os padres Marco e Silva. Os nomes dos mártires guaranis parece, infelizmente, não terem sido transmitidos tão fielmente quanto teria sido possível e justo.⁴⁰² Conservamos, pelo menos, alguns prenomes: Francisco, “moço de uma grande inocência de costumes que, depois de ter vivido doze anos numa das reduções do Paraná, ofereceu-se para acompanhar o missionário, a fim de servir-lhe de intérprete”. Foi massacrado a golpes de dardo, quando acompanhava o Padre Blende; Aniceto, morto pelos paiaguás, com quem

402. A propósito do martírio dos padres Gonzalez e Rodriguez, a 15 de novembro de 1628, cita-se o nome do instigador, Potivara, do chefe da conspiração, Niezu, de dois executores, Carupé e Marangoa, mas o nome de um velho catecúmeno, morto por ter protestado, foi entregue ao esquecimento,

“tentara estabelecer amizade por meio de pequenos presentes”, a fim de os fazer ouvir a palavra de Deus; Boaventura, sacristão do Padre Lizardi, com este martirizado e com “uma dona índia” chamada Isabela, na redução de Concepción. Enfim, não merece ser conservada, mesmo sem nome, a história daquela criança de coração torturado por não ter querido abandonar aos pagãos uma imagem da Virgem? “Essa criança, quando foi obrigada a bater em retirada com Tayaoba, lembrou-se de súbito que não trouxera consigo uma imagem da Mãe de Deus, de que ele estava encarregado e, temendo que fosse profanada pelos índios, correu sem nada dizer para reavê-la. Encontrou-a nas mãos dos bárbaros, que começavam a destruí-la; quis arrancá-la do poder deles, mas agarraram-no e, depois de o manterem algum tempo preso e maltratado, para o obrigarem a renunciar à sua religião, arrastaram-no para uma cabana afastada, onde lhe infligiram novos tormentos e por fim o degolaram.”⁴⁰³

No momento de concluir estas páginas sobre a vida religiosa na República Guarani, só podemos compartilhar do sentimento experimentado por Florentin de Bourges, em vésperas de abandonar as reduções. “Enquanto residi em Buenos Aires”, escreveu o simpático capuchinho francês, “ouvi grandes elogios à missão do Paraguai, mas confesso que tudo o que me disseram de bem não se aproxima, de maneira alguma, do que eu próprio vi. Não sei se existe no mundo cristão uma missão mais santa, modéstia, a doçura, a fé, o desinteresse, a união e a caridade que reinam entre novos fiéis me recordam sem cessar aqueles felizes tempos da Igreja em que os cristãos, desprendidos das coisas da terra, tinham apenas um coração e uma alma, e tornavam, pela inocência de seus costumes, a religião que professavam respeitável até ao gentio. Eu passaria de bom grado o resto da minha vida num lugar onde Deus é tão bem servido. Senti mesmo que esses grandes exemplos de virtude provocavam em mim extraordinárias impressões; mas os desígnios da Providência me chamavam alhures.”⁴⁰⁴

O povo guarani escreveu uma das mais belas páginas da história da Igreja. Não é exagerado pensar, como Muratori, que “a perfeita imagem da Igreja primitiva” foi reconstituída no Paraguai. Antes do sábio italiano, bispos, governadores, funcionários e viajantes tinham

403. *Lettres Édifiantes*, tomo V, *passim*. Charlevoix, tomo II, IV e VI. Muratori, pp. 128-130.

404. *Lettres Édifiantes*, tomo V, p. 243.

recorrido, como Florentin de Bourges, ao exemplo dos primeiros cristãos para encontrarem um ponto de comparação com o que haviam observado, com seus próprios olhos, nas reduções guaranis, e que lhes parecia único e inigualado. “É preciso ter visto para o considerar verossímil”, dizia o Governador Dom Balthasar Garcia Ros, num relatório enviado ao rei de Espanha. Muratori, de resto, tem o cuidado de recordar que “os primeiros cristãos não eram todos eles irrepreensíveis”. Além disso, a experiência de fraternidade dos primeiros cristãos reduzira-se a um generoso serviço de ajuda mútua baseado na renúncia e abnegação pessoal. Faltava-lhe uma organização adequada para subsistir no seio de uma sociedade cujo sistema de produção e distribuição se conservava individualista.

Os guaranis também não eram todos irrepreensíveis. Sua natureza era a natureza humana. Por isso mesmo o êxito obtido, cada vez mais total, parece admirável, de múltiplos pontos de vista.

Outros povos “primitivos” foram evangelizados por jesuítas tão devotados e inteligentes quanto os do Paraguai. Na própria América, nos grandes domínios da Companhia de Jesus, massas índias foram batizadas, instruídas e dirigidas por padres que desfrutavam de um poder muito mais absoluto que os de seus confrades das reduções. Mas o mesmo resultado não foi obtido, em absoluto.

Parece-nos elementar a observação, sobre o exemplo da República Guarani, de que, para realizar uma religião cujo princípio essencial é o amor fraterno, assegura-se uma condição de êxito insubstituível inscrevendo a fraternidade, de princípio, não apenas no papel, mas nas instituições e, em particular, no sistema de propriedade e de distribuição de bens, esses miseráveis bens da terra que um dia constituirão, de qualquer modo, a matéria do julgamento. Enquanto a distribuição dos bens não for fraterna, a fraternidade é, muito simplesmente, verbal.

O caráter fraternal das instituições guaranis e, na base, do seu regime de propriedade, explica principalmente o fervor religioso e cristão sem par que reinou durante mais de um século e meio na República comunista dos jesuítas. O homem não era forçado a ser egoísta. O seu interesse pessoal coincidia normalmente com o bem da comunidade.

Pelo contrário, não se obriga o homem a viver em contradição mais ou menos explícita e consciente com a sua fé, na medida em que se mantém um regime de propriedade baseado no egoísmo individual?

Desgraçadamente, o exemplo vivo da justiça realizada não atrai aqueles que estabeleceram sua propriedade sobre o abuso c a injustiça. Antes, exaspera-os. Por consequência...

... Os arredores de S. Nicolau estão cobertos de magníficos laranjais que formam um grande bosque. Nessa espécie de floresta vive uma dezena de famílias índias. É impossível perceber, à primeira vista, o estreito caminho que conduz às suas casas, e ninguém pensaria que ali houvesse habitantes. Mas, aos domingos, vê-se repentinamente sair uma procissão, do meio das árvores, umas cinquenta pessoas que se dirigem ao edifício do Cabildo, onde aquela boa gente depositou todas as estátuas e imagens que conseguiu salvar das ruínas da igreja e que serve, assim, de capela. Aí praticam suas devoções. Um bosque impenetrável encobre a localização de Yapeyu, a antiga capital, verdadeira cidade, fácil de reconhecer pela área ocupada por suas ruínas. Para examinar os destroços que ainda subsistem, é preciso abrir caminho com um facão de caça, através da vegetação densa que a envolve. Reconhecem-se as paredes da igreja, as do colégio, a residência dos padres, os armazéns. A fila de casas que orlava a grande praça estava sob uma dupla galeria sustentada por pilares em madeira de Urundei, a melhor essência destas paragens. Botaréis em pedra vermelha, muito bem trabalhados, sustentavam esses pilares, alguns dos quais ainda estão de pé, ao passo que outros jazem por terra, meio calcinados. Meia dúzia de famílias vive em redor dessas ruínas e de tempos em tempos desbastam um pedaço de floresta para aí semear o milho... À magnífica igreja incendiada por Chagas sucedeu uma cabana miserável cujos muros são de terra batida e cuja pobreza interior está abaixo de tudo o que se possa imaginar.

QUARTA PARTE

XVI

Assaltos do Mundo Colonial (1640-1750) — Méritos dos Jesuítas

Enquanto as comunidades guaranis se expandiam em paz e ventura, à luz do Evangelho, as trevas se adensavam à sua volta. Para preencher o vazio produzido pelo extermínio dos índios, desenvolveu-se a importação de negros. Estes assistiam à sua própria dizimação, de ano para ano. No momento da destruição da República Guarani, em 1768, 1.400.000 escravos negros, nas colônias europeias do Novo Mundo, serão os restos de nove milhões de negros importados da África durante mais de dois séculos.

A exploração dos escravos e as desordens da colonização, em geral, beneficiavam-se de apoios em todos os meios influentes. Os ministros, os nobres, mesmo a gente da Igreja, tinham-se feito atribuir dotações de centenas ou milhares de escravos, muitas vezes sem sair da Espanha. Tinham procuradores do outro lado do Atlântico, os quais deviam enriquecer-se e enriquecer seus patrões.

A consciência comum fora corrompida pelo triunfo da força. A desordem estava solidamente estabelecida. Lê-se com estupefação, pela pena do honesto Muratori, a respeito de Las Casas, o heroico defensor dos índios expulso de sua sé episcopal: “O seu zelo ardente não lhe permitia toda a liberdade necessária para ver com olhos tranquilos

o que se passava.” É preciso percorrermos a obra desconcertante de Marcei Brion, *Las Casas, Père des Indiens*, para saber o que Las Casas não conseguira observar com olhos tranquilos.

Os próprios jesuítas, assim como a maior parte dos outros clérigos e religiosos, tinham acabado por admitir na prática, se não em teoria, a legitimidade da escravatura. As universidades e os colégios possuíam seus escravos. Estes eram relativamente bem tratados. É possível que se pretendesse mantê-los em servidão para poupá-los a uma sorte muito pior, nas mãos dos colonos.

No Plata, depois de terem reagido primeiro, com clareza, contra a escravatura, e de se verem tratados como “inimigos da Pátria e flagelos devastadores da terra”, os padres “tinham sentido sua consciência aliviada”.⁴⁰⁵ Desde então, passaram a colaborar com o mundo colonial, no qual pareciam muito bem integrados.

No seio desse império de trevas, a República Guarani subsistia como o reduto da liberdade dos índios. Aí, os jesuítas ainda não haviam transigido. Pareciam querer manter essa trincheira suprema para assegurarem a honra da Igreja e da Europa.

Por sua parte, os coloniais também não tinham jamais cedido.

Se os antigos autores concedem um lugar tão diminuto à descrição das instituições e costumes guaranis, é porque estão ocupados em narrar as lutas incessantes sustentadas pelos jesuítas contra seus inimigos e os inimigos da República Guarani. Finalmente, a derrocada não sobreveio como um acidente fortuito. Será o desfecho de uma longa guerra de desgaste e de uma sequência ininterrupta de assaltos.

Desde a batalha de Mbororé (1641), que livrara finalmente os guaranis das incursões mortíferas dos paulistas, os coloniais, não contentes por terem já causado a ruína de todo o Guaiá, tinham voltado repetidas vezes à carga para fazer anular o ato régio que autorizara os guaranis a importarem e fabricarem armas de fogo para a sua defesa.⁴⁰⁶ No decorrer de todo um século, aparentemente tão calmo, que vai desde a derrota dos paulistas até ao Tratado dos Limites, veem-se suceder e acumular os incidentes, os entraves, comerciais e outros, no intuito de impedir o livre desenvolvimento da República Guarani; as

405. Relatório do Padre Torres ao General Aquaviva, Pastells, tomo I, pp. 146-151.

406. Ver, em especial, Pastells, docs. 1654, 1660, 1671 e 1702.

tentativas para molestar os padres e arruinar sua obra. Os padres, felizmente, sabiam defender-se e proteger a paz dos seus índios.⁴⁰⁷ A massa do povo guarani, tranquilamente, ignorava as ameaças que pairavam sobre ele.

Por outra parte, quando dos conflitos mais graves suscitados por certos bispos e governadores que tomavam de um modo apaixonado demais à sua conta pessoal as intenções do mundo colonial e seu ódio contra a república livre dos guaranis, a prudência dos jesuítas não foi capaz de atenuar todos os choques.

Em face dos bispos, do ponto de vista do direito eclesiástico, a situação das Missões guaranis não era nem mais nem menos complicada ou delicada que a de qualquer outra missão de religiosos. As reduções estavam sujeitas quer ao bispo de Assunção (região do Paraná), quer ao de Buenos Aires (região do Uruguai). Convém recordar que, nessa época, a regra dos privilégios particulares e exceções especiais era a única inteiramente comum a todas as dioceses. O Concílio de Trento parecia não ter ainda começado a agir. Portanto, em virtude de um antigo privilégio que datava de Pio V, os religiosos jesuítas podiam dirigir as suas reduções com uma ampla autonomia em relação aos bispos, a despeito das decisões contrárias daquele Concílio. Os decretos de Filipe II (1550 e 1554), que transformaram as reduções em *doctrinas* ou simples paróquias, não tiveram praticamente qualquer efeito.

As visitas episcopais eram extremamente raras. Mencionam-se sete em cento e cinquenta anos. Os jesuítas admitiam a inspeção do bispo no estrito domínio da administração paroquial,

407. Um exemplo: *o caso das mil famílias*. Pastells publica a seu respeito uns trinta documentos (tomo III, *passim*, n. 1729 a 2278). Se seguirmos esses documentos, ficaremos com uma noção bastante boa do encarniçamento dos coloniais, assim como da paciência e da inteligência necessárias aos jesuítas para desfazerem até ao fim tantas manobras vergonhosas. Os coloniais de Buenos Aires estavam determinados a obter do rei a transferência de mil famílias guaranis, pretensamente para a defesa daquela cidade, mas, na realidade, para renovar o rebanho humano ao dispor dos espanhóis na Capital. O primeiro documento, em 1678, é uma carta do governador ao rei. Parece que as coisas já se tinham arrastado suficientemente para chegar o momento de se embrulharem de vez. A 27 de julho de 1681, o governador dá aos jesuítas a ordem rigorosa de dirigirem as mil famílias para Buenos Aires. Seguem-se, de ano para ano, novas ordens do governador, cartas de justificação do Superior, editos reais, recursos à Audiência, requerimentos seguidos de um contrato em forma, assinado pelo cacique de S. Cosme e pelo de Yapeyu, tudo isso sem qualquer início de execução da ordem. Finalmente, o governador teve de assentir que a vida “muito policiada e próspera” dos guaranis torna-os incapazes de se adaptarem à existência que se lhes destina. Em 1691, os jesuítas obtêm um Ato Régio declarando a questão arquivada. O conflito durara treze anos. E foi apenas um pequeno incidente!

mas opunham-se com todos os seus recursos a qualquer intromissão no domínio espiritual ou no civil. Se pensarmos na mentalidade e nos preconceitos da maioria dos bispos coloniais dessa época, a circunspeção dos padres jesuítas parecerá muito justificada. Diz-se no regulamento de 1689, a propósito dos bispos em visita: “Se eles querem investigar sobre a vida e os costumes, deve-se aconselhar aos índios que não lhes prestem qualquer ajuda.” As dificuldades correntes, mais ou menos sérias, assim suscitadas entre os bispos e os padres das reduções não nos reterão.

Charlevoix consagra várias centenas de páginas a um só eclesiástico, Bernardin de Cárdenas, bispo de Assunção, o qual foi, com o Bispo de la Torre, o mais perigoso adversário dos jesuítas e das reduções. De 1640 a 1661, os padres viveram em estado de permanente alarma, por causa de Cárdenas. Esse homem prestigioso era cheio de contradições, discípulo de S. Francisco, “muito zeloso pelas missões”, no dizer de um religioso do nosso tempo, “homem, de visões e revelações, que tinha o maior cuidado em publicar ele próprio, diz Charlevoix, numa palavra, o mais perfeito e o mais perigoso extático”.⁴⁰⁸ Em 1649, Cárdenas, bispo, fez-se eleger governador de Assunção! Os jesuítas tinham-lhe resistido desde a sua elevação ao episcopado, recusando mesmo reconhecer a validade da sua consagração com o argumento de um vício de forma. Cárdenas, governador, fê-los expulsar de Assunção a mão armada. O Colégio Jesuíta foi incendiado pela população. Tudo isso, acrescenta Charlevoix, teria escandalizado imenso a cidade, “se a população não estivesse prevenida de que Cárdenas nada fazia que não fosse por inspiração do Espírito Santo”. Os padres das reduções - ainda escassamente armados nessa altura - viram chegar a sua vez de serem expulsos também. Com efeito, Cárdenas prometera aos habitantes de Assunção atribuir-lhes vinte mil guaranis da República dos Jesuítas. Em 1648, os padres já tinham sido expulsos das reduções de Santa Maria da Fé e de Santo Inácio, próximas de Assunção. A população dessas duas reduções fugira para as florestas, a fim de escapar à escravidão. Contudo, o perigo foi provisoriamente afastado da República Guarani, em virtude de Cárdenas ter sido condenado e excomungado por Roma no decurso do próprio ano em que ele expulsara os jesuítas de Assunção.

408. Schmidlin, p. 318, e Charlevoix, tomo I, p. 478.

Por incrível que pareça, o mesmo Cárdenas foi em seguida nomeado bispo de Popayan e pôde recuperar ainda a posse de Assunção como governador, com o apoio do clero secular e regular, assim como de numerosos bispos. A luta e as ameaças redobram de vigor. Durante os vinte anos que durou esse período dramático, “toda a Espanha e a Europa inteira foram inundadas de memórias horríveis contra esses missionários, memórias que os partidários de Bernardin de Cárdenas, bispo de Assunção, se encarregavam de propagar”.⁴⁰⁹

No mesmo período, o bispo de Buenos Aires, Don Cristóbul Moncha, não manifestava sentimentos mais tranquilizadores a respeito das reduções do Uruguai, sujeitas à sua jurisdição. Em 1657, com base num decreto de Filipe IV, ordenou aos padres do Uruguai que evacuassem, pura e simplesmente, as suas reduções! O bispo convidou ao mesmo tempo os eclesiásticos da sua diocese a apresentarem-se, a fim de serem providos de paróquias guaranis. A perspectiva de mergulhar nas florestas do Uruguai atraía muito pouca gente, e como era de prever que a medida de expulsão seria contestada e que não se desfrutaria muito tempo dos benefícios oferecidos, nenhum sacerdote acorreu à chamada episcopal. As coisas ficaram por aí.

A guerra reacendeu-se a propósito das dízimas, após a visita episcopal de Dom Ascona Imberto, em 1681. O conselho real, a quem a autoridade eclesiástica endossara o direito de coletar as dízimas, quis impor-se às missões dos jesuítas, quando as missões dirigidas por religiosos de outras ordens não foram inquietadas. Em 1694, um edito real condenou a República Guaraní a pagar a dízima e o tributo. O golpe, no entanto, foi aparado. Finalmente, um edito de 26 de agosto de 1748 impôs, a título de dízima, um imposto de cem pesos a cada redução.

409. Charlevoix, tomo I, p. 236. A citação seguinte, extraída da *Histoire de la Compagnie de Jesus*, de Crétineau-Joly (tomo III, p. 333), toma a narrativa precedente menos unilateral: “Entretanto, houve no Paraguai, assim como no México e na China, alguns prelados que, como na Europa, se queixaram da ambição e do desejo de progressiva ocupação de que a Companhia estava atormentada. Esses prelados eram virtuosos e cheios de zelo (à maneira colonial?). Combateram por suas prerrogativas, que receavam ver aniquiladas sob a influência exercida pelos jesuítas. É à História que compete pronunciar-se, depois da Igreja, sobre essas tristes contendas.” Na medida em que a Companhia, tão meritória noutros aspectos, deixara realmente contagiar-se por certa tendência para o imperialismo espiritual, devia ser disso purificada um século mais tarde, pela mais terrível provação de toda a sua história. Note-se que os papas Clemente VIII, Paulo III e Urbano VIII apoiaram nitidamente os padres do Paraguai, assim como S. Carlos Borromeu, “protetor declarado e benfeitor das reduções”.

Por parte dos governadores, quase todos hostis à República Guarani e aos jesuítas⁴¹⁰, os assaltos mais violentos ocorreram no tempo de Dom José de Antequera. Prolongaram-se pelos anos seguintes, assinalados pelas desordens da Comuna de Assunção (1721-1735). Antequera pode ser considerado como o chefe do primeiro partido de independência fundado na América do Sul. O programa de libertação não era antipático nem injusto. O seu erro foi reivindicar a liberdade dos colonos em relação à Espanha, negligenciando prever a mesma liberdade para os índios. Os jesuítas das cidades espanholas declararam-se imediatamente contra Antequera, porque a eleição não fora regular e, sem dúvida, também por fidelidade à ordem estabelecida e ameaçada pela nova tendência. Quanto aos padres das reduções, a preocupação de salvaguarda das suas comunidades obrigava-os em presença das ameaças e da hostilidade do partido de Antequera, a apoiarem a candidatura de outro governador, Dom Balthasar Garcia Ros, todo dedicado à Companhia e cuja eleição resultara de vias legais. Antequera recusou submeter-se. Sabia-se apoiado pela população, bem como pela maioria dos padres e religiosos, que pregavam a seu favor do alto dos púlpitos. Dom Balthasar Ros foi preso, e os jesuítas, mais uma vez, expulsos de Assunção (1724). Um pequeno exército guarani, mobilizado nas quatro reduções mais próximas e acampado junto da fronteira, foi atraído para uma cilada e pulverizado pelas tropas de Antequera. Morreram seiscentos guaranis e cento e cinquenta foram feitos prisioneiros e reduzidos à escravidão. Antequera fez avançar seu exército na direção das quatro reduções, que tiveram de ser evacuadas. Mas, tomando conhecimento de que cinco mil guaranis chegavam do interior, ordenou a retirada. Após a batalha de Tebiquari, as autoridades coloniais superiores abandonaram o candidato dos jesuítas e nomearam um novo governador, que não teve maior êxito em impor-se contra Antequera. O vice-rei foi então obrigado a dar-se conta da envergadura revolucionária do movimento de Assunção, que ele até aí fingira encarar como uma reação de defesa contra os jesuítas e a ameaçadora República Guarani! Antequera, preso por mero acaso no Plata, foi levado para Lima e condenado à morte. Toda a população

410. A desconfiança e a hostilidade dos altos funcionários explicavam-se, em parte, por certos privilégios perigosos que os jesuítas tinham obtido ou aceito. Por exemplo, podiam literalmente mandar passear na Espanha um comissário régio cuja ação lhes parecesse nefasta. O Padre Perline, reitor do Colégio de Buenos Aires, que usou desse privilégio, foi, é certo, cassado de suas funções pelo Padre Vitelleschi, Geral da Companhia (Charlevoix, tomo I, pp. 318-319.)

de Lima tomou o seu partido. Um franciscano colocou-se mesmo sob o cadafalso, no lugar do condenado.

Ante a notícia da execução de Antequera (1731), a população expulsou uma vez mais os jesuítas de Assunção. A capital do Paraguai organizou-se numa “Comuna” revolucionária. Corrientes aderiu ao movimento, começando por prender o seu governador. No meio da desordem, a primeira ação prevista pela Comuna foi um ataque às reduções. O plano dos *comuneros* era ocupar as reduções de Santa Maria, Santa Rosa, Santiago e Santo Inácio-Guaçu, para aí se entrincheirarem nos pântanos intransponíveis pela cavalaria. O procurador das missões, o Padre Herran, enviou um relatório ao vice-rei para informá-lo e hipotecar-lhe sua confiança. O vice-rei duvidava da possibilidade de dominar os rebeldes pela força. Dois mil *comuneros* avançaram contra as primeiras posições guaranis, novamente estabelecidas nas margens do Tebiquari. Na noite de 15 de maio de 1743, os guaranis atravessaram o rio, cercaram a cavalaria e aprisionaram trezentos homens. As outras tropas debandaram e foram perseguidas, em fuga, até às portas de Assunção.

Nessa altura, o rei nomeou um novo governador, Dom Manuel, e ordenou a mobilização de um exército, em Buenos Aires, para abafar a rebelião. Por sua parte, sete mil guaranis mantinham-se a postos na fronteira. Os *comuneros*, intimados, receberam Dom Manuel como governador. “Estavam muito contentes com ele”, mas, tendo sido previsto o restabelecimento dos jesuítas, Dom Manuel foi assassinado. Depois de alguns distúrbios e pilhagens, mantendo-se o deão da catedral e o capítulo partidários da Comuna, um velho capuchinho, o Padre Arregui, bispo de Buenos Aires, de oitenta e dois anos de idade, foi aclamado governador. Os funcionários suspeitos à Comuna foram cassados, os nobres gradualmente eliminados, seus bens confiscados, até que o velhote, débil e assustado, tratou de voltar à sua diocese. Foi mobilizado então um novo exército guarani. Doze mil homens postaram-se na fronteira, prontos para marcharem sobre Assunção e cooperarem com o exército real que se punha em movimento em Buenos Aires. Foi suficiente a sua presença. Os guaranis não tiveram de disparar um tiro, e nove mil foram quase imediatamente licenciados. Assunção submeteu-se... (1735). A República Guarani pôde julgar-se fora de perigo.

Nas reduções, ao sair desse período de desventuras, 5.309 viúvas choravam seus esposos, mortos em combate, prisioneiros escravos ou fulminados em massa pelas epidemias de escarlatina, varíola e sarampo que durante vários anos seguidos grassaram no exército guarani e tinham causado muito mais baixas do que os combates.⁴¹¹ Apesar das mobilizações, evacuações, doenças e da própria penúria que se fez sentir, durante certo tempo, no norte do Paraná, o zelo dos neófitos não abrandara, nem sua disciplina sofrerá quebras.

O caudal de acusações propagadas contra os jesuítas do Paraguai, desde o tempo de Cárdenas, não diminuiu depois da submissão forçada dos partidários de Antequera. Madri ordenou, por conseguinte, uma investigação minuciosa, que redundou em 1743 na publicação ao Grande Decreto de Filipe V. A Inanidade e o caráter caluminoso das queixas acumuladas durante um século foram explicitamente reconhecidos no decreto. Para os jesuítas, foi uma vitória decisiva no plano moral. Não teria, porém, repercussões nos fatos. Novos panfletos vieram a lume na Europa e na América, anônimos, grosseiros e ineficazes, no começo, depois mais perversos, quando o ex-jesuíta Ibanez e o primeiro-ministro franco-maçom de Portugal, o Marquês de Pombal, entraram em ação. Na Inglaterra, Espanha, França e outros países, os colegas das lojas maçônicas e os “filósofos” do Iluminismo ampliaram a campanha. Vê-la-emos atingir sua verdadeira finalidade: a supressão da Companhia de Jesus em Portugal, na Espanha e nas colônias, depois em todos os países católicos.

Os Jesuítas das Reduções

Lacunas e Méritos — Novas Fundações

Em consequência do triunfo obtido no século XVIII pelos adversários dos jesuítas, os padres das reduções continuaram sendo vítimas dos antigos preconceitos vitoriosos. À parte os seus defensores habituais, poucos são os historiadores que lhes prestam justiça de um modo apropriado. O verdadeiro caráter da experiência guarani encontra-se falseado.

411. Estatística de 1739, Hernandez, tomo II, doc. n.º 49.

Quando se é forçado a confessar, por exemplo, que os jesuítas não merecem a acusação de terem enriquecido na direção do comércio externo, deixa-se pairar a ideia de que, pelo menos no segundo período, eles tinham perdido seu espírito apostólico e deixavam-se meramente viver nas posições obtidas, no luxo e na ociosidade, saboreando o prazer de dominar e de ter triunfado. É surpreendente ver graves autores como Schuster escreverem, mesmo no século XX, a propósito dos missionários do Paraguai, defensores da liberdade dos índios, frases como esta: “Esses jesuítas, para quem nada era mais odioso do que a liberdade...”! Os métodos de educação aplicados nas reduções são também interpretados como se formassem um conjunto meticulosamente estudado para manter indefinidamente os guaranis no nível de um povo menor, incapaz de autossuficiência.

Contra a tenacidade e a injustiça de muitos juízos assim mantidos a respeito dos padres do Paraguai, a cólera, muito compreensível, e as contestações maciças, à maneira de Hernandez, não produziram qualquer efeito até aqui. Os homens dificilmente acreditam que uma obra humana complexa se tivesse mantido perfeita por tanto tempo, sem uma sombra ou mácula, e que todas as críticas fossem desprovidas de fundamento. Começamos, pois, por confessar que houve lacunas.

Todos reconhecem que, no momento da expulsão dos jesuítas, os guaranis ainda não tinham alcançado sua plena maioridade cívica e intelectual. Sem diminuir os méritos dos padres, com alguma possibilidade, talvez, de melhor os fazermos reconhecer, é possível, graças a dois séculos de perspectiva, indicar abertamente o que teria podido acelerar a maturidade do povo guarani. É permitido lamentar que os jesuítas das reduções não tenham alimentado todos, uma vez estabelecida a república, o mesmo idealismo esclarecido e generoso dos fundadores, os padres Cataldino e Maceta, que proclamavam sua ambição de “fazer homens” e organizaram primeiramente a instrução pública generalizada. O sentimento nacional, muito excitado entre os espanhóis da época, determinou com muita frequência um espírito de superioridade, em relação aos índios, pouco próprio ao favorecimento dos métodos personalistas de educação. Mesmo os corajosos padres não-espanhóis, como o Padre Sepp, chegavam ao Paraguai, no final do século XVII, imbuídos da excelência de sua raça e terrivelmente propensos a tratarem todos os índios com uma condescendência “caridosa”, como crianças grandes e incapazes de tomarem a responsabilidade

de suas pessoas. O Padre Sepp, no decorrer de sua viagem de Buenos Aires para as reduções, não tentou ingenuamente persuadir um índio a vender-lhe seu filho pequeno em troca de algumas agulhas, anzóis e um pouco de fumo! Tendo a mãe do menino resistido energicamente a semelhante transação, o Padre Sepp lançou suas vistas para a irmãzinha dele. E conta o missionário: “Mas o amor natural resistia, e o espírito infernal atiçava ainda mais esse fogo materno, de maneira que quando... eu pensava já ter a criança na mão, sua mãe recusou-a.”⁴¹² Era essa a mentalidade geral do tempo.

Iniciando suas atividades junto dos guaranis com preconceitos tão profundos, os padres nem sempre se libertavam facilmente de todos eles. Seu comportamento em face dos neófitos disso se ressentia. Já o vimos a propósito dos jovens de ambos os sexos, privados do direito de seguirem uma vocação sacerdotal ou religiosa. Além disso, se as formas democráticas se conservaram perfeitamente em vigor na vida econômica e política, segundo a descrição desenvolvida ao longo dos capítulos precedentes, descobre-se, entretanto, uma série de indícios reveladores de que os padres não ingressavam todos no espírito do sistema estabelecido, mas procuravam, pelo contrário, fazê-lo evoluir num sentido reacionário.

O desprendimento e a simplicidade fraternal do Padre Caltaldino, no meio de seus índios, subsistiam como um ideal que nem sempre era perfeitamente respeitado. Para nos cingirmos ao Padre Sepp, homem de natureza simples e origem popular, sete boys estavam ao seu serviço. Uma hora antes da aurora, o galo despertava o sacristão, que acordava o boy Francisco Xavier, o qual despertava o padre e acendia as velas. O regulamento de 1689 autorizara os padres a conservar no máximo seis rapazes em seu serviço pessoal. Isso podia ser muito razoável, segundo as necessidades da casa. Mas vê-se pelo exemplo do Padre Sepp e por outros pormenores significativos que a função tendia de certo modo para o gênero “pequeno pajem”.⁴¹³

Os métodos da vigilância e controle também parecem ter sido ditados, muitas vezes, por uma pedagogia pouco confiante. Um padre fazia agrupar-se a população por bairros, diante da igreja, antes da

412. *Reisebeschreibung*, p. 185. O Padre Sepp inscreveu em grandes letras a palavra *Germania* na cruz que ele preparou para celebrar sua primeira missa nas reduções.

413. Tendo os padres uma vida sobrecarregada, um serviço de leitura, este Justificado, funcionava durante as refeições. Um rapaz lia ao padre a Santa Escritura em latim, depois a vida dos santos em espanhol e, finalmente, o martirológico. (Sepp, *ibid.*, pp. 320 e 326).

missa do domingo, para o controle de presenças. Outro conservava ele próprio as chaves dos grandes armazéns. Aconteceu mesmo serem as crianças incitadas a colaborar na fiscalização dos costumes.⁴¹⁴

Mereciam os guaranis ser tratados como menores?

Hernandez diz que sim. Antes dele, os padres das reduções haviam falado frequentemente da “fraca compreensão” desses “pobres índios”, que não têm “o menor discernimento”.⁴¹⁵ Charlevoix resume fielmente tais opiniões repetindo que “esses índios têm, naturalmente, o espírito bastante tapado”. Na página seguinte, porém, lê-se que os guaranis “notabilizam-se, como por instinto, em todas as artes a que se aplicam”. Todos os missionários citam igualmente, inúmeras vezes, milhares de fatos e réplicas espirituais que testemunham, superabundantemente, a inteligência e a vivacidade mental desses guaranis providos de espírito. Depois de ter considerado os dotes variados que os próprios padres reconheciam em seus neófitos, Muratori concluía, como já foi dito, que “as cabeças índias valem bem as nossas” e que elas poderiam mesmo ter fornecido cabeças de jesuítas. O que Muratori deduzia de um estudo indireto, como nós, o Deão Funes pôde observar diretamente: “O talento de imitação destes índios era admirável em todos os domínios, e seu espírito inventivo era brilhante.”⁴¹⁶ No ardor de descobrirem o mundo das artes e ofícios, os “neófitos” manifestaram uma vivacidade de espírito e uma riqueza natural exuberantes. Cite-se o caso do mestre-artesão e artista chamado Paíca, que fabricava “toda a espécie de instrumentos de música e tocava-os com uma destreza admirável, que gravava no bronze depois de o polir, que fazia esferas astronômicas, órgãos de uma invenção nova e uma infinidade de outras obras dessa natureza.”⁴¹⁷

414. Pastells, tomo I, p. 544; Cardiel, *passim*; e Ripario, citado na *Faraquar. Hist.*

415. *Kein einziges Judicium, Mass oder Ziel (Reisebeschreibung*, pp. 231 e 291) Teria sido proveitoso para muitos missionários desse tempo poderem ler a recente Instrução da Propaganda pontifícia, recomendando evitar os juízos superiores e desdenhosos sobre os povos a evangelizar, (A. A. *Sedis*, tomo XXXI, 1939, p. 269). Os guaranis talvez não estivessem predispostos a pensar em termos escolásticos. Daí a decisão de que não eram inteligentes.

416. Citado por Paul Lafargue, *op. cit.*, p. 749. Os guaranis, que sobreviveram em condições miseráveis, apresentam-se hoje, sobretudo, como degenerados. Entretanto, a sua inteligência não desapareceu. Schuster estudou em 1910 uma tribo da região do Paraná. Suas observações coincidem, ponto por ponto, com as de Rengger, feitas um século antes. Diz ele: “De modo geral, as capacidades dos guaranis parecem-me ter sido absolutamente subestimadas. *Paraguay*, p. 282.

Contudo, o rápido desenvolvimento dos guaranis não deve fazer esquecer que seus ancestrais mais próximos, encontrados pelos jesuítas nos pampas do Paraguai, eram, verdadeiramente, a tal respeito, crianças grandes, cujos dons naturais não tinham sido despertados e que exigiam ser, inicialmente, dirigidos de modo paternal. Isso explica, por parte dos missionários jesuítas, certo paternalismo. De resto, quase todos estão de acordo em dizer que os jesuítas “usaram sua autoridade com uma doçura e moderação que não se pode deixar de admirar... Se consideravam seus índios crianças grandes, como tal os cuidavam e tratavam. Mas as crianças chegam à idade em que se transformam em homens, e as nações crescem como eles. A época da virilidade teria chegado para os guaranis, e seus dirigentes deveriam ter sabido conduzi-los nessa nova fase de sua evolução”.⁴¹⁸

De fato, a análise do brusco e trágico desfecho da história guarani leva-nos a pensar que os jesuítas, como bons pais de família absorvidos em suas preocupações, não notaram a tempo que “suas crianças grandes índias” sentiam ter chegado à idade adulta e aspiravam agora a uma emancipação mais completa. Os simples cidadãos guaranis, nas assembleias políticas, assim como os conselheiros, nas sessões hebdomadárias do Cabildo, davam provas de uma sabedoria e de uma sensatez que os padres reconheceram na ocasião e que deveriam ter merecido a sua confiança. Não obstante, os Superiores acharam mais simples restringi-los aos conselhos locais ou comunais, conservando para si mesmos o monopólio da direção geral. Até o fim, conseguiram sempre obstar a criação de uma autoridade federal indígena. Nem sequer foi aventada a possibilidade de uma reunião ocasional de todos os corregedores. No momento do Tratado de Limites e durante a Guerra Guarani, a ausência de tal autoridade federal indígena teria consequências desastrosas, quando os Superiores distantes quiseram impor uma linha de conduta contrária à vontade e aos direitos do povo guarani. Nos anos de trégua que foram depois permitidos, o paternalismo radicado voltaria a impedir toda e qualquer reforma. A confusão moral causada pela atitude dos Superiores subsistirá, e os padres terão a perplexidade e a dor imerecida de ver, com estupefação, um ano após terem sido expulsos, os corregedores guaranis, reunidos

418. Azara, *Description*, XIII, e Moussy, tomo III, p. 718,

em Buenos Aires, dirigirem-se ao rei de Espanha, passando por cima deles, para exprimir o desejo guarani de uma emancipação mais completa. O paternalismo, tão compreensível nos primeiros tempos, gera-ra, ao manter-se e consolidar-se, o desvio mais grave e mais nefasto. As estruturas políticas estabelecidas pelos padres Cataldino e Maceta eram excelentes e muito avançadas para o seu tempo. Teria sido necessário concluí-las, coroá-las pela instituição de um Conselho Geral. Assim poderiam ter evoluído na linha e no espírito dados pelo gênio dos primeiros missionários.

Se se deplora aqui que o pleno florescimento de um povo tão simpático só tenha sido investigado na medida em que isso era desejável e possível; se se verifica, com pesar, que a República Guarani continuou privada de uma elite própria de nível superior, seja civil, seja eclesiástica, que tão necessária lhe seria no desenrolar dos acontecimentos ulteriores, pensamos sobretudo nas consequências do fato. Se, pelo contrário, quiséssemos estabelecer as causas e as responsabilidades, voltaríamos nossas atenções para os coloniais, que já encheram de suas proezas toda a primeira parte do presente capítulo. Eles próprios foram os responsáveis, mais que os jesuítas, pelo único desvio que merece inteiramente ser registrado na obra dos missionários. Não é admirável que os padres, acossados, assediados como foram, incessantemente, tivessem podido realizar o que realizaram, apesar de tudo? Seus eventuais esforços de renovação e aperfeiçoamento encontrar-se-iam antecipadamente paralisados pela ameaça de um novo escândalo que os coloniais não teriam deixado de fazer eclodir se, por exemplo, os jovens guaranis tivessem sido enviados à Universidade de Córdoba, ou se tivessem conhecimento de que um Conselho Geral fora constituído na República.

Resta dizer que se os padres estivessem verdadeiramente animados do desejo de elevar os guaranis à sua plena maturidade cívica e cultural, teriam provavelmente encontrado, como em outros domínios, soluções discretas e adaptadas ao caso.

Deve-se também reter o fato de que o paternalismo, mais ou menos acentuado, dos padres das missões, esteve sempre impregnado de um espírito de dedicação e bondade sinceras, que não consente qualquer espécie de confusão com o paternalismo geralmente hipócrita e interessado das classes dirigentes capitalistas.

Em lugar de se repetirem às cegas as enormidades dos coloniais a respeito dos sátrapas jesuítas que mantinham seus índios prisioneiros entre muralhas, será preferível inquirir o testemunho daqueles que melhor conheceram os padres e os viram, de perto, vivendo sua vida cotidiana: os próprios guaranis. O *Pay abaré*, o reverendo padre, era ternamente amado e, pode-se dizer, unanimemente. Mesmo depois das oscilações que se registraram após a guerra guarani, a dedicação e o reconhecimento retomaram seu predomínio no sentir dos guaranis. Uma confissão insuspeita nos é fornecida pelo governador-Geral Carvalho de Mendonça, escrevendo a seu irmão, o Marquês de Pombal, promotor do decreto de proscrição de 1767: “É-me impossível submeter estes padres; sua política e sua habilidade desafiavam todos os meus esforços e a força das minhas armas. Deram aos selvagens costumes e hábitos que os vinculam indissolavelmente a eles.”⁴¹⁹ Quase um século após a expulsão, Alcide d’Orbigny, que viveu oito anos entre as tribos guaranis, deu-se conta de que a gratidão deles permanecia intacta, em relação aos padres: “Não há um só ancião que não se incline à simples menção do nome dos padres e que não se recorde, com viva emoção, desses felizes tempos.”⁴²⁰

A afeição dos guaranis era na base de confiança e estima. Durante século e meio, tinham podido observar que as obras dos padres e suas virtudes correspondiam às suas palavras. “A gravidade, a irrepreensível conduta dos padres”, impressionava-os. “Jamais uma mulher entrou no Colégio. As confissões só eram ouvidas na igreja. Os doentes de ambos os sexos eram transportados para uma enfermaria vizinha do Colégio, onde recebiam os cuidados necessários e onde os padres iam visitá-los. Tudo se passava na povoação com decência e majestade.... (Os padres) viviam sem qualquer espécie de conforto, e seus Colégios, que nós próprios vimos, em nada se distinguiam das casas dos índios, a não ser pelo número de peças, que era mais considerável... O único luxo que se permitiam era o de um belo jardim, em que havia, plantadas em profusão, laranjeiras, figueiras, pessegueiros,

419. Citado por Demersay, *Histoire du Paraguay*. Alguns anos antes, panfletos contra os jesuítas, o Papa e o rei de Espanha tinham sido distribuídos entre os guaranis, sem qualquer resultado. Verifica-se aqui um lapso ao Autor. O nome do irmão de Pombal era *Furtado* de Mendonça (Francisco Xavier), não Carvalho de Mendonça. O marquês, sim, era *Carvalho* e Melo (Sebastião José). [N. do T.]

420. *Voyage dans l’Amérique méridionale*, tomo II, p. 47.

romãzeiras, goiabeiras, bananeiras, assim como uma horta onde reuniam quase todos os legumes da Europa. Ora, esse luxo era simples e pouco dispendioso. Todo o proprietário inteligente, nas missões, poderia obtê-lo com pouco custo.⁴²¹

Os guaranis discerniam a qualidade superior da personalidade dos jesuítas, a riqueza de seu espírito, suas capacidades em todos os domínios. Compreendiam que semelhantes homens poderiam ter levado uma vida mais alta e criar sem tantas canseiras uma situação confortável, à maneira dos outros espanhóis, em vez de se esgotarem ao serviço dos nativos. Nada os comovia tanto, diz Cardiel, como saberem que os padres tinham abandonado suas famílias e pátria por eles. Os conselheiros que comentavam o sermão na praça, depois da missa dominical, voltavam frequentemente a essa ideia em suas conclusões, dizendo: “Por tudo isso, devemos, pois, respeitá-los, honrá-los e seguir suas palavras.”

Nas circunstâncias em que se encontraram sujeitos a provas, os jesuítas beneficiaram-se da bondade e dedicação de seus índios. Quando das incursões dos paulistas e no decurso das expedições missionárias pelas povoações pagãs, os guaranis expuseram frequentemente a liberdade e a própria vida para protegerem os padres. O Padre Montoya conservou para a posteridade o nome do neófito Juan Guiray, que certo dia o salvou envergando a sua sotaina e o seu chapéu, para atrair sobre si as flechas destinadas ao missionário. De modo

421. Moussy, *Description*, tomo III, pp. 664 e 672. Cardiel descreveu a vida dos padres nas reduções como sendo tão regular quanto a dos professores num Colégio. A alvorada soava para eles às quatro horas, no verão, e às cinco horas, no inverno. Na primavera e no outono, às quatro e meia. Onze vezes por dia o sino dava-lhes ocasião de praticar a obediência. O próprio exame particular era lembrado às dez horas e um quarto por um repique de sino, a cargo do sacristão. Mesmo que os visitantes fossem numerosos, observava-se a regra com exatidão, para sua edificação. O regulamento de 1689 entra nos mínimos detalhes para prevenir toda a fraqueza e imprudência, por parte dos religiosos. Um padre jamais devia falar a uma mulher se não estivesse presente um confrade ou dois paroquianos de toda a confiança. Cardiel acrescenta: “Jamais se visita uma mulher, nem se entrega coisa alguma a uma mulher, de mão a mão. Se um padre quer oferecer um rosário, uma medalha, etc., dá-lo-á a um índio presente, e este transmiti-lo-á à índia.” As conversas inevitáveis com mulheres deviam ter lugar na igreja ou na praça fronteira ao templo. Segundo Cardiel, os padres não faziam sequer visitas domiciliares às famílias, nem entravam nas casas senão para administrar os sacramentos, acompanhados de um guarani que alçava a cruz. De pormenores deste gênero, que Cardiel observava, talvez, com seu espírito metódico, Azara pôde deduzir, no entanto, que os padres viviam numa torre de marfim, misteriosos e invisíveis. Mas aos jesuítas não faltava, em geral, o bom-senso, e a prudência não era obstáculo ao ministério. Em particular, as visitas a domicílio realizavam-se regularmente. “Va visitando tutte le case”, escreveu o Padre Ripario. (Pastells, tomo I, pág. 544; De moribus G., cap. V; Breve Rei., çap. VI, §§ 13-14, e Regulamento de 1689.)

geral, os guaranis testemunhavam aos padres “uma afeição, um respeito e uma submissão que raramente se encontra nesse grau entre as crianças, em relação a seus próprios pais”.⁴²²

Os padres que suscitaram e alimentaram tais sentimentos eram, por certo, seres de elite. Os religiosos de menos fervor, de resto, preferiam conservar-se nos colégios das cidades espanholas. Era a flor da juventude da Companhia que se sentia atraída, de todos os países da Europa, para as célebres missões do Paraguai. Para supor que o orgulho, a sede do domínio e a ociosidade invadiam e possuíam esses jovens, era preciso ter a baixeza de sentimentos dos coloniais. O inquérito de admissão era severo. Só se aceitavam os candidatos que se mostravam “de uma paciência invencível, de uma conduta firme e mesmo heroica, de um caráter sociável e cordial, de costumes sólidos e aguerridos na prática das virtudes”.⁴²³ Uma saúde de ferro era necessária para fazer face às tarefas cotidianas, participar com os neófitos das expedições apostólicas sob o sol escaldante, abrir caminho na floresta virgem, dormir numa rede ou no chão, viver meses com um pouco de milho, na insegurança da natureza e dos inimigos.

Os melhores homens que corresponderam a tais condições tinham, efetivamente, de dar heróis e santos - e deram. Após século e meio, em 1764, vinte e nove padres haviam sido mortos no decorrer de missões junto dos povoados pagãos das vizinhanças. Apenas três, que se saiba, foram vítimas de guaranis apóstatas, no primeiro período. Foram os padres Roque Gonzalez, Afonso Rodrigues e Juan del Castillo, martirizados em 1628, simultaneamente com muitos neófitos. Foram beatificados por S.S. Pio XI em 1934.⁴²⁴

422. Padre Oras, citado em *Welt-Bott*, v. 24, p. 132. Outros exemplos tocantes, na terceira carta de Cattaneo a seu irmão.

423. A lista dos cinquenta jesuítas propostos para o Paraguai em 1680 apresenta unicamente jovens de vinte a trinta e dois anos de idade (Pastells, tomo III, doc. 1954).

424. Ver o relato pormenorizado do Padre Boroa, contemporâneo e amigo dos mártires, em Pastells, tomo I, p. 425. Assinalemos ainda, entre os outros religiosos mortos, vítimas de seu apostolado, o santo Padre Baraze que, depois de ter-se dedicado aos guaranis, foi evangelizar os moxos e organizou entre eles um importante grupo de reduções, todas análogas às guaranis. Foi massacrado pelos baurós, após vinte e sete anos de trabalho; o Padre Cavalheiro, “outro S. Francisco Xavier”; o Padre Mendoza, martirizado em atrozes tormentos a 26 de abril de 1635; os padres Diogo e Alfaro, mortos pelos paulistas; o Padre Lizardi, cura de San Angel, morto pelos chiriguanas (1735); o Padre Castanarez (1744), o Padre Ripario, o Padre Marco, com trinta neófitos, o Padre Blende, de Bruges (1717).

Muitos outros padres, sem terem sido martirizados, deram provas, a exemplo dos Padres Cataldino e Maceta, de uma total abnegação e dedicação heroicas. Paul Lafargue, sempre violentamente hostil à Companhia de Jesus, rende-lhes homenagem: “Deram provas de uma prudência, de uma abnegação e de um talento de chefes verdadeiramente extraordinários e dignos de admiração. Nunca será demais admirar os padres jesuítas que, sem família, sem interesse pessoal, passaram suas vidas, ou os mais preciosos anos de suas vidas, pelo menos, no meio dos índios, como perdidos num deserto.”⁴²⁵

Muitos padres adquiriram grandes méritos no domínio científico. Desde o princípio, segundo seu método habitual quando em missão, os jesuítas tinham-se esforçado por recolher todas as informações possíveis sobre o Guaíra e Entre-Rios. “Enquanto uns se dedicavam à colonização, outros ocupavam-se em estudar as línguas índias, a história natural e as explorações... Os padres jesuítas tinham uma predileção muito especial pela botânica, que seu conhecimento com os simples e suas relações com a medicina tornam sempre mais atraente. Também possuímos certo número de catálogos muito interessantes

425. Paul Lafargue, *op. cit.*, p. 738. Entre os franceses de grande mérito, recordemos o Padre Chomé que, depois de ter trabalhado de 1730 a 1732 nas reduções guaranis, dedicou-se à evangelização dos ferozes chiriguanas. Escreveu o Padre Chomé: “Lembro-me de que, estando de partida da Europa e viajando de Lille para Douai com um dos nossos padres, ele me indicou uma velha cabana que caía em ruínas e disse, rindo: — Eis a habitação do Padre Chomé nas índias. — Confesso-vos que teria ficado muito contente se a houvesse encontrado entre os meus queridos chiriguanas.” O Padre Chomé era um reputado matemático e falava onze línguas europeias e índias. Foi morto pelos próprios chiriguanas. O Padre Hénara, de Toul, morreu em missão em 1637, “sem socorros, deitado sobre palhas, mas bem consolado por findar sua vida como o Salvador do Mundo começara a d’Ele”. O Padre Rançonner, “nascido em Flandres de pai do Franco-Condado”, digno émulo do Padre Hénard; o Padre du Toit, de Lille, conhecido pelo nome de EZ *Techo*, cura da redução dos Mártires, depois Superior-Geral, autor de uma apreciada *Histoire du Paraguay* (Primeiro período); o Padre Bosquier, que fundou Candelária em 1616 com o Padre Ruyer; o Padre Louis Amot, cura de S. Tomé, de quem o Padre Montoya faz vivo elogio numa carta de 1638 (biografia em Pastells, tomo II, pp. 317-318), o Padre Pons, o Padre Bouchet, etc. Numerosos padres franceses não podem ser identificados, porque era corrente aos padres estrangeiros terem de renunciar a seus nomes e adotarem um nome espanhol. O Padre Noel Berchtold, de Lyon, chamava-se, por exemplo, Manuel Alvarez. A razão era que, por causa das desconfianças espanholas, os oriundos de nações marítimas não obtinham os papéis necessários para viajarem até ao Paraguai. O primeiro padre oriundo da Alemanha foi o Padre Sepp, tirolês, que chegou em 1696 na companhia de seu amigo, o Padre Bohm, bávaro. Aparentemente, nenhum padre suíço trabalhou com os guaranis. Frei Rupert Talhamer, botânico, herbanário e enfermeiro na Candelária, morreu em Lucerna, em 1780. O Padre Peramas fez-lhe grandes elogios, Encontram-se outros nomes suíços; por exemplo, os padres Balthazar, Segesser, Imhof, os friburgueses Magnin, Pettela e Vonderweid, mas o ministério desses religiosos exercia-se entre os moxos, os chiquitos e noutras regiões. Os padres italianos Brasanelli, Primoli e Bianqui, distinguiram-se como arquitetos e pintores.

sobre as plantas medicinais, de que eles tinham experimentado o uso. Deve-se citar, em primeiro lugar, o do Padre Montenegro (preenchendo 357 páginas, ilustradas com 152 desenhos) e o do Padre Asperger.⁴²⁶ No século seguinte, Bonpland e outros naturalistas, após muitos anos de trabalho, perceberam que sua documentação não passava de um duplicado dos elementos e dados fornecidos pelos padres. O Padre Asperger, húngaro, gastara, de sua parte, quarenta anos a estudar a flora do Paraguai, igualmente catalogada pelo seu compatriota, o Padre Serdahely. Em 1860, Martin de Moussy ainda pôde examinar em Itaquí uma volumosa coletânea deixada por Asperger. Cada planta era desenhada, indicando-se o seu nome guarani e espanhol, e as respectivas propriedades. O Padre Asperger manteve-se fiel ao Paraguai, após a expulsão. Azara diz que ele morreu com 112 anos de idade.

As gramáticas e dicionários guaranis publicados por Montoya e seus confrades continuaram sendo a base indispensável para todas as obras posteriores. Os padres jesuítas ensinavam o guarani na Universidade de Córdoba. Por intermédio deles, essa língua índia fora elevada à dignidade de língua escrita e impressa.

O Padre Quiroga, autor da Descrição do Rio Paraguai, foi o primeiro geógrafo do Paraguai. Charlevoix conta detalhadamente as viagens de exploração dos padres Arcé, Blende, Yegros etc., para traçarem mapas ou estabelecerem uma comunicação direta do Prata ao Peru através do rio Paraguai, da República Guarani e da República Chiquita. Vê-se que as viagens de 900 a 1.100 léguas não atemorizavam esses intrépidos propagandistas da fé cristã.

Os exploradores abriam caminho aos missionários encarregados de estabelecer novos centros de missões entre as nações índias ainda livres. No final do século XVII e durante o século XVIII, surgiram por toda parte importantes grupos de reduções fundadas segundo o modelo das comunidades guaranis. Essas novas reduções eram pouco conhecidas. Os padres não falavam a respeito das mesmas. Tinham fortes motivos para se tomarem cada vez mais prudentes. Algumas breves indicações sobre as principais filiais da República Guarani demonstram que o zelo dos jesuítas do Paraguai não estava extinto.

426. Bourgade la Dardye, cit., pp. 17 e 111.

A REPÚBLICA CHIQUITA. Situada ao norte da República Guarani, no sudeste da Bolívia atual, a República Chiquita estendia-se por cerca de cem léguas de norte a sul e compreendia vinte reduções, fundadas de 1691 a 1722 e em 1745, principalmente pelo Padre Arcé, acompanhado de apóstolos guaranis. A população excedia quarenta e seis mil habitantes em 1726 e, ao que parece, duplicara nos anos seguintes. A República Chiquita não conheceu a prosperidade brilhante da República Guarani, nem seus infortúnios. Contudo, Charlevoix escreve o seguinte a seu respeito: “Em nada difere da dos guaranis, que lhe serviu de modelo.” O fervor religioso igualava o dos guaranis. Os chiquitos primaram em assegurar de conta própria a manutenção dos padres e recusaram a oferta de uma pensão régia. Com o tempo, aceitaram uma vaga sujeição à Coroa de Espanha. Com a expulsão dos padres, essa sujeição transformou-se em submissão.⁴²⁷

A REPÚBLICA DOS MOXES. Fundada cerca de 1670 no norte da Bolívia, englobava dezesseis reduções moxes e bauras. Contava mais de trinta mil habitantes, antes de 1700, quando abrangia apenas oito ou nove reduções. Nota-se que as ruas são linearmente traçadas, as terras comuns, com os lotes distribuídos periodicamente, o nível social é tão elevado quanto o dos guaranis, ou até mais; existem nesta república pintores de grande talento. O apóstolo dos moxes fora o Padre Baraze, massacrado pelos bauros. Pessoalmente, batizara mais de quarenta mil bauros e moxes.⁴²⁸

O GRUPO DOS PAMPAS. No momento da expulsão dos padres, um grupo “muito povoado” estava em pleno desenvolvimento na cordilheira andina, no sentido da Terra de Magalhães. Aí se desenvolvia como numa veloz competição entre os conquistadores escravistas e os missionários cristãos. Por volta de 1750, as tropas coloniais, sob o pretexto de expandirem a verdadeira fé entre os pagãos e garantirem a segurança das colônias, atacaram sem escrúpulos essa região longínqua e destruíram as reduções que “quase nada deviam, pelo número e pelo fervor, a nenhuma entre as mais belas do Paraguai”.

427. Charlevoix, tomo I, p. 268 e *passim*. *Lettres Édifiantes*, tomo V. Moussy, *Description*, tomos II e III, *passim*. Plattner, P. *Martin Schmid aus Barr*, Lucerna, 1944, e os relatos de viagens dos franceses d'Orbigny e Castelnau, que visitaram os chiquitos em 1831 e 1845. Sete das antigas reduções chiquitas subsistem, “despidas de seu antigo esplendor”.

428. *Lettres Édifiantes*, tomo V, pp. 44-91. Muratori e Charlevoix, *passim*. Cartas dos padres Jean Dez e Nyel, 1705.

O GRUPO DO CHACO, fundado a oeste do Paraná, depois de 1693, contava, em 1767, com quinze reduções de mocobis e abipones.⁴²⁹

Grupos menos importantes estavam igualmente organizados entre os chiriguanas (quatro reduções), os zamucos, nas margens do Mamoré, os tobatines, etc. As três reduções de Tarumá assim foram criadas no século XVIII ao norte da República Guarani, como balizas entre ela e a República Chiquita.

O conjunto dos grupos esparsos tendia a formar uma vasta cristandade, um mundo homogêneo, cristão em sua estrutura e instituições, assim como pela fé de seus membros. O sistema social uniforme tomava ainda mais sensível seu caráter próprio e autônomo, em face das colônias individualistas e escravocratas. Quando se estuda sobre o mapa a extensão e a situação das principais repúblicas, compreende-se que os adversários clarividentes acabassem por acusar os padres jesuítas de prepararem uma poderosa federação indígena, ou até um império índio. É lícito lamentar que, se tal coisa foi realmente projetada, não tenha podido ser completamente realizada. As repúblicas índias dos jesuítas eram essencialmente pacíficas e inofensivas. Não seria embaraçoso nem incômodo para a honra das nações europeias se um ou outro povo índio tivesse conseguido sobreviver, salvaguardando sua personalidade e liberdade.

No plano religioso, o desastre provocado pela expulsão dos jesuítas jamais foi reparado. Os índios recaíram num miserável nível espiritual. Os mestiços e os descendentes dos colonos permanecem também impregnados da herança do passado...

Sobre os méritos dos jesuítas do Paraguai como apóstolos da civilização e do cristianismo, eis um pequeno feixe, para terminar, de testemunhos interessantes recolhidos entre célebres figuras do tempo, que não alimentavam qualquer simpatia particular pela Companhia de Jesus.

É aí que a religião é amável e é, primeiramente, nos seus ministros que ela se faz amar. Nada iguala a pureza dos costumes, o zelo terno e suave, os cuidados paternais dos jesu-

429. Não insistimos a respeito deste grupo, porque não nos parece ter desfrutado de uma verdadeira independência em relação à Espanha. Quanto às antigas missões de Tucumã, foram desde o início enfeudadas ao regime colonial e submetidas à sua ordem.

ítas do Paraguai. Cada pastor é verdadeiramente o pai, como guia de seus parouquianos. Não se sente a sua autoridade porque ele nada ordena, defende ou pune senão o que é punido, defendido e ordenado pela religião que eles reverenciam e adoram tanto como ele próprio.

Raynal.⁴³⁰

É para ela (a Companhia de Jesus) um título de glória ter sido a primeira a mostrar nessas paragens a ideia de religião aliada à de humanidade; reparando as devastações dos espanhóis, começou a curar as maiores feridas que o gênero humano aí recebera.

Montesquieu.⁴³¹

O estabelecimento do cristianismo no Paraguai, por iniciativa única dos jesuítas espanhóis, parece, em certos aspectos, o triunfo da humanidade.

Voltaire.⁴³²

Nada acarretou para o cristianismo maior honra que o ter “moralizado” esses povos e estabelecido um Estado sem outra arma senão a virtude.

Buffon.

Soberanos nesse vasto país, tornam felizes, ao que se que assevera, os povos que lhes obedecem e eles lograram dominar sem o emprego da violência.

D'Alembert⁴³³

A elite intelectual do tempo, apesar de sua aversão pelos jesuítas, discernia o alto valor humano da obra realizada no Paraguai, assim como a má-fé dos panfletos que a atacava. Os enciclopedistas, em-

430. *Histoire Philosophique des Deux Indes*, tomo III, p. 305.

431. *Esprit des Lois*, Livro IV, cap. VI.

432. *Essai sur les Moeurs, Oeuvres*, Vol. X, p. 59.

433. Encontram-se outros trechos não menos elogiosos em Rousseau, Diderot, Lessing, Wieland, A. de Haller, Jean de Muller, Robertson, etc.

bora encarniçando-se contra os jesuítas, inclinaram-se, de um modo geral, diante dos padres do Paraguai.

Mais perto de nós, um historiador protestante muito objetivo e informado em primeira mão sobre a República Guarani, Sir Woodbine Parish, formula um juízo igualmente favorável: “Jamais existiu uma comunidade mais inofensiva. As missões eram uma experiência em grande escala, baseada no mais puro espírito do cristianismo, com a finalidade de instruir e tornar úteis as povoações selvagens que, de outro modo, teriam sido exterminadas como, aliás, o foram, de forma tão miserável, o resto dos indígenas, tanto pela guerra como pela escravatura... Os índios tinham o mais vivo afeto pelos jesuítas, que eles consideravam como seus pais; e suas queixas foram dilacerantes e sinceras, quando os expulsaram... O verdadeiro crime dos jesuítas, se acaso o foi, consistiu no poder e na influência moral de que dispuseram, pelo efeito natural de seus conhecimentos e sua sabedoria, bem superiores à dos tempos em que viveram.”⁴³⁴

Enfim, no nosso século, outro inglês, que preparou sua obra no próprio Paraguai, pesquisando calmamente a literatura sobre o assunto, o socialista Cunningham Graham, pronunciou-se da seguinte maneira: “O único ponto que acho interessante esclarecer é este: que significou o regime dos jesuítas para os próprios índios? Tornou-os felizes, mais felizes ou menos felizes do que os seus compatriotas governados pelos espanhóis?... Ora, que os jesuítas tornaram os índios felizes é um fato certo.”⁴³⁵ Cunningham Graham falou muitas vezes com velhos guaranis que lhe contaram histórias ouvidas em sua mocidade. Esses homens “conservavam a ilusão de que as Missões, no tempo dos jesuítas, tinham sido um paraíso”.

Em suma, o bispo de Buenos Aires, Pedro Fajardo, estava muito próximo da verdade quando escrevia a Filipe V: “Estes santos missionários não têm outros inimigos senão os que lhes valem suas

434. Woodbine Parish, *Buenos-Ayres et les provinces de la Plata*, 1838, trad. espanhola, Ed. Justo Maeso, Buenos Aires, 1852.

435. Cunningham Graham, *A Vanished Arcadia*, 1901, citado por Hernandez, tomo II, p. 476. Munido da documentação de C. Graham, Paul Lafargue certamente não repetiria que “os homens, assim como os animais, eram mantidos prisioneiros nas missões”, nem outras invenções dos panfletários coloniais. Lafargue, de resto, ainda conseguiu adivinhar, apesar de tudo, a verdadeira qualidade dos jesuítas do Paraguai, quando escreveu: “Não se pode deixar de admirar a elevada inteligência política, a abnegação e a coragem dos missionários, seu talento na conduta e na educação dos homens, sua tenacidade inquebrantável.” (*ibid.*, p. 721.)

virtudes e ações que me parecem heroicas.” Mais precisamente, não se perdoava aos jesuítas terem conseguido manter, contra tudo e contra todos, a autonomia de suas reduções. “As outras Ordens, muito fracas em face da cupidez dos espanhóis, só os combatiam com orações, quando o que se precisava era por-lhes termo pela constância da sua oposição enérgica.”⁴³⁶ Na República Guarani, República Chiquita e suas outras fundações, a oração dos jesuítas amadurecia em dedicação efetiva e eficaz, a serviço da liberdade dos índios. Aí estava a verdadeira origem do ódio dos coloniais. Alguns anos antes do desenlace, Charlevoix já o indicava: “O ódio inveterado que reina contra estes padres, nestas províncias, não tem outro motivo senão o fato de não terem podido destruir e arruinar as suas reduções.”⁴³⁷

O Tratado dos Limites ia, finalmente, saciar esse ódio.

436. Crétineau-Joly, *ibid.*, tomo III, p. 341.

437. Charlevoix, *ibid.*, tomo V, p. 273.

XVII

Tratado dos Limites e Guerra Guarani —

Expulsão dos Jesuítas

Em 1750, a República Guarani parecia ter atingido o seu mais alto ponto de esplendor. Há dez anos que a população vinha de novo aumentando regularmente, preenchendo as lacunas deixadas pelas epidemias. A recordação das angústias e infortúnios do tempo de Antequera estava caindo no esquecimento. As artes e ofícios, já florescentes, conheciam um novo apogeu. Uma vida social sempre mais intensa manifestava-se por toda parte. Os jesuítas estavam orgulhosos de sua obra e permitiam-se, por causa dela, a glorificação suprema de Deus, contando, não sem certa imprudência, talvez, com o apoio do rei que, pela sua *Cédula Grande* de 1743, acabava de reconhecer seu lealismo e devoção à Coroa.

“Ordens que, entrementes, chegaram da corte de Espanha e as quais aqueles que estavam encarregados de sua execução não julgaram dever suspender, causaram apreensões aos missionários, acostumados há quase dois séculos a louvar e a bendizer as misericórdias do Senhor sobre tantos índios convertidos em Seus mais fervorosos adoradores, temendo verem-se agora reduzidos a adorar a profundeza de Seus julgamentos.” Esta misteriosa declaração encerra o vigésimo-segundo e último livro da *Histoire du Paraguay*, de Charlevoix.

Que se passava para que o historiador jesuíta interrompesse assim, bruscamente, e de um modo curioso, a sua monumental obra de defesa?

Há muito tempo que os portugueses cobiçavam a posse do Uruguai superior e do vasto e rico território das Missões orientais. As incursões dos paulistas tinham-lhes aberto e preparado o caminho, ao provocarem a evacuação do Guaíra. Subsistia a esperança de encontrar ouro nas reduções guaranis. Por outra parte, Portugal detinha novamente, em face de Buenos Aires, a colônia de Sacramento, donde fora expulso duas vezes já, pelos espanhóis e pelos guaranis. Aí se favorecia um contrabando florescente, em detrimento dos mercadores de Sevilha. Estes conservavam, com efeito, um monopólio insensato que fazia passar os produtos da Espanha destinados ao Prata através do Peru! Quando a Espanha, sob a pressão de seus mercadores, reclamou uma vez mais a evacuação de Sacramento, o Marquês de Pombal, primeiro-ministro do Governo de Lisboa, aproveitou a ocasião e pediu, em troca, a cessão dos territórios visados, abrangendo as sete reduções sitas na margem esquerda do Uruguai. Agrada-lhe desferir, ao mesmo tempo, um golpe nos jesuítas. Os negociadores espanhóis, cheios de segundas intenções, caíram no logro que lhes era armado nesse jogo de embustes, desfavorável de todos os pontos de vista para o seu país, afetando considerar o sacrifício como algo meramente fictício, uma vez que a suserania da Espanha sobre as reduções era, “por assim dizer, nominal”. Ao que parece, a rainha de Espanha, Dona Bárbara de Bragança, usou da sua influência em favor de Portugal, sua primeira pátria. O embaixador da Inglaterra em Lisboa, Keene, também interveio ativamente.

O Tratado foi assinado em Madri a 13 de janeiro de 1750.

O Art.º 16 diz: “Quanto aos burgos e aldeias que Sua Majestade Católica cede na margem oriental do rio Uruguai, os missionários abandoná-los-ão com seus móveis e bagagens, levando consigo os índios para que se estabeleçam em outras terras pertencentes à Espanha. Os ditos índios poderão igualmente levar seus bens, móveis e gados, as armas, pólvora e munições que possuam. Os burgos e aldeias serão entregues na forma prescrita à Coroa de Portugal, com todas as suas casas e edifícios, e a propriedade imóvel do terreno.”

Assim, para arrumar uma questão de mercadores, a Espanha cedia a Portugal todo o espaço compreendido entre a Serra de Herval, o Uruguai e o Ibicuí. O Tratado não dava qualquer remédio eficaz para o contrabando, muito pelo contrário: os portugueses teriam meios para o praticar à vontade no curso superior dos rios, de que eles haviam obtido o controle. Segundo a expressão de Maly, tinha-se fechado uma janela (Sacramento) para impedir a entrada dos gatinos, e abriram-se todas as portas.

Para os guaranis das sete reduções condenadas, era a espoliação, a ruína e o infortúnio, a destruição do trabalho de muitas gerações, a deportação de mais de trinta mil pessoas, segundo as cifras mais modestas. Se se examinar um mapa, verifica-se que a República Guarani ia ser amputada de metade do seu território, abrangendo as estâncias, os *yerbales*, as florestas mais ricas e mais vastas, propriedade das onze reduções das duas margens do Uruguai.

Para os jesuítas, a armadilha estava ferozmente armada. Era de prever que os guaranis reagissem. Se os padres os apoiassem, seriam considerados rebeldes. Se não se solidarizassem com os seus fiéis, perderiam a confiança destes.

Assim que foi conhecido, o Tratado, cujas negociações tinham decorrido no maior sigilo, provocou um espanto universal. O vice-rei das índias, as Audiências de Chuquisaca e de Lima, inúmeros bispos, protestaram em nome dos interesses da Espanha. Foi em vão. Recordou-se ao rei os serviços prestados pelos guaranis: tinham servido muitas vezes de muralha às colônias espanholas do Prata contra as incursões dos bárbaros; tinham permitido o restabelecimento da autoridade da Coroa sobre o Paraguai revoltado, no tempo da Comuna; um século antes, em 1644, o governador do Paraguai, Dom G. de Hinostrosa, tivera a vida salva refugiando-se nas reduções. O seu relatório para Madri estabelecera que a Espanha devia aos guaranis a conservação do Paraguai. Os guaranis tinham mesmo, de certo modo, salvo todo o Prata quando, em 1702, puseram todos os seus meios de navegação à disposição do governador para transportar urgentemente um exército espanhol de Corrientes para Buenos Aires, que estava cercada pelos ingleses.⁴³⁸

438. O mesmo serviço foi prestado em 1667 e em 1671. Serviços reconhecidos por decreto real de 1716. Ver também Rodero, *Lettres Edifiantes*, tomo V, pp. 351-384. As milícias também tinham salvo Assunção de uma destruição certa em 1734-36, quando os guaicurús e os mocovís, aproveitando-se das desordens no Paraguai, avançaram até às portas da cidade.

Tudo foi inútil. Os reis não tinham a fraqueza de se julgarem obrigados pelos serviços recebidos. Os jesuítas e seus defensores recordaram também que os guaranis nunca tinham sido derrotados pelos exércitos espanhóis, seu território nunca fora conquistado por ninguém, eram livres, e o único contrato que os vinculava ao rei garantia, precisamente, sua liberdade contra o mundo colonial, em nome da Coroa de Espanha. Essa vinculação à Coroa não dava direito algum de se dispor das terras guaranis. Outros tantos argumentos em vão. As ideias absolutistas da época dispensavam o príncipe de se preocupar, fora de propósito, com questões de direito.

Zombaria suprema, o rei enviou (ou, pelo menos, prometeu enviar) uma indenização total de cinquenta e dois mil pesos. “Gesto magnânimo”, ousa Schuster escrever. Só os bens imóveis de S. Nicolau, orçados pelos próprios funcionários espanhóis, na presença do Padre Cardiel, foram avaliados em oitocentos mil pesos; a igreja de S. Miguel em um milhão de pesos, cálculo do engenheiro-chefe do exército espanhol.⁴³⁹

Pelas intervenções mais ou menos sinceras e prementes de diversas altas personagens diplomáticas, os jesuítas somente obtiveram uma prorrogação do prazo para a entrega dos territórios. O prazo serviria para preparar a retirada voluntária dos guaranis ou para organizar a resistência. Os padres das reduções tinham recebido do Geral da Companhia, Inácio Visconti, a “ordem estrita de se submeterem ao inevitável e levar os índios à obediência”.⁴⁴⁰

Como iriam reagir os guaranis? Da atitude deles dependia o julgamento dos filósofos, do rei, do papa e, por consequência, a pró-

439. Dois funcionários franceses ainda aí viram um candelabro de prata maciça, com trinta braços, guarnecido de ouro, suspenso da abóbada por uma corrente de prata. Fernando VI pretendeu depois ter sido enganado por certos relatórios dos missionários que falavam dos “pobres povoados” guaranis. Tomara as sete reduções por pequenas aldeias análogas aos misérrimos aglomerados de choupanas de palha que se conheciam dos arredores de Buenos Aires. Cardiel admite a explicação e afirma que o rei *tan bueno* agira de inteira boa-fé! Diz-se no mesmo parágrafo que se o rei julgara necessário ordenar a deportação, fora por se considerar muito perigoso abandonar para Portugal uma população de trinta mil almas, reservatório de homens onde a nação rival poderia muito facilmente recrutar tropas contra as colônias espanholas. Os teólogos consultados declararam todos que a deportação era lícita. Suas opiniões também foram influenciadas, diz Cardiel, pela ideia insuficiente que tinham das reduções (*Breve Relación*, cap. VIII, §§ 78-80).

440. Ant. Huonder, S. J., em *Kirchenlexicon*, 1895, artigo Paraguay. Noutra carta, expedida para maior segurança em quatro vias, diz-se que o Geral considera “um dever superar os obstáculos que o retêm em Roma e acorrer a esses vastos territórios, a fim de favorecer com a sua presença a pronta execução das vontades reais”.

pria sorte da Companhia. Pode-se dizer que toda a Europa esclarecida aguardava o desfecho com um interesse apaixonado.

O trecho em que Reynal definia os elementos do problema, do ponto de vista dos filósofos, é revelador. Escreveu ele: “A filosofia, que vê de modo diferente do vulgar, espera, para julgar esses legisladores, que a conduta dos habitantes do Paraguai fale e deponha em seu favor ou contra eles. Se esses povos se submetem à Espanha, que não tem o direito nem a força a opor-lhes, dir-se-á que os jesuítas se ocuparam mais em inspirar a obediência aos homens do que a esclarecê-los sobre os princípios de equidade natural de que esses bárbaros estavam tão próximos; que ao vergá-los à obediência pela ignorância, se eles os fizeram primeiro mais felizes do que eram, foi reservando-se o direito de, um dia, torná-los instrumentos de suas vontades arbitrárias. Mas se esses povos, armados, disciplinados, rechaçam os bárbaros opressores de sua pátria, se eles vingam esses imensos territórios da efusão de sangue em que a Espanha se embriagou, os filósofos dirão que os jesuítas trabalharam pela felicidade do gênero humano com o desinteresse da virtude, que eles não dominaram os habitantes do Paraguai senão para instruí-los e que, ao darem-lhes uma religião, legaram-lhes as noções fundamentais da justiça que constituem as primeiras leis da verdadeira religião.”⁴⁴¹

O Padre Altamirano foi delegado pelo Geral como Visitador, munido de amplos poderes para dirigir e ativar a transferência das populações. Um pouco antes de sua chegada, quando as tropas coloniais estavam prontas para entrar na República, os padres tinham obtido uma nova prorrogação, a fim de terminarem as colheitas. O Padre Altamirano chegou a S. Tomé em setembro de 1752. Seus primeiros conselhos, bastante frios, foram muito mal-recebidos. Os guaranis demonstraram-lhe tão firmemente que era ele quem tinha de sair da redução o mais depressa possível, e não eles, que o Visitador achou de boa prudência regressar a Buenos Aires. Da Capital expediu três delegados, os padres Fernandes, Ballester e Agostinho, que parece não terem tido mais sorte. Os padres Fernandes e Ballester, com efeito, desaparecem de cena, definitivamente, mal tinham sido nomeados. Quanto ao Padre Agostinho, reencontram-no um ano depois, a 13 de agosto de 1753, em S. Tomé, no momento em que os soldados guaranis o impedem de ir mais longe. Um pouco depois, como tives-

441. *Histoire des Deux Indes*, tomo III, p. 320.

se, apesar de tudo, conseguido avançar até Concepción, os soldados guaranis afugentam-no asperamente, num dia de festa, sob os olhares de todos os fiéis reunidos. Ele envia então ao cura de Santa Maria uma carta muito azeda a respeito dos confrades “expulsos” pelos guaranis. A carta só pôde ser encaminhada até S. Nicolau, onde o Padre Carlos a recebe a 7 de setembro. O corregedor de S. Luís, Miguel Javat, surtindo à cabeça de uma pequena tropa, apodera-se da carta e queima-na na praça, diante de todo o povo. As tentativas de persuasão dos padres tinham, pois, fracassado. A atitude decidida de S. Tomé, S. Luís e S. Nicolau impressionou as reduções vizinhas. O espírito de resistência ganhava terreno.

Entrementes, os comissários espanhóis e portugueses tinham perdido a paciência. Sem esperar o resultado das diligências empreendidas pelos três padres, já a 28 de fevereiro se apresentavam na fronteira guarani, na passagem de Santa Tecla, guardada por um pequeno forte. Tinham sido rechaçados e obrigados a regressar à colônia e a Montevideu. Após esse revés, o general português Gomes Freire de Andrade escrevia a 24 de março de 1753 ao Marquês de Valdelirios: “Creio que Vossa Excelência, após tomar conhecimento da presente e do relatório do Padre Altamirano, deixar-se-á finalmente persuadir de que os padres são rebeldes. Se esses ‘santos padres’ não forem expulsos do País, não encontraremos senão rebeliões, insolências e desventuras.” Em agosto, os comissários voltaram à carga, na mesma passagem, acompanhados do Padre Altamirano. O cacique de S. Miguel, José Tirayu, conta-nos Sepé, barrara-lhes bruscamente o caminho, à frente de uma pequena tropa, e declarara-lhes: “O território de que pretendeis dispor só pertence a Deus e a S. Miguel.” Então, o comissário espanhol pergunta-lhe como é que não se executavam as ordens do rei. Teve como resposta: “Só conheço as ordens do Padre Superior e do pároco.” Alarmados com essa demonstração e com o número de guaranis que crescia a cada instante, os comissários retiraram-se “com toda a pressa”, os espanhóis para Buenos Aires, e os portugueses para a colônia.

O resto do ano passou-se em negociações entre os oficiais espanhóis e portugueses, tendo em vista levarem-se a cabo operações militares conjuntas. Enquanto duravam as negociações, o Provincial do Paraguai renunciou oficialmente às sete reduções do Uruguai e anunciou que os jesuítas abandonariam também, sem hesitar, todas

as outras reduções, se fosse preciso, para fazer calar as acusações de rebelião. Nessa altura, o Padre Altamirano e o Marquês de Valdelirios tomaram a peito subjugar sozinhos toda e qualquer resistência. Altamirano, chegando de Buenos Aires, instalou-se em S. Borja, a mais próxima das reduções condenadas, e convidou de modo bastante ríspido, os párocos, seus confrades, a acelerarem a evacuação de seus burgos. Os índios sublevaram-se então em massa. Mesmo aqueles que de início pareciam ter-se deixado persuadir, recusaram-se a obedecer. O corregedor de S. Miguel, Sepé, tomou a cabeça da resistência e proclamou que todo o povo preferia a morte no solo da pátria a um exílio sem fim, “longe do túmulo dos nossos avós”. Com os homens da sua redução, marchou contra S. Borja. Altamirano, acusado de ser um português disfarçado, amedrontou-se e fugiu, mais uma vez, para Buenos Aires. Pouco depois, os comissários tentaram de novo penetrar pacificamente na República Guaraní, a fim de procederem à demarcação das fronteiras, segundo o Tratado. O Padre Laurent Balda, cura de S. Miguel, foi advertido de S. Borja pelo seu confrade, o Padre Tadeu Hannis, jesuíta alemão. Ao primeiro aviso recebido, Sepé partiu à cabeça de seiscentos homens, reencontrou os comissários no rio Ibicuí e forçou-os a retirarem-se. Uma carta de Sepé, assinada também pelos corregedores vizinhos, foi endereçada ao governador de Buenos Aires. Diziam os chefes guaranis: “Como poderá a vontade de Deus ser que vós tomeis e arruineis tudo o que nos pertence? Aquilo que possuímos é exclusivamente o fruto de nossas fadigas, e o nosso rei não nos deu coisa alguma... Não somos apenas os sete povos da margem esquerda, mas doze outras reduções estão decididas a sacrificarem-se conosco desde que tenteis apoderar-vos de nossas terras. Senhor Governador, se não quereis ouvir as nossas razões, entregar-nos-emos nas mãos de Deus... Devemos enviar nossas cartas a todos os países, a fim de que os infiéis fiquem ao corrente da nossa triste situação. De resto, estão muito inquietos com as vossas diligências.”

Noutro documento em língua guarani, os antigos crimes dos portugueses são recordados, em primeiro lugar, com firmeza, assim como os serviços prestados ao rei de Espanha. “E apesar de tudo isso, prossegue o documento, dizem-nos que devemos abandonar as nossas terras, as nossas culturas, nossas casas e até a nossa pátria. Isso não é uma ordem de Deus, mas do Demônio... Não podemos crer, portanto, que o nosso bom rei o exija sem outro motivo que os serviços que lhe

prestamos em todas as ocasiões. É muito fácil dizer: - Vocês, índios, deem suas terras e tudo o que têm aos portugueses. - Mas nunca acreditaremos nisso e nunca tal acontecerá. Por que o nosso rei não dá aos portugueses Buenos Aires, Santa Fé, Corrientes e o Paraguai? Somente determinou essa ordem contra os pobres índios... Nós não queremos dar estas terras, embora tenhais dito que estávamos de acordo em fazê-lo. Contudo, se eles querem falar conosco, que se apresentem em número de cinco castelhanos. O padre não lhes fará mal. Sabe a língua deles e servirá de intérprete.”⁴⁴²

As cartas dos corredeiros teriam produzido, com toda a certeza, seu efeito de intimidação, se o governador de Buenos Aires pudesse acreditar que as tropas coloniais teriam de haver-se, efetivamente, com forças guaranis unidas. Infelizmente, ele fora advertido por outra parte de que isso não era de recear, pois as reduções do norte se mantinham à margem do drama.

As operações militares começaram na primavera seguinte, em abril de 1754. Os espanhóis e os portugueses não tinham chegado a entender-se para uma ação combinada. Marchavam em ordem separada, avançando de direções opostas. Do lado guarani, tropas tinham sido mobilizadas nas quatro reduções imediatamente ameaçadas, S. Miguel, S. Lourenço, S. João e S. Luís. Cardiel nota que a resistência se organizou primeiro em ordem dispersa, por redução, sem subordinação a um general. A autoridade mais ampla de Nicolau Languiru, que devia suceder a Sepé, só se estabeleceu gradualmente, graças a seu ardor pessoal e à sua dedicação.

Tendo observado os preparativos de invasão na fronteira portuguesa, os guaranis passaram ao ataque. Estabeleceram o cerco à pequena fortaleza de “Jesus-Maria”, com dois canhões. O assalto, vigorosamente desencadeado, fracassou. Contudo, os portugueses continuaram bloqueados. Isolados e sem víveres, retiraram-se num golpe de surpresa, e a praça foi ocupada pelos guaranis. Ocorreram outras escaramuças. Um segundo forte português, sobre o rio Pardo, atacado com o auxílio de quatro canhões, não pôde ser tomado. Entretanto, as tropas portuguesas continuavam sendo acoissadas e não viam chegar os espanhóis. Cinquenta prisioneiros guaranis, feitos em Prado, tinham declarado que só em S. Miguel havia mais quinze canhões. A 14 de novembro de 1754, um armistício em forma foi assinado e jura-

442. Traduzido em anexo à *Relazione Breve*, de Lugano, pp. 42, 47 e 48.

do sobre o Evangelho pelo General Gomes Freire de Andrade e seus tenentes, por uma parte e, da parte guarani, pelos caciques Cristóforo Acatu, Bartolomeu Candiú e Tiago Pindo, de S. Luís e Santo Ângelo.

Os espanhóis não haviam traído seus amigos portugueses. Partindo de Rio Grande de S. Pedro, tinham feito primeiro os guaranis recuarem num combate perto do Rio Dayman, não muito longe da atual cidade de Salto. Mas, quando se aproximavam de Santa Tecla, foram sustados por forças numericamente superiores. Além disso, os guaranis tinham praticado a tática de terra queimada “com uma disciplina que não era, certamente, fruto de sua ignorância”, comenta o autor da *Relazione Breve*. Uma verdadeira greve e boicotagem de grande estilo tinham sido desencadeadas logo no princípio, quando os comissários pretenderam abandonar Rio Negro. Os trabalhadores índios do Pará, capital da província, desapareceram. Foi preciso requisitar à força remadores. Por toda parte, nos grandes espaços do sul, os índios tinham abandonado seus domicílios e levado todas as provisões. Pode-se ler numa carta do bispo de Pará à corte de Lisboa: “A insubmissão dos missionários chegou ao ponto de proibir expressamente a plantação de árvores de pão em todas as aldeias das margens do Tapajós. Interditaram aos índios a venda de seja o que for aos brancos.” O general espanhol Adonaegi, governador de Montevidéu, que se opunha veementemente a essa guerra, conduziu as operações um tanto displicentemente. Cansado de se ver também acossado pelas guerrilhas, retirava-se do lado de Buenos Aires.

Mais de um ano decorreu, subsequentemente, em negociações diversas e em recriminações, por parte dos portugueses, que pretendiam não ter sido secundados pelos espanhóis. Essa pausa foi aproveitada pelos guaranis para aperfeiçoarem seu armamento com os meios de que dispunham. Escasseando o metal e tendo a importação ficado impossível, construíram peças de artilharia em madeira dura de urundi ou de bambu gigante, envoltas em pele de touro curtida. Os jesuítas empregaram mais do que nunca todos os seus recursos para fazer anular o odioso tratado e cessar essa guerra vergonhosa contra um pacífico povo cristão. Mas Portugal insistia inexoravelmente para obter, por fim, a execução das promessas espanholas.

No começo de 1756, os reis de Espanha e de Portugal deram ordem para que as hostilidades prosseguissem. De sua própria iniciativa, os dois generais já tinham decidido coordenar desta vez os

seus movimentos e, a 16 de janeiro, entraram em campanha. Como efetivos, contavam-se três regimentos espanhóis e alguns milhares de portugueses. Esse exército relativamente pouco numeroso é descrito como uma verdadeira tropa de assalto, superiormente equipada para a época. A honra colonial não queria nem podia suportar a repetição de um revés como o de 1753-1754. Os espanhóis, sob o comando de Viana, atacaram pelo sul em direção a S. Borja; os portugueses avançaram de leste, visando S. Miguel. Os guaranis tiraram o melhor partido de todas as passagens das florestas e montanhas. Suas guerrilhas tornaram a vida dura aos exércitos em marcha. As primeiras passagens foram forçadas, apesar de tudo. Os assaltantes sofreram “pesadas baixas” ao depararem-se com “uma verdadeira fortaleza índia, munida de canhões”. Mas os guaranis tiveram de recuar. Ocuparam uma nova linha de defesa em terreno montanhoso, cuja conquista esgotou de tal modo o exército inimigo que este teve de interromper o seu avanço por algumas semanas. Precisou do auxílio de um novo exército de socorro, para assegurar as posições conquistadas. No decurso das operações, os guaranis atacaram e aprisionaram um corpo de cavalaria inteiro. Por sua parte, “apesar do talento de seu bravo chefe, Sepé Tirayu”, os guaranis sofreram graves perdas. Martin de Moussy diz que “à sua inferioridade, no tocante a armamento e instrução militar, opunham a tenacidade”. Sepé foi morto num combate contra o exército de Viana. Nicolau Languiru, corregedor de Concepción, imperador inventado pela lenda, sucedeu-lhe, no comando e fortificou-se na colina de Caybaté, perto da redução de S. João. Um combate encarniçado e desastroso para os guaranis desenrolou-se nessa colina em 10 de fevereiro de 1756. Languiru pereceu com mil e duzentos dos seus bravos companheiros. Foram tomados alguns canhões. Os invasores apenas conseguiram fazer 127 prisioneiros.

Por uma carta escrita cinco dias antes da terrível batalha pelo mordomo de S. Xavier, vê-se que as reduções da margem direita, mais próximas, estavam alertadas. Transmitiam informações sobre os movimentos dos exércitos inimigos e esforçavam-se por sustentar o moral das reduções atacadas: “Se vos falta alguma coisa, escrevei imediatamente ao Padre Cura e, todos os dias, enviai o relatório de todas as notícias, e isso sem falta.” Lê-se também o respeito e a gratidão dos bravos guaranis pelos padres que se tinham mantido fiéis: “o bom Padre Tadeu e o bom Padre Miguel, que celebram todos os dias a missa e

a dedicam a vós... Eles vos enviam, a todos vós, muitas saudações. Recebei também as mesmas saudações de nós todos, os habitantes de S. Xavier. Que Deus, Nosso Senhor, a Virgem Santíssima e S. Miguel vos acompanhem. Amém. Nesta Redução de S. Xavier, 5 de fevereiro de 1756, o mordomo, Valentim Barrinha.” Os sentimentos assim expressos deixam ver claramente que as reduções do Paraná, assim como as reduções vizinhas de Entre-Rios, teriam de boa vontade unido todas as suas forças, se não tivessem sido desorientadas e enganadas pelas informações e as instruções recebidas.

Após o duro golpe de Caybaté, as milícias das reduções orientais ainda conseguiram entricheirar-se e resistir até 22 de março. A superioridade da artilharia adversária forçou-os a bater em retirada. O exército hispano-português não estava, contudo, em condições de explorar imediatamente seu êxito. Só a 3 de maio ousou seguir adiante, rumo às reduções. Segundo a *Relazione Breve*, ainda encontrou um exército guarani de três mil homens, que recuava travando contínuas escaramuças. Neste ponto do seu relatório, o General Gomes Freire diz que a tática dos guaranis era tal que, se na verdade não lhes era diretamente ditada pelos jesuítas, então era preciso crer que, em lugar de doutrina cristã, os padres lhes tinham ensinado a arte militar.

A 16 de maio, os invasores entravam em S. Miguel. Os habitantes tinham-lhe lançado fogo e desaparecido nas montanhas com o seu cura, o Padre Lourenço Balda. No seu relatório de 26 de junho para a corte de Lisboa, o general português escreve a respeito: “Nos dias precedentes, ou seja, 13 e 14 de maio, chovera abundantemente, mas a água não conseguiu extinguir o incêndio que víamos lavar nessa redução. A 16, assim que entramos na povoação, demos ordem para combater o fogo, que já tinha destruído os edifícios mais importantes e atingira a sacristia.” A igreja, “certamente magnífica”, foi protegida. Para impedir que os guaranis destruíssem igualmente S. Lourenço, situada a duas léguas, Gomes Freire decidiu agir de surpresa. Expediu imediatamente, pela calada da noite, um destacamento de seiscentos espanhóis e duzentos portugueses, equipados com quatro canhões. Ao despontar o dia, os oitocentos homens entraram bravamente em S. Lourenço onde foram encontrar apenas algumas famílias com três jesuítas, o Padre Lamp, pároco da redução, o Padre Tedes e um Irmão, que foram feitos prisioneiros. S. João e Santo Ângelo, que tinham sido igualmente evacuadas, foram ocupadas a seguir. Contudo, as tropas

invasoras só chegaram a S. Nicolau, a última das sete reduções, quase no fim do ano. Uma tropa de trezentos cavaleiros aí encontrou ainda uma força de retaguarda, que lhe matou o capitão e alguns soldados.

Os homens da região evacuada, capazes de pegar em armas, estavam em sua grande maioria reagrupados nas florestas, principalmente do lado do Uruguai. Raptavam soldados isolados e, por vezes, destacamentos ou patrulhas inteiras. Cortavam os víveres aos invasores. O grosso do exército guarani, reforçado por contingentes vindos de Entre-Rios, cedo se elevava a 14.000 homens, que passaram para a margem direita, a fim de se beneficiarem da proteção do rio. Os padres sugeriram esse movimento de retirada estratégica para reagrupamento das forças, tal como haviam inspirado a tática de evacuação das reduções, após o revés da resistência na fronteira, para evitar maiores efusões de sangue e porque esperavam que as tropas hispano-portuguesas não procurassem ir mais longe.

Com efeito, pela ocupação das localidades da margem esquerda do rio Uruguai o Tratado ficava executado no essencial, e a ofensiva parava aí. De resto, os espanhóis estavam desgostosos com o papel que os obrigavam a desempenhar numa guerra que sentiam ser contrária aos interesses do seu país. Não os animava a ideia de introduzirem os portugueses nas regiões mais em frente, na direção de Assunção. Por seu lado, os portugueses não mostravam mais interesse do que os espanhóis em defrontar o grosso das forças guaranis, que rapidamente duplicariam se os invasores cruzassem para o outro lado do rio.

Os comissários espanhóis encarregados da demarcação das fronteiras arrastaram seus trabalhos pelo máximo de tempo possível, de tal modo e com tanta perfeição que o General Gomes Freire, cansado de os esperar, abandonou a partida e foi instalar-se em Rio Pardo, “com suas tropas muito reduzidas” e certo número de guaranis escravizados. Uma parte dos habitantes reocupou seus lares mais ou menos devastados. As sete reduções passaram, assim, a estar integridas nominalmente em Portugal, sem serem evacuadas pelos guaranis.

Alguns anos mais tarde, os jesuítas conseguiram persuadir o maior número de guaranis a abandonarem a margem esquerda. A maior preocupação dos jesuítas era evitar novas complicações. As diretrizes dos superiores continuavam a ser rigorosas: o injusto Tratado não mais devia ser discutido; devia ser executado. Cretineau-Joly explica e aprecia essa atitude da seguinte maneira: “Eles conheciam as

surdas manobras de que a Companhia era alvo. Não ignoravam as ligações de preconceitos e ódios que se formavam contra ela; julgaram conjurá-las tomando-se auxiliares dos governos de Lisboa e de Madri, que traficavam com os neófitos como se fosse gado. Essa condescendência foi um erro que, em lugar de os preservar, acelerou sua queda... Pombal sentiu que tais adversários estavam antecipadamente vencidos. Serviu-se deles para desorganizar as reduções e para os esmagar... O Governo de Lisboa propôs-lhes que se encarregassem do controle da troca imoral. Entraram no funesto caminho das concessões, que jamais salvou quem quer que seja e que levou à perda mais de uma justa causa, lançando uma capa de desonra em seus derradeiros momentos.” Pombal denunciou, entretanto, os jesuítas como rebeldes que instigavam abertamente os povos à insurreição. “Os jesuítas, continua o seu historiador, não tiveram o feliz pensamento de serem tão nobremente culpados.”⁴⁴³

Assim expressa, a sentença comporta uma generalização certamente injusta. Todos os padres, evidentemente, tinham-se esforçado no princípio, “por argumentos e pregações, por lágrimas e ameaças”, a convencer as populações sobre a necessidade de uma partida pacífica, se não voluntária. Se pensarmos apenas no resultado final, pode-se sustentar que a submissão pura e simples ao Tratado teria sido, com efeito, o mal menor para os guaranis. Contudo, do momento em que eles se recusavam, absolutamente, a tal submissão, devia-se reconhecer-lhes o direito de legítima defesa e, como autoridade superior do país, coordenar ou, pelo menos, não entravar a defesa. A configuração do território da República Guarani, com os grandes pântanos do oeste, os rios Paraná e Uruguai, prestava-se admiravelmente a uma resistência indefinida. Uma mobilização geral, segundo a opinião de todos os contemporâneos, teria permitido derrotar qualquer exército colonial. Não se pode, portanto, senão deplorar as instruções que conseguiram quebrar a solidariedade dos guaranis. Muitos padres das sete reduções atacadas aceitaram os pontos de vista dos superiores desencaminhados, como foi o caso do Padre Cardiel, pároco de S. Nicolau: “Sofremos tanto, nessa ocasião, por causa da resistência deles”, escreveu o jesuíta. Outros padres ficaram com os seus fiéis por simples

443. *Histoire de la Compagnie de Jesus*, tomo V, p. 172-173. Outros detalhes sobre a guerra guarani em Hernandez, I e II, *passim*; d'Orbigny, *Voyage dans les Deux Amériques*; Moussy, *Description*, tomo III; Escandon, *Transmigración*; Anônimo, *Relazione Breve*; Cardiel *Breve Relación*, caps. V e VIII.

coerção, visto que, no momento em que se apresentavam a abandoná-los, os chefes guaranis impediram a deserção com ameaças de morte. Os padres Miguel Palacios e Herrera, excessivamente ardorosos em pregar a submissão, por pouco perderam a vida, realmente, às mãos dos guaranis, em 1753.

Contudo, parece que, felizmente, a maioria dos padres das reduções orientais, perante a legítima reação dos habitantes, não hesitou em seguir o caminho mais heroico. Comprometendo-se o menos possível aos olhos dos espanhóis e de seus superiores, fizeram causa comum com os seus fiéis injustamente atacados. A exemplo do Padre Lourenço Balda, cura de S. Miguel, deram todo o seu apoio aos guaranis, animaram a resistência e não recuaram ante o incêndio de suas próprias casas. Esses verdadeiros filhos do verdadeiro Santo Inácio de Loyola, sujeitos acima de tudo à própria consciência, foram declarados traidores à pátria e culpados de lesa-majestade. Onze dentre eles, considerados os mais comprometidos, foram colocados numa lista negra. O General Ceballos recebeu ordem de os expedir pela força para a Espanha. Por que razão os “apologistas” teimariam em defender Esses fiéis pastores do “crime de cumplicidade”, na guerra de defesa mais justa jamais sustentada?⁴⁴⁴ É afadigarem-se em querer limpar aqueles que, precisamente, disso não têm necessidade alguma. Assim se refutam, laboriosamente, as acusações desprezíveis ou lisonjeiras de Altamirano ou de Pombal, e calunia-se na realidade a Companhia inteira, fazendo crer que todos os padres se teriam transformado em cúmplices das negociatas nas cortes reais e do abuso de força que mergulhou no luto e na desolação milhares de pacíficas famílias cristãs. O erro imputável a alguns superiores, colocados numa situação trágica, não deve ser lançado sobre os religiosos irrepreensíveis e heroicos das reduções. Assim como não é possível demonstrar que a obra magnífica realizada pelos missionários não existiu, ou deva recluir a plena luz do dia.

Logo após a guerra guarani, tão pouco gloriosa para Portugal, o Marquês de Pombal deixou-se dominar, de fato, pelo ódio ao jesuíta. A resistência dos guaranis reduzira praticamente a nada o famoso Tra-

444. Ainda em 1912 toda uma obra — Hafkemeyer, *Victimas da Calomnia*, — Petrópolis — foi publicada para lavar os jesuítas desse “crime”. Além do Padre Balda, *una delle teste piu tenaci*, diz a *Relazione Breve*, podem-se ainda citar, entre os padres “que deram mais escândalo”, permanecendo fiéis aos guaranis, os padres Meisserburg, Eckart, Hunderfund, Delia Croce e Gonzaga.

tado. Para uma conquista ilusória, Portugal gastara vinte e seis milhões de cruzados⁴⁴⁵. A afronta era dolorosa, e os jesuítas deviam expiá-la. A raiva de Pombal descarregou-se primeiro na *Relação Abreviada da República dos Jesuítas*. Obras de aparência erudita e panfletos vulgares vieram de novo a lume em Portugal, na Inglaterra, França e Espanha. Os autores dirigiam-se aos reis, aos bispos, ao próprio papa. Os padres eram tratados de intrigantes, religiosos revoltados contra todo o poder, porque tinham apoiado o direito dos guaranis. A campanha deu tão bons resultados que já em 1759 Pombal ousava expulsar os jesuítas de todos os domínios da Coroa portuguesa. A esperança de recuperar a posse das reduções orientais pareceu então perdida para sempre.

Contudo, o horizonte em breve se desanuviava. A 10 de agosto do mesmo ano morria Fernando VI de Espanha, e os jesuítas tiveram motivos para acreditar que seriam melhor apoiados por seu irmão, Carlos III, o qual, subindo ao trono em 1761, logo se apressou a denunciar, com efeito, o Tratado de 1750. Cada redução de Entre-Rios albergara entre duzentas e cinquenta a trezentas famílias de refugiados. Um relatório do bispo de La Torre, em 1761, diz que, excetuando as sete reduções atingidas pela guerra, a República encontrava-se nesse momento num estado florescente.

O desanuviamento foi de pouca duração. Em 1762, a Companhia era suprimida na França. Por toda parte, inimigos acirrados, solidários com a exploração colonial e mais ou menos imbuídos do espírito enciclopédico, continuavam explorando a guerra guarani em desfavor dos jesuítas. Pretendia-se que ela revelara, por fim, a verdade de todas as antigas acusações. Está claro, dizia-se, que as reduções independentes eram um perigo permanente para o império colonial. Esquecia-se quem era o agressor e que as reduções jamais tinham atacado fosse quem fosse. Esquecia-se também que, afinal de contas, a resistência guarani, longe de incomodar a Espanha, acabara salvando para a Coroa espanhola um vasto e rico território que, nas mãos dos jesuítas, constituía a melhor muralha contra as tradicionais ambições portuguesas sobre o Paraguai e as minas de ouro de Potosi. As paixões falavam mais alto que os interesses. O imperialismo secreto da

445. 156 milhões de francos-ouro; segundo outros autores, 60 milhões de cruzados.

Companhia era indubitável, acrescentava-se. O Padre Aguilar⁴⁴⁶, Provincial, não confessara imprudentemente, num relatório ao rei, que nada se poderia opor às tropas guaranis e que as próprias cidades espanholas “não estariam em segurança se os obrigassem a recorrer a medidas extremas”? Aí estava a confissão: a República Guarani podia desafiar “as melhores tropas espanholas e portuguesas”. Se os jesuítas não tinham decidido empenhar a fundo o exército guarani na campanha de 1753-1756, fora apenas porque, em seu entender, o tempo trabalhava a favor deles. Mais valia, portanto, resolver radicalmente, enquanto se dispunha de meios para tal, um problema que envenenava a vida colonial. Há século e meio que o conjunto da sociedade espanhola, cúmplice de uma injustiça lucrativa, vivendo das rendas coloniais, experimentava também um sentimento de mal-estar, com a consciência incomodada e humilhada pela existência dessa república cristã de índios livres, virtuosos e felizes. Uma acusação viva mantinha-se ereta em face dos exploradores instalados, enquanto a pequena república não fosse abatida. O escândalo tinha de desaparecer. Os assaltos frustrados do tempo de Cárdenas e Antequera, e em tantas outras ocasiões, tinham acumulado rancores tenazes contra os jesuítas, de tamanha destreza em aparar os golpes. A riqueza e o poderio de certas casas da Companhia excitavam também a malevolência. Por sua parte, os colonos da América do Sul não perdoavam aos jesuítas o fato de terem tomado o partido da metrópole contra os movimentos de emancipação. A Coroa, de seu lado, não conservava gratidão alguma e muito pouca confiança depositava nos missionários que tinham ousado infringir suas decisões soberanas. As provações e injustiças impostas aos missionários não permitiam já esperar outro desfecho senão o que viesse a ser ditado pela necessidade. Mais profundamente, já se fizera excessivo mal aos padres e a seus neófitos; agora, era preciso ir até ao fim.

A colaboração de princípio e de fato, concedida amplamente pelos jesuítas ao mundo colonial, poderia ter neutralizado os ataques, tê-los limitado, pelo menos, aos territórios das reduções livres; e, com efeito, para honra da Companhia de Jesus, a República Guarani cons-

446. “Que poderíamos opor a vinte mil índios que...”, etc. Tratava-se então, em 1734, no pensamento do Padre Aguilar, de dar confiança a um rei derrotista, contra a Comuna revoltada.

titui sempre, durante esse século crítico, o terreno de ataque da predileção de todos os adversários. Entretanto, por outros motivos que saem do nosso âmbito, a Companhia era visada em si mesma, e os mais diversos meios mantinham contra ela uma campanha de ciúme, suspeita e ódio.

A 27 de março de 1767, o rei de Espanha, Carlos III, assinou o decreto de banimento dos membros da Companhia de Jesus. As ordens, contra-assinadas pelo Ministro Aranda, foram expedidas por toda parte, munidas de três chancelas. No segundo envelope, lia-se: "Sob pena de morte, não abrir até 2 de abril de 1767, ao declinar o dia." A carta do rei continha a ordem para o destinatário se apresentar imediatamente nas casas dos jesuítas, com escolta militar, para os prender. Os jesuítas das cidades espanholas da América só foram presos a 12 de julho. Foram embarcados para a Europa. Os ricos colégios foram transmitidos a outras ordens religiosas; a Universidade de Córdoba ficou confiada aos dominicanos.

Quanto aos padres da República Guarani, puderam continuar tranquilamente seu ministério até ao mês de agosto do ano seguinte. O Marquês de Bucareli, governador de Buenos Aires, fizera compreender que a humilhante experiência de 1750-1756 corria o risco de repetição e que mais valia preparar a coisa com tempo, se com isso se pudesse evitar uma nova guerra. Os jesuítas, aterrados com a supressão da Ordem, não tinham qualquer intenção de resistir. O perigo de uma resistência, por parte deles, foi agitado utilmente para ocultar as enormes dificuldades a que seria preciso fazer frente, a fim de instaurar uma administração civil e eclesiástica capaz de substituir os padres da Companhia.

Já na primavera de 1767 Bucareli pedira ao Superior-Geral das reduções, o Padre Balda, que lhe enviasse os corregedores. A 22 de julho, o Superior garantiu a Bucareli que a ordem seria executada. Em agosto e setembro, os corregedores guaranis chegaram a Buenos Aires, onde foram recebidos com provas de deferência e amizade. Trataram-nos, em todos os aspectos, como *caballeros* ou nobres espanhóis. As conferências começaram entre o governador e os corregedores, com a ajuda do intérprete Lucas Cano, a quem devemos uma memória dos acontecimentos. Bucareli soube despertar a confiança dos corregedores. Fê-los falar. Expôs-lhes o programa por ele concebido para o desenvolvimento da nação guarani. Os guaranis passariam a desfru-

tar de todos os direitos e liberdades dos cidadãos espanhóis. Todas as carreiras lhes seriam acessíveis. Bucareli procurou mesmo estabelecer em Candelária uma universidade onde os filhos dos corregedores e outros notáveis receberiam a formação útil para fazerem carreira nas administrações civis e no exército, ou para ingressarem no sacerdócio e tornarem-se párocos. A perspectiva dessa honra suprema comoveu particularmente os corregedores. Entre as conferências, organizaram-se cerimônias e convites para recepções. A 4 de novembro, por exemplo, os representantes guaranis encontraram-se nos lugares de honra da catedral de Buenos Aires, durante uma missa pontifical. Após o ofício, participaram de um banquete, sentados na mesa do governador e ao lado da nobreza da cidade e cônegos da catedral. Bucareli influenciou também alguns corregedores por meio de ofertas de certos privilégios pessoais.

O jogo deu certo. Aquilo que outrora teria sido a mais inconcebível de todas as coisas, acontecia agora: os chefes guaranis deixaram-se embair e manifestaram sua confiança nos espanhóis, de quem sempre haviam desconfiado quase tanto quanto dos portugueses, e que, de resto, os tinham vendido pelo Tratado de 1750. Esquecendo o espírito de inquebrantável independência de seu povo, os corregedores aceitaram o bastão de comandante espanhol, tão desdenhosamente rejeitado pelos antigos caciques. Mais do que isso: escreveram uma carta ao rei de Espanha, Carlos III, onde não se contentavam em agradecer calorosamente a Sua Majestade os projetos estabelecidos para o seu povo; em substância, os corregedores felicitavam-se de poder sair em breve do estado inferior em que tinham vegetado sob a direção dos jesuítas, exprimindo a esperança de verem seus filhos exercerem o ministério sacerdotal em sua pátria, preencherem as funções cívicas e serem até chamados à Corte de Madri.

Vê-se que o espírito evoluíra muito em alguns anos. No término da guerra guarani, os padres tinham-se esforçado por reconquistar sua plena autoridade moral. Fora nomeado Superior-Geral o Padre Balda, um autêntico “resistente” que deixara bem marcada a sua inteira solidariedade com o povo guarani. A confusão moral não fora, contudo, superada. O conjunto do povo guarani, consciente do seu direito e da força de que poderia ter usado, mantinha-se profundamente ferido pelo abuso de autoridade que amortecera, dispersara e mais ou menos aniquilara as suas reações de defesa. Não pudera ainda esque-

cer as diretrizes dos padres e suas consequências. O Padre Cardiel, cura de S. Nicolau, nota que a disciplina já não era a mesma nesses últimos anos, embora a vida econômica estivesse novamente próspera e as sete reduções atingidas pela guerra tivessem reencontrado um desafogo honesto, que não igualava, porém, a antiga opulência.

A atitude dos corregedores em Buenos Aires apenas exprimia, evidentemente, e de modo decepcionante, um aspecto acidental dos sentimentos do povo guarani. No momento da separação, que foi lancinante em muitas reduções, nos anos seguintes e até nossos dias, os testemunhos do reconhecimento acumulado no coração dos bons índios, no decurso de cento e cinquenta anos de vida comum, demonstram suficientemente que os jesuítas não se tinham dedicado e sacrificado por ingratos.

Um relatório de Bucareli acompanhou a Madri a carta dos corregedores, apoiada ainda pelas declarações dos bispos do Prata, de Illana e de Torre, as quais eram desfavoráveis aos jesuítas.

A 2 de janeiro de 1768, foi promulgado o decreto especial de Carlos III, expulsando os jesuítas das três províncias do Paraguai, Plata e Tucumã, em aplicação da “Pragmática Sanção” de 1767: “Se, após o embarque, existir ainda um só jesuíta, mesmo doente ou moribundo, no vosso departamento, sereis punido de morte. Eu, o Rei.” A 7 de junho, Bucareli expediu uma ordem selada para abrir a 21 de julho. A 22 de julho, apareceram por toda parte, inopinadamente, esquadrões de cavalaria encarregada de levar os jesuítas pela força, se necessário. O Padre Peramas diz que o ano de pausa fora empregado pelos padres, em entendimento com os corregedores, a dispor os guaranis à submissão e à resignação, persuadindo-os da impossibilidade de uma resistência vitoriosa. Um escritor protestante, Mannsfield, admira a “abnegação fantástica” da Companhia que, sem um gesto de resistência, abandonou o vasto império por ela detido no Paraguai. Deve-se dizer que os padres do Paraguai sabiam de seus confrades já encarcerados e da supressão da Companhia em todo o império, assim como em Portugal e na França. Os padres acolheram quase com júbilo a injustiça e a perseguição que os uniam a seus confrades e que resolviam, perante suas consciências e perante a História, a contradição em que se debatiam desde 1750. Pensando nas oportunidades incontestáveis que uma resistência lhes propiciaria, Crétineau-Joly fala da “gloriosa e funesta abnegação”.

Cento e cinquenta missionários foram presos nas três províncias e levados para Corrientes, Santa-Fé, Córdoba, Montevideu e Buenos Aires. Na ausência de uma narrativa particular sobre a prisão dos padres das reduções guaranis, pode-se supor que, para simplificar as coisas e prevenir quaisquer incidentes, os missionários tenham-se reunido por iniciativa própria, em pequenos grupos, aos seus confrades das cidades espanholas vizinhas.⁴⁴⁷ A 3 de agosto, todos os jesuítas se encontravam expulsos das colônias espanholas. De acordo com as instruções régias, a maneira como a expulsão seria levada a cabo devia ser branda. Mas foi brutal, como era de prever, uma vez que a pena de morte sancionava toda e qualquer negligência. Os velhos, os doentes e moribundos, sem distinção de nacionalidade, foram empilhados em carroças e arrastados pelas estradas, sob um calor tórrido, recebendo uma só refeição por dia. Sem qualquer julgamento, todos os padres foram submetidos, como criminosos, a um encarceramento severo, incomunicáveis, e deixados depois a ferros, durante meses, na entrecoberta dos navios de guerra. É preciso ler, a esse respeito, o diário do Padre Peramas.⁴⁴⁸ Um célebre viajante francês, Bougainville, que se encontrava acidentalmente em Buenos Aires em 1768, foi testemunha dos acontecimentos. Conta ele que a pena de morte ameaçava toda e qualquer pessoa que se comunicasse com os padres jesuítas. Pessoas devotas, em Buenos Aires e Córdoba, perderam o uso da razão diante do horror dos tratamentos infligidos a santos religiosos. Bougainville abordou corregedores guaranis e interrogou cem testemunhos unânimes, incluindo o próprio General Viana. Soube extrair de todos os gritos e vociferações hostis que circulavam na multidão apaixonada, um julgamento bastante sereno e benevolente: “Se, nesta organização (a Companhia de Jesus) se encontravam alguns intrigantes, a maioria, religiosos de boa-fé que não viam no instituto senão a piedade e a devoção de seu fundador, servem no espírito e na verdade o Deus a que se consagraram.”⁴⁴⁹

Das diferentes colônias espanholas, 2.337 jesuítas foram levados para a Espanha entre 1767 e 1769, sem contar mais de duzentos padres e irmãos que morreram em consequência dos maus tratos re-

447. Por parte dos jesuítas, falta realizar um trabalho bem documentado sobre o difícil período de 1750-1768, a propósito do qual tem-se observado até agora a maior reserva. Relatórios eram regularmente enviados a Roma. Seus dados poderiam eventualmente modificar certas perspectivas.

448. Publicado pelo Padre Huonder em *Katholische Missionen*, 1900.

449. *Vot/age autour du Monde*, 1771. O Cap. VIII é dedicado à República Guarani.

cebidos. Os padres do Paraguai, como os outros, permaneceram encarcerados um ano, dois, três anos e mais, sem julgamento. Navios carregados de deportados não tiveram mesmo ordem de acostar a portos espanhóis e foram recambiados para a Itália. Passaram semanas “pairando, sob violentas tempestades, à vista da costa dos estados pontifícios”. Muitos deles pereceram. Finalmente, a Córsega teve a honra de acolher os veneráveis proscritos. Sismondi, na sua *Histoire des Français*, fala com um respeito sem restrições sobre a atitude dos jesuítas em sua desventura.

Diz-se que, sob a pressão dos Bourbons, dos filósofos e da opinião de diversos meios influentes, Clemente XIV, eleito mediante a promessa, mais ou menos formal, de suprimir os jesuítas, efetivamente os suprimiu a 21 de julho de 1773, pelo *Breve Dominus ac Redemptor*. Sem examinarmos aqui as causas de ordem geral que provocaram a supressão provisória da Companhia de Jesus, convém ainda recordar que a República Guarani fora sempre uma peça fundamental da campanha antijesuítica que redundaria no Breve de Clemente XIV. Esse fato é sumamente honroso para a perseguida Companhia de Jesus.

No Paraguai, as tropas que substituíram inicialmente os jesuítas desonraram-se por atos de vandalismo que parecem terem sido comandados e executados metodicamente, se ajuizarmos pelo destino que foi reservado por toda parte às bibliotecas fundadas pelos missionários. Diz um viajante protestante: “Essas coleções magníficas tiveram a mesma sorte da famosa biblioteca de Alexandria. Não foi um pagão como Ornar, não foram os selvagens do Grande Chaco, que as destruíram, mas cristãos, irmãos espirituais daquele Teodósio que fez destruir a biblioteca de Alexandria. Fizeram cartuchos com uma grande parte dos escritos dos jesuítas, ou serviram-se deles para cozer bolachas, fabricar lanternas e eu, como o historiador Oróslo, nada mais encontro senão os armários vazios da biblioteca.”

O pano cai, assim, sobre uma cena que ilumina cruelmente, para os vencedores, o triunfo por eles obtido sobre os jesuítas e sua república.

XVIII

Trágico Epílogo

Logo após a partida dos jesuítas, o Marquês de Bucareli recebeu, escrito em guarani, o interessante documento que se segue.

Carta da Municipalidade da Missão de S. Luís Gonzaga ao Governador de Buenos Aires.

Nós, a municipalidade (cabildo), e todos os caciques e índios, mulheres e crianças de S. Luís, rogamos a Deus que tenha em Sua santa guarda Vossa Excelência, que é nosso pai.

O corregedor Santiago Peredo e D. Pantaleón Coyuari, com a afeição que nos dedicam, escreveram-nos solicitando certos pássaros que eles desejam enviar ao rei, e nós lamentamos vivamente não poder obtê-los, pois essas aves vivem nas florestas onde Deus as Criou e distanciam-se de nós, de modo que não podemos alcançá-los. Mas nós não somos menos sujeitos de Deus e do rei, e estamos sempre felizes por comprazer aos desejos de seus ministros, em tudo o que nos pedem. Com efeito, não é verdade que fomos três vezes até à Colônia para oferecer os nossos socorros? Não é verdade que trabalhamos para pagar os nossos tributos? E agora rogamos a Deus que a mais bela de todas as aves, o Espírito Santo, baixe sobre o rei e o ilumine, e que o seu anjo da guarda o acompanhe.

Cheios de confiança em Vossa Excelência vimos, com toda a humildade e de lágrimas nos olhos, suplicar que seja permitido aos filhos de Santo Inácio, aos padres da Companhia de Jesus, continuarem residindo entre nós e aqui permanecerem sempre. Pelo amor de Deus, suplicamos a Vossa Excelência que se digne pedir isso ao rei. Toda a nossa aldeia, homens, mulheres e crianças, e sobretudo os pobres, dirigem-vos esta súplica, os rostos banhados de lágrimas. Quanto aos monges e padres que nos foram enviados para substituir os padres da Companhia de Jesus, não os queremos. O apóstolo S. Tomé, ministro de Deus, evangelizou ele próprio os nossos ancestrais, nestas mesmas regiões. Esses monges e padres não cuidam de nós, ao passo que os filhos de Santo Inácio eram cheios de bondade por nós. Foram eles quem, desde o princípio, cuidaram de nossos pais, os instruíram, os batizaram e os salvaram para Deus e o rei. Mas quanto a estes monges e padres, não os queremos de maneira nenhuma.

Os padres da Companhia de Jesus sabiam ser indulgentes com as nossas fraquezas e sentíamos-nos felizes sob a direção deles, pelo amor que dedicávamos a Deus e ao rei. Se Vossa Excelência, bom senhor governador, quer escutar a nossa súplica e conceder o que solicitamos, pagaremos um tributo mais considerável em erva-mate. Não somos escravos e queremos fazer ver que não nos agrada o costume espanhol que quer que cada um cuide de si, em lugar de se ajudarem mutuamente em seus trabalhos cotidianos.

Esta é a verdade nua e simples, e fazemo-la saber a Vossa Excelência, para que nela atente, senão esta Missão perder-se-á como as outras. Estaremos perdidos para Deus e para o rei; cairemos sob a influência do Demônio, e onde encontraremos então socorro, na hora da nossa morte? Os nossos filhos, que estão atualmente nos campos e nas aldeias, se, no seu regresso, não mais encontrarem os filhos de Santo Inácio, fugirão para as florestas, para aí praticarem o mal. Ao que parece, já os povos de S. Joaquim, S. Estanislau e Timbó estão perdidos; nós bem o sabemos e o declaramos a Vossa Excelência. As próprias municipalidades já não são capazes de os fazer voltar sob a autoridade de Deus e do rei, como eles estavam antes.

Assim, bom governador, autorizai o que vos pedimos, e que Deus vos ajude e guarde.

Eis o que vos declaramos, em nome do povo de S. Luís, hoje, 28 de fevereiro de 1768.

Vossos humildes servidores e filhos.

(a) Os membros do Cabildo da Missão de S. Luís.⁴⁵⁰

Através do frescor original desta carta, onde transparece a qualidade de alma atingida pelos antigos bárbaros “antropófagos”, descobre-se que o povo guarani não compartilha da confiança ingênua ou interesseira que os corregedores tinham depositado na nova ordem. Os mais sombrios pressentimentos que os guaranis podiam conceber, nesse momento, ficariam, entretanto, muito abaixo dos infortúnios que se aprestavam a desabar sobre as suas reduções.

A Administração Colonial

O Marquês de Bucareli, na verdade, fora quase sincero nas suas promessas. Vangloriava-se, com os seus administradores civis, de fazer a felicidade dos guaranis - melhor do que os jesuítas. A sua ambição era criar um sistema sólido e duradouro. Impusera a si mesmo a tarefa de apresentar ao mundo uma vitória moral sobre os detestados jesuítas. Suas instruções e programas não deixam de ser inteligentes.⁴⁵¹

Infelizmente, as reformas de aparência mais progressiva eram antecipadamente falseadas e tornavam-se inoperantes ou maléficas, por causa do espírito colonial e mercantil que tudo impregnava.

450. O texto guarani foi publicado por Woodbine Parish, em *Buenos Ayres et les provinces de la Plata*, traduzido em francês por Martin de Moussy, *Description*, tomo III, pp. 677-79. Explica-se que os jesuítas tenham abandonado S. Luís alguns meses antes da expulsão geral, pelo fato de S. Luís ser uma das sete reduções a que o Provincial renunciara em favor da Espanha ou, mais simplesmente ainda, supondo-se que as partidas foram escalonadas de região em região, de modo a evitar uma reação maciça da população.

451. Principalmente a *Instrucción* de 23 de agosto de 1768 aos dois governadores nomeados para substituir o antigo Superior, e a *Adición* de 1770, que estabeleceu um só governador em Candelária e quatro regedorias. O sistema de Bucareli só foi aprovado oficialmente por Carlos III em 1778.

Por exemplo, era em si uma medida interessante para os guaranis aprenderem espanhol, cujo ensino se tornava obrigatório. Na prática, tendo em vista os métodos dos comerciantes coloniais, era vantajoso que o ignorassem completamente e vivessem ao abrigo de uma fronteira fechada, sem gozar da liberdade de comércio que era concedida pela Instrucción. Bucareli, de resto, decretou a liberdade de comércio externo, mas interditou o comércio interno, muito intenso e essencialmente são, que prosperava entre as reduções. Proclamava-se, nada mais nada menos, que a finalidade do novo sistema era “assegurar a prosperidade do povo guarani pela agricultura, o comércio e a língua espanhola”.

Em si, também era um progresso distinguir e emancipar em melhores condições o poder civil do poder eclesiástico. Na prática, o Conselho de cada redução era mais livre sob a autoridade de um poder teocrático do que sob o controle de um poder civil estrangeiro, enfeudado aos mercadores. Deve-se dizer que, neste ponto, Bucareli esforçou-se por impedir os abusos mais perigosos, interditando aos administradores locais toda e qualquer espécie de comércio, encarregando-os da vigilância das transações e prevendo que nenhuma decisão, mesmo de pouca importância, seria válida sem o acordo do Conselho indígena. Na prática, essas diretrizes de princípio, insuficientemente definidas, só redundaram em confusões e conflitos, sempre resolvidos contrariamente aos direitos teóricos do Conselho. Os administradores eram, na sua maior parte, oriundos de Corrientes, Vila Rica, Assunção e outras cidades vizinhas. Contornaram a interdição fazendo vir pessoas de seu parentesco, a quem o comércio não estava interdito. Outros espanhóis acorreram em massa, assim que a fronteira foi aberta, nessa região de riquezas que se imaginavam fabulosas. As instruções do Ministro Aranda recomendaram a fixação de colonos nas reduções, para evitar o isolamento dos administradores. Segundo o costume, os comerciantes de passagem tinham de ser albergados gratuitamente durante semanas. Habituarão-se a permanecer nas reduções não apenas os dois meses previstos pela lei, mas quase o ano todo, desmoralizando a população, roubando-a, praticando o comércio clandestino, muitas vezes com a cumplicidade do administrador. Festins entre os espanhóis eram organizados a expensas da comunidade. O álcool serviu como principal artigo de troca e

contribuiu, mais do que qualquer outra coisa, para o aviltamento do povo.⁴⁵² Por meio de atos mais ou menos legais, as melhores terras foram surrupiadas, as plantações exploradas e pilhadas, as estâncias e os armazéns confiados, por contrato, a parentes dos administradores e diretamente roubados.

Para explicar como a pilhagem pôde efetuar-se sob os olhos de um povo que, no entanto, já demonstrara a sua capacidade de reação, convém notar que todas as armas tinham sido cuidadosamente apreendidas pelos dragões. Até o sabre fora interditado. Além disso, Bucareli instaurara a pena de morte e a mutilação, desconhecidas no tempo dos jesuítas. Em Buenos Aires, em 1768, tinha-se logrado amotinar a população contra os jesuítas, mostrando-lhe alguns guaranis que se queixavam da severidade dos padres. Ora, com o novo regime, a bastonada tornara-se tão habitual que os guaranis acabaram por mostrar-se “como que indiferentes”. Assim, os belos princípios formais de “*libertad de los indios*” não se encarnaram de maneira agradável para os guaranis.

As deserções em massa começaram a ser organizadas logo nos primeiros anos. Os abipones, convertidos pelos guaranis e estabelecidos nas reduções do norte, tinham abandonado as povoações assim que os jesuítas partiram; retiraram-se para o Chaco, onde pouco a pouco retomaram sua vida de salteadores. A negligência e a sabotagem instalaram-se, consequências do sistema de trabalho forçado.

Em 1769, ou seja, um ano após a expulsão dos jesuítas, o administrador regional Sanginès viu-se forçado a dar o alarma. Os administradores locais foram cassados em série. Os seus substitutos não conheciam a língua guarani e não puderam impedir que a desordem continuasse, uma desordem inerente ao sistema estabelecido em toda a América para benefício dos colonos, para o enriquecimento individual sórdido e mesquinho, em detrimento, inclusive, dos interesses nacionais e de toda a espécie de política colonial que se pretendesse levar a efeito.

Em semelhante mundo, era impossível formar um corpo de administradores que não fosse de gananciosos e especuladores. Constatou-se bem depressa que nada mais havia a esperar senão salvar-se as aparências - e por pouco tempo. Alguns homens sinceros

452. Relatório do vice-rei, Marquês de Loreto, Hernandez, tomo II, p. 207.

empenharam-se até onde lhes era possível em frear a liquidação, multiplicando os relatórios para o governador e até para Madri.

Dois anos após o banimento dos jesuítas, Lucas Cano, o intérprete das conferências dos corregedores em Buenos Aires, visitou certo número de reduções, durante um inquérito que devia provocar a demissão de uma nova série de administradores. Nota em Itapuã, a 3 de novembro de 1769, que, no dizer dos guaranis, sua situação material já piorara seriamente depois da partida dos missionários. O gado, que outrora superabundava, começava escasseando.⁴⁵³ A ruína acelerou-se nos anos seguintes. Em 1773, o administrador de Trinidad, Bernardo Hidalgo, nomeado um ano antes, escrevia ter encontrado a sua redução despovoada, as estâncias desertas, os armazéns espoliados, as oficinas quase abandonadas. Em 1774, foi o próprio administrador-geral, Lazcano, quem revelou a desagregação de todas as reduções. De 1788 a 1795, uma tentativa de reorganização foi efetuada de acordo com novas diretrizes, sobretudo no tocante ao comércio. O pessoal, corrompido e ganancioso, fez malograr o esforço. Em 1791, o administrador-geral Diego Cassero descreveu o estado de abandono, os escândalos repetidos, a ruína que se desenha por toda parte. Quinze ou vinte anos mais tarde, o Dr. Rengger, de passagem na região, observava um empobrecimento geral: “Atualmente, nas imensas pradarias que regurgitavam de manadas, não se descobre uma só cabeça de gado.” Para extrair um lucro imediato da tomada das reduções, as autoridades espanholas colocaram abertamente em leilão as estâncias, mas, por causa das dificuldades de exploração, não se apresentaram compradores. Como verdadeiros saqueadores que eram, os colonos não pensavam, inicialmente, em encarregar-se da gerência de empresas. O inesperado lucro na venda imediata das grandes manadas e rebanhos bastava-lhes. Em 1820, Rengger passou de novo alguns tempos nessas paragens. A situação estabilizara-se, de certo modo: exploravam-se os restos. “A classe superior dos habitantes dessa região (Santa Maria), como os administradores e proprietários de estâncias, não tem muito a fazer. Passam frequentemente oito dias seguidos e a grande parte da noite em companhia uns dos outros, jogando. O eclesiástico do lugar nunca falta a essas reuniões.”⁴⁵⁴

453. Quatro anos após o banimento dos jesuítas, o número de bois caíra de 787.722 (não compreendendo as grandes estâncias) para 184.192 cabeças. Os cavalos e carneiros tinham diminuído na mesma proporção (documentos em Demersay, *Histoire du Paraguay*, p. 30-1).

454. Rengger, *Reise nach Paragtiay*, p. 461. Um viajante francês, Augustin de Saint-Hilaire, con-

Pouco antes de visitar Santa Maria, Rengger já vivera dois meses em casa de um Sr. Espíndola, que se tornara proprietário de uma pequena estância guarani, a duas horas de Santa Rosa. Também aí ele observara as devastações, o aniquilamento do gado, a dispersão dos guaranis e a invasão dos brancos. Depois de lembrar que os primeiros administradores eram, pura e simplesmente, ladrões, Rengger diz que os novos “entendem-se tão bem quanto os seus predecessores para encher os bolsos”.

O Estado retirara, de sua parte, muito poucas receitas da sua administração, apesar das reclamações reiteradas e enérgicas do governador e de Madri.

Não será preciso dizer que as belas promessas feitas em Buenos Aires aos Senhores Corregedores, nunca se realizaram. Não só a Universidade de Candelária nunca foi fundada, mas as escolas primárias e profissionais, tão florescentes na época dos jesuítas, entraram em decadência, assim como as escolas de música.⁴⁵⁵ Em 1776, somente nove reduções possuíam ainda classes regulares. A língua espanhola nunca se implantou, e o seu ensino foi abandonado. Com medo de que o povo não se esclarecesse demais, também foram desmontadas as três ou quatro tipografias instaladas pelos jesuítas. Em vez de se instruírem, as crianças tinham de trabalhar e produzir. “Habituada pela missão maternal a um trabalho moderado, a uma mesa abundante, a horas de alegre recreio, as crianças entristeceram quando a ‘real madrasta espanhola’ os deixou andar esfarrapados, racionou-lhes o alimento, sobrecarregou-os de trabalho e mediu as horas de repouso”. Assim fala o protestante Bach.

Os adultos, proclamados cidadãos e declarados elegíveis para todos os cargos da metrópole e das colônias, foram submetidos a um verdadeiro regime de trabalhos forçados. Os lotes tinham sido mais ou menos restaurados. Com o novo regime, teriam apresentado certo interesse para os guaranis, uma vez que suas rendas comuns eram em grande parte roubadas. Os dois dias que os regulamentos de Bucareli

firma as observações de Rengger. A sua conclusão global é que os jesuítas foram substituídos por homens que só viram nos guaranis “instrumentos para uma rápida fortuna” (*Àperçu d'un voyage dans l'intérieur du Brésil*, p. 69). Doblas, igualmente testemunha ocular, fala de autêntica pilhagem da receita e das propriedades (*Memória*, p. 27). Ver Hernandez, tomo II, p. 237.

455. Os franciscanos e os padres da Misericórdia tinham sido inicialmente encarregados de dirigir as escolas. Depois de 1770, mestres leigos eram os únicos que se ocupavam da tarefa. Em 1795, o relatório de Alvear diz que esses mestres eram de uma ignorância crassa (Hernandez, tomo II, p. 244).

reservavam para o trabalho no lote eram recusados segundo os caprichos do administrador. As instruções de Bucareli também previam a possibilidade de os colonos empregarem os guaranis como trabalhadores jornalheiros, contra um justo salário. Os que se mudaram para o Paraguai, Corrientes ou Buenos Aires, na esperança de serem melhor tratados, viram-se submetidos ao regime ordinário dos índios. Caíram numa escravidão mais ou menos temperada. As mulheres também foram sensivelmente mais oneradas do que no tempo dos jesuítas. Entregavam-lhes dez onças para fiar. Deviam devolver três onças de fio. “Castigos corporais puniam o não cumprimento dessa tarefa.”

Muitos guaranis habituaram-se a viver em cabanas, no campo. Estavam aí mais livres e menos explorados que nas localidades onde lhes faziam pagar o aluguel das casas! As igrejas, outrora tão opulentas, os colégios, as oficinas e as casas de habitação, começaram também a cair em ruínas. Vinte e cinco anos após a expulsão dos padres, Azara encontrou as construções num estado de completo abandono e em parte demolidas.

Súplicas ao rei foram ainda expedidas diversas vezes pelos guaranis, solicitando o regresso dos jesuítas. Eclodiram revoltas. Administradores ou curas foram ocasionalmente expulsos. Esses movimentos isolados foram abafados.

A decadência continuou, velada sob uma aparência de ordem e por velhos hábitos que se tinham habilmente mantido. Todas as manhãs, os sinos e tambores davam ainda o toque de alvorada. Após a missa com música, os grupos de trabalhadores ainda partiam para o campo ao som da flauta e do tambor. Mas esses hábitos, outrora tão caros aos guaranis, não lhes criavam já qualquer ilusão sobre a sua nova situação.

Muito antes das guerras do século XIX, desde os primeiros anos do novo regime, a cifra populacional por toda parte caíra verticalmente. Evasões em massa, incursões dos portugueses e epidemias, concorreram para despovoar o País, com a miséria produzida pela exploração colonial.⁴⁵⁶

Quanto ao próprio sistema de propriedade comum estabelecido pelos jesuítas, Bucareli descreve-o em seus relatórios a Carlos III

456. Em 1772 apenas se contavam 80.952 guaranis nas reduções. Em 1785: 70.000; em 1797: 54.380; em 1801: 42.885. Cifras fornecidas por d'Orbigny, segundo Doblas, subgovernador das Missões. O relatório de Alvear, datado de 1795, menciona epidemias catastróficas (Hernandez, tomo II, p. 244). Yapeyu ainda contava 5.500 habitantes em 1790.

como um regime escravista organizado para enriquecimento da Companhia de Jesus. Os comissários encarregados da demarcação também se pronunciaram pela abolição da propriedade comum. Segundo o relatório deles, devia-se distribuir a cada guarani certo número de vacas, cavalos e mulas, um campo de lavoura, etc. Madri sempre fizera pressão nesse sentido. Ainda durante muitos anos foram apresentados projetos de reforma por Ibanez, Lopez, Azara, Doblas, Avilez, Carlos IV, sucessivamente. Todos estavam de acordo num ponto: era preciso abolir o comunismo. Não obstante, o comunismo subsistia. O esforço dos administradores, absorvido pelas tarefas correntes, asfixiado na desordem, achava-se impotente diante de uma transformação de tal envergadura. Não houve qualquer outra distribuição aos particulares, a não ser a de certas plantações e estâncias. Os felizes beneficiários das distribuições foram, como já se viu, espanhóis e não guaranis. As estâncias que escaparam à espoliação, as culturas, o gado, as oficinas, tudo continuava propriedade comum. Assim escreveu Martin de Moussy: “A melhor prova de que esse regime estranho, esse comunismo tão criticado, com alguma razão, talvez, era o que convinha aos índios, está no fato de os sucessores dos jesuítas verem-se forçados a mantê-lo quase até à época atual e de que a sua destruição, não preparada por medidas inteligentes e paternais, só teve como resultado único lançar os índios na miséria. Na hora presente, os últimos herdeiros sentem saudades desse regime, imperfeito, sem dúvida, mas tão adequado a seus instintos e seus costumes.”⁴⁵⁷

A comunidade continuou, portanto, a fornecer às famílias rações de carne, sal, mate, panos, cada vez mais escassas. Os víveres, distribuídos em quantidades insuficientes, eram quase sempre de má qualidade. “O intendente recebia os produtos que lhe enviavam os administradores particulares pelas barcas pertencentes às reduções. Era, como sempre, o mate, o fumo, o algodão em rama, o melão, os couros e crinas, as gorduras, etc. Devia negociá-los e, com o produto das vendas, deduzir a capitação, as dízimas, os ordenados dos curas, administradores, etc., que somavam entre 600 a 800 piastras anuais, comprar certos objetos de importação indispensáveis, e colocar o saldo no tesouro.”⁴⁵⁸ Os administradores arranjavam-se, como se disse, para que nunca houvesse saldo.

457. *Description*, tomo III, pp. 717-718.

458. Moussy, *ibid.*, pp. 680-681.

Trinta anos após a expulsão dos jesuítas, um governador, Dom Bernardo Velasco, decidiu com um pouco mais de firmeza suprimir o comunismo, a pretexto de reanimar a economia do País, mas, na verdade, para expropriar mais completamente os guaranis, sob a aparência de um livre comércio de terras. A resistência da população, depois as mudanças políticas ocorridas em Buenos Aires, fizeram ainda dessa vez com que a reforma abortasse. Mas nem por isso as terras dos guaranis deixaram de ser apanhadas aos poucos pelos colonos, sob a proteção tácita dos administradores.

Os guaranis estavam ligados ao regime comunista. Após as convulsões do século XIX, conservá-lo-ão ou repo-lo-ão em vigor, todas as vezes que a possibilidade se lhes apresentar. Rengger pôde observá-lo: oficinas e habitações continuavam sendo propriedade da comunidade. Os guaranis continuavam cultivando em comum a cana-de-açúcar, o milho, as bananas, a mandioca, etc. A forma de comunidade tendia para regressar a um primitivismo cada vez maior, se bem que certa especialização de funções fosse mantida. Por exemplo, numa casa, “uma mulher fiava, outra tecia, outra ainda fabricava as redes”.

Logo após a destruição de Entre-Rios, os refugiados reorganizaram-se sob a direção de três caciques, assistidos de um conselho, exatamente de acordo com as tradições recebidas dos jesuítas. A população dessa colônia estava calculada em 10.000 pessoas, entre 1820 e 1827. A comunidade de bens foi aí integralmente restaurada.

Nas reduções sobreviventes do Paraguai moderno, o regime comunista foi oficialmente abolido em 1848 pelo ditador Lopez. Os guaranis, que subsistiam ainda nessa região, foram nesse momento despojados legalmente de seus edificios e bens. Deixaram-nos vegetar nas reservas criadas à maneira norte-americana.

Em 1851, exploradores de *yerbales* que se tinham aventurado a subir profundamente o curso do Paraná, descobriram ainda a dez léguas ao norte do Iguaçu, no próprio berço das reduções do Guaíra, uma colônia de trezentas famílias guaranis que salvara a sua liberdade subindo o rio em canoas. Sem qualquer animal doméstico, reduzidos absolutamente à agricultura mais primitiva, esses refugiados viviam pacificamente, como irmãos, “mantendo com muita exatidão as práticas religiosas que tinham aprendido nas missões, tais como, o batismo, o casamento, as orações da manhã e da tarde, a celebração do domingo.”⁴⁵⁹

459. Moussy, tomo III, p. 691.

Advinha-se facilmente que a decadência social e econômica provocada pela exploração colonial, a partir de 1768, foi acompanhada de uma decadência paralela da vida religiosa. Desde o primeiro dia, as dissensões entre os religiosos sucessores dos jesuítas - franciscanos, dominicanos e padres da Misericórdia - tinham produzido o mais desagradável efeito sobre a consciência guarani. Os primeiros sucessores dos jesuítas não conheciam, em geral, a língua guarani. Sua preparação era, de todos os pontos de vista, insuficiente. As circunstâncias de sua chegada não contribuíram para torná-los simpáticos. A fé dos guaranis era, contudo, muito viva, muito esclarecida e já bastante provada, para que ruísse ao primeiro abalo. Os religiosos, apesar de sua mediocridade e dos limites impostos à sua influência, tornaram a vida mais humana e menos dura nas reduções, sem dúvida. Dez anos após a partida dos jesuítas, a prática religiosa podia ainda considerar-se fervorosa. Fazendo alusão aos exemplos infelizes de administradores e religiosos sempre em luta, o Marquês de Loreto escrevia em 1788: “Só as orações contínuas que esses pobres inocentes recitam todos os dias na igreja preservam essas aldeias de ser tragadas.”⁴⁶⁰

Em 1800, nas vésperas da eclosão das hostilidades, após trinta e dois anos de exploração colonial desenfreada, pode-se afirmar que a vida econômica, social e religiosa das florescentes comunidades guaranis manifesta um caráter geral de torpor. Cada redução definhava num isolamento completo.

As Reduções Saqueadas e Arrasadas

As desordens que preludiam a emancipação das colônias da América, no começo do século XIX, teriam podido fornecer aos guaranis uma ocasião inesperada para se recuperarem. Bastar-lhes-ia, nesse momento, dispor de uma força mesmo reduzida para conseguirem impor sua neutralidade e reencontrar uma existência autônoma. Mas a administração colonial já esgotara demais o País. Destruíra metodicamente toda a coesão entre as diversas regiões. Em vez de provo-

460. Hernandez, tomo II, p. 198. O administrador ordenava que se chicoteasse quem obedecesse ao cura e vice-versa. Bonpland observa que o entendimento entre administrador e cura foi sempre falho.

carem a libertação das reduções, as guerras de independência acarretaram sua ruína total. As três grandes regiões, Uruguai, Entre-Rios e Paraná, foram arrastadas e utilizadas, respectivamente, por seus vizinhos mais próximos. Cada uma seguiu um destino particular.

As Reduções do Uruguai

Em 1801, deflagrara uma guerra entre a Espanha e Portugal, sob a influência de Napoleão. Terminou em poucos dias. O governador português do Rio Grande não desperdiçou, porém, essa oportunidade para iniciar uma campanha, a fim de ocupar as sete reduções da margem esquerda do Uruguai, às quais Portugal não renunciara, depois do Tratado de 1750. O terreno fora bem preparado. Após algumas incursões de pequena envergadura, em 1770, 1775 e 1777, os portugueses tinham, com efeito, mudado de tática e começado a adular os guaranis das reduções cobiçadas. Instigavam-nos a desertarem e passarem para o Brasil, onde se lhes prometia melhor tratamento e menos trabalho. No decurso da campanha, recolheram os frutos de sua diplomacia. Os guaranis, desgostados da administração espanhola, adotaram uma atitude passiva. Os espanhóis, em inferioridade numérica, só puderam resistir algum tempo em S. Miguel e S. Nicolau. De julho a dezembro, os portugueses ocuparam toda a margem esquerda do Uruguai. A Espanha protestou. Parlamentou-se. Outros problemas surgiram alhures, e as sete reduções orientais permaneceram nas mãos dos portugueses. O estado da população ainda piorou mais. Os novos senhores transformaram as reduções em fortalezas e os seus habitantes em soldados, tendo em vista um ataque contra as colônias espanholas.

A partir de 1810, data em que foi lançada em Buenos Aires a Declaração de Independência, as reduções orientais, como, de resto, as da margem direita do Uruguai, viram-se metidas em todas as guerras civis e estrangeiras dos novos estados em formação. Os guaranis passaram então da mais profunda calma à vida movimentada dos campos de batalha. Se acreditarmos em Martin de Moussy, pouco a pouco, seguindo as ordens dos chefes que os comandavam, a sua do-

çura converteu-se em ferocidade. A população das reduções orientais sofreu, sobretudo, as extorsões, do General Chagas, durante a guerra de 1816-1818.

A ruína sobreveio em 1828, no curso de uma vasta ação de represálias empreendida contra os portugueses, agora transformados em brasileiros. O Coronel Rivera, oficial que se aliara a Buenos Aires, após ter servido primeiro no Brasil, empreendeu de sua própria iniciativa, ao que parece, para mostrar seu zelo, uma razia monstruosa que deveria angariar-lhe soldados, ao mesmo tempo que privava o Brasil do reservatório de homens que constituía essa região ainda relativamente povoada. Os fracos contingentes brasileiros debandaram em fuga, e os guaranis não se defenderam, acreditando tratar-se de mais uma simples mudança de dono. Toda a população foi levada por Rivera, que incorporou os homens válidos em suas tropas. As famílias formaram um imenso comboio. Sobre carroças, foram transportadas as estátuas dos santos, os ornamentos e os sinos das igrejas.

Os deportados foram dispersos e não deixaram vestígios de sua passagem, à exceção de alguns milhares que formaram dois povoados nas margens do Cuareiru. Das reduções da margem esquerda, apenas S. Borja escapou à destruição total. O naturalista francês Bonpland, que aí viveu de 1829 a 1853, assinala que as paredes dos edifícios “formam ruínas majestosas”. O pároco de S. Borja era, nesses mesmos anos, outro francês, o Abade Pierre Gay, que forneceu a Martin de Moussy as informações graças às quais ele pôde escrever o relato dos acontecimentos. Em 1835, os guaranis estavam praticamente eliminados de S. Borja. Restavam apenas 130 homens da raça guarani, dos quais 38 eram inválidos. Na margem esquerda do Uruguai, achavam-se os únicos sobreviventes das reduções orientais, que contavam mais de 30.000 almas setenta anos antes.

Hernandez passou na região das reduções orientais em 1912. S. Borja, Santo Ângelo e S. Luís são pequenas cidades modernas sem caráter próprio, edificadas na antiga localização ou nas circunvizinhanças. Toda a região se repovoa.

Entre-Rios

A sorte das quinze reduções “ocidentais”, situadas entre o Uruguai e o Paraná, parecia a princípio ser menos lamentável que a das reduções orientais. Um ano após a proclamação da independência, ou seja, em 1811, a Argentina e o Paraguai tinham assinado um acordo a respeito de suas fronteiras. As cinco reduções mais próximas do Paraná couberam ao Paraguai, as dez outras à Argentina.

Se considerarmos apenas os detalhes aparentes, poder-se-ia dizer que o infortúnio abateu-se sobre Entre-Rios, porque um guarani, Andrecito Tacuary, era filho adotivo do General José Artigas, chefe do Estado Provisório da “Margem Oriental”, que se insurgira contra Buenos Aires. O General Artigas foi derrotado em Cuareiru, a 4 de janeiro de 1817, pelo Marquês de Alegrete. Perseguido pelos portugueses, Artigas refugiou-se em Entre-Rios, onde tinha numerosos partidários, graças, precisamente, a seu filho adotivo Andrecito. Este fora, ele próprio, batido, algum tempo antes, não sem que derrotasse primeiro a cavalaria portuguesa que acorrera em socorro do General Chagas, então fazendo o cerco de S. Borja.

A intenção de Artigas era reorganizar um exército nas Missões. A consequência foi terrível. Eis a evolução dos acontecimentos, segundo Martin de Moussy, o primeiro historiador da ruína das reduções: “O Marquês de Alegrete, suspeitando das intenções de Artigas, tomou uma decisão extrema. Ele era o governador e capitão-geral da província do Rio Grande; o General Chagas estava, portanto, sob as suas ordens. Assim, ordenou-lhe que cruzasse imediatamente o Uruguai, destruísse completamente todos os povoados das Missões ocidentais e recolhesse a população, para a repartir pelas Missões brasileiras. Nada deveria restar de pé, nem igreja, nem habitações, nem Capelas, nem estâncias, nada, enfim, que pudesse servir um dia para reagrupar essas populações, que assim eram entregues a todos os horrores de um extermínio calculado.

“É preciso recuar muito na História, diz um escritor brasileiro que fez todas as guerras dessa época, para se encontrarem exemplos de ordens semelhantes. Os resultados da execução não poderiam deixar de ser, como efetivamente foram, bárbaros, inumanos, impolíticos e

anticristãos. A guerra, em si mesma horrível, é um dos maiores flagelos da humanidade, mesmo quando, por vezes, é necessária; mas invadir um território estrangeiro, devastar, saquear aldeias desarmadas, forçar os habitantes a assistirem a esses atos de horror e, depois, transportá-los violentamente para outro país, é próprio de nações bárbaras. Foi o que aconteceu nas Missões ocidentais, em consequência das ordens do Marquês de Alegrete, governador e capitão-geral da capitania do Rio Grande do Sul.

“Com efeito, prossegue Martin de Moussy, o General Chagas mostrou-se o executor fiel e consciencioso dessas ferozes medidas. A 17 de janeiro de 1817, atravessa o Uruguai, no passo de Itaquí, à frente de dois mil homens de tropas de primeira linha. Ocupa La Cruz, que não oferece resistência, visto que todos os índios válidos tinham fugido, e aí estabelece o seu quartel-general. Envia então o Major Gama, com trezentos homens de cavalaria, para destruírem Yapeyu, que sua população abandonara também. Gama realizou sua operação à vontade, não deixando pedra sobre pedra na antiga capital das Missões. No seu regresso, teve algumas escaramuças com Andrecito, mas foi socorrido a tempo por Chagas. D. Luís de Carvalho foi encarregado de destruir S. Tomé, S. José. Apóstolos, Mártires e S. Carlos, desempenhando-se da tarefa tão bem quanto Gama. Parece, contudo, que Andrecito o pressentiu em S. José e pode salvar a tempo a população, embora dispusesse ali de pouca gente, visto que o grosso de suas tropas se encontrava mais longe, em Entre-Rios, com José Artigas, que não se desencorajara com a derrota e queria, como efetivamente o fez, recomençar a guerra contra os portugueses. Outro lugar-tenente de Chagas, Cardoso, destruiu Concepción, Santa Maria Maior e S. Xavier.”

Enfim, para assegurar-se de que a tarefa fora realizada a preceito, o próprio Chagas avançou ao longo do Uruguai, até aos povoados do Paraná, acabando de destruir tudo o que escapara aos seus tenentes. A cavalaria, lançada em todas as direções, nada deixava de pé. “Naturalmente, foram cometidas atrocidades; o assassinio e o estupro estiveram na ordem do dia, assim como a imoralidade e o sacrilégio. Viu-se um tenente de cavalaria, um certo Luís Maíra, índio brasileiro, estrangular crianças e gabar-se da proeza. A religião católica era profanada e calcada aos pés por homens que se diziam católicos.”

Para que se possa melhor ajuizar a conduta de Chagas, eis o que ele próprio escreveu de S. Tomé, a 13 de fevereiro, ao Marquês de Alegrete: “Destruímos e saqueamos os sete povoados da margem

ocidental do Uruguai; saqueamos apenas os de Apóstolos, S. José e S. Carlos. Percorremos e devastamos todos os campos adjacentes a esses povoados, num raio de cinquenta léguas, sem contar que o nosso corpo de cavalaria, sob as ordens de Carvalho, cobriu 80 léguas na perseguição dos rebeldes. Pilhamos e temos conosco, trazidas do outro lado do rio, 50 arrobas de prata (575 quilos), belos e bons ornamentos de igreja, excelentes sinos, assim como recolhemos 3.000 cavalos, outros tantos jumentos, 1.130.000 réis de prata amoedada.” Noutro relatório, o mesmo general calculava o número de mortos em 3.190, de prisioneiros, 360. Vê-se que a guerra desencadeada contra os pobres índios, tão bons, se não melhores cristãos que os portugueses, era de puro extermínio. Dizia ainda, mais adiante, ter tomado 5 canhões, 1.600 fuzis, 15.000 cavalos, etc.

Consumada a destruição, Chagas deu ordem para que todos os que restavam dessa população fossem transportados para o território português, ao qual ele próprio regressou com os seus soldados. Carregaram imensas manadas e várias carroças repletas de despojos das igrejas. Sessenta e cinco arrobas portuguesas de vasos sagrados, candelabros, lustres, coroas, etc., em prata, foram os troféus dessa memorável expedição. Esses objetos preciosos, restos da antiga riqueza das missões, foram enviados para Porto Alegre e Rio de Janeiro, onde se pode ainda ver uma parte na capela imperial. Quanto aos sinos, quadros, estátuas de santos, tudo isso foi levado para S. Borja.

Todos esses horrores indignaram os próprios portugueses. O Padre Martinho Cespedes, ancião de setenta anos e cura de S. Borja, não quis receber de confissão, daí em diante, nenhum soldado ou pessoa que tivesse feito parte da destruição das Missões. Quando lhe objetaram que os inferiores não eram responsáveis pelas ordens de seus superiores, limitando-se a executá-las, replicou: “Não, não, meu amigo. O verdadeiro cristão prefere a morte à profanação das relíquias sagradas do nosso Redentor.”

Conta-se que, quando da retirada à força da população de La Cruz, pois Chagas, ao evacuá-la, teve o cuidado de submetê-lo à sorte comum, o velho padre franciscano Pedro, cura dessa missão, com mais de cem anos de idade, homem universalmente respeitado pela sua idade e virtudes, foi transportado com suas ovelhas para a outra margem do Uruguai. Sentado nas ribas do grande rio, contemplou as chamas que se erguiam no lugar onde vivera tantos anos e devoravam

lentamente a igreja e as casas. Então, cercado de pobres índios em lágrimas, de velhos e crianças que tinham sobrevivido, o velho pastor levantou-se, mãos alçadas ao Céu, o rosto banhado de lágrimas: — Oh, meu Deus! — exclamou ele. - Até onde chegou a maldade humana, que vejo agora o vosso augusto templo ardendo, as relíquias de vossos santos profanadas, os campos de vossos servidores devastados, seus asilos em chamas, eles próprios derrubados pelo gládio assassino! Oh, meu Deus, perdoai a esses homens, perdoai-lhes, Senhor, que eles não sabem o que fazem! - Um padre brasileiro, Dom José Coelho, recolheu esse venerável ancião em sua casa, onde viveu ainda algum tempo, sem poder consolar-se do desastre das Missões.

Tais foram os acontecimentos que assinalaram os primeiros meses do ano de 1817. A expedição de Chagas foi um ato de ferocidade, pura e simples, visto que não houve resistência e reduziu-se, afinal, a roubar gado, pilhar igrejas, arrancar à força de seus lares uma população de mulheres, velhos e crianças, porquanto todos os homens suscetíveis de pegar em armas estavam com Artigas, ou tinham fugido a tempo.

Após a retirada dos portugueses, os índios apareceram a visitar as ruínas de sua pátria e juraram vingança. Andrecito aproveitou esse desespero para os animar mais; depois de ter tentado, mas infrutuosamente, com a pouca gente que reunira, resistir a Chagas, corraera ao outro lado das lagunas em busca de reforços, com os quais voltou a ocupar as Missões, fixando o seu quartel-general nas ruínas de Apóstolos. Quando Chagas soube das novidades, apressou-se a cruzar de novo o Uruguai no passo de S. Lucas, à frente de setecentos homens, e desfechou o ataque. Mas Andrecito entricheirara-se bem nas ruínas; Chagas foi repellido com baixas (julho de 1817) e retornou ao Brasil.

Tendo-se assenhoreado do território das Missões, Andrecito para aí chamou um bom número de índios e, no ano seguinte, tornara-se de tal modo ameaçador que Chagas achou de bom aviso invadir de novo a região. Animado por seu êxito em Apóstolo, Andrecito acantonara-se em S. Carlos, que ainda oferecia algum abrigo. Chagas ocupou facilmente a praça e todas as casas, mas o general índio fortificara-se, sobretudo, na igreja e no colégio; tinha consigo todos os soldados e suas famílias, decididos a vender caro a vida. A parede fora perfurada de seteiras, para permitir o fogo de mosquetes; os homens eram valentes e experimentados. Os portugueses perderam muita gente no

primeiro assalto, mas, a favor do minuano, que começou soprando do sul, encontraram um meio de atear fogo ao que restava do teto da igreja e do colégio, ao mesmo tempo que arrombavam as portas a tiros de canhão. Os índios fizeram então uma surtida desesperada e conseguiram perfurar as linhas portuguesas, mas deixaram muitos tombados para sempre na praça; os restantes, que tinham ficado no reduto, acossados pelo incêndio, acabaram por capitular. Trezentas pessoas de todas as idades e ambos os sexos morreram nesse assalto, queimadas ou massacradas. Os portugueses aprisionaram trezentos e vinte e três homens e duzentas e noventa mulheres e crianças. Em todo esse combate, os índios mostraram um encarniçamento e uma tenacidade incríveis; duas vezes conseguiram extinguir o incêndio, que o vento incessante logo reacendia; e, não estivessem os elementos conjurados contra eles, certamente poderiam ter repellido Chagas. Os prisioneiros foram encaminhados para S. Borja e o que restava ainda de S. Carlos foi arrasado (29 de março de 1818). A 7 de abril, a coluna de Chagas pôde levar a cabo a mesma operação em Apóstolos, onde algumas famílias tinham-se reinstalado. Não ficou pedra sobre pedra. Daí, sua obra cumprida, Chagas regressou uma vez mais ao Brasil.⁴⁶¹

Apesar do novo e duro revés sofrido, Andrecito não perdeu a coragem. Tendo conseguido pilhar um arsenal português, reiniciou a guerra no ano seguinte. Por sua tática e astúcia, infligiu aos portugueses uma severa derrota em S. Nicolau. Feito prisioneiro em seguida, por mero acaso, diz-se que foi envenenado pelos portugueses, que o temiam. “Andrés Tacuary desapareceu, os índios não mais se agitarão.”

As famílias sobreviventes dispersaram-se em Corrientes e no Brasil. Certo número delas permaneceu na região, contudo, formando três novas comunidades com um total de uma dezena de milhares de pessoas. Essas comunidades, organizadas em todos os aspectos segundo o modelo das antigas reduções, tiveram ainda, cada uma delas, uma história particular cheia de relevo.

Concluindo, designemos, de acordo com Rengger e Longchamp, os responsáveis mais odiosos por todo os horrores cometidos em Entre-Rios, os homens de negócios e comerciantes de Buenos Aires, “ingleses, franceses e americanos do norte”, que fomentaram os conflitos “unicamente para satisfazerem sua cupidez”. Fornecendo ar-

461. Martin de Moussy, *Description*, tomo III, pp. 686-689.

mas e munições a Artigas, “criaram sua fortuna sobre a destruição de vinte mil famílias”.⁴⁶²

Entre-Rios foi agrupado pela Argentina em três departamentos: Restauración, La Cruz e S. Tomé. Em 1859, o Governo colocou à venda todo o território a um preço baixíssimo, para nele radicar novos colonos.

Foi por volta dessa data que Martin de Moussy visitou a região. Uma floresta impenetrável envolvia as imponentes ruínas de Yapeyu. Alguns colonos franceses limparam os escombros e aí se instalaram. Em La Cruz, a sete horas para o norte de Yapeyu, Moussy ainda encontrou alguns guaranis. Um relógio de sol marcava as horas, no alto de uma elegante coluna de mármore vermelho acidentalmente poupada. Em S. José, Mártires e Apóstolos, o viajante não pôde admirar senão a magnífica paisagem. Em S. Carlos, os jaguares eram os únicos habitantes. Santa Maria Maior e S. Xavier estavam despovoadas. Em Concepción, mantinham-se de pé as paredes de algumas casas, invadidas por uma vegetação pujante. Ao longo do caminho, de uma redução para outra, encontravam-se a cada passo as ruínas de antigos oratórios. Em S. Tomé, uma parte das paredes laterais da igreja ainda existe. “Uma imensidade de cactos e lianas lançou raízes nessas paredes. Suas formas estranhas e tão diferentes das plantas europeias emprestam a essas ruínas um aspecto verdadeiramente extraordinário. Existem igualmente as paredes do Colégio, bem como uma parte dos arcos que sustentavam a galeria do claustro interior; são em pedra vermelha muito bem trabalhada. Vê-se que o edifício foi construído com mais luxo do que os outros. Alguns restos de esculturas jazem por terra, atestando uma arte bastante avançada. Chamou-nos sobretudo a atenção uma cabeça de anjo esculpida num bloco de pedra-arenito, de um grão muito fino, e que é realmente um bom trabalho. O interior dessas ruínas serve de cemitério aos habitantes da aldeia de Formigueiro e arredores... O altar-mor existe, está bom, curiosamente esculpido e encaixado na parede da cabeceira do edifício, de modo tal que seria preciso deitar quase tudo abaixo para o arrancar. É preciso retirar das ruínas essa bela peça para a transportar e colocar na nova igreja de S. Borja.”

Considerando a exuberância da natureza e o que esses locais ainda conservavam, apesar de tudo, M. de Moussy acrescenta: “A feliz

462. Rengger e Longchamp, *Essai sur la révolution du Paraguay*, p. 43.

situação dessa região realmente privilegiada e tão justamente apreciada em tempos idos pelos jesuítas, seus recursos, suas riquezas, logo que a população aí possa estabelecer-se de novo, conferem-lhe todos os elementos necessários para constituir, um dia, uma das parcelas mais florescentes da confederação argentina.”⁴⁶³

As previsões de M. de Moussy estão realizando-se gradualmente. Novas localidades, relativamente importantes, nasceram sobre as próprias ruínas de muitas das antigas reduções. S. Tomé e La Cruz são cidades. Yapeyu renasce. Os nossos compatriotas, Sr. e Sra. Ad. Ferrière, visitaram a região em 1930. Resumem suas impressões numa linha: “O território das Missões é a pérola da Argentina.” Os Ferrière passaram, em particular, meio-dia em Santo Inácio-Mini, onde teriam chegado de automóvel, “aos solavancos, por pistas esburacadas”. As ruínas da igreja e do colégio devem ser impressionantes, de fato. Escreve Ferrière: “As ruínas da catedral, dos conventos e dos claustros, hoje escondidas entre laranjais e invadidas pela vegetação, testemunham a grandeza da arte colonial espanhola.”⁴⁶⁴

A propósito dos vestígios das reduções, subsistindo na mesma região de Entre-Rios, Schuster notava em 1929: “Os jesuítas deram prova de tal grandeza de vistas, mesmo em seus erros, que nos é verdadeiramente impossível ainda hoje, em face das numerosas ruínas, em Jesus, Trinidad, Santo Inácio-Mini, Apóstolos, etc., reprimir certa admiração pela gigantesca obra realizada.”⁴⁶⁵

Graças à iniciativa de Queirel, autor de *Ruínas de Misiones*, cujos estudos nos permitiram descrever a planta de uma redução, o Governo argentino protege desde o princípio deste século as ruínas das reduções.

As Reduções do Paraná

O primeiro presidente do Paraguai, o Dr. Francia —antigo aluno dos jesuítas — que exerceu a ditadura de 1811 a 1840, assinara com a Argentina, no momento da proclamação de independência,

463. *Description*, tomo III, ppp. 704-5, 710 e 150.

464. Ferrière, *De VEquateur aux Pampas*, p. 229.

465. Schuster, *Paraguay, Land, Volk, Geschichte*, p. 190.

um tratado pelo qual o Paraguai recebia as cinco reduções que lhe ficavam mais próximas, ao sul do Paraná, as oito que se encontravam na margem direita do rio, e as três reduções de Tarumá, situadas em prolongamento para o norte.

Assim que teve conhecimento de que o Marquês de Alegrete mandara arrasar em Entre-Rios as dez reduções vizinhas, Francia, a fim de evitar toda e qualquer complicação de fronteira, mandou que se evacuassem e queimassem as cinco reduções da margem esquerda (1817). Os habitantes sofreram todos os horrores descritos a respeito de Entre-Rios. A destruição realizou-se com um zelo consciencioso: “Mal se reconhece o lugar das ruínas”, observa Martin de Moussy. O território retornou à Argentina em 1881.

Restavam as reduções situadas ao norte do Paraná, únicas sobreviventes das reduções guaranis. Foram governadas por um mordomo, segundo um sistema que era, pouco mais ou menos, a continuação do de Bucareli. Os abusos agravaram-se. A decadência seguia o seu curso inexorável. Houve uma insurreição em Belém e em Santa Rosa, em 1832. Foi esmagada. Os guaranis do Paraná foram sacrificados em massa, como os outros paraguaios, por Lopez, o sucessor de Francia, na guerra desesperada que sustentavam contra as grandes nações vizinhas. Em 1848, Lopez proclamou as reduções “cidades livres”, ao mesmo tempo que abolia nelas o comunismo. O ditador apoderou-se, em nome do Estado, de todo o solo cultivado, dos edifícios, igrejas e estâncias. Cada família recebeu duas ou três vacas, uma provisão de cereal para as próximas sementeiras e um lote de terreno. Os instrumentos de lavoura foram deixados sob empréstimo. Conseguiu-se, assim, elevar os guaranis à dignidade de proprietários privados e, ao mesmo tempo, expropriá-los quase inteiramente do que possuíam. Os lotes atribuídos encontravam-se, por acaso, a uma distância de muitas léguas das localidades. Segundo as experiências feitas no tempo de Bucareli, previa-se que, dessa maneira, os índios construiriam cabanas nos seus lotes e para aí se retirariam. Foi o que efetivamente ocorreu. Os colonos puderam invadir as reduções e encontrar casas realmente baratas.

Quando M. de Moussy passou em Encarnación, em 1860, a pacífica cidade guarani transformara-se numa “cidade de guerra”. O edifício do Cabildo albergava a alfândega e a sala de dança, para os bailes que dava o comandante da praça. A igreja, que era magnífica, ti-

nha sido demolida, com base num “relatório de um comandante inepto e brutal”. No começo do século XX, foram tomadas medidas para a proteção de alguns edifícios do tempo dos jesuítas, ainda habitados e em bom estado. Encarnación é hoje a capital do distrito do mesmo nome, e conta mais de 20.000 habitantes, em grande parte mestiços. As principais localidades do distrito são antigas reduções guaranis: S. Cosme, Jesus, Trinidad. As reduções do vizinho departamento das Missões seguiram a mesma evolução. Perderam seu antigo estilo, sua originalidade, e são cidadezinhas modernas: Santo Inácio-Guaçu, Santa Maria, Santa Rosa. A suntuosa igreja de Santa Rosa, descrita por M. de Moussy, já não existe. Foi incendiada em 1883. Mais ao norte, S. Estanislau, uma das menores reduções de Tarumá, está também classificada entre as cidades.

Assim, a vida não abandonou esses territórios desbravados pelos missionários jesuítas. A paisagem, marcada pelo majestoso Paraná, conserva toda a sua beleza. Martin de Moussy descreve o caminho delicioso que o conduziu de uma redução a outra, serpenteando através de vales sombreados. Diz ele: “É difícil contemplar uma região mais agradável e sedutora.” Contudo, com a sua população bastante mesclada, essa região relativamente poupada mal evoca os antigos tempos.

É ainda nas ruínas de Entre-Rios que as recordações se avivam da maneira mais pura e sugestiva. É aí, e também entre os guaranis que retomaram à vida silvícola, que os viajantes recolheram as imagens mais emocionantes, as últimas cenas que nos ligam, de um modo verdadeiramente autêntico, aos guaranis das reduções. Registremos algumas, antes que a civilização argentina, em plena expansão, não as submerja por completo .

Num domingo em La Cruz, por exemplo. O cura morrera há um ano e ainda não fora substituído. Um jovem sacristão guarani celebrava o ofício da tarde. Uma velha índia conduzia o canto, acompanhada de duas guitarras, uma flauta e dois violinos. A atitude devota e recolhida do reduzido número de índios e mestiços que enchem a igreja impressionou Martin de Moussy, testemunha da cena, que acrescenta: “Pensando na prosperidade passada de La Cruz e em sua miséria atual, na fé e na resignação dessa infeliz gente, as lágrimas vieram-nos aos olhos” (1856).

O Dr. Rengger encontrou certo dia três jovens guaranis da tribo dos caiaguás. Um deles levava um rosário pendente do pescoço e disse-lhe ser cristão. O chefe da tribo, também designado por “padre”,

encontrava-se ocasionalmente pelas cercanias. Recebeu o visitante, oferecendo-lhe inicialmente uma cruz e perguntando: “És pessoa de paz?” A minha resposta afirmativa, conta Rengger, “foi acompanhada do presente de um colar de vidro. Deu pouca atenção a essa espécie de liberalidade e pôs-se a caminhar conosco, fazendo um grande discurso, mas sem me olhar, salvo, uma vez por outra, uma mirada pelo canto do olho. Parava algumas vezes, sem dúvida para dar ao meu intérprete o tempo de traduzir suas palavras, cujo sentido pode resumir-se da seguinte maneira: - Vós sois brancos, Deus vos concedeu todo o poder, todas as riquezas da terra, até no próprio país que nos pertencia. Tendes belas casas, gado de que vos alimentais e escravos que vos servem. Nós, índios, pelo contrário, somos pobres, sem roupas, sem casas, forçados a percorrer as florestas para não morrer de fome e reduzidos a viver nelas, enquanto ocupais o belo país que era o nosso. É muito natural, portanto, que repartais as vossas riquezas conosco e nos deis presentes, para reparar essa grande injustiça: pois valemos tanto quanto vós.”

Gentes da mesmo tribo contaram outra vez a Rengger que tinham entre eles, há muito tempo, um jesuíta. “Chamavam-lhe seu Pai e seu Conselheiro. . . Está tão velho e cansado que têm de o transportar todos os dias para o sol, a fim de o reaquecerem.” Esse bom velho e venerável padre, retirado nas florestas, compartilhando até ao fim a sorte de seus filhos, afagado por eles, soubera ignorar tranquilamente todos os decretos de expulsão e todos os breves de supressão. Cinquenta ou sessenta anos após a saída dos seus confrades, ele ainda ali estava, celebrando o Santo Sacrifício, absolvendo os pecados e reanimando o seu corpo ao sol. Os guaranis respeitavam sua sabedoria, amavam a sua doce serenidade, incapaz de uma censura. Quanto a eles, porém, parecia cultivarem, antes, o ressentimento.

No decorrer de uma tarde festiva, vários homens cercaram Rengger e dirigiram-lhe, de novo, vivas e amargas censuras sobre as usurpações e a tirania dos brancos. O nosso doutor suíço achou prudente dizer-lhes que, apesar de sua cor branca, não era espanhol e pertencia “a uma nação que vivia, como eles, nas montanhas e no seio das florestas”. E um dos circunstantes replicou prontamente: “Bem, se és nosso irmão, reparte conosco tudo o que possuis.”⁴⁶⁶

466. Rengger, *Reise nach Paraguay*, pp. 114, 129, 333-334. “Até onde pude certificar-me, eles vivem em monogamia” (p. 133).

Muitos outros traços denunciavam, entre os guaranis, despojados e perseguidos, uma alma desenganada e ativa.

Os salesianos estabelecidos em Assunção retomaram contato em 1895 com os guaranis, que há muito tempo só conheciam representantes sumamente imperfeitos da religião cristã pregada pelos jesuítas. Os germes da fé subsistiam. O Padre Frey viu em 1909, em S. Luís e em S. Borja, descendentes dos antigos neófitos executando ainda todos os anos, fielmente, o cântico da Paixão. A partir de 1910, alguns missionários alemães do “Verbo Divino” ocuparam-se dos guaranis. Depararam com uma desconfiança profunda. Desde então, segundo as observações de viajantes que recentemente voltaram à Suíça, o nível intelectual, moral e religioso não sofreu qualquer melhoria. Os guaranis viviam em 1910 e ainda vivem, geralmente, em condições inferiores e indignas.

Avé-Lallemant viu uma criança guarani esperando o meio-dia diante do relógio de sol de um antigo colégio. Era o dia de Páscoa. Ao meio-dia, o menino pendurou-se na corda do sino e fez repicar a Aleluia, eco das jubilosas Páscoas de antanho, prelúdio das mais belas Páscoas do futuro, em repúblicas que não terão vindo, como a República Guarani, cedo demais ao mundo.

Conclusão

Segundo as perspectivas burguesas, o regime comunista em vigor na República Guarani representava tão somente uma fase transitória em direção ao sistema de propriedade individualista, concebido como o regime ideal e definitivo, o resultado final de todas as formas de organização social. A experiência guarani apenas ofereceria, pois, um interesse retrospectivo. Os historiadores que adotam esse ponto de vista limitam-se, à maneira de conclusão, a elaborar diversas observações de detalhe.

Certos autores foram impressionados e desconcertados pelos desastres que assinalaram o fim da experiência, a ponto do esquecerem o teor da própria experiência. É da liquidação que eles extraem as suas lições. Se a sociedade realizada pelos jesuítas merecesse viver, por que motivo, indagavam os bons espíritos, a Providência lhe reservaria semelhante sorte? Com uma ingenuidade suspeita, Bach responde, de sua parte, que Deus quis simplesmente humilhar a soberba dos jesuítas e, indiretamente, a da Igreja. Tanto pior para os guaranis! A conclusão a tirar da aventura seria, pois, que o cristianismo não tem por que buscar uma realização temporal. Salvemo-nos pessoalmente pela fé, vivendo no seio de um mundo de pecado, mas não tentemos transformar esse mundo, nem realizar uma sociedade fraterna: apesar das palavras do “Padre Nosso”, o reino de Deus não virá a nós e a sua vontade não será feita na Terra como no Céu... As circunstâncias da liquidação deveriam, antes, sugerir algumas reflexões sobre a injustiça da sorte atual dos guaranis, como dos índios em geral e dos negros, nas duas Américas, assim como a respeito das tarefas que se impõem aos que, nesses países, sucederam aos coloniais responsáveis pela des-

truição de todas as comunidades cristãs indígenas e o extermínio de tantos milhões de homens. Verifica-se, sem dúvida, certa presunção e inconsciência em imaginar que a vida das igrejas possa ser “sã” e continuar “prosperando” sem que os crimes passados, base da situação presente, sejam primeiramente renegados por uma ação esclarecida e generosa de reabilitação e amor. Quanto aos jesuítas, que se suspeita terem provocado a cólera de Deus de que os guaranis foram vítimas, não restam dúvidas de que a sua expulsão “providencial” assinalou, de algum modo, em todo o Novo Mundo, para as vítimas da colonização europeia, o golpe supremo, a ruína e o descabro da sua derradeira possibilidade de subsistirem como povos livres.

A história da República Guarani faz com que se destaquem, particularmente, os crimes dos coloniais espanhóis e portugueses. Contudo, seria contrário à verdade e gravemente iníquo, em relação aos povos espanhol e português, deixarmos os leitores mal-informados sobre a história geral do Novo Mundo ficarem com a impressão de que os coloniais da península ibérica tiveram um monopólio de crueldade, ou que a América Latina deveria sentir-se coberta de vergonha diante da América do Norte. O esmagamento dos índios foi muito mais sistemático e tão implacável no Norte quanto no Sul. Os ingleses, os holandeses, os suecos e os alemães caçavam índios e jesuítas como se atirassem em ursos. As comunidades cristãs estabelecidas em Maryland pelos jesuítas foram aniquiladas por devotos sectários ingleses. Os jesuítas franceses tinham constituído uma igreja florescente entre os hurons. Foi destruída, e os hurons exterminados pelos iroqueses, que tinham sido postos em pé de guerra pelos ingleses. Ainda em 1836, os *cherokees*, formando uma população altamente civilizada, imprimindo um jornal em seu próprio idioma, viram os seus missionários lançados na prisão, e eles próprios foram esbulhados, rechaçados para além do Mississippi, e tratados como os guaranis das reduções orientais. Na própria América do Sul, depois do Tratado de Utrecht, os ingleses tinham obtido em 1713 o monopólio do fornecimento de escravos negros para as colônias espanholas e recordemos que o embaixador da Inglaterra, Keene, teve um papel muito ativo na preparação do tratado de 1750 e da expulsão dos jesuítas. Esses fatos, colhidos ao correr da pena, são aqui citados com o mesmo desagrado com que citamos os crimes dos colonos espanhóis; fizemo-lo, simplesmente, para que não se volte a extrair do desfecho trágico da experi-

ência guarani uma conclusão fantasista sobre os pretensos juízos de Deus, ou uma conclusão farisaica sobre a perversidade da Espanha “católica”.

Por conseguinte, é mais conveniente formularem-se conclusões com base na própria experiência, cujo desfecho accidental, produto do exterior e da ação dos coloniais, em nada reduz a envergadura daquela, assim como os ataques desfechados contra a república não conseguiram impedir que ela se desenvolvesse, feliz e tranquila, durante cento e cinquenta anos.

Os principais resultados atingidos no plano social encontram-se resumidos no quadro elaborado pelo filósofo Raynal, em vésperas da guerra guarani: “Um governo em que ninguém está ocioso, em que ninguém está sujeito a excesso de trabalho, em que o alimento é tão abundante, igual para todos os cidadãos, que são comodamente alojados e comodamente vestidos; em que os velhos, as viúvas, os órfãos, os doentes, têm socorros desconhecidos no resto da Terra, em que toda a gente se casa por escolha, sem interesse, em que a multidão de crianças é uma consolação, sem poder ser um encargo; em que ninguém excita as paixões artificiais, nem contraria as paixões reguladas pela natureza e a razão; onde se desfruta das vantagens do comércio, sem se estar exposto ao contágio dos vícios do luxo; onde os armazéns abundantes, os socorros gratuitos entre as nações confederadas pela fraternidade de uma só religião, são um recurso assegurado contra a penúria; onde a vingança pública jamais esteve na triste necessidade de condenar um único criminoso à morte... Aí está o suave império da opinião, talvez o único que é permitido aos homens exercerem sobre os homens, porque torna felizes os povos que se lhe entregam. Tal é, sem dúvida, o dos jesuítas no Paraguai, pois que nações inteiras se incorporaram voluntariamente ao seu governo e não se viu uma só das populações sacudir esse jugo. Ninguém ousaria dizer que um total de cinquenta jesuítas puderam forçar à escravidão duzentos mil índios que podiam massacrar seus pastores ou desertarem”⁴⁶⁷.

Enquanto que na Europa só existiam, nessa época, instituições bárbaras, criadas por empirismo e impostas pela força para sancionar os privilégios, as instituições guaranis decorriam de um princípio único, a solidariedade fraterna de todos os membros do corpo social. A ordem estabelecida comportava uma disciplina, igual para

467. Raynal, *Histoire Philosophique des Indes*, tomo III, pp. 305 e 308.

todos, que não amesquinha o homem. Pelo contrário, realizava a verdadeira liberdade, na medida em que é justo dizer-se, como Montesquieu, que ela “consiste na segurança de cada cidadão e na consciência que ele tem da mesma”. A concretização da liberdade não foi, talvez, metodicamente desenvolvida em todos os domínios, mas, graças à organização democrática da propriedade e do trabalho, graças à descentralização administrativa que fazia de cada redução uma espécie de pequena república autônoma, no quadro das leis gerais, pode-se afirmar que os guaranis viveram, realmente, num sentimento tanto de liberdade como de segurança. A República Guarani apresenta-nos, em resumo, um sistema de comunidade intermediária entre o comunismo primitivo e o comunismo evoluído, o comunismo personalista que entrevemos para além do capitalismo.

O modo de produção dominante era do tipo artesanal. Com exceção de alguns ramos de indústria, como a de curtumes, a fundição, a cerâmica ou a construção naval, pode-se dizer que os meios técnicos à disposição tanto postulavam uma produção individual como uma produção coletiva. Contudo, a única atividade produtora exercida de modo individual foi a fição, confiada domiciliarmente às mulheres, sem o menor entorse, de resto, no princípio de propriedade comum. Na agricultura, no artesanato e na indústria, todo o trabalho foi organizado em comum nas vastas culturas ou nas grandes oficinas. O fato não quadra com a teoria de certos economistas do nosso tempo, que pensam ser melhores marxistas ao acordarem, para o estabelecimento de uma propriedade coletiva e para o advento do comunismo, uma primazia absoluta e uma influência quase exclusiva aos modos coletivos de produção introduzidos pelas máquinas. No caso da República Guarani, foi a propriedade comum estabelecida *a priori* desde o começo que influenciou, pelo contrário, os modos de produção e determinou as relações sociais. O maquinismo e a concentração industrial inclinam-se espontaneamente, é certo, para a propriedade coletiva. Karl Marx não errou ao sublinhá-lo. Mas querer fundar o comunismo, principalmente, num modo de produção, seria dar-lhe uma base bastante frágil. Imaginar também que o caminho normal ou o caminho mais rápido para uma socialização autêntica deve passar em todos os países, para todos os setores econômicos, pela fase

da concentração capitalista, é imaginar o pior. Isso é lícito, mas não é preciso querer que o pior se realize a todo o custo por toda parte. Karl Marx não cometeu esse erro. No prefácio à tradução russa do Manifesto Comunista, escrevia ele em 1882: “Na Rússia, a par de um capitalismo que se desenvolve com uma pressa febril, ao lado da propriedade imóvel burguesa cuja constituição se esboça, encontramos um comunismo rural da terra que ocupa mais de metade do território. Ora, a comunidade rural russa, o *mir*, na qual se redescobre, de uma forma a bem dizer muito decomposta, a primitiva comunidade rural do solo, permite transitar diretamente para uma forma comunista superior da propriedade imóvel? Ou terá de sofrer primeiro a dissolução que se observa no desenvolvimento histórico do Ocidente? Eis a questão. A única resposta que se pode dar hoje é a seguinte: ‘Se ocorre que a revolução russa dá o sinal para uma revolução operária no Ocidente, de um modo que as duas revoluções se completem, o comunismo imobiliário da Rússia atual, o *mir* russo atual, poderá ser o ponto de partida de uma evolução comunista.’” Apoiando-se, como convinha, na importância das condições de produção, para a transformação econômica, e nas oportunidades oferecidas pelas condições capitalistas, Marx não via nessas condições, entretanto, a base única, determinante ou indispensável, para o estabelecimento do comunismo. Acreditava que a ideia comunista era capaz de tomar a iniciativa, de repor em movimento um sistema interrompido, como o *mir*, e adaptar-se aos diversos graus de evolução humana, partindo até dos mais primitivos.

De fato, a República Guarani permite observar que o comunismo mais integral, mantido sem atenuação, pode acompanhar e sustentar durante século e meio um progresso constante e rápido, em todos os domínios. De uma agricultura rudimentar, passara-se à cultura industrial mais aperfeiçoada da época. O artesanato e as artes tinham florescido, pois, desde o final do século XVIII, a indústria estava em pleno apogeu no momento da agressão hispano-portuguesa. Os costumes tinham-se transformado. A vida social e religiosa atingira uma harmonia e uma plenitude ignoradas em qualquer outra parte do mundo. A República Guarani realizava, à medida que se introduziam novos progressos técnicos e culturais, “uma forma superior de comunismo”.

Bastara colocar, sem restrições, na base da sociedade, o princípio de comunidade, para que todo o progresso fosse colocado, primordialmente, ao serviço do bem comum, e que a constituição de privilégios fosse prevenida.

Foi a comunidade de bens que salvaguardou, assim, a solidariedade — sem deixar de granjear a segurança.

A prosperidade material, assim como o fervor religioso da época e a atmosfera de amizade, encontravam-se mutuamente vinculados. A comunidade, que em tudo se manifestava, impregnara os espíritos. Parece bem que, graças a ela, nos mais variados aspectos da vida social, o povo guarani respirou a felicidade e a paz como nenhum outro povo lograra até então. Assim se explica o fracasso dos missionários que se esforçaram por excitar o gosto pelo interesse individual: o indivíduo encontrava-se inserto num meio tão homogêneo que a ideia de fazer um jogo separado desconcertava-o e chocava-o. Vivia na comunidade e por ela.

Comparada às outras experiências sociais que tiveram, entretanto, tempo mais do que suficiente para dar suas provas, a República Guarani indica que, se as condições econômicas são essencialmente variáveis, o princípio de comunidade fraternal pode constituir, através de todas as variações, a base mais estável, a mais sã e a mais fecunda. A bem dizer, desde que se queira refletir seriamente sobre a questão, abolindo todos os preconceitos egoístas, o princípio de comunidade fraterna não se destaca como a base natural de toda a sociedade que se pretende verdadeira e plenamente humana?

Os fundadores da República Guarani, os Padres Cataldino e Maceta, mostraram-se plenamente conscientes das origens a que entendiam vincular-se quando formaram “o projeto de uma república cristã que restaurou nessa barbárie os mais belos dias do cristianismo nascente” (Charlevoix). O ideal de comunidade fraterna entrevisto nos alvares do cristianismo pode, subsequentemente, ser traído e renegado de uma forma maciça. Jamais fora abafado nem esquecido. Nos séculos mais tenebrosos da história da Igreja, vozes muito humildes, por vezes muito eloquentes, tinham mantido o princípio: “Tudo vem da terra, viemos todos de um só homem, temos todos o mesmo trânsito. Há coisas que nos são comuns, os banhos, as cidades, as praças e os passeios públicos. Ora, notareis que em relação a esses bens comuns não existe contestação alguma, a paz é completa. Pelo contrá-

rio, se alguém tenta usurpar um bem e apropriar-se dele, logo surgem as querelas, como se a natureza se revoltasse por empenharmo-nos em dividir as coisas que o próprio Deus uniu; e é esse o resultado dos nossos esforços, quando queremos possuir tais bens só para nós, quando echemos a boca com essas duas palavras insípidas, meu e teu. Apagai-as, e logo cessam as lutas, as inimizades... A comunidade convém-nos muito mais e encontra-se melhor enquadrada na natureza do que a propriedade. .. Deus nos concedeu os primeiros bens em comum para que soubéssemos pôr em comum os segundos.”⁴⁶⁸

Na Idade Medieval, os movimentos comunistas nem sempre foram conduzidos por heréticos. Aconteceu verem-se teólogos censores condenados, eles próprios, pela autoridade eclesiástica, pelo fato de terem querido condenar os inovadores em virtude, somente, de seu comunismo. Assim foi censurado o dominicano saxão, Mathias Grabeen, o qual declarara ilegítimo para os leigos e reservado aos religiosos o regime de comunhão de bens e de trabalho que se propagava entre o povo no final do século XIII, em particular na diocese de Utrecht. O teólogo teve de retratar-se.

No começo do século XVII, quando foi criada a República Guarani, a ideia de uma organização geral da sociedade na base de comunidades pairava no ambiente. Relatavam-se pequenas experiências comunitárias, isoladas e perdidas no meio de uma sociedade individualista. Foi a época em que estiveram em voga as utopias comunistas com base no humanismo cristão. A Utopia de Thomas Morus e a Cidade do Sol de Campanella foram apenas dois dos exemplos mais célebres. Segundo o Manifesto Comunista, as descrições imaginárias da sociedade futura surgiram numa época em que a sua realização ainda é remota. Constituem “um primeiro e instintivo esforço para uma transformação universal da sociedade”. Graças ao terreno virgem descoberto na América, entre os guaranis, a ideia prontamente se realizara. Ignoramos, aliás, apesar das especulações de Franz Schmid, em que medida os fundadores da República Guarani foram influenciados pelas concepções do seu tempo.

O único ponto que se destaca nitidamente das declarações dos primeiros missionários, relatadas pelo Padre Montoya, as *Lettres*

468. S. João Crisóstomo, tomo XIX, hom. 12; l.^a ep. Tim.

Êdifiantes e Charlevoix, é que os missionários do Paraguai, através do ideal de comunidade transmitido de século em século, quiseram referir-se às primeiras comunidades cristãs, no tocante ao espírito de fraternidade, ao mesmo tempo que criavam não apenas associações de ajuda mútua na base da abnegação e desinteresse pessoal, mas uma sociedade completa, equipada para produzir e repartir os bens, capaz de garantir, pela sua organização, a permanência no tempo que faltara às primeiras comunidades. Foi assim que, haurindo na mensagem do Evangelho sua inspiração e luzes, os padres da Companhia de Jesus conseguiram edificar, por meios exclusivamente pacíficos, sem recurso à violência, uma sociedade de estrutura fraterna, a primeira que a História conhece.

Simultaneamente, os padres tinham encarnado, numa primeira forma, as virtualidades sociais do Evangelho. Tinham também antecipado a aplicação dos princípios fundamentais das encíclicas papais, deixando-se ao regime capitalista a honra de exigir em série essas intervenções doutrinárias. Quanto aos postulados particulares e às instruções pormenorizadas por meio dos quais os papas têm-se esforçado por corrigir o capitalismo e estabelecer a paz entre as classes da sociedade, encontravam-se antecipadamente adquiridos, ultrapassados ou tornados supérfluos pelas instituições e pela ordem econômico-social da República Guarani.

O erudito Muratori resumia a sua apreciação sobre a sociedade criada pelos jesuítas no próprio título do seu relato: *II Cristianismo felice nel Paraguai*. Realizado não mais nos indivíduos, unicamente, mas também na sociedade, segundo um sistema coeso e coerente, o cristianismo tinha formado uma sociedade humana feliz.

Hoje em dia, já é admitido por nós, cristãos, que os bens criados por Deus para todos deveriam ser colocados, equitativamente, à disposição de todos. Admite-se até ser esse o princípio supremo de toda a sociologia cristã ou, simplesmente, humana. Com efeito, o nosso santo patrono, Thomas Morus, poderia manter sempre o seu julgamento sobre a ordem estabelecida: “Quando examino e observo as repúblicas hoje mais florescentes, não vejo nelas, Deus me perdoe!, senão certa conspiração dos ricos, efetuando o melhor que podem seus negócios sob o nome e o título pomposo de república. Os conjurados procuram, por meio de toda a espécie de ardis e de todos os recursos possíveis, atingir este duplo fim: primeiramente, assegurarem-se da

posse certa e indefinida de uma fortuna mais ou menos mal adquirida; em segundo lugar, abusarem da miséria dos pobres, abusarem de suas pessoas, e comprarem ao mais baixo preço possível suas indústrias e labores. E essas maquinações, decretadas pelos ricos em nome do Estado - e, por consequência, no próprio nome dos pobres - converteram-se em leis.”

E a comunidade que responde, idealmente, ao supremo princípio da sociologia, ao passo que o comunismo, tal como transparecia já, em suas linhas essenciais, na experiência guarani, apresenta-se como um sistema técnico que aplica a ideia de um modo coerente.

A comunidade está em voga entre nós. O comunismo provoca horror. Para evitar a sua instauração, milhares de reformas vêm sendo propostas há um século, todas elas mais capazes de, em geral, perpetuarem a desordem, em lugar de a eliminarem. O próprio termo “comunidade” cobre, frequentemente, projetos de organização econômica na base de propriedade privada. Caminhamos para trás desde o tempo em que os aristocratas da União de Friburgo concluíam sobre a ineficácia essencial de toda a reforma no seio do regime capitalista. Hoje em dia, acredita-se facilmente que o nosso papel providencial seria procurar, a coberto de fórmulas audaciosas, “revolucionárias”, soluções moderadas.

Deveria bastar-nos representarmos uma força moderadora, em vez de animadora e criadora. Que os outros empunhem o fogo! Nós seguiremos prudentemente.

O comunismo aplicado pelos jesuítas na República Guarani não era moderado. Um comunismo alicerçado em razões essencialmente econômicas poderia ser mais facilmente moderado, na acepção burguesa, por exemplo, admitindo substanciais desigualdades de renda. Na República Guarani, as condições de vida correspondiam, em princípio, ao gênero de atividade, nada mais. Do ponto de vista fraternal que dominava, uma mais-valia teria parecido um abuso, ao passo que, com as concepções sobretudo econômicas, poder-se-ia pensar na possibilidade de atribuir rendas privilegiadas, excedendo as possibilidades razoáveis de consumo, e pretender-se-ia justificar tal forma de exploração pela necessidade de estimular a produção ou acelerar a formação de uma elite vinculada ao regime. Na sua sociedade comunista, os incas tinham criado, dessa maneira, classes privilegiadas solidamente ligadas ao regime. Mas, por este sistema de castas,

a classe trabalhadora despersonalizou-se numa segurança servil. Por sua parte, classes dirigentes degeneraram normalmente, de modo que a sociedade incaica acabou por se desmoronar sem resistência. Fora de toda a falsa moderação burguesa, o respeito espiritualista da pessoa deve alimentar e alimentará melhor do que qualquer outro princípio a liberdade e a igualdade, a democracia viva e a “revolução permanente”.

Acontece também que, por uma questão de lógica, aceita-se especulativamente a eventualidade da realização de uma fórmula comunista radical. “O homem só seria mais livre, e isso representaria, sem dúvida, o índice de um progresso moral”, diz o Padre Tonneau. Mas o indivíduo resigna-se, então, a uma espécie de alívio ao ver o trabalho realizado por outros, como se fosse impossível levá-lo a bem, honestamente, com ou sem emprego de força. O comunista converte-se “no comissário político do cristão pela violência”, ao passo que o cristão, pelo menos quando “tem as mãos puras como as de um santo, representa o seu irmão comunista perante Deus, pela oração e o sacrifício”. O, Padre Émilie Rideau, que assim se exprime em sua recente obra, *Séduction Communiste et Reflexion Chrétienne*, apressa-se a acrescentar, é certo, um apelo “à cristandade inteira”, a qual deve “incorrer no risco de um embate revolucionário, ao consentir num Evangelho de pobreza e justiça”. Mas, como é de prever que um Evangelho de pobreza e justiça continuará sendo ainda por algum tempo o apanágio desses mesmos santos de mãos puras, encontramos-nos reduzidos a pensar, perante esses conceitos, que a intenção é fechar praticamente a porta de acesso ao engajamento político do cidadão cristão ao serviço da “revolução” que, entretanto, se julga necessária. A nobreza de fins é reconhecida, mas o temor paralisa, ao vermos que uma corrente materialista conserva a preponderância.

Recua-se até diante do espectro da revolução burguesa, porque a democracia significava então o regicídio, os *sans-culottes* e o culto da deusa Razão. As próprias palavras, democracia e república, pareciam malditas. Quase um século após a Revolução, ainda se aguardava ou fingia aguardar uma autorização do Santo Padre para aderir, cada um desobrigado de se recusar, de mais em mais, assim que as instruções para a adesão chegavam. Atualmente, reconhece-se no impulso democrático burguês “uma manifestação temporal da inspiração evangélica”. Cada um declara-se leal republicano. A oposição marcada, em tempos idos, por parte dos cristãos, é considerada “a mais absurda

das contradições históricas”.⁴⁶⁹ Ai de nós! As adesões tardias, as mais sinceras e unânimes, levarão ainda tempo a reparar as consequências de tal atraso.

Se as repercussões de uma primeira recusa oposta à democracia política ainda não se extinguiram, depois de quase dois séculos, que sombrio e longo encadeamento de absurdas contradições não se arrisca a resultar de uma recusa da democracia econômica e social, de que a democracia política ou burguesa não era senão o aspecto formal e superficial?

Mas, o comunismo é democracia? Não despreza ele, cinicamente, as liberdades essenciais da pessoa humana? Diz Karl Marx: “E, sem dúvida, trata-se de abolir a personalidade, a independência e a liberdade burguesas.” E explica: “Nas condições atuais da produção burguesa, entende-se por liberdade, a liberdade de comércio, a de comprar e vender. Mas se não houver mais traficância de espécie alguma, também deixará de existir a liberdade de traficar. Toda a fra-seologia da livre traficância só faz sentido em oposição à traficância entravada, à burguesia avassalada da Idade Medieval. Perdeu todo o sentido ante a abolição comunista da traficância, de todas as condições da produção e distribuição burguesa”. (Manifesto.)

É certo que o amoralismo de elementos influentes do movimento comunista contemporâneo não é de molde a tranquilizar ninguém e cria difíceis e graves problemas, envolvendo a prudência dos cidadãos. Compõe um dos termos da “absurda contradição histórica” que é preciso, inevitavelmente, resolver. Mas, por outro lado, é adotar a atitude certamente mais estéril e nefasta, o querer manter-se o estado de coisas que estava na origem do mal e ficar-se paralisado nos dados atuais. O oportunismo não é mais fecundo nem mais esclarecido ao preconizar uma adesão progressiva, segundo a conduta mais ou menos ajuizada do monstro. Prudência secundária, esquecimento do essencial, adesão vergonhosa, por tática, quando se trata da sorte e do futuro da humanidade. Como poderemos realizar uma humanidade fraternal sem uma fé prévia, sem uma adesão espontânea e não forçada? E que inconsequência funesta, a de abafar a sua adesão ou de a calar, porque outros, com igual inconsequência, proclamam a sua esperança de realizarem uma sociedade estruturalmente análoga, em nome de uma filosofia puramente pragmática!

469. J. Maritain, em *Nova et Vetera*, 1944, p. 239.

Aquele que verdadeiramente crê na possibilidade de uma humanidade unida e fraterna, se bem que, sem dúvida, sempre imperfeita e exposta a recaídas, quererá também uma sociedade de estrutura fraternal, a única que permitirá a essa humanidade nova realizar-se organicamente, à medida que a solidariedade prática vá penetrando nas instituições e se alcance, para chegar ao seu limite, a socialização de todos os meios humanos, ao serviço de cada pessoa. A era da socialização integral será a era da pessoa (Teilhard de Chardin), se o seu advento for o efeito do amor. Na falta de amor, o instinto de associação da nossa raça é suficiente para conduzir-nos ao formigueiro que, como se sabe, também forma uma espécie de sociedade comunista, mas não uma sociedade sem classes, tendo o ponto de vista materialista da produção triunfado, entre as formigas, em detrimento da igualdade e do respeito pelo indivíduo.

Por débil que seja a influência de cada um, depende, no entanto, de nós todos, sem exceção, que isto seja assim, e aquilo não seja.

Pela nossa modesta parte pessoal, confessamos francamente que ao reunir e ordenar a nossa documentação sobre a experiência guarani, fomos mais de uma vez animados pelo pensamento de que o exemplo dessa humilde mais muito pura república comunista pré-marxista poderia ajudar os espíritos sinceros a escapar ao temor obsessivo gerado pelo ateísmo de Marx, a fim de atingirem de novo a longínqua e primordial origem do ideal do nosso tempo, e redescobrirem o verdadeiro e nobre sentido natural da palavra comunismo, uma palavra que, sem dúvida, não se conseguirá eliminar mais facilmente do que democracia, pois que exprime muito bem, exprime etimologicamente, o que quer dizer, aquilo a que a humanidade aspira, através das impurezas que há um século perturbam a corrente. As impurezas foram agitadas porque as águas estavam estagnadas sobre um leito de injustiça. Mais valia uma torrente enlameada do que a estagnação de um pântano. As torrentes purificam-se ao seguirem seu curso. Se a corrente marxista, acabada de nascer, desviou-se, aparentemente e mais ou menos realmente, da luz que lhe dera origem, no momento de mergulhar na terra para abrir passagem, nem por isso deixou de reconhecer e indicar a fonte de seu ímpeto. O discurso inaugural do Primeiro Congresso da I Internacional Comunista continua sendo uma proclamação impressionante: “Todos os indivíduos ou sociedades que a ela aderem (à I Internacional) reconhecerão como base de

sua conduta em relação aos homens, a verdade, a moral, a justiça, sem distinção de cor, credo ou nação.” Segundo a análise do próprio Lênin em *Les Trois Sources et les Trois Parties Intégrantes du Marxisme* (“As Três Fontes e as Três Partes Integrantes do Marxismo”), o elemento específico do comunismo não foi proporcionado pela filosofia alemã, nem pela economia política inglesa, mas pelo socialismo francês. Ora, este último, estava inteiramente impregnado de um espírito fraternal, de que respeitava e conhecia as origens. A esperança de ver jorrar e reflorir a luz e o espírito que a corrente marxista traz encerrados em seus flancos, é, portanto, uma esperança fundada em boa dialética.

Thomas Morus terminava a *Utopia* com estas palavras despidas de ilusão: “Entre os utópicos há uma imensidade de coisas que eu gostaria de ver estabelecidas nas nossas cidades. Que eu desejaria, mais do que realmente espero.”

No nosso tempo, em todos os países da terra, as aspirações sociais dos pensadores preocupados com o bem da humanidade, as dos homens de ação mais generosos e as dos próprios povos, cada vez mais convergem para um fim idêntico, aquele que foi recentemente expresso por um eminente Chefe de Estado, o primeiro-ministro da União Indiana, Jawaharlal Nehru: “Nossa finalidade só pode ser uma sociedade sem castas, com uma justiça e possibilidades econômicas iguais para todos; uma sociedade organizada em bases planejadas, para a elevação da humanidade a um nível superior de bem-estar e de cultura, pelo desenvolvimento dos valores espirituais de cooperação, desinteresse, serviço, desejo de bem-fazer, boa vontade e amor recíproco; finalmente, uma ordem mundial.”

Quantos erros, fracassos, sofrimentos, recuos, sucessos passageiros ou êxitos parciais, servirão ainda de obstáculo na marcha para essa finalidade suprema? Pelo menos, no século XX, encontramos em plena caminhada, através de experiências de envergadura e de um movimento geral do pensamento e da ação, de modo que os utopistas já deixaram de ser aqueles que olham para o futuro; os utopistas são, de agora em diante, aqueles que esperam garantir a salvação da pessoa humana prolongando a existência de uma sociedade bárbara e mesquinha, cuja característica era a de legalizar, ratificar a expropriação da grande massa do povo pelos mais fortes, os mais ardilosos, os mais oportunistas, os mais trabalhadores e os mais ladrões.

Na direção de uma sociedade fraterna, sem classes nem privilégios, hierarquizada segundo as capacidades e os serviços pessoais, a República Guarani terá sido a primeira realização. No ponto em que o seu desenvolvimento foi interrompido, encontrava-se, em muitos aspectos, abaixo das nossas concepções e aspirações atuais. Contudo, é de admitir a possibilidade de que, nos próximos séculos, sociedades comunistas mais evoluídas e mais complexas degenerem por não terem conseguido aplicar de modo tão integral os princípios fundamentais de toda a sociedade humana.

Quer dizer que o interesse manifestado desde o século XVIII a respeito da República Guarani, enquanto experiência social, continuará plenamente justificado. Que possa constituir uma via de acesso para a implantação do espírito de boa vontade, de doçura e de paz, que se irradiava das comunidades guaranis. A força necessária para a conquista da justiça não se privaria impunemente da luz das virtudes fraternais.

Bibliografia⁴⁷⁰

Anônimo, *Relazione breve delia Republica che i religiosi gesuiti hanno stabilita...*, Lugano, 1759, 133 páginas. Contém a tradução italiana da “Relação Abreviada” de Pombal, diferentes documentos traduzidos do guarani e o Breve *Immensa Pastorum*, do Papa Bento XIV, sobre o regime colonial.

Anônimo, *Histoire de Nicolas I, roi du Paraguay et empereur des Mamelucs*, 1756. “Este panfleto ridículo mostra até que ponto o frenesi dos caluniadores estipendiados por Pombal poderia chegar” (P. Charles, S.J.).

Azara, Dom Félix de, *Voyage dans l'Amérique méridionale*, Paris, 1809.

Bach, Moritz, *Die Jesuiten und ihre Mission-Chiquitos in Süd-Amerika*, Leipzig, 1843.

Bertoni, M. S., *La Civilización Guarani*, Puerto-Bertoni, 1922.

Bonpland, Aimé, *Manuscrits*. Archives du Collège Salvator, Buenos Ayres. — Bonpland, naturalista francês, grande viajante, enviado em missão científica na América do Sul pelo Museu de História Natural da França, fixou-se para estudos nas Missões guaranis recentemente arruinadas pelos portugueses, foi preso pela polícia do Dr. Francia, internado nove anos em Santa Maria da Fé, posto em liberdade em 1830, e fixou-se na redução de S. Borja, onde passou treze anos. Amigo e colaborador do Cônego Gay, cura de S. Borja. Terminou seus dias em Santana, em 1858. Como botânico, verificou os trabalhos do Padre Asperger. Extratos de seus manuscritos estão publicados em Hernandez. M. de Moussv utilizou os escritos de Bonpland,

470. Na intenção de facilitar futuras investigações, além das obras utilizadas, citamos também alguns trabalhos de menos importância que não consultamos diretamente.

cuja maior parte se extraviou depois. Bonpland deixou uma descrição das reduções. O seu julgamento, baseado em depoimentos de guaranis, é inteiramente favorável aos jesuítas.

Bourgade La Dardye, *Le Paraguay*, Plon-Nourrit, 1889. — Destinado aos emigrantes franceses.

Bourgoing, *Les Missions de l'Amérique*, 1654.

Cardiel, Padre José, S. J., *Breve Relación de las Misiones del Paraguay*. — Obra escrita em Bolonha, em 1770, publicada integralmente em Hernandez, tomo II, pp. 514 a 614. Idem, *De moribus Guaraniorum*. — Em apêndice na *Historia paraq.*, de Muriel. Idem, *Declaración de la Verdad... Misiones del Paraguay*. Escrito em 1758, publicado por Hernandez, Buenos Aires, em 1900.

Castelnau, Francis de, *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud* (de 1842 a 1847), Paris, 1851, 3 tomos. Castelnau visitou em 1845 os chiquitos, cujas reduções ainda existiam.

Charles, Pierre, S. J., *Les réductions du Paraguay*, Louvain, 1926, 38 páginas. Trata igualmente dos chiquitos e outros grupos de reduções.

Charlevoix, Pierre François Xavier de, S. J., *Histoire du Paraguay*, Paris, 1747, 6 vols., 2 608 páginas; 670 páginas de documentos espanhóis e franceses. Obra traduzida em espanhol, italiano e alemão. (As nossas referências a Charlevoix I dizem respeito à edição em 3 volumes, de 1756.)

Cunningham, Graham, *A Vanished Arcadia*, 1901.

Demersay, Dr. Alfred, *Histoire physique, économique et politique du Paraguay et des Établissements des jésuites*, 2 vols., Paris, 1860. A parte histórica que devia constituir o 3.º volume não foi publicada.

Doblas, Gonzaga de, *Memória sobre la provincia de Misiones de índios Guaranis*. Inserta em Pedro de Angelis, *Collección de Obras y Documentos*, extratos dos arquivos e bibliotecas do Prata, 1834-1837, 6 volumes in-fol. Doblas foi tenente do governador de Concepción durante dez anos, após a expulsão dos jesuítas.

Doebelin, Alfred, *Le Tigre Bleu*. Romance. Traduzido do alemão, ed. Calmann-Lévy.

- Dominguez, Dr. Luis, *Historia Argentina*, 1861, numerosas reedições.
Rende homenagem ao heroísmo e santidade dos jesuítas.
- Du Graty, *La République du Paraguay*, Bruxelas, 1862 (?).
- Fassbinder, Maria, Der “Jesuitenstaat” in Paraguay, Halle, 1926, 161 páginas.
- Fernandez, Padre Juan, S. J., *Relación historial de las Misiones*, 1726.
Publicada igualmente em latim pelo Pe. Herran. Superabundância do maravilhoso. Diz principalmente respeito aos chiquitos.
- Ferrière, Is., *De L'Équateur aux Pampas*, Neuchâtel, 1934.
- Florentin de Bourges, O. F. M., *Voyage aux Indes Orientales par le Paraguay, le Chili et le Pérou*. — Publicado pelos padres jesuítas, volume V das *Lettres Édifiantes*. O Pe. Bouchet, S. J., transmitiu o texto de Pondichéry, onde Fr. Florentin de Bourges acabava de chegar. (14 de fevereiro de 1716.) Diz o Padre Bouchet, na Introdução, onde sublinha o caráter de estrita exatidão do relato: “É o próprio original que vos remeto”. O autor nada quis descrever “sobre aquilo de que não se tivesse instruído por seus próprios olhos”. O relato de Florentin de Bourges constitui um depoimento particularmente precioso; quase se pode dizer que é o único testemunho verdadeiramente direto, independente e espontâneo, da própria época. Frei Florentin, padre capuchinho, chegara às reduções por mero acaso, depois de ter vagueado um mês na floresta, quando se viu abandonado por seus guias ao dirigir-se a Córdoba. Residiu em particular dezessete dias em S. Francisco Xavier e parou também em S. Nicolau e Concepción. Tradução espanhola de 1755, *Cartas Edificantes*, tomo IX.
- Funes, Dom Gregório, Deão da Catedral de Córdoba, *Ensayo de la Historia Civil del Paraguay, Buenos-Ayres y Tucuman*, 3 tomos, Buenos Aires, 1815-1817. O Deão Funes utilizou largamente Charlevoix.
- Garsch, Bruno, *Der Einfluss der Jesuiten Missionen auf den Wandel der Naturlandschaft zur Kulturlandschaft...*, Breslau, 1934, 150 páginas.
- Gay, Juan, *História da República Jesuítica do Paraguay*, Rio de Janeiro, 1863, 484 páginas e 64 páginas de notas. Obra escrita em português pelo Autor, o Cônego Gay, sacerdote francês, vigário e depois cura de S. Borja, após a expulsão dos jesuítas.

- Hernandez, Pablo, S. J., *Organización social de las doctrinas guaranis*, Barcelona, 1913, 2 volumes de 608 e 740 páginas; 300 páginas são consagradas à publicação de 72 documentos.
- Huonder, P., S. J., *Deutsche Jesuitenmissionare des 17. und 18. Jahrhundert.*, Freiburg, 1899, 1 volume.
- Ibanez, *Reyno Jesuitico del Paraguay*, 1770. — Traduzida em várias línguas. O autor, ex-jesuíta, ordenou em seu leito de morte que se recuperasse e queimasse o manuscrito do seu panfleto, onde as calúnias abundam a par de informações objetivas extraídas do Libro de Ordenes e de observações pessoais feitas no decurso de uma visita a diversas reduções guaranis.
- Katholische Missionen*, Die, Monatschrift, Freiburg, 1876, 1892, 1894 e 1897. — Estuda o Pe. Huonder, S. J., segundo Peramas, Gay, etc.
- Kobler, A., S. J., *Pater Baucke, ein Jesuit in Paraguay*, Regensburg; *Der christl. Kommunismus in den Red.*, artigo em Kath. Stud., n.º 11, 8, Würzburg, 1876.
- Lafargue, Paul, *Die Niederlassungen der Jesuiten in Paraguay*. Quatro capítulos em “Geschichte des Sozialismus in Einzel-Darstellungen”, de Bemstein, Kautski, Lafargue e Plechanow, Stuttgart, 1895. Trabalho precipitado. Em vez de renovar o assunto no sentido marxista, o genro de Marx contentou-se em salientar a tese dos coloniais antijesuítas, reproduzindo as suas mais fortes enormidades. Os raros trechos em que Lafargue se deu o trabalho de pensar por si próprio são interessantes e, com frequência, elogiosos para os padres. O texto original deve ter sido escrito em francês. As nossas citações são traduzidas do texto alemão.
- Lettres Édifiantes et Curieuses*, escritos das Missões estrangeiras. Revista internacional da Companhia de Jesus. A respeito das reduções guaranis, aí se encontram cartas dos Padres Rodero, Cattaneo, Sepp, Labbe, de padres flamengos e numerosos padres espanhóis. Citamos de acordo com a edição de Lyon, 1819.
- Litterae annuae Soc. Jesu, Pragay*, 1581-1654.
- Lozano, Pedro, S. J., *Historia de la Compañia de Jesús en la Provincia del Paraguay*, Madri, 1754, 2 tomos. Foi escrita de acordo com os dados do Padre Fernandez.

- Idem, Historia de las revoluciones del Paraguay.* — Editada em Buenos Aires, em 1905, 2 tomos. Sobre as perturbações decorrentes da Comuna de Assunção, de 1721 a 1735.
- Lugones, Leopoldo, *El Império Jesuítico*, Buenos Aires, 1906, 3 volumes ilustrados. A 5.ª parte, sobre “a política dos padres”, é tendenciosa. A 7.ª parte é dedicada às ruínas.
- Migraz, fozsef, *Jezsuitak kortztasasaga. Paraguay ban 1609-1768.*
- Montoya, Pe. Antonio Ruiz de, *Conquista Espiritual... dei Paraguay*, Madri, 1639.
- Idem, Memorial*, Madri, 1643. — O célebre Superior das Missões refuta as nove principais calúnias dos escravocratas.
- Moussy, Dr. Martin de, *Description géographique et statistique de la Confédération Argentine*, Paris, 1860-1864, 3 vols., 1993 páginas. A parte intitulada “Mémoire sur la ruine des Missions des jésuites” foi publicada em espanhol em 1852.
- Muratori, *Relation des Missions du Paraguay*, Paris, 1826 (1.ª edição francesa: 1754). Tradução do italiano: “II cristianesimo felice nelle missioni de Padri della Compagnia di Gesu nel Paraguay”, Nápoles, 1743. Quadro um pouco idealizado, publicado após os ataques do governador Barua, segundo o relato do Pe. d’Aguilar, a História de Fernandez e outros missionários.
- Muriel, P., S. J., *Historia Parag.*, Veneza, 1779. Tradução de Charlevoix acrescentada de um suplemento e comentários.
- O’Neill, *Golden Years on the Paraguay* (?)
- Orbigny, Alcide d’, *Voyage dans l’Amérique Méridionale*, Paris, 1839-1844, 3 volumes. Ver os vols. II e III, 1.ª parte.
- Idem, Voyage Pittoresque dans les Deux Amériques*, Paris, 1836. — O sábio naturalista francês, autor do Tratado L’Homme américain, presta abertamente homenagem aos jesuítas.
- Parish, Woodbine, Cônsul da Grã-Bretanha em Buenos Aires, *Buenos-Ayres et les provinces de la Plata.*
- Pastells, Pablo, S. J., *Historia de la Compania de Jesus en la Provincia del Paraguay*, Madri, 4 volumes publicados sucessivamente a partir de 1912. Peças de arquivos classificadas e resumidas. Só uma pequena parte diz respeito à República Guarani.

- Peramas, S. J., *De Vita et moribus tredecim virorum paraguaycorum*, Faenza, 1793. (Um dos treze é o Pe. Martin Schmid, missionário suíço entre os chiquitos, ao qual o Pe. Plattner consagrou um pequeno volume, Lucema, 1944.)
- Queirel, Juan, *Misiones*, Buenos Aires, 1897.
- Idem*, *Las Ruinas de Misiones*, Buenos Aires, 1901. Brochura reproduzida em parte na obra de Hernandez, tomo II, doc. 68.
- Rastoul, Armand, *Une organisation socialiste chrétienne. Les jésuites au Paraguay*, Paris, 1909, 61 páginas. Bom resumo geral, compreendendo a República Guarani, os chiquitos e os grupos secundários.
- Recueil des ordres donnés pour le banissement des religieux de la Compagnie de Jésus d'Espagne, des isles adjacentes, etc.*, Paris, 1707.
- Rengger, Dr., *Reise nach Paraguay*, Aarau, 1835, 150 páginas em francês e 350 páginas em alemão. O Dr. Rengger, de Baden, realizou a sua viagem ao Paraguai de 1818 a 1826, na companhia do seu amigo, o valdense Longchamp, que colaborou na redação.
- Rengger e Longchamp, *Essai historique sur la révolution du Paraguay et le gouvernement dictatorial du Dr. Francia*, Paris, 1827.
- Saint-Hilaire, Aug. de., *Aperçu d'un Voyage dans l'intérieur du Brésil*, 1823.
- Idem*. *Voyage au Rio Grande do Sul*, 1887. Obra póstuma, mais rica de informações.
- Schirmbeck, Pe. Adam, S. J., *Messis Paraguariensis*, Munique, 1649. Anos 1638-1643.
- Schmid, Franz, *Der Christlich-Soziale Staat der Jesuiten in Paraguay*, Volksvereinverlag. M. -Gladbach, 1913.
- Schuster, Adolf, *Paraguay*, Stuttgart, 1929.
- Sepp, Pe. Anton, S. J., *Reisebeschreibung... und kurzer Bericht der denkwürdigsten Sachen...*, etc., Nuremberg, 1697.
- Idem*. *Fortsetzung der Beschreibung...* etc. Também em latim: *Continuatio*, 1710.
- Techo, Nicola dei (Du Toict), *Historia provinciae paraquariae soc. Jesu*, Liège, 1763. O Padre Du Toict, oriundo de Lille, foi Superior Geral da República Guarani. Anedotário. Traduzido em espanhol.

- Teschauer, Karl, *História do Rio Grande do Sul*, 2 volumes, Pôrto Alegre, 1921. Sobre o Rio Grande do Sul (Missões Orientais) ver a História Geral de Astrain, III-VII.
- Vogt, Fr., O. P. *Estúdios Históricos: La Civilización de los Guaranies en los siglos XVII y XVIII*, Buenos Aires, 1903.
- Idem*, *Die Guarani-Tupi Volker*, Buenos Aires, 1919.
- Xarque, Dr. Francisco, *Insignes Misioneros de la Compania de Jesus en la Provincia de Paraguay*.
- Idem*. *Vida Prodigiosa... del Venerable Padre Ant. Ruiz de Montoya*, Saragoça, 1662.

